UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

MAURO ENRICO CAPONI

Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Um local de montagem e conhecimento transversal

Florianópolis
2020

Mauro Enrico Caponi

Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Um local de montagem e conhecimento transversal

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Literatura

Orientadora: Liliana Rosa Reales

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

CAPONI, MAURO ENRICO
Fundo Virtual Antonio Di Benedetto : Um local de montagem e conhecimento transversal / MAURO ENRICO CAPONI ; orientador, Liliana Rosa Reales, 2020.
254 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Literatura, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Arquivo. 3. Antonio Di Benedetto. 4. Literatura. 5. Jornalismo. I. Reales, Liliana Rosa. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Literatura. III. Título.

Mauro Enrico Caponi

Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.

Um local de montagem e conhecimento transversal

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. André Fiorussi
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Pedro de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Jorge Alejandro del Valle Bracamonte
Universidade Nacional de Córdoba

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Literatura.

Documento assinado digitalmente
Marcio Markendorf
Data: 13/05/2020 16:14:47-0300
CPF: 915.734.831-68

Prof. Dr. Marcio Markendorf
Coordenador do Programa

Documento assinado digitalmente
Liliana Rosa Reales
Data: 13/05/2020 15:13:08-0300
CPF: 580.465.340-72

Prof. Dra. Liliana Rosa Reales
Orientadora

Florianópolis, 04 de março de 2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Sandra Caponi e Gustavo Caponi, e à minha companheira, Tamires dos Anjos Dutra. Sem o apoio e a motivação que eles me deram, este desafio se tornaria impossível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelos quatro anos de apoio financeiro para a elaboração desta tese, à coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro para o estágio Doutorado Sanduíche e ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC pelo trabalho incessante de apoio às investigações. Agradeço especialmente à orientadora desta tese, Liliana Rosa Reales, por todo o apoio, incentivo e orientação durante os anos de elaboração deste trabalho. Agradeço a Eduardo Becerra, meu co-orientador em Madri durante o ano de 2017. Também agradeço a ajuda e o apoio da professora Teresita Mauro, que me recebeu de braços abertos na Universidad Complutense de Madrid. Agradeço a todos os membros do Núcleo Onetti pelas reuniões e encontros que abriram um horizonte de novas ideias e discussões. Agradeço a todos os que se dispuseram a dar seus relatos testemunhais diante das câmeras na Argentina em 2015, em especial a Cristina Lucero, Rafael Moran, Jaime Correas, Raul Silanes, Rodolfo Braceli, Susana Delgado, Miguel Titiro e Noé Jitrik. Agradeço a Julio Premat e Jimena Néspolo, especialistas nos estudos de Antonio Di Benedetto, que participaram dos eventos de homenagem ao autor e que me fizeram pensar em novos caminhos investigativos. Agradeço aos professores Pedro de Souza e Wladimir Garcia pelas leituras atentas e pelas avaliações realizadas durante a qualificação desta tese. Agradeço aos meus amigos que estiveram ao meu lado e que me apoiaram durante esta empreitada. Agradeço aos meus familiares na Argentina que sempre me incentivaram e me deram todas as forças para dedicar-me ao trabalho. Especialmente agradeço ao meu avô Fito, que me levou ao cinema para ver a adaptação de *Aballay*, de Antonio Di Benedetto, e à minha avó Carmen, que me apoia incondicionalmente em todas as minhas decisões.

RESUMO

A tese aqui apresentada tem como eixo e ponto de partida a criação da plataforma on-line Fundo Virtual Antonio Di Benedetto; que está integrada por dois mil fólios digitalizados. Todos eles são relativos à vida e obra desse autor argentino. O acervo está integrado por cartas, palestras, contos publicados, roteiros de cinema, textos acadêmicos do próprio autor, entrevistas que ele realizou ou concedeu; e também por resenhas críticas sobre a sua obra. Por outra parte, ademais desses documentos (que em muitos casos foram guardados e arquivados pelo próprio autor ao longo da sua vida), o fundo também integra uma grande quantidade de fotos e vídeos. Desse modo, conforma-se um dispositivo que, fornecendo subsídios para reconstruir e analisar o contexto literário e histórico em que o trabalho de Antonio Di Benedetto estava inserido, contribuirá para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre sua obra e trajetória. No texto da tese se descreve e analisa esse acervo documental cuja compilação, construção, classificação, organização, e disponibilização virtual, constituíram os objetivos centrais, e os principais desafios, do trabalho realizado. Ao longo da exposição se examina o processo de organização do arquivo, apresentado, discutindo e justificando as tendências arquivísticas escolhidas para organizar o corpus documental. No que tange a isso, cabe sublinhar que o Fundo Virtual foi realizado para conformar um sistema informático que relaciona esses arquivos atendendo às informações que eles têm em comum. No entanto, existem diferentes tipos de organizações; a cronológica, por exemplo, é apenas uma delas. A mais importante para este trabalho foi a organização 'por pranchas'. Conceito, este último, que será apresentado ao longo da tese. Dita organização é anacrônica, e ela mistura arquivos de diferentes formatos em um só lugar.

Palavras-chave: Arquivo. Antonio Di Benedetto. Literatura. Jornalismo. Montagem.

ABSTRACT

The axis and starting point of the thesis presented here is the creation of the online platform Fundo Virtual Antonio Di Benedetto; which is integrated by two thousand digitalized folios. All of them are related to the life and work of this Argentinean author. The collection is made up of letters, lectures, published stories, film scripts, academic texts by the author himself, interviews he has conducted or granted; and critical reviews of his work. On the other hand, besides these documents (which in many cases were kept and filed by the author himself throughout his life), the background also includes a large number of photos and videos. In this way, it forms a device that, by providing subsidies to reconstruct and analyze the literary and historical context in which Antonio Di Benedetto's work was inserted, will contribute to the development of future researches on his work and trajectory. The text of the thesis describes and analyzes this documental collection whose compilation, construction, classification, organization, and virtual availability constituted the central objectives, and the main challenges, of the work, carried out. Throughout the exhibition, the process of organizing the archive is examined, presented, discussing, and justifying the archival trends chosen to organize the corpus of documents. In this regard, it should be emphasized that the Virtual Fund was carried out to form a computer system that relates these archives to the information they have in common. However, there are different types of organizations; the chronological, for example, is only one of them. The most important for this work was the 'by boards' organization. Concept, the latter, which will be presented throughout the thesis. This organization is anachronistic, and it mixes files of different formats in one place.

Palabras-clave: Archive. Antonio Di Benedetto. Literature. Journalism. Montage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplos de arquivos virtuais.....14
Figura 2 – Páginas iniciais do Fundo Virtual Antonio di Benedetto.....17
Figura 3 – Página 1 de Autobiografia.....33
Figura 4– Atlas Mnemosyne – Prancha 33.....25
Figura 5 – Prancha 1: Literatura.....37
Figura 6 – Página principal dos documentos 1.....38
Figura 7 – Página principal dos documentos 2.....38
Figura 8 – Prancha 1: Literatura.....48
Figura 9 – Carta de Julio Cortázar a Antonio Di Benedetto.....50
Figura 10 – Antonio Di Benedetto: batalla contra el olvido.....52
Figura 11 – Un escritor en serio……..……55
Figura 12 – Homenagem de Liliana Heer.....56
Figura 13 – Entrevista a Joaquín Soler Serrano.....58
Figura 14 – Fragmento de *Ficciones argentinas* (2004).....59
Figura 15 – Mundo animal – La Razón – 1972……....60
Figura 16 – "Zama" de Antonio Di Benedetto – La Verdad – 1979……63
Figura 17 – Conto "Relojismos – Nueva Estafeta – 1979……..……....66
Figura 18 – Dolores de muelas y dolores del alma…….……67
Figura 19 – Entre lo Thanático y lo Erótico……..72
Figura 20 – Primeira página da "Prancha 2: Detenção".....75
Figura 21 – Entrevista com Rafael Morán……..……76
Figura 22 – Los Andes, Antonio Di Benedetto y la violencia paraestatal……...77
Figura 23 – Di Benedetto la puede contar……..…76
Figura 24 – Daniel Moyano, "Di Benedetto y la culpa del verdugo"……..…80
Figura 25 – Declaración (pedido de indenização).....81
Figura 26 – Óculos originais de Antonio Di Benedetto.....82
Figura 27 – Entrevista a Raul Silanes (1987).....82
Figura 28 – Lista negra.....85
Figura 29 – Carta de Adelma Petroni para Abelardo Arias (1976).....86
Figura 30 – Casi memorias de Antonio Di Benedetto – Maria Esther Vásquez.....87
Figura 31 – Con Antonio Di Benedetto a punto de partir de España……..…88

Figura 32 – Antonio Di Benedetto para Adelma Petroni, escrita na prisão.....89
Figura 33 – Fragmento de *Páginas de Antonio Di Benedetto seleccionadas por el autor*.....90
Figura 34 – Liberación de un escritor .La Opinión……...90
Figura 35 – Liberación de un escritor . La Opinión. Transcrição do autor.....91
Figura 36 – Carta de Antonio Di Benedetto escrita na prisão.....92
Figura 37 – Primeira Página da "Prancha 3: Exílio".....93
Figura 38 – *Declaración* (pedido de indenização).....95
Figura 39 – Entrevista ao *Clarín* (1984).....97
Figura 40 – Actividad europea de Antonio Di Benedetto. *Clarín* (1977) ……98
Figura 40 – *Coloquio sobre el cuento latino americano* (1980)……....98
Figura 41 – Lo moral y lo fantástico en la obra de Antonio Di Benedetto en *La Prensa* (1980) ……..99
Figura 42 – Capas de *Arteguia* (Nº1) e *Consulta Semanal* (Nº7).....101
Figura 43 – Antonio Di Benedetto: Una silenciosa maestria – *Vanguardia* (1982).....102
Figura 44 – Carta da Fundação Guggenheim (1982).....103
Figura 45 – Entrevista de Celia Zaragosa (1982).....104
Figura 46 – *La Moderna Apicultura*.....107
Figura 47 – Calle de Hermosilla……108
Figura 48 – Igreja Sagrada Família.....109
Figura 49 – Di Benedetto la puede contar – *Ahora* (1984)……..110
Figura 50 – "El arte impresionista" e "Dolor de muelas y dolores del alma"…..……112
Figura51 – Borges Íntimo – Consulta Semanal.....112
Figura 52 – Matilde Duque e Antonio Di Benedetto – Consulta Semanal.....113
Figura 53 – Primeira página da "Prancha 4: Cinema".....115
Figura 54 – Di Benedetto com Robbe Grillet e Frield Zapata.....117
Figura 55 – El Woody Allen de Antes……118
Figura 56 – Consulta Semanal – "Rojos".....119
Figura 57 – Entrevista *Tele Radio*.....121
Figura 58 – Un argumento de cine en Mendoza se ha premiado……123
Figura 59 – Advertência Preliminar – Roteiro de *El Juicio de Dios*.....123
Figura 60 – Elenco com Ángel Magaña/Claquete de *El Juicio de Dios*……124
Figura 61 – Se concluirá un film de 1979.....124
Figura 62 – Roteiro de *Álamos Talados*.....125
Figura 63 – Adaptação – Frame de *Álamos Talados*.....126

Figura 64 – Homenagem: Diego de Zama es Antonio Di Benedetto.....128
Figura 65 – *Chiquilines* – Página inicial do livro cinematográfico.....129
Figura 66 – *Chiquilines* – El drama de los chicos de la calle……1
Figura 67 – Cartaz do filme *Los Suicidas*.....131
Figura 68 – Cartaz do filme *Aballay, el hombre sin miedo*……132
Figura 69 – Cartaz do filme *Zama*.....135
Figura 70 – Primeira página da "Prancha 5: Testemunhos".....127
Figura 71– En busca de la memoria perdida……..…….....139
Figura 72 – Carta de Salamanca…….....…….....141
Figura 73 – Retorno a Mendoza.....142

ÍNDICE

VOLUME 1

1. APRESENTAÇÃO …….....……...…...…….9

PRIMEIRA PARTE

2. PROLEGÔMENOS

2.1 Os fundos de escritores e a arquivística moderna……...….....….20

2.2 Organização do arquivo: primeira abordagem…….....…...….24

2.3 Exemplos de arquivos virtuais……..…….....…....….29

2.4 Ponto de inflexão: o saber visual……...….….....…....…34

2.5 A genealogia como busca pelos vestígios.....43

SEGUNDA PARTE: PRANCHAS

3. PRANCHA 1: LITERATURA.....49

3.1 Silêncio e sonhos: elementos fundamentais.....49

3.2 Na fronteira dos gêneros.....56

3.3 Uma literatura marcada pela ausência.....69

4. PRANCHA 2: DETENÇÃO.....75

4.1 Privação da liberade.....75

4.2 Marcas da violência.....79

4.3 Esforços externos de liberação.....85

5. PRANCHA 3: EXÍLIO.....94

5.1 O isolamento traumatizante 94

5.2 Escrituras do desterro.....100

5.3 A descoberta dos pseudônimos.....105

6. PRANCHA 4: CINEMA..... 114

6.1 - Antonio Di Benedetto, crítico de cinema.....116

6.2 - Antonio Di Benedetto, roteirista.....120

6.3 - Adaptações cinematográficas.....127

7. PRANCHA 5: TESTEMUNHOS.....134

7.1 Lembranças de um amigo.....134

7.2 Testemunhos de um apagamento.....140

7.3 Guardiãs do passado.....142

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....146

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS…….....……149

VOLUME 2

10. ANEXOS……....…….155

Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Um local de montagem e conhecimento transversal

1. APRESENTAÇÃO

Antonio Di Benedetto (Mendoza, 1922 – Buenos Aires, 1986) foi um escritor e jornalista reconhecido como um dos mais importantes autores latino-americanos do século XX, admirado por escritores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Juan José Saer, Roberto Bolaño e, mais recentemente, pelo prêmio Nobel J.M. Coetzee. Di Benedetto escreveu romances e livros de contos, dos quais o mais conhecido e estudado é o romance *Zama* (1956). Esse romance é dificilmente categorizável em um ou outro gênero literário, o que caracteriza não somente esse livro como também todos os outros do autor. Além de *Zama* (1956), Di Benedetto publicou os romances *El pentágono*[1] (1955), *El silenciero* (1964), *Los suicidas* (1969) e *Sombras, nada más...* (1985). Di Benedetto também publicou em vida livros de contos como *Mundo animal* (1953), *Cuentos claros* (1858), *Absurdos* (1978) e *Cuentos del exilio* (1983).

Di Benedetto trabalhou no tradicional jornal *Los Andes* de Mendoza, Argentina, desde 1º de outubro de 1945, quando tinha 23 anos de idade, até 24 de março de 1976. Em *Los Andes* ele desempenhou diferentes papéis até chegar ao cargo de subdiretor em 1968. Também foi crítico de cinema e correspondente internacional. Sua liberdade foi interrompida no primeiro dia da instauração da ditadura cívico-militar que governou a Argentina de 1976 a 1983. No dia 24 de março de 1976, ele foi encarcerado e torturado. Ficou preso durante dezessete meses e dez dias. Exilou-se na Europa em 1978, onde morou principalmente em Madri, na Espanha. Durante esse período, continuou

[1] Cabe destacar que *El pentágono* (1955) é muito particular em sua estrutura. É um romance formado por contos que se interligam de diferentes formas. Jimena Néspolo, no prólogo da edição de 2005, vai apontar a importante relação entre esse livro e *Rayuela* (1962) de Julio Cortázar. Néspolo dirá: "El pentágono es "la novela de las Figuras" a la que Cortázar apuesta truncadamente en Rayuela y a la que sólo habrá de arribar en 62." (NÈSPOLO, 2004: 8)

trabalhando como jornalista no semanário *Consulta Semanal*, da capital espanhola, na revista *Arte-Guía*, da mesma cidade, e como correspondente da agência de notícias *EFE*.

Ao longo de sua permanência na Europa, escreveu os 34 contos que compõem o livro *Cuentos del exilio* (1983). No seu retorno à Argentina, em 1984, Di Benedetto publicou seu último romance, intitulado *Sombras, nada más...* (1985), que foi iniciado nos Estados Unidos. Esse livro é particularmente difícil de categorizar. Alguns chegaram a afirmar que se trata de um romance autobiográfico, porém, como defende Liliana Reales em *Antonio Di Benedetto: textos do exílio* (2019), esse texto se tornou um "exercício paradoxal que aponta para a impossibilidade de uma autobiografia" (REALES, 2019). O autor passou seus últimos anos trabalhando na Casa de Mendoza, em Buenos Aires, onde desempenhou tarefas burocráticas muito distantes de seu trabalho de jornalista, que tantas vezes reconheceu como a sua autêntica vocação.

A tese que aqui apresento se debruça sobre o trabalho de organização e análise dos arquivos que integram o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, por mim criado com documentos de variadas procedências. A plataforma virtual também é chamada, ao longo do trabalho, de Fundo Virtual. Parte dos documentos que compõem o arquivo foi guardada pelo próprio autor até o final de sua vida. Depois de sua morte, esses materiais ficaram aos cuidados de familiares do autor que serão mencionados ao longo do trabalho, sendo posteriormente doados para fins acadêmicos a Liliana Reales, que também resgatou a obra jornalística de Di Benedetto publicada na Argentina e a organizou em livro que a editora Adriana Hidalgo publicou em 2016[2].

Após a morte do autor, sua última companheira, Graciela Lucero, guardou e protegeu o arquivo pessoal de Di Benedetto e continuou a guardar artigos de revistas, jornais e outros documentos que apareceram depois do falecimento. No início do trabalho, tínhamos em mãos os arquivos reproduzidos com a autorização de Cristina Lucero, irmã de Graciela, que foram recuperados e recatalogados. Mais tarde, realizamos duas viagens para Buenos Aires e Mendoza e uma viagem para Madri, na Espanha, com o objetivo de procurar outros documentos de arquivo e depoimentos para incluí-los no acervo. Essas viagens foram de grande importância para a realização deste trabalho. Encontramos diversas pessoas que conheceram o autor, e pude acompanhar os relatos do convívio deles

[2] DI BENEDETTO, Antonio. *Escritos periodísticos*. Compilación y prólogo de Liliana Reales. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2016.

com Antonio Di Benedetto, além de coletar mais imagens de arquivo que vinham somar-se às que já tínhamos em mãos. Na primeira viagem, em 2015, realizamos entrevistas com Noé Jitrik, Cristina Lucero, Rafael Moran, Miguel Títiro, Raúl Silanes, Rodolfo Braceli e Susana Delgado, dentre outros, que contaram suas experiências profissionais e pessoais de convívio com o escritor mendocino. São um total de 11 entrevistas em vídeo com uma média de uma hora e meia de duração cada[3]. Os vídeos também podem ser acessados no Fundo Virtual. Além disso, preciso ressaltar que, com a ajuda de Cristina Lucero, Rafael Morán, Miguel Títiro, Cecilia Aguero e dos funcionários da Biblioteca San Martín de Mendoza e da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, conseguimos digitalizar uma grande quantidade de novos materiais escritos que passaram a integrar esse conjunto.

O Fundo Virtual contabiliza atualmente mais de dois mil fólios digitalizados que se dividem entre cartas do autor, textos acadêmicos da época, palestras, contos publicados, roteiros de cinema, resenhas críticas sobre a obra (realizadas em diversos lugares do mundo), assim como uma grande quantidade de fotos. Desse modo, conforma-se um dispositivo que deverá servir também para recuperar peças do contexto literário e histórico em que o autor estava inserido, e que contribuirá para uma recente retomada das investigações sobre o autor, juntamente com trabalhos como o de Liliana Reales. Ao compilar a obra jornalística de Di Benedetto, Reales revelou pela primeira vez a relação entre os textos jornalístico e literário na produção do argentino, assim como a grande importância que o jornalismo teve na sua vida profissional. Na introdução ao livro, Reales aponta para o modo inovador da escrita jornalística de Antonio Di Benedetto:

> O jornalismo conformou seu território, seu observatório, sua porta ao mundo e a sua perseverança. "Consegui ser jornalista. Persisto", escreveu em sua "Autobiografia". Mas a escrita jornalística não foi um espaço de debate de ideias, nem onde ele expunha discussões estéticas nem polêmicas que convidavam à discussão. No entanto, sem polemizar explicitamente, Di Benedetto exerceu seu desacordo ao inovar no modo de escrever suas matérias sobre cinema, sobre política, suas crônicas ou entrevistas, que criavam uma

[3] Vale apontar que conseguimos realizar essas entrevistas com qualidade de som e imagem graças também à ajuda que nos foi dada pelo curso de Cinema da UFSC.

> ruptura com os modos convencionais e tradicionais da escrita jornalística. (REALES, 2016:18, tradução nossa)[4]

Os arquivos presentes no Fundo Virtual também podem contribuir para a realização de análises como a acima apontada, por conformarem um conjunto polimórfico de escritos e imagens contendo informações tão importantes a respeito do autor e sua obra. O Fundo Virtual Antonio Di Benedetto é entendido como um arquivo transdisciplinar. Ou seja, não como um simples local de proteção, segurança e sacralidade do passado (por vezes entendido como algo imutável e sem vida), e sim como um local de criação, de indagação e de produção de novos saberes e discursos. A plataforma web do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto tem um funcionamento que proporciona ao pesquisador uma rede de relações entre os arquivos. Ao longo deste trabalho será demonstrado o processo de organização do arquivo, e serão apresentadas e justificadas as tendências arquivísticas escolhidas para organizar esse corpus. O Fundo Virtual foi realizado para conformar um sistema informático que relaciona esses arquivos pelas informações que eles têm em comum. No entanto, existem diferentes tipos de organizações, a cronológica é apenas uma delas. A mais importante para este trabalho é a organização por *pranchas*, conceito que será apresentado ao longo da tese, mas que podemos desde já informar que é um tipo de organização anacrônica e que mistura arquivos de diferentes formatos em um só lugar.

Os arquivos mencionados na parte textual do nosso trabalho estão todos listados com seus respectivos links, que enviam o leitor ao material completo no Fundo Virtual. Todos os materiais que mostramos e analisamos aqui também estão em anexo em uma versão que reproduz a página na qual eles se encontram na plataforma do Fundo Virtual. Os anexos foram colocados para o leitor que estiver desconectado da internet e quiser observar as reproduções das páginas do arquivo em versão PDF. Eles contêm as descrições completas catalográficas. Os outros materiais presentes no fundo e não mencionados no texto, contêm uma descrição reduzida que aparece nos títulos dos documentos, citando nome e ano da publicação. Cabe informar que isso também

[4] Texto original: El periodismo fue su territorio, su mirador, su puerta al mundo y su perseverancia. "Conseguí ser periodista. Persevero", escribió en su "Autobiografía". Pero la escritura periodística no fue un espacio donde debatía ideas, ni se planteaba abiertas discusiones estéticas ni polémicas que invitasen a la discusión. No obstante, sin polemizar explícitamente, Di Benedetto ejercitaba su disenso al innovar en el modo de escribir sus notas sobre cine, sobre política, sus crónicas o entrevistas, que rompían con los modos convencionales y tradicionales de esa escritura. (REALES, 2016:18)

possibilita um trabalho futuro para investigadores que queiram analisar os materiais disponibilizados. Além da lista geral de documentos, também temos uma galeria de fólios, onde estão disponibilizados em formato de imagem todos os papéis que utilizamos na construção do fundo[5].

Também é importante dizer que, por alguns materiais se tratarem de jornais com grandes páginas tamanho A3, houve a necessidade de se realizar uma junção dos fólios, reconstruindo a imagem inicial dos jornais. As ferramentas de aproximação e tela cheia da plataforma facilitam a leitura desses documentos de grande porte. Ao acessar uma das pranchas, podemos observar na lateral esquerda um reprodutor de vídeo. Esse vídeo demonstra o passo a passo da navegação pelo Fundo Virtual.

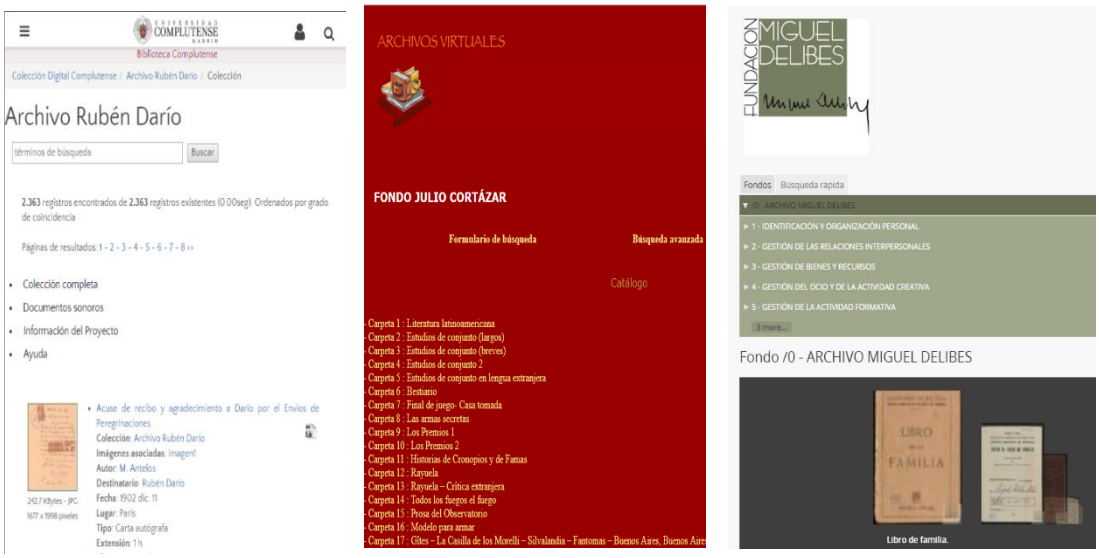
Os capítulos que conformam a tese são nomeados pela temática que une um conjunto de arquivos dentro das seções da plataforma virtual. Dessa forma, cada um dos capítulos vai apresentar os principais documentos que representam da melhor forma distintos aspectos da vida profissional e da obra de Antonio Di Benedetto. O primeiro capítulo se chama "Prancha 1: Literatura", e nele são analisados os principais materiais que se relacionam com a escrita literária do autor ou com o entorno de escritores ao qual ele pertenceu. O segundo capítulo é intitulado "Prancha 2: Detenção", contendo informações sobre o encarceramento de Antonio Di Benedetto durante a última ditadura militar argentina. O próximo capítulo se chama "Prancha 3: Exílio", onde podemos ler uma reflexão em torno de alguns aspectos originais do período de desterro do autor. A penúltima prancha se chama "Prancha 4: Cinema", na qual apresentamos informações importantes sobre os trabalhos do autor como crítico cinematográfico e roteirista. Nesse mesmo capítulo analisamos algumas das adaptações de livros do autor. O último capítulo se chama "Prancha 5: Testemunhos", em que analisamos as filmagens e gravações realizadas ao longo da nossa pesquisa com pessoas que conheceram pessoalmente o autor.

O Fundo Virtual Antonio Di Benedetto se constitui de diferentes tipos de escrituras, documentos e restos do passado. Por outro lado, também estamos adicionando ao Fundo Virtual novos textos, documentos e fotos que foram publicados ao longo dos últimos anos, principalmente depois de 2006, quando a obra desse escritor começou a ser relida com intensidade nos mais diversos âmbitos acadêmicos, artísticos e intelectuais.

[5] Link para a "Galeria geral de fólios": http://fundoadb.ufsc.br/galeria-de-folios/

A exemplo dessa organização, podemos observar outros arquivos virtuais de escritores, como o fundo do escritor argentino Julio Cortázar, criado por Susana Gómez e hospedado nos servidores da Universidade de Poitiers, na França[6]; o arquivo de Miguel Delibes, na Espanha, preparado pela Fundação Miguel Delibes[7]; e o arquivo de Rubén Darío, da Universidade Complutense de Madri[8]. A seguir apresento as páginas iniciais dos arquivos virtuais mencionados:

Figura 1 – Exemplos de arquivos virtuais



Fonte: *Archivo Rubén Darío* (http://alfama.sim.ucm.es/greco/rd-digital.php), *Fondo Julio Cortázar* (http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/Cortazar/), *Fondo Miguel Delibes* (http://fondomigueldelibes.fundacionmigueldelibes.es/index.php/fondo-miguel-delibes)

Com o arquivo Rubén Darío tive uma aproximação maior por conhecer a sua organizadora atual, a professora María del Rocío Oviedo Pérez Tudela. Além dos arquivos citados, neste trabalho utilizaremos também como referência a organização dos fundos presentes nas bibliotecas nacionais do Uruguai, da Argentina e do Chile, o arquivo da Biblioteca Nacional da Espanha e a coleção em formato de livro dos papéis de Juan José Saer, organizados por Julio Premat. Também é preciso destacar o projeto Acervo de

[6] Fundo Julio Cortázar. Disponível em: http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/Cortazar/ Acesso em 10 de Julho de 2019

[7] Fundo Miguel Delibes. Disponível em: http://fondomigueldelibes.fundacionmigueldelibes.es/index.php/fondo-miguel-delibes Acesso em 10 de Julho de 2019

[8] Archivo Rubén Darío. Disponível em: http://alfama.sim.ucm.es/greco/rd-digital.php Acesso em 10 de Julho de 2019

Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado por Reinaldo Marques[9], autor do livro *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios* (2015), trabalho de suma importância para a fundamentação teórica da nossa tese.

Além da organização dos documentos antes informados, também adicionamos novos fragmentos de revistas, livros e jornais que continuaram a ser publicados ao longo dos anos. Como exemplo, podemos citar a revista *Libros*, que na década de 1970 difundia o conhecimento literário na Argentina e que tem artigos referentes à obra de Di Benedetto. Mais recentemente, também encontramos uma grande quantidade de matérias jornalísticas que recuperaram a discussão sobre a vida e a obra de Antonio Di Benedetto. Essas matérias foram publicadas principalmente em 2016, um ano importante de homenagens ao escritor, quando se completaram 40 anos de seu encarceramento e 60 anos da publicação de seu livro mais reconhecido, *Zama*. Também em 2016 foram publicadas as matérias jornalísticas do autor no livro antes mencionado.

Tive o prazer de participar de três dos eventos em homenagem ao autor que foram realizados em outubro de 2016 em Buenos Aires e Mendoza e, em novembro do mesmo ano, em Florianópolis[10]. Nesses eventos expus meus trabalhos sobre o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto e sobre o romance *Zama* (1956). Nessas ocasiões pude conhecer uma diversidade de trabalhos críticos de pesquisadores argentinos, brasileiros e chilenos que falaram sobre a escrita e a vida do escritor mendocino. Dentre outros tantos trabalhos, gostaria de destacar algumas apresentações, como a de Noé Jitrik, realizada em Buenos Aires, na qual o reconhecido crítico argentino falou sobre sua relação pessoal com Di Benedetto. Um pouco dessa relação pode ser conhecida também no vídeo testemunhal de Noé Jitrik que gravamos em sua casa em Buenos Aires e incluímos no Fundo Virtual. Destaco também a apresentação de Fernando Spinner, diretor de cinema responsável pela adaptação, em 2010, do conto *Aballay* (1978), de Di Benedetto. *Aballay* e outros contos que integram o livro *Absurdos* (1978) foram escritos na prisão, assunto que será abordado no capítulo "Prancha 1: Literatura". Nos eventos mencionados pude também observar

[9] Acervo de Escritores Mineiros. Disponível em: http://sites.letras.ufmg.br/aem/ Acesso em 10 de Julho de 2019

[10] O evento realizado em Buenos Aires foi organizado pelo Instituto de Literatura Hispanoamericana da Universidade de Buenos Aires, juntamente com o Núcleo Onetti da UFSC. O evento em Mendoza foi organizado pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Cuyo, em conjunto com o Núcleo Onetti da UFSC. Já o evento em Florianópolis foi organizado pelo Núcleo Onetti e teve a presença de destacados pesquisadores argentinos, além de pesquisadores locais.

como a obra de Di Benedetto continua sendo motivo de trabalhos críticos e como sua escrita jornalística despertou interesse e admiração no público participante. No evento de homenagem realizado em Buenos Aires, participamos de discussões acaloradas sobre o uso peculiar da história feito por Di Benedetto em *Zama* (1956) e no conto *Aballay* (1983). Esses escritos se relacionam com o passado histórico de uma forma livre, ao mesmo tempo que descrevem com maestria o Vice-Reinado do Rio da Prata, no caso de *Zama,* e a cultura gauchesca do século XIX, em *Aballay*. As discussões em torno dos gêneros em que essas obras se inscrevem, ou, como prefiro dizer, nos quais elas não se inserem totalmente, mas em partes, foram tão acaloradas que fizeram os auditórios se transformarem em verdadeiros campos de batalha ideológicos. Esse tipo de discussão teórica sobre a criação literária de Antonio Di Benedetto aparece nos documentos que temos no Fundo Virtual.

Sob esse aspecto, devo advertir que esse fundo não é tão somente um *avant-texte*, como nomeia a crítica genética[11] os trabalhos realizados sobre os documentos anteriores às obras publicadas. Em nosso caso, ele é em parte isso, mas é igualmente importante para a pesquisa relacionada às leituras do autor e para uma percepção de como essas leituras foram importantes tanto na Argentina como em diversos lugares do mundo. No Fundo Virtual podemos observar como a escrita de Di Benedetto foi lida pela crítica literária ou pelo jornalismo.

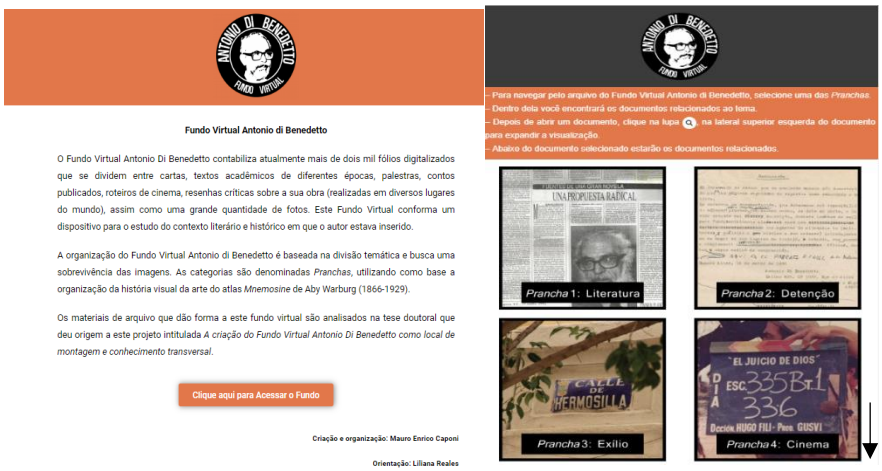
Precisamos destacar também que o nosso fundo foi criado com o software livre *Wordpress*, com o qual a maioria das páginas institucionais da Universidade Federal de Santa Catarina são criadas. Esse software proporciona a constante atualização dos materiais e propicia uma fácil adaptação do conteúdo do nosso *website* tanto para dispositivos móveis como para computadores de mesa. O Fundo Virtual Antonio Di Benedetto utiliza a base de dados proporcionada pela nossa universidade e permite o acesso nos servidores da mesma. O trabalho também seria impossível sem a ajuda do setor de tecnologia da UFSC, que disponibiliza um constante suporte técnico para esse tipo de projeto.

[11] Fazemos referência ao conceito cunhado inicialmente por Jean Bellemin-Noel em 1972, no livro *Le texte et l'avant-texte*. Por um lado, esse conceito aponta para a observação e análise de papéis, rascunhos e manuscritos. Por outro, mais próximo do trabalho aqui apresentado, refere-se à construção de conjuntos de elementos com ligações temáticas.

Inicialmente, trabalhar com *web design* parecia um desafio insuperável. No entanto, ao longo dos quatro anos de investigação, entendi que a tecnologia pode nos proporcionar um âmbito de experimentação que está muito próximo do que investigadores e alunos fazem em suas tarefas rotineiras. A organização de arquivos virtuais, de documentos digitalizados, de imagens e textos faz parte do trabalho de um pesquisador contemporâneo. Mas o objetivo não era tão somente criar um local de depósito para imagens. Buscamos, com a criação do nosso Fundo Virtual, trazer uma nova experiência para o investigador. Buscamos proporcionar uma relação mais parecida com a leitura em papel, que se aproxima por vezes das exposições de museus virtuais ou de bibliotecas digitais.

Antes de iniciarmos a apresentação teórica que deu base para a construção do Fundo Virtual, apresento as duas páginas iniciais da nossa plataforma:

Figura 2 – Páginas iniciais do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto

Ainda que Di Benedetto tenha morado sempre em sua terra natal, Mendoza, antes do exílio e que não tenha se assimilado ao núcleo portenho que concentrava a maioria dos artistas e escritores argentinos de prestígio na época, ele foi um homem cosmopolita. A sua obra foi traduzida para diversos idiomas[12], e ele viajou como correspondente internacional por vários países para acompanhar os festivais de cinema mais importantes de sua época, sempre retornando a sua terra natal. Nas entrevistas realizadas por

[12] Os livros *Declinación y Ángel* (1958), *Two Stories* (1965) e *Zama* (2018) foram traduzidos em inglês. *Zama* também foi traduzido em alemão (1967), francês (1967), italiano (1977) e polonês (1976). *El silenciero* ganhou tradução alemã em 1968. Os contos de Di Benedetto foram traduzidos para francês, alemão, inglês, polonês, búlgaro, grego, romeno, afrikaans etc.

jornalistas de várias partes do mundo, nas mais de 400 páginas de resenhas e nas matérias sobre sua vida e obra, podemos perceber como Di Benedetto, por mais que não tenha decidido morar em Buenos Aires, onde se concentram os núcleos intelectuais e artísticos da Argentina, foi amplamente conhecido, tanto em seu país como em outros lugares do mundo. Juan José Saer publicou em 1986, no jornal argentino *Clarín*, uma nota intitulada *Zama*, incluída no livro *El concepto de ficción* (1997). Nesse texto, o autor reclama o reconhecimento de Antonio Di Benedetto no âmbito literário, já que este vinha sendo compreendido como um escritor marginal pela crítica argentina, que mantinha os olhos sempre voltados para Buenos Aires. Referindo-se ao romance *Zama*, Saer dirá:

> Soliloquio lírico sobre la espera, la soledad, el desgaste existencial y el fracaso (…) El sabor de su prosa, vivificado por discretos matices coloquiales, es, a pesar de su sencillez aparente, resultado de un análisis magistral de la problemática narrativa que su tiempo le planteó. (SAER,1997:56)[13]

A tarefa que realizamos com o nosso trabalho se insere nesse marco geral de reconhecimento mundial de seu trabalho. O Fundo Virtual Antonio Di Benedetto busca contribuir oferecendo um local de estudo para investigadores que queiram ter à disposição materiais ricos de informações sobre o autor e seus livros.

[13] Tradução nossa: Solilóquio lírico sobre a espera, a solidão, o desgaste existencial e o fracasso (...) O sabor de sua prosa, vivificado pelas discretas nuances coloquiais, é, apesar de sua simplicidade aparente, resultado de uma análise magistral da problemática narrativa que seu tempo empregou. (SAER,1997:56)

PRIMEIRA PARTE

2. PROLEGÔMENOS

2.1 Os fundos de escritores e a arquivística moderna

Para podermos dar início à construção de um acervo como o que aqui apresentamos, foi necessário, num primeiro momento, refletir sobre o conceito de arquivo e observar como este foi arquitetado em diversos momentos da história.

Durante o século XIX surgem as primeiras teorias da Arquivística Moderna entendida como disciplina e, o que é mais importante para este trabalho, aparecem as primeiras conceitualizações sobre o termo "fundo", realizadas por historiadores como o francês Natalis de Wailly (1805 – 1886)[14]. Ele apresentou pela primeira vez esse termo e dedicou suas teorias a destacar a importância do *princípio de procedência*, contrapondo-se às concepções de arquivo utilizadas na Antiguidade, na Idade Média e nos chamados períodos pré-arquivísticos.

Existem outros teóricos importantes na história da arquivística moderna. Podemos destacar o britânico Sir Charles Hilary Jenkinson (1882-1961), cuja publicação do *Manual of archive administration*, em 1922, foi de tamanha importância que seguiu despertando a admiração de arquivistas contemporâneos como Terry Cook (1947-2014), cujo trabalho vamos comentar mais adiante. Podemos destacar também o italiano Eugenio Casanova (1841-1920), cuja obra intitulada *Arquivística*, publicada em 1928, aborda desde a estruturação de um arquivo em seu aspecto arquitetônico até o uso e a regulamentação dos documentos. Por outro lado, também precisamos mencionar o francês Robert Enri Bautier (1922-2010) e o espanhol José Ramon Cruz Mundet (1960-). Em seu livro *Manual de Archivistica* (1996), Cruz Mundet rastreia o momento em que os arquivistas alemães começam a abandonar a classificação cronológica para começar a classificar os documentos em séries e fascículos:

> Centrándonos ahora en el desarrollo práctico de los nuevos principios archivísticos, es fuerza referirse previamente a un cambio fundamental experimentado en la praxis administrativa europea, a partir del cual el viejo continente quedará dividido en dos grandes áreas, tanto desde el punto de vista de la gestión administrativa, como de los procedimientos archivísticos. Este

[14] Ver mais em CORTÉS ALCÁNTRA, D. I. e GONZÁLEZ FLORES, E. *Aplicación de la teoria archivistica en los archivos históricos de la administración pública centralizada* (2005) (Tesis de Archivonomía) – Escuela Nacional de Biblioteconomía y Archivonomía, Mexico D.F., Mexico, p.22

> proceso queda perfectamente expuesto por Bautier y sus orígenes ubicados a mediado el siglo XVI. Las cancillerías dejaron en casi todas partes (la cancillería francesa en 1568) de llevar un registro cronológico de los documentos; solo Inglaterra y la Santa Sede, por conservadurismo inveterado, mantuvieron la práctica hasta la época moderna. En numerosos servicios, los diferentes documentos relativos a un mismo asunto fueron clasificados juntos en expedientes. Fue en Alemania donde el sistema recibió su impulso decisivo con la difusión de la "registratur": todo documento recibido o expedido por una administración en el manejo de un negocio era objeto de registro con remisión al expediente del asunto en el cual debía ser conservado. (MUNDET, 1996:121)[15]

É interessante perceber a reflexão proposta por Cruz Mundet nesse fragmento, no qual a importância do assunto abordado por um documento acaba se tornando tanto ou mais importante que a sua data de publicação. Esse distanciamento da organização cronológica que foi surgindo ao longo da história da Arquivística, chega ao seu auge quando a informática passa a organizar os documentos de determinado arquivo.

Como podemos observar, os estudos da arquivística, ainda que por vezes não se concentrem nos arquivos de escritores ou sobre escritores, podem servir como base metodológica e teórica para a realização das nossas conclusões. Encontrar as rupturas e as mudanças na concepção de arquivo se torna importante neste trabalho, que pretende justificar e enfatizar a importância do uso das novas tecnologias para a organização e a utilização de um arquivo em formato digital. Tanto com a internet, que permite uma divulgação maior do trabalho, como com os programas que auxiliam na digitalização e na organização dos arquivos, construímos aqui não somente um acervo, mas também um

---

[15] Tradução nossa: Centrando-nos agora no desenvolvimento prático dos novos princípios arquivísticos, é inevitável referir-se previamente a uma mudança fundamental experimentada na práxis administrativa europeia, a partir da qual o velho continente ficará dividido em duas grandes áreas, tanto do ponto de vista da gestão administrativa, como dos procedimentos arquivísticos. Este processo fica perfeitamente exposto por Bautier e suas origens se localizam em meados do século XVI. As chancelarias deixaram em quase todos os locais (a chancelaria francesa em 1568) de realizar um registro cronológico dos documentos; somente a Inglaterra e a Santa Sé, por conservadorismo inveterado, mantiveram a prática até a modernidade. Em numerosos serviços, os diferentes documentos relativos a um mesmo assunto foram classificados juntos em expedientes. Foi na Alemanha que o sistema recebeu seu impulso decisivo com a difusão do *registratur*: todo documento recebido ou expedido por uma administração de um negócio era objeto de registro com remissão ao expediente do assunto no qual deveria ser conservado. (MUNDET, 1996:121)

local que indaga a própria concepção de *fundo arquivístico*. Estudando a história da arquivística, que aponta mudanças nas concepções de organização dos documentos, buscamos também inserir nossas rupturas e nossas inovações, principalmente tomando como ponto de partida a negação de uma ordem cronológica superficial dos arquivos, que somente em casos muito especiais precisam ser organizados por datas. Assim, o que buscamos é encontrar as lacunas e os vestígios, para realizar um amplo trabalho histórico-genealógico sobre diversos aspectos da vida e da obra de Antonio Di Benedetto (1922-1986).

O conceito de *fundo* foi muito discutido durante as últimas três décadas. Uma das regras que ainda impera e que tem sido defendida para designar uma característica comum aos fundos, administrativos e pessoais, é a do respeito ao *princípio da proveniência*. Ao longo do século XX, o maior propagador desse princípio foi o francês Michel Duchein, que em 1982 publica *O respeito aos fundos em Arquivística: princípios teóricos e problemas práticos*.

No entanto, a teoria do respeito aos *fundos* deve ser reinterpretada hoje em dia. É isso que autores como o canadense Terry Cook (1947-2014) e a própria metodologia arquivística adotada pelo *Bureau of Canadian Archivists* (gabinete de arquivistas canadenses), do qual Cook também fazia parte, buscaram realizar ao longo dos últimos anos. Um livro que funciona como base para toda essa discussão chama-se, justamente, *O conceito de fundo arquivístico*: *teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial*, publicado originalmente em 1992 por Terry Cook (1947-2014). Nesse livro o autor canadense retoma o conceito de *respeito à proveniência*, reinterpretando-o e dando ênfase ao que ele chama de *multiproveniência na era pós-custodial*. Essa noção de multiproveniência é de extrema relevância para o trabalho que aqui apresento, pois o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto é formado por arquivos que têm múltiplas proveniências e que são organizados por meio de diversas catalogações possíveis na base de dados virtual da plataforma *web*. Cito a seguir um fragmento do livro de Terry Cook, antes mencionado, que resume bem o que ocorre com o nosso arquivo:

> Quanto a isso, documentos eletrônicos apresentam o mais óbvio desafio à aplicação do conceito tradicional de fundo. (...) Usando automação para combinar ou relacioná-las, qualquer combinação de produtores e séries é possível: múltiplos produtores a uma única série, múltiplas séries de um único produtor, múltiplos produtores com séries múltiplas, mas relacionadas, séries

> com séries, e produtores com produtores, seja para cima ou para baixo na tradicional cadeia mono-hierárquica vertical, ou para os lados nas novas estruturas organizacionais horizontais.
> [...] A teoria arquivística postula que, no arranjo e descrição de arquivos, os documentos de um dado produtor nunca devem ser misturados com aqueles de outro produtor. Cada um tem sua própria ordem, cada um tem seu próprio lugar. O argumento deste estudo é que, para muitas séries, os documentos de vários produtores estão orgânica e irremediavelmente misturados muito antes de sua chegada aos arquivos. É papel do arquivista ordenar essa mistura – intelectual, e não fisicamente – para ressaltar toda a proveniência contextual dos documentos. (COOK, 2017:62)

Esse entendimento contemporâneo sobre o que caracteriza um *fundo*, e principalmente um *fundo virtual*, é muito importante para um trabalho como o nosso, em que os arquivos que formam o *corpus* têm diversas proveniências e, ao mesmo tempo, conformam uma constelação de textos e imagens que têm toda a condição de estar juntos pelas temáticas que os assemelham.

Como citamos no início deste trabalho, muitos dos materiais que integram o fundo foram colecionados pelo próprio autor, mas uma grande parte também foi guardada por terceiros que conviveram com o mesmo ou que tiveram alguma relação de interesse intelectual ou coleção. Alguns materiais foram encontrados com colecionadores, como, por exemplo, uma edição de 1972 da revista *Urogallo*, publicada em Barcelona, exemplar meticulosamente guardado por um colecionador espanhol. Por outro lado, há materiais de arquivo como os doados por Daniel Politino, sobrinho de Antonio Di Benedetto, a Liliana Reales, em 2018, para integrarem esse fundo. No último ano de pesquisa, pude ainda realizar uma investigação de campo em Madri, onde Antonio Di Benedetto morou durante seu exílio e onde encontrei e cataloguei mais de 400 novos arquivos de suma importância para ampliar e modificar a compreensão a respeito dos anos de desterro do autor[16].

Como podemos observar, os documentos que compõem o Fundo Virtual provêm de diferentes locais e doadores, além de serem também distintos em seus suportes originais de impressão ou gravação. Para o funcionamento do nosso arquivo, isso se torna

[16] A minha pesquisa de campo foi orientada pela professora Liliana Reales, co-orientada pelo professor Eduardo Becerra, da Universidade Autônoma de Madri e financiada pela CAPES.

ainda mais interessante. Nesse fundo o leitor pode criar uma rede de relações entre os arquivos ali presentes e transformar essas relações em trabalhos investigativos nos mais diversos campos de conhecimento. É importante destacar também que o *princípio da proveniência*, tão defendido durante o século XIX e o início do século XX, é um conceito que tem uma aplicação maior nas esferas arquivísticas relacionadas aos documentos burocráticos e de custódia de instituições ou estados, e não exatamente em fundos realizados para investigação acadêmica ou histórica.

Mas as questões que tomaram forma ao organizar o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto foram: como realizar um fundo que não fosse meramente uma lista de arquivos "infinita"? Como criar um dispositivo que proporcionasse ao usuário ou investigador um movimento dinâmico e de indagação dentro de um arquivo tão multifacetado e tão heterogêneo?

2.2 Organização do arquivo: primeira abordagem

Inicialmente, busquei a resposta para as perguntas acima em trabalhos de investigação da área da crítica genética, mais especificamente no trabalho realizado, no *Instituto Nacional de Investigaciones y Archivos Literarios* de Montevidéu, pelo professor e escritor Roberto Ibáñez (1907-1978), diretor dessa instituição e seu fundador em1947 . Ibáñez trabalhou na organização do arquivo do escritor José Enrique Rodó. No texto "Teoria y ensayo de la investigación" (2013), publicado no livro *Imagen documental de José Enrique Rodó: un fragmento* (2013), organizado por Ignacio Bajter[17], Ibáñez apresenta uma detalhada técnica de organização e análise do arquivo, que busca, até o último nível de categorização, uma separação dos materiais não por ordem cronológica, mas por interesses temáticos.

Vale apontar que existe uma grande diferença entre o nosso arquivo e o de Roberto Ibáñez em relação ao objetivo pretendido com a criação do fundo de José Enrique Rodó. No trabalho de Ibáñez existe um objetivo claro, o de desvendar, a partir dos manuscritos do poeta uruguaio, o estilo de sua escrita. É uma busca pelo *avant-texte*, o que se

[17] Agradeço a Ignacio Bajter o envio do livro e todo o apoio que me ofereceu durante a minha pesquisa.

diferencia bastante da proposta do nosso arquivo. Nós temos, sim, em nosso arquivo alguns manuscritos e outros documentos como, por exemplo, uma breve biografia escrita a máquina e corrigida a mão por Di Benedetto. No entanto, nosso objetivo é outro. Não buscamos um estudo genético da obra do autor, nem desvendar como o estilo de escrita de Di Benedetto foi criado, mas oferecer um vasto material, organizado em "pranchas", que deverá possibilitar novos estudos sobre o autor em diversas latitudes. Alguns documentos do Fundo Virtual são textos do autor praticamente desconhecidos pela crítica tradicional, como é o caso de seus roteiros para cinema e de parte de sua correspondência, por exemplo. Para isso precisamos entender como essas leituras estavam inseridas nos diferentes momentos históricos e políticos das quais faziam parte. Essas leituras e esses escritos não são somente jornalísticos ou de revistas acadêmicas, mas também pessoais, como cartas de amigos. Nesses arquivos encontramos ainda elementos que incitam reflexões sobre a vida do autor, sobre a política e a cultura da Argentina durante aqueles anos.

Apesar das diferenças entre os métodos, o texto de Roberto Ibáñez nos ajudou na catalogação dos arquivos. Em "Teoria y ensayo de la investigación" (IBAÑEZ, 2013), apresentam-se três partes diferentes na organização do arquivo: a distribuição metódica, a coordenação temática e a indagação estilística. Como distribuição metódica entende-se a organização das diferentes partes em função do conjunto, ou seja, as primeiras ramificações da estrutura do arquivo. Nesse momento se distribuem as peças reunidas, prevendo ainda as que podem estar faltando. No entanto, é interessante como Ibáñez apresenta essa primeira etapa como algo que não se valida por si só. Nesse sentido, adverte:

> Precisamente, ha sido aberración del método histórico la de transformar los medios en fines, creando la voluptuosidad de la investigación como manía acumulativa tendiente al acopio inacabable de materiales agregados por el solo placer de la búsqueda y convertidos en agobiantes masas de conocimientos, por amorfos, inútiles. (IBÁÑEZ, 2013:2)[18]

[18] Tradução nossa: Precisamente, tem sido uma aberração do método histórico a de transformar os meios em fins, criando a voluptuosidade da investigação como mania acumulativa tendente à cópia inacabável de materiais adicionados pelo único prazer da busca e convertidos em tediosas massas de conhecimentos, porque amorfos, inúteis. (IBAÑEZ, 2013:2)

De fato, a primeira classificação do nosso arquivo se baseou em uma separação por formato de publicação, ou seja, foram separados os materiais escritos em jornais, revistas, cartas, manuscritos, panfletos, dedicatórias e assim por diante. Inicialmente o fundo foi organizado em pastas informáticas, e depois foi realizado o trabalho de aperfeiçoamento da imagem e de junção dos fólios em composições únicas. O trabalho demandou habilidades de desenho gráfico para corrigir imperfeições nas imagens e converter os documentos para formatos fáceis de serem utilizados em plataformas virtuais. Precisávamos encontrar o ponto certo entre a alta qualidade de imagem, principalmente para grandes reproduções de jornais, e uma boa compressão de arquivos, para funcionar corretamente na internet, sem lentidão. Vale destacar que essas mesmas classificações iniciais também se encontram na plataforma virtual. Abaixo de cada documento das pranchas, podemos ver as *tags* que classificam cada fólio. Ao clicar em uma delas, o usuário é direcionado para uma nova página contendo os documentos classificados com aquela palavra-chave.

Como já foi explicitado anteriormente, nossa intenção com esse trabalho de arquivo não é realizar simplesmente um amontoado de classificações, precisamos de outros pontos de interesse. Para isso é necessário avançar para a próxima etapa da teoria da investigação de Ibáñez: a *coordenação temática*. Essa etapa, conforme o autor informa, se diferencia da outra "pela ausência de uma distribuição exaustiva da totalidade, para assim criar uma síntese parcial indefinidamente renovável" (IBAÑEZ, 2013:120). Essa *coordenação temática* se transforma ao longo do tempo, o que trouxe um gosto de surpresa a essa empreitada. São múltiplos os exemplos em que isso aconteceu na construção do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, e acredito que um dos mais característicos e instigantes tenha sido o conjunto temático que se relaciona ao exílio do escritor. Esse conjunto, que também dá nome à "Prancha 3: Exílio", foi atualizado ao longo da pesquisa, apresentando documentos que se relacionam a aspectos da vida do autor nunca antes mencionados em trabalhos sobre a sua vida e obra. Aponto para as palavras de Ibáñez a respeito dessa etapa da organização do arquivo:

> Y permite recorrer el archivo, erizado de escondidas preguntas y de datos que aguardan una promoción inteligente o un encadenamiento mental para

> esclarecer mil problemas relativos a la vida y a la obra del autor con cuyos papeles se ha formado el conjunto. (IBÁÑEZ, 2013:4)[19]

Esse é o ponto mais instigante do trabalho. Aqui são estabelecidas relações entre os arquivos e propostos os diálogos com outras informações externas, o que nos proporciona uma liberdade de abordagem. Ao se falar de Antonio Di Benedetto, as relações se estabelecem tanto no âmbito político, jornalístico e histórico, como também literário, artístico e pessoal. Além disso, nesse momento surgiram as principais indagações sobre os documentos faltantes e sobre as evidências de pessoas ainda vivas que se relacionaram com Di Benedetto. A exemplo disso podemos falar da nossa primeira viagem para a Argentina, quando encontramos diversas pessoas que conviveram com ele, que tinham muito para falar a respeito tanto da vida pessoal do escritor como do que acontecia naqueles momentos na arte e na política e que nos permitiram acesso a uma grande quantidade de documentos para adicionar ao fundo.

Como uma terceira abordagem ao arquivo, Ibáñez apresenta o que ele chama de *indagação estilística*. Esse ponto parece ser mais importante para trabalhos de crítica genética, em que os diferentes rascunhos de uma mesma obra se relacionam entre si e deixam transparecer as características estilísticas do autor. Ibáñez afirma que a indagação estilística tende a:

> desentrañar el proceso elocutivo de cada obra a través de los distintos estados verificables en los borradores y originales existentes a fin de precisar las vicisitudes del estilo, aquel proceso agónico que el propio Rodó llamara "la gesta de la forma". (IBAÑEZ, 2013:10) [20]

Além dessas etapas de análise e organização do arquivo, Ibáñez se refere, nesse mesmo texto, à necessidade de estabelecer grandes categorizações, que por sua vez se dividem em subcategorias e servem para classificar os distintos elementos do arquivo. A exemplo disso podemos fazer referência à pasta do nosso arquivo que contém as cartas.

---

[19] Tradução nossa: E permite percorrer o arquivo, eriçado de escondidas perguntas e de dados que aguardam uma promoção inteligente ou um encadeamento mental para esclarecer mil problemas relativos à vida e à obra do autor com cujos papéis se forma o conjunto. (IBAÑEZ, 2013:4)

[20]Tradução nossa: desentranhar o processo de criação de cada obra por meio dos diferentes estados verificáveis nos rascunhos e originais existentes com o fim de precisar as vicissitudes do estilo, aquele processo agônico que o próprio Rodó chamaria "a gesta da forma" (IBAÑEZ, 2013:10) ("Gesta" existe em português e significa "façanha", como em espanhol, acredito.)

Nela temos subdivisões temáticas que apontam para diferentes caminhos, como: “Cartas sobre a detenção”, “Cartas sobre a obra”, “Cartas de cunho biográfico”, “Cartas de premiações e homenagens. Na plataforma virtual, as cartas fazem parte de mais de uma categoria que denominaremos de *prancha*, como veremos mais adiante.

As categorias iniciais são as *seções*, que podem conter as *séries*, que por sua vez podem ser divididas em *grupos*, os quais, por fim, se subdividem em *coleções*. Deve ficar claro que se alguma dessas divisões não tiver subdivisões criadas a partir da distribuição metódica e da coordenação temática, elas simplesmente serão compostas pelo que Ibáñez denomina como unidades especiais, isto é, unidades ordenadas pela simples cronologia. Cabe apontar novamente que esse processo de catalogação foi utilizado para as primeiras abordagens do nosso arquivo e que depois criamos nossa própria organização virtual baseada principalmente nas *pranchas*. Essas *pranchas* podem se aproximar das *coleções* propostas por Ibañez, mas não são a mesma coisa como veremos a seguir.

Ou seja, aqui existe um ponto muito importante para a reflexão sobre o conceito de arquivo. A classificação de Ibáñez procura, antes de mais nada, negar a ordem cronológica. Antes dessa ordem, nós temos mais quatro sessões já especificadas que podem conter outras sessões que se classifiquem mediante a coordenação temática ou a distribuição metódica. Nesse ponto, a teoria de Ibáñez, além de ser uma metodologia de auxílio para a investigação em arquivos, é uma solução para a quebra da classificação clássica da arquivística.

Desse modo, a metodologia proposta por Ibáñez se distancia da arquivística clássica de uma forma peculiar. Ela se aproxima de uma abordagem histórico-genealógica do arquivo. O que importa verdadeiramente são os vestígios históricos e as relações entre estes, não as meras sucessões de fatos em relação de causa e efeito. O modelo analítico proposto por Ibáñez serve, neste trabalho, como uma primeira aproximação para uma estratégia de organização do fundo que não se limita a ser meramente cronológica. Não podemos deixar de apontar que existe uma grande diferenciação quanto ao local de construção do arquivo, ou seja, o nosso arquivo é virtual, e ele proporciona não só uma organização final, mas várias organizações possíveis. Isso nos levou a procurar outras teorias e pensar de uma maneira diferente o nosso fundo, sem por isso deixar de ter em conta alguns aspectos de teorias como a de Roberto Ibáñez.

2.3 Exemplos de arquivos virtuais

Analisando também outros arquivos virtuais que levam em consideração essa liberdade de classificação não cronológica, foi criado o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Mas é importante ressaltar que a organização cronológica não será descartada. Assim como nos arquivos que vamos exemplificar a seguir, ela também existe, mas é uma organização paralela às outras, não a principal, proporcionada pelo meio virtual em que se insere, no qual podemos ter, como já mencionado, mais de uma classificação.

Como exemplos, podemos destacar inicialmente o grande arquivo da Biblioteca Nacional Argentina, a qual visitei em diversas oportunidades, mas especialmente em 2016, quando fui conhecer a seção de arquivos e seus organizadores. Essa biblioteca, localizada em Buenos Aires, apresenta em seu site (https://www.bn.gov.ar/) catalogações de arquivos e coleções de diferentes personalidades da vida artística, intelectual e política da Argentina. Essa seção de arquivos foi iniciada em 2006 e tem como objetivos principais custodiar e divulgar os arquivos doados e adquiridos pela biblioteca. Neste fragmento do texto descritivo do arquivo podemos ler os objetivos principais dessa empreitada:

> En el año 2006 mediante la Resolución BN 170/06 se crea el "Proyecto de organización de archivos de manuscritos y material inédito de la Biblioteca Nacional", en el ámbito de la Subdirección de la Biblioteca Nacional, al reconocer que los fondos de archivo constituyen un elemento de enorme interés para los investigadores y que requieren de formas de organización y catalogación específicas para permitir que sean abiertos a la consulta pública. De ese modo se formalizó el trabajo que se encontraba en curso desde hacía unos meses de reubicación y organización de los archivos y colecciones que ya se encontraban en distintos espacios de la Biblioteca Nacional. (BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, 2006)[21]

[21] Tradução nossa: No ano de 2006, em consequência da Resolução BN 170/06, é criado o "Projeto de organização de arquivos de manuscritos e material inédito da Biblioteca Nacional", no âmbito da Subdireção da Biblioteca Nacional, ao reconhecer que os fundos de arquivo constituem um elemento de enorme interesse para os investigadores e que requerem formas de organização e catalogação específicas para permitir que sejam abertos para a consulta pública. Desse modo, foi formalizado o trabalho que já era realizado há alguns meses de realocação e organização dos arquivos e coleções que já estavam em diferentes espaços da Biblioteca Nacional. (BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, 2006) Disponível em: http://censoarchivos.mcu.es/CensoGuia/archivodetail.htm?id=1626543 Acesso em: 15/07/2018

Nesse arquivo existem categorias diversas de classificação, e a ordem cronológica também é uma opção, facilitando alguns tipos de análise dos documentos. No entanto, vale apontar para outros tipos de classificação que organizam esse arquivo, como a *fototeca*, que dispõe não somente de arquivos de escritores como também de memórias fotográficas sobre a história argentina. Nesse mesmo arquivo também existe a seção audiovisual, com vídeos e materiais sonoros, seção que existe no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, mais especificamente na "Prancha 5: Testemunhos", com as entrevistas que realizamos na Argentina em 2015. Entre tantas outras classificações, no arquivo da Biblioteca Nacional da Argentina também se encontram: acervos de trabalhos críticos sobre literatura, acervos de revistas acadêmicas, acervos de eventos acadêmicos, folhetos e mapas.

Outro exemplo bem-sucedido é o fundo da Biblioteca Nacional do Chile, disponível no site: http://www.memoriachilena.cl. Nessa plataforma podemos observar uma grande quantidade de fundos de personalidades chilenas. A catalogação usada é bastante próxima da nossa. Diferentemente do arquivo da BN da Argentina antes mencionado, nesse caso podemos observar uma separação temática dos arquivos. Descrevo algumas das classificações: *A 70 años del Premio Nobel de Literatura de Grabriela Mistral*; *Un recorrido por la música chilena*; *Hombres y fotografía*; *Manuales escolares: niñas y niños ciudadanos*; *Prensa y Periodismo*; *Literatura*, *Historiografía*, *Cultura y artes* etc.

Seguindo a apresentação dos exemplos, chegamos a dois arquivos muito importantes para o auxílio metodológico deste trabalho: o *Fondo Julio Cortázar*, organizado por Suzana Gómez e hospedado na Universidade de Poitiers, na França, e a coleção de livros com documentos de Juan José Saer, organizada por Julio Premat, professor de Literatura Latino-Americana na Universidade de Paris 8.

Inicialmente gostaria de apontar para a organização do fundo de Julio Cortázar. O sítio web pode ser acessado no seguinte link: http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/Cortazar. Podemos observar como a investigadora utilizou uma metodologia não convencional para a organização dos arquivos ali incluídos, que se dividem em quatro categorias: *tema*, *autor*, *tipo de documento* e *língua*. Dentro de *tema* podemos observar esta classificação: *Estudios de Conjunto*; *Bestiario*; *Final de Juego-Casa Tomada*; *Rayuela*; *Crítica Extranjera*; *Premios,* entre outros tópicos. Vale apontar

que o arquivo Di Benedetto também concentra três dessas classificações com nomes semelhantes (*Prêmios*, *Crítica literária* e *Resenhas*). Os arquivos presentes nessas classificações não são necessariamente escritos de Antonio Di Benedetto, o que mais uma vez nega que a única razão de ser do Fundo Virtual é o *avant-texte* da crítica genética.

Continuando a análise desses arquivos, o próximo exemplo é o da coleção sobre Juan José Saer. Esse caso se diferencia por divulgar no formato de livro os documentos de Saer, que, por sinal, foi um dos grandes leitores de Antonio Di Benedetto e defensor da sua obra. A coleção foi realizada por Julio Premat, como anteriormente mencionado, e editada por Seix Barral em 2015. Tive a oportunidade de conversar duas vezes com Julio Premat, tanto na sua visita à UFSC em 2013 como na Argentina em 2016[22].

Premat publicou um artigo intitulado *El Fondo Saer: preservación, organización, edición* (2011), em que descreve o processo de organização do arquivo. Além de descrever o acervo, ele também faz uma reflexão interessante sobre seu trabalho como catalogador, explicitando de que modo compreende essa temporalidade heterogênea que caracteriza os elementos das composições:

> El Fondo contiene una temporalidad, una historicidad, que no es lineal (no es material de escritura de una novela determinada), sino la de un proceso más heterogéneo, confuso y variado. En un primer nivel, el material nos propone un recorrido paralelo a lo de una periodización de la parte visible, es decir lo editado; y permitiría, en sus modificaciones y constancias, el estudio de un proyecto, de una manera de ser escritor (un estilo de escritura), y, por qué no, de una manera de concebirse como escritor de cara al campo literario, a la recepción, a las expectativas sociales y culturales de lo escrito (PREMAT, 2011: 202)[23]

Como podemos ler nesse fragmento, o trabalho de Premat também procura uma relação com o estilo da escrita de Saer, o que aproximaria mais o trabalho da metodologia

[22] Julio Premat participou do Congresso de Crítica Genética na UFSC em 2013 e dos eventos em homenagem a Antonio Di Benedetto organizados pelo Instituto de Literatura Hispano-Americana da Universidade de Buenos Aires e pelo Núcleo Onetti da UFSC em Buenos Aires e Mendoza, 2016.

[23] Tradução nossa: O fundo contém uma temporalidade, uma historicidade, que não é linear (não é material de escrita de um romance determinado), mas sim a de um processo mais heterogêneo, confuso e variado. Em um primeiro nível, o material propõe um percurso paralelo ao de uma periodização da parte visível, ou seja, o editado; e permitiria, nas suas modificações e constâncias, o estudo de um projeto, de uma maneira de ser escritor (um estilo de escritura), e, porque não, de uma maneira de autoconcepção como escritor voltado para o campo literário, para a recepção, para as expectativas sociais e culturais da escritura. (PREMAT, 2011: 202)

de Ibáñez descrita anteriormente. No entanto, Premat também utilizou, por exemplo, uma autobiografia de Saer, em que o escritor fala sobre sua vida misturando informações sobre seus livros e as premiações que recebeu. Esse documento, especificamente, se aproxima muito de um dos arquivos que temos em nosso fundo, também uma autobiografia formada por tópicos. Aponto para um fragmento da autobiografia de Saer, para logo depois mostrar o quão semelhante ela é à de Di Benedetto. Saer dirá:

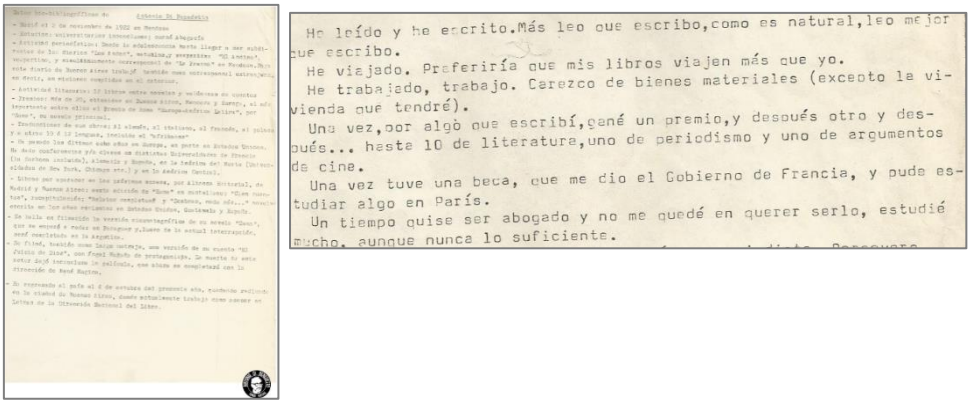
> En 68, obtuve, un poco por casualidad, una beca del gobierno francés y me vine a Francia por seis meses – me quedé 26 meses más, es decir trece años ya. Volví dos veces a Argentina, en 1971 (dos meses y medio) y en el 76 (casi dos meses). Yo creo que usted tiene ya las fechas de redacción de todos mis libros, le preciso algunos datos ; *El limonero* fue escrito entre 1963 y 1972 ; en 1967, por septiembre-octubre quizás, escribí *Cicatrices* prácticamente de un solo envión, en unas 25 noches, desde las nueve, nueve y media hasta el alba. La venía pensando desde hacía cuatro o cinco años hasta que me decidí. Los cuentos de *Unidad de lugar* son del 65-66 ; había dos o tres más que finalmente dejé fuera. Los *Argumentos* los escribí entre 19691975 (la mayor parte son del 69 al 72 ; es decir son las primeras cosas, junto con algunos poemas, que empecé a escribir en París ; los años 70, 71 y 72 fueron muy productivos ; en el 73 empecé *Nadie nada nunca* y la terminé en febrero de 1978. *El entenado* la empecé creo, a fines de 1978 y todavía está en veremos, aunque bastante bien encaminada.(PREMAT, 2011:203) [24]

Aqui podemos observar a autoimagem que Saer estabelece entre a sua vida e a sua obra, suas viagens, seus prêmios e suas bolsas para escrever, outorgadas pelo governo francês. Um tipo de arquivo que descreve os caminhos da vida para que os projetos sejam concluídos. No caso de Di Benedetto, ainda que o texto tenha um formato bem diferente do fragmento autobiográfico de Saer, podemos observar pontos em comum. Aponto abaixo um trecho da autobiografia de Di Benedetto escrita em 1968. Cabe destacar que,

[24] Tradução nossa: Em 68 recebi, um pouco por acaso, uma bolsa do governo francês e vim para a França por seis meses – fiquei 26 meses mais, já faz 13 anos. Voltei duas vezes à Argentina, em 1971 (dois meses e meio) e em 76 (quase dois meses). Acredito que você já tenha as datas de escrita de todos os meus livros, esclareço algumas informações; *El limonero* foi escrito entre 1963 e 1972; em 1967, talvez entre setembro e outubro, escrevi *Cicatrices* praticamente de uma vez, em cerca de 25 noites, das nove, nove e meia até o amanhecer. Eu estava pensando nisso há quatro ou cinco anos, até que decidi. Os contos de *Unidad de lugar* são de 65-66; havia mais dois ou três que eu finalmente deixei de fora. Escrevi os *Argumentos* entre 1969 e 1975 (a maioria deles é de 69 a 72; ou seja, são as primeiras coisas, juntamente com alguns poemas, que comecei a escrever em Paris; os anos 70, 71 e 72 foram muito produtivos; em 73 comecei *Nadie nada nunca* e o terminei em fevereiro de 1978. *El entenado*, acredito que comecei no final de 1978, e ainda está em andamento, embora esteja bem encaminhado. (PREMAT, 2011: 20 3)

para imagens como essa (com difícil visualização), vamos fazer as transcrições em nota de rodapé. Por encomenda, para uma publicação na Alemanha Ocidental, Di Benedetto dirá:

Figura 3 – Página 1 de Autobiografia



He leído y he escrito.Más leo que escribo,como es natural,leo mejor que escribo.
He viajado. Preferiría que mis libros viajen más que yo.
He trabajado, trabajo. Carezco de bienes materiales (excepto la vivienda que tendré).
Una vez,por algo que escribí,gané un premio,y después otro y después... hasta 10 de literatura,uno de periodismo y uno de argumentos de cine.
Una vez tuve una beca, que me dio el Gobierno de Francia, y pude estudiar algo en París.
Un tiempo quise ser abogado y no me quedé en querer serlo, estudié mucho, aunque nunca lo suficiente.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Disponível em: Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/1-autobiografia/[25]

Esse fragmento do documento presente no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto pode ilustrar bem algumas características dos elementos que temos em mãos. O nosso fundo se aproxima tanto dos trabalhos de crítica genética quanto de trabalhos de cunho museológico e arquivístico. Por isso justifico as relações que realizei anteriormente com essa grande quantidade de arquivos que nos servem como exemplo. O Fundo Virtual Antonio Di Benedetto é, como dissemos antes, um dispositivo transdisciplinar em que cada peça que o compõe pode incitar diversas reflexões.

[25] Transcrição: He leído y he escrito. Más leo que escribo, como es natural, leo mejor que escribo. He viajado. Preferiría que mis libros viajen más que yo. He trabajado, trabajo. Carezco de bienes materiales (excepto la vivienda que tendré). Una vez, por algo que escribí, gané un premio, y después otro y después… hasta 10 de literatura, uno de periodismo y uno de argumentos de cine. Una vez tuve una beca, que me dio el Gobierno de Francia, y pude estudiar algo en París. Un tiempo quise ser abogado y no me quedé en querer serlo, estudié mucho. Aunque no lo suficiente. (DI BENEDETTO, 1968:1)

Tradução nossa: Li e escrevi. Mais leio do que escrevo, naturalmente, leio melhor do que escrevo. Viajei. Preferiria que meus livros viajassem mais do que eu. Trabalhei, trabalho. Não tenho bens materiais (exceto a propriedade que terei). Uma vez, por algo que escrevi, ganhei um prêmio, e depois outro e depois ... até 10 de literatura, um de jornalismo e outro de argumentos de filmes. Uma vez tive uma bolsa de estudos, que me foi dada pelo governo da França, e pude estudar algo em Paris. Por um tempo eu quis ser advogado e não fiquei só na vontade, estudei muito. Ainda que não o suficiente. (DI BENEDETTO, 1968: 1)

2.4 Ponto de inflexão: o saber visual

Metodologicamente, e mesmo estruturalmente, nenhum dos arquivos que mencionamos apresentou, da maneira como buscávamos, um entendimento visual do arquivo como um local de *montagem*. O objetivo só foi realmente alcançado ao utilizarmos as teorias pós-estruturalistas em conjunto com uma reflexão acerca da história visual realizada pela obra inacabada *Mnemosine* de Aby Warburg (1866-1929). No último subcapítulo desta parte do trabalho, vamos apresentar a principal estratégia utilizada para a conformação da nossa plataforma virtual. Aproximamos o nosso trabalho de um entendimento do conhecimento que passa por uma observação da potência das imagens.

As perguntas iniciais ainda não tinham sido totalmente respondidas: como apresentar esse entrelaçado de conhecimentos tão diversos em uma plataforma virtual sem cair nas monótonas listas de links? Como trazer esse aspecto visual e museológico do arquivo literário para o mundo virtual?

Em busca dessas respostas, chegamos a um ponto que pode marcar uma inflexão na investigação em torno da criação do nosso fundo. Optamos por nos aproximar de teorias que refletissem de maneira profunda o próprio entendimento de uma montagem visual do saber. Encontramos as respostas para as nossas perguntas iniciais em um projeto inacabado do historiador da arte alemão Aby Warburg (1866-1929). Como se sabe, esse projeto, no qual ele trabalhou até a sua morte, em 1929, foi chamado de *Atlas Mnemosyne*. A obra inacabada do autor, iniciada em 1924, é formada por mais de 60 pranchas contendo reproduções de obras de arte de diferentes épocas e criadores, principalmente da Antiguidade e do Renascimento. Warburg buscava com esse trabalho expor de forma visual as comunicações entre imagens e a transmissão do que ele chamou de *pathosformeln*, ou seja, as fórmulas de *pathos*.

Cada prancha tem um eixo comum que relaciona as imagens. Essas imagens eram colocadas com ganchos de papel sobre um fundo preto e depois fotografadas em conjunto. Essa empreitada, como disse Fritz Saxl em 1930, numa carta para a editora do B. G. Teubner, em Leipzig, conforma "uma apresentação histórica, na qual é mostrado o indivíduo do Renascimento com palavras e imagens como alguém vivo" (SAXL, 2010:16). Abaixo apresento uma das *pranchas* realizada por Warburg em seu projeto.

Essas pranchas foram reeditadas inicialmente em um livro, com o nome *Der Bilderatlas Mnemosyne* (2000), em Berlim, e, mais tarde, como *Atlas Mnemosyne* (2010) em Madri.

Figura 4– Atlas Mnemosyne – Prancha 33

Fonte: WARBURG, A. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Impresos Cofás S.A. 2010

No Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, conformam-se diferentes níveis de catalogação, proporcionados pelo dinamismo possível na base de dados de informática. Ali existem diferentes formas de procurar os arquivos. Eles podem ser pesquisados por autores, por suportes, por títulos, por datas ou locais de publicação. Entretanto, os materiais ainda podem ser observados no que chamei de *pranchas,* baseado no trabalho de Warburg. Essas *pranchas* possibilitam uma relação entre arquivos que supostamente deveriam estar separados pela heterogeneidade que os caracterizam. No entanto, optei por deixá-los juntos para criar o que Georges Didi-Huberman chama de "forma visual do saber". Aponto para um fragmento do livro *Atlas ou o gaio saber inquieto* (2018), do mesmo autor:

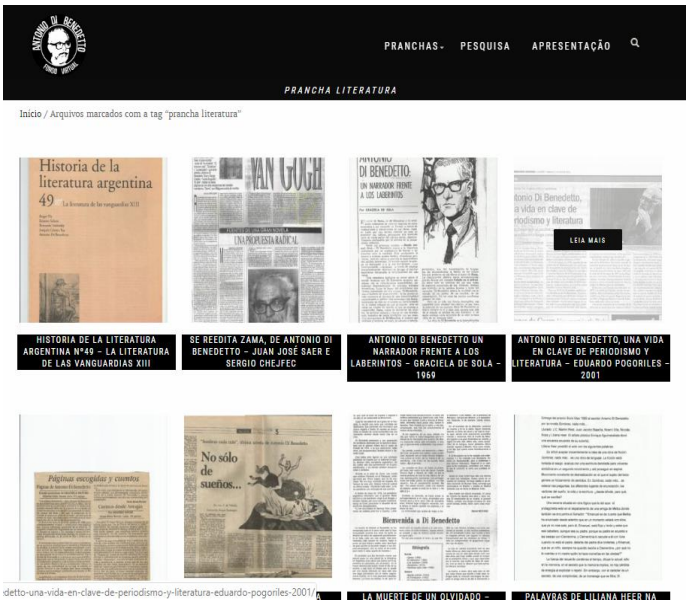
> O atlas faz, então, imediatamente, explodir os quadros. Ele quebra tanto as certezas autoproclamadas de ciência, que não duvida de suas verdades, quanto as da arte, que não duvida de seus critérios. Ele inventa, em meio a isso tudo, zonas intersticiais de exploração, intervalos heurísticos. Ele ignora deliberadamente os axiomas definitivos. É que ele faz parte de uma estética fadada ao risco de disparidade. Ele desconstrói, por sua própria exuberância,

> os ideais de unicidade, especificidade, pureza, conhecimento integral. Ele é um instrumento não de esgotamento lógico das possibilidades dadas, mas da inesgotável abertura aos possíveis não ainda dados. Seu princípio, seu motor, é a *imaginação*. Imaginação: palavra perigosa (assim como já o é a palavra *imagem*). Mas é preciso repetir, como Goethe, Baudelaire ou Walter Benjamin, que a imaginação por mais desconcertante que seja, não tem nada a ver com uma fantasia pessoal ou gratuita. Ao contrário, é um *conhecimento transversal* que ela nos oferece, por sua potência intrínseca de *montagem* que consiste em descobrir – ali mesmo onde ela recusa os laços suscitados pelas semelhanças óbvias – laços que a observação direta é incapaz de discernir. (DIDI HUBERMAN, 2018:20)

Sob esse aspecto vamos abordar a hipótese central do nosso trabalho, ou seja, a compreensão do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto como um arquivo transdisciplinar e um local de conhecimento transversal. Isto é, um espaço que não deve ser entendido como simples local de proteção, segurança e sacralidade do passado, mas como um local aberto para a criação, a indagação, a circulação e a produção de novos saberes e discursos. Um local onde as imagens documentais explodem, onde estas se relacionam além da obviedade, onde a montagem de tempos se torna possível. O fragmento do livro de Didi-Huberman aponta para dois aspectos importantes deste trabalho, os conceitos de *montagem* e *conhecimento transversal*. Estes caracterizam tanto o *Atlas Mnemosyne* de Warburg como o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, e fazem com que as relações entre os arquivos surjam além das óbvias relações autorais ou cronológicas. O aspecto visual do nosso fundo também busca, de certo modo, se aproximar do *Atlas Mnemosyne*.

Abaixo corroboro essa afirmação com uma figura da página principal da "Prancha 1: Literatura". Nessa prancha, assim como em todas as outras, os arquivos provêm de diferentes fontes e são totalmente diferentes entre si. Essa prancha, por exemplo, é composta por matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos, textos mecanográficos do autor, cartas e outros documentos. Também é possível observar nessa imagem as opções que temos na parte superior da plataforma. Podemos selecionar a prancha escolhida ou fazer a pesquisa avançada, dependendo do tipo de arquivos que estivermos procurando. Vale mencionar também que essa é apenas a primeira página da "Prancha 1: Literatura". Abaixo dessas imagens o investigador/usuário pode selecionar as próximas páginas da mesma prancha com os arquivos que faltam.

Figura 5 – “Prancha 1: Literatura”



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-1-literatura/

Por sua vez, cada um desses arquivos leva para uma nova tela que proporciona uma leitura detalhada do documento:

Figura 6 – Página principal dos documentos 1

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-1-literatura/

Nessa tela, o usuário pode abrir o material em tela cheia e ler o texto com mais facilidade. Essas ferramentas funcionam tanto em computadores como em tablets e celulares. Abaixo do documento também são apresentados outros documentos

relacionados. Essa ferramenta funciona mediante uma relação de *tags* e palavras-chave que correlacionam os materiais conforme apresento a seguir:

Figura 7 – Página principal dos documentos 2

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-1-literatura/

Nesse momento, podemos fazer a relação tanto visual como metodológica com o *Atlas Mnemosyne* de Warburg. Em 1924, quando Warburg iniciou os trabalhos de construção das suas *pranchas,* ele utilizou técnicas avançadas para a época, empregando uma câmera fotográfica para capturar as colagens das reproduções arranjadas nas pranchas. Na atualidade dispomos de ferramentas que dão novas possibilidades para esse tipo de trabalho. No entanto, a base de construção é a mesma. A *montagem* aqui é o mais importante. Criar o *conhecimento transversal* mencionado por Didi-Huberman na interpretação do *Atlas*, é exatamente o que dá sentido a este trabalho, que também mobiliza a *Pathosformeln* de Warburg.

As relações entre os arquivos literários e a museologia podem ser encontradas também em trabalhos como os do professor Reinaldo Marques, da Universidade Federal de Minas Gerais, autor de *O Arquivo literário: teorias, histórias e desafios (*2015). Marques aponta em seu livro para um entendimento original do arquivo. O autor dirá:

> Em primeiro lugar, cabe assinalar que o esforço de elaboração do conceito de "arquivo literário" resultou numa ficção teórica, para ficar num registro borgiano. Como tal, tem um pé no mundo empírico do trabalho com os arquivos pessoais dos escritores e o outro na esfera de uma imaginação construtiva, que abstrai as variadas diferenças entre cada um desses arquivos para realçar algumas (MARQUES, 2015:10)

Nesse fragmento o autor resume o que irá abordar ao longo do seu livro. O entendimento de um arquivo literário como uma criação que não é meramente arquivística, mas uma mistura entre biblioteca, arquivo e museu. Ele trabalha com o arquivo observando o conjunto como algo dinâmico, impossível de ser totalizado, e aproxima as suas reflexões daquelas realizadas por Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (1969). O autor busca caracterizar o arquivo literário como uma figura epistemológica, onde se forma uma construção de saberes que pertencem a âmbitos diferentes da vida de um escritor. O arquivo literário conforma um local de montagem entre conhecimentos especializados sobre a obra do autor e informações históricas. Ele denominará esse entrelaçamento entre o arquivo, a biblioteca e o museu de *arquibilbiomuseu*, não criando um conceito em si, mas um jogo de montagem entre palavras que resume bem seu entendimento do arquivo literário.

O grupo de investigação do Acervo de Escritores Mineiros, ao qual pertence o professor Reinaldo Marques, atua na catalogação e análise de arquivos de escritores. O pesquisador trabalha há anos com esse tipo de arquivo, e em textos como *O arquivo literário como figura epistemológica* (2007), aponta para um interesse constante das comunidades, tanto de universidades como de institutos culturais, na criação e organização de arquivos pessoais de escritores. Nesse texto, ele sinaliza algumas aproximações com as reflexões de Michel Foucault e Jaques Derrida, para destacar o papel de uma prática histórica que leva em conta um tempo de origens rasuradas:

> Uma história, enfim, ciente de que as origens estão rasuradas, perdidas, e que os acontecimentos somente nos são acessíveis pela mediação de documentos e monumentos, em seus usos pelo poder. Trata-se, pois, de uma história efetiva construída a partir de um olhar micrológico, dotada de um caráter mais fragmentário, sem ambições totalizantes, como forma de se contrapor a uma história abstrata e idealista, evolutiva e teleológica. (MARQUES, 2007:18)

Segundo Reinaldo Marques, a consequência de fazer um uso não tradicional da história, no momento da organização dos arquivos literários e no diálogo póstumo que se

estabelece entre os elementos que compõem esses fundos, é que, por sua vez, se "aprofunda a crise do paradigma disciplinar moderno, ao incrementar o trânsito entre os saberes, as tópicas transdisciplinares" (MARQUES, 2007:20). Esses saberes que se relacionam com o arquivo podem ser das mais diversas categorias, porém algumas são obviamente necessárias para a realização desse tipo de trabalho. A arquivística é uma delas, mas também podemos citar a museologia, a biblioteconomia e a informática como disciplinas auxiliares no momento da criação do fundo. Por outro lado, na análise do arquivo, a interdisciplinaridade está presente nos diálogos entre a filosofia, a sociologia e, fundamentalmente, em nosso caso, a crítica literária.

Dessa forma, surge nesse entrelaçado de saberes um entendimento desconstrutivista do arquivo, teorizado por Jaques Derrida na conferência apresentada sob o nome de *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1994), hoje transformada em um livro muito citado por teóricos que discutem o assunto. Nele, o que se entende como arquivo é o inconsciente freudiano e, consequentemente, a ruptura, o esquecimento, a repressão e a negação. Entretanto, o fator principal que caracteriza o *mal de arquivo* é que um arquivo como lugar de consignação depende de um apagamento para guardar alguma informação. Ou seja, sempre haverá algo que se perde. É dessa forma que funciona o inconsciente, e Derrida demonstra isso a partir dos estudos das sessões de Freud.

No entanto, ao relacionar a teoria sobre o *mal de arquivo* com os arquivos como documentação e acervo, deve considerar-se um aspecto diferente e menos discutido da teoria de Derrida. Entre outros pontos, ele fala de *arcontes*, denominação dada àqueles que durante a antiguidade grega guardavam os arquivos. Eles tinham o poder nas mãos e abririam somente os arquivos para aqueles que o merecessem. Dominando a *techné*, os *arcontes* se tornariam tanto os donos dos arquivos como seus dilaceradores, aqueles que teriam o poder e a autoridade de decidir que documentos deveriam ficar no esquecimento e quais não, de acordo com seus próprios critérios. Neste fragmento, Derrida resume o que tento explorar:

> Os desastres que marcam o fim do milênio são também arquivos do mal: dissimulados ou destruídos, interditados, desviados, "recalcados". Seu tratamento é ao mesmo tempo massivo e refinado ao longo de guerras civis ou internacionais, de manipulações privadas ou secretas. Não se renuncia jamais, é o próprio inconsciente, a se apropriar de um poder sobre o documento, sobre

> sua detenção, retenção ou interpretação. Mas a quem cabe, em última instância a autoridade sobre a instituição do arquivo? (DERRIDA 2001:7)

A pergunta que finaliza esse parágrafo é de suma importância para a realização deste trabalho. Se, por um lado, nós criamos um *fundo virtual*, que dá a possibilidade de acesso a todas as pessoas que desejarem conhecer e analisar o arquivo de Di Benedetto, não podemos nos ausentar, como os *arcontes* a que se refere Derrida, e não podemos deixar de situar nossa relação com os documentos.

Derrida se pergunta insistentemente sobre as novas tecnologias e como as chamadas *tecnociências* teriam a possibilidade de alterar nosso entendimento sobre o arquivo, ou nossa relação com os arquivos. Acredito que os arquivos virtuais constituem uma dessas novas modalidades que Derrida buscava compreender, pois possibilitam uma quebra da distância entre o *arconte* e o investigador. Esses arquivos permitem uma reflexão em torno dos jogos de poder, das negações das descontinuidades e rupturas contidas em seus enunciados. Como informadores e divulgadores desse tesouro de inestimável valor, não podemos limitar nossa tarefa simplesmente a depositar os arquivos em uma plataforma para que sejam observados por historiadores e críticos da literatura, trata-se de dar um passo a mais, de interagir com eles, indagá-los e caracterizá-los, estabelecer redes e diálogos entre eles ou a partir deles. Por isso também faz muito sentido criar as *pranchas* citadas anteriormente. Assim como o trabalho realizado com as reproduções artísticas por Aby Warburg, o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto também é, a seu modo, um local de montagem e de criação. Não somente um local de resguardo.

Dessa maneira, entra em questão mais um conceito apresentado por Derrida em *Mal de arquivo*: o *poder de consignação*, poder que transborda nos enunciados dos jornais ou das cartas do fundo, por exemplo, e que corresponde a esses jogos de significantes que exercem uma ordem sobre o que é dito, que reorganizam os vestígios de um passado e que permitem uma compreensão desse mundo. Esse poder de consignação difere, no entanto, do poder *arcôntico*. A seguir, Derrida apresenta essa separação entre os dois tipos de poder:

> É preciso que o poder arcôntico que concentra também as suas funções de unificação, identificação e classificação caminhe junto com o que chamaremos o poder de consignação. Por consignação não entendemos apenas o sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em

> reserva em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de consignar reunindo os signos[...]. A consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal. (DERRIDA, 2001:14)

Se Derrida caracteriza como poder aquilo que também conforma as peças, as unidades ou elementos do arquivo, precisamos aqui apontar de que modo se pretende realizar essa distinção ou categorização dos diferentes tipos de elementos que compõem o Fundo Antonio Di Benedetto[26].

Para analisar essas questões é necessário dar um passo a mais e realizar uma leitura crítica da arquivística clássica. Tal perspectiva crítica permite estabelecer um diálogo entre os discursos e as relações de poder que perpassam os documentos do nosso fundo. São tomados como ponto de partida para esta análise os conceitos de arqueologia, principalmente as teses sobre análises de discurso e genealogia de Michel Foucault em *A arqueologia do saber* (1969), para tecer as articulações entre a ordem dos discursos e as estratégias de poder que percorrem o arquivo.

2.5 A genealogia como busca pelos vestígios

Ainda que o conceito de genealogia, como entendimento histórico posto em evidência por Nietzsche e mais tarde por Michel Foucault, possa ser utilizado para a interpretação das obras literárias de Di Benedetto, nosso objetivo neste trabalho é a aproximação ao Fundo Virtual Antonio Di Benedetto como um dispositivo genealógico de estudo dos vestígios de enunciados perpassados por forças de poder e opiniões, tanto literárias quanto políticas.

> A genealogia não se opõe à história como uma visão altiva e profunda do filósofo em relação ao olhar estruturador do sábio; se opõe, ao contrário, à separação meta-histórica das significações ideais e dos indefinidos

[26] Sobre conceitos como o virtual e o atual, ver mais em: LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* Ed 34. Rio de Janeiro, 1996; e DELEUZE, Gilles. O atual e o Virtual. In *Diálogos* Gilles Deleuze e Claire Parnet. Ed. Escuta. São Paulo, 1998.

> teleológicos. Opõe-se à busca da "origem". (FOUCAULT, 1979:1) (Tradução nossa)

A partir de reflexões como essas, o arquivo de Antonio Di Benedetto se transforma em um processo interminável de produção, pois, ao final do nosso trabalho, o fundo ainda poderá ser remontado com a adição de novos arquivos que certamente reuniremos. Não pretendemos montar um monumento imóvel, mas uma ferramenta de construção incessante de conhecimento. Por essa razão, o conceito de *prancha* ou mesa de montagem é tão importante aqui. Na análise de Didi-Huberman do *Atlas* de Aby Warburg, ele aponta que a própria estrutura de um atlas com as suas diferentes *pranchas* faz com que as imagens se conectem, por mais dessemelhantes que aparentemente sejam. A partir dessa interpretação, o *Atlas* se transforma no que Didi Huberman vai chamar de uma *aposta*. Uma aposta em imagens que, posicionadas em um mesmo lugar, podem criar a possibilidade de se realizar uma leitura diferente do mundo. Uma leitura que não é linear, que não tem origem e não tem fim, uma reorientação de fragmentos da realidade. Uma interpretação da história de uma forma livre e de possibilidades não predeterminadas. Didi Huberman dirá o seguinte sobre o projeto de Warburg:

> Reunindo sobre a mesma prancha preliminar de seu atlas *Mnemosyne*, um mapa geográfico da Europa e do Oriente Médio, um conjunto de animais fantásticos associados à constelação do céu, enfim, a árvore genealógica de uma família de banqueiros florentinos (Figura 1), Aby Warburg não pensava certamente fazer obra de historiador "surrealista". [...] Desde o início, então, Warburg enunciava em seu atlas uma *complexidade* fundamental – de ordem antropológica – que não se tratava nem de sintetizar (num conceito unificador), nem de descrever exaustivamente (num arquivo integral), nem de classificar de A a Z (num dicionário). Mas de fazer surgir, através do encontro de três imagens dessemelhantes, certas "relações íntimas e secretas", certas "correspondências", capazes de oferecer um conhecimento *transversal* dessa inesgotável complexidade histórica (a arvore genealógica), geográfica (o mapa) e imaginária (os animais do zodíaco). (DIDI-HUBERMAN. 2018:26)

Nessas *pranchas* criadas com reproduções de obras de arte posicionadas em uma determinada ordem e fotografadas, faz-se presente tanto uma reflexão sobre a reprodutibilidade da obra de arte, como também sobre a montagem de tempos e imagens do passado. Cria-se, nesse ato de composição, uma permanência temporal da obra de arte. A imagem se torna aquilo que para Walter Benjamin (1892-1940) significou o relampejo

da história. A releitura no presente de um passado que rasgou a sua origem[27]. A sua concepção de imagem dialética que foi cunhada ao longo dos seus trabalhos, também se relaciona com o conceito de origem. No livro *A origem do drama barroco alemão*, Walter Benjamin vai realizar a distinção entre *Ursprung*, ou origem, e *Entstehung*, ou gênese:

> A origem, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, não tem nada que ver com a gênese. O termo *origem* não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese. O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado. (BENJAMIN, 1989:67)

Aqui fica evidente também a relação entre a reprodução e a restauração realizada por Benjamin, quando aproxima esses conceitos, tornando compreensível a sua conceitualização de imagem dialética. Essa imagem se torna inacabada e demanda a interpretação, o questionamento e o trabalho com o passado. Ela possibilita a observação do *relâmpago* e a *permanência* da imagem. Didi-Huberman vai chamar essa possibilidade de *potência* da imagem. E Benjamin, por sua vez, também irá utilizar o conceito de potência para falar do *flâneur* de Baudelaire, aquele indivíduo que anda pelas ruas e se deixa levar pela imaginação. Aquele homem que interpreta seu entorno e que não se ilude apenas com as chamadas superficiais da propaganda.

> Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes, e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua [...]. Aquela embriaguez anamnéstica em que vagueia o flâneur pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar, com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido (BENJAMIN, 1989:186)

É interessante perceber como esse modo imaginativo que dá forma à imagem dialética de Benjamin é também o que vai dar significação ou entendimento de

[27] AQUINO, J. Imagem onírica e imagem dialética em Walter Benjamin. Kalagatos, v. 1, n. 2, p. 45-72, 21 dez. 2016.

conhecimento transversal para Didi-Huberman. As imagens se tornam mais do que meros documentos do passado, pois incitam a reflexão e a imaginação. Elas não escondem um significado único, podem se relacionar entre si, assim como as reproduções artísticas posicionadas em conjunto nas *pranchas* de Aby Warburg. Não se relacionam só pela estética, mas também por todas as questões sociais, artísticas, políticas e de outros âmbitos do conhecimento humano que as envolvem. Também é muito importante destacar que esse conceito de *imagem* não remete somente a pinturas, desenhos, fotografias ou outras artes visuais. Essas imagens também podem ser textos, nos quais encontraremos os discursos que darão margem a uma interpretação imaginativa desses objetos. Didi-Huberman também vai abordar o tema em *Atlas, o gaio saber inquieto* (2018), e para essa reflexão vai trazer também as palavras de Benjamin:

> Não somente as imagens se dão a ver como cristais de "legibilidade" histórica, mas ainda toda leitura – mesmo a leitura de um texto – deve contar com os poderes da semelhança: "O sentido tecido pelas palavras ou frases constitui o suporte necessário para que apareça com a rapidez do relâmpago, a semelhança" entre as coisas. (DIDI-HUBERMAN. 2018:24)

Essa "legibilidade" do passado se dará tanto mediante a observação visual quanto pela discursividade da palavra escrita. E para que esse objeto discursivo possa ser utilizado para a reflexão, ele deverá manter uma relação com o seu exterior. É também aquilo que dirá Jaques Derrida em *Mal de arquivo*, quando afirma que o arquivo só se constitui em seu devido apagamento ou dilaceramento mediante as forças exteriores a ele. O poder de consignação é também a tendência à exteriorização. Objeto do discurso, arquivo e imagem dialética parecem ser construtos de uma mesma condição. Eles só existem mediante a relação com seus díspares. A permanência desses objetos se deve à exterioridade dos mesmos. A indagação, a associação, a busca pelas lacunas, a relação entre outros objetos discursivos é o que os torna possíveis.

Serão esses também os temas abordados por Michel Foucault em *A arqueologia do saber* (1969), quando ele disponibiliza uma série de condições de existência para o objeto discursivo. Foucault dirá:

> As condições para que apareça um objeto de discurso às condições históricas para que dele se possa "dizer alguma coisa" e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles

> relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. Mas esta dificuldade não é apenas negativa; não se deve associá-la a um obstáculo cujo poder seria, exclusivamente, de cegar, perturbar, impedir a descoberta, mascarar a pureza da evidência ou a obstinação muda das próprias coisas; o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações. (FOUCAULT, 2008:50)

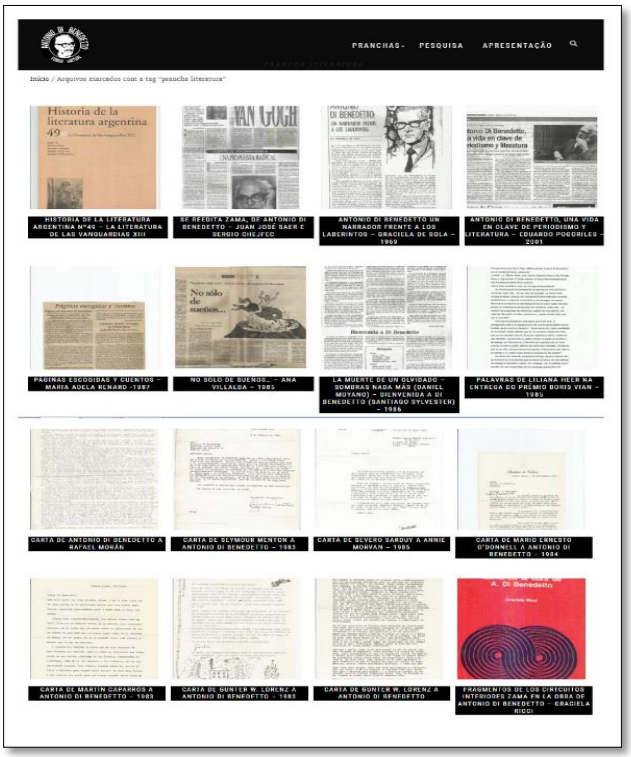
Esse ponto de vista nos permite achar, no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, vestígios de discursos que possibilitarão as articulações com outras áreas do saber, e suas vinculações com o contexto crítico-literário e histórico da época. É importante deixar claro que neste trabalho não compreendemos a história sob uma perspectiva tradicional, isto é, como mera sucessão linear de fatos. Pelo contrário, utilizamos aqui uma abordagem genealógica, que leva em conta as omissões, as contradições e as falsificações.

Nas próximas páginas são discutidos assuntos dos mais diversos âmbitos, e isso só é possível pela heterogeneidade dos documentos que integram o Fundo Virtual. As cartas, por exemplo, descrevem situações políticas mescladas com informações privadas. Os jornais da época retratam as leituras diversas da obra de Di Benedetto realizadas em vários países, muitas vezes articuladas a reflexões políticas de grande importância. Os textos sobre cinema e artes plásticas suscitam outro tipo de reflexão. Os roteiros cinematográficos nos quais ele trabalhou, as fotos, seus documentos escritos a máquina, as declarações sobre a sua prisão, além de outros tantos elementos, incitam outras questões. E assim por diante, esse conjunto provocará reflexões e revelará novas informações.

SEGUNDA PARTE: PRANCHAS

3. PRANCHA 1: LITERATURA

Figura 8 – Prancha 1: Literatura



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-1-literatura/

3.1 Silêncio e sonhos: elementos fundamentais

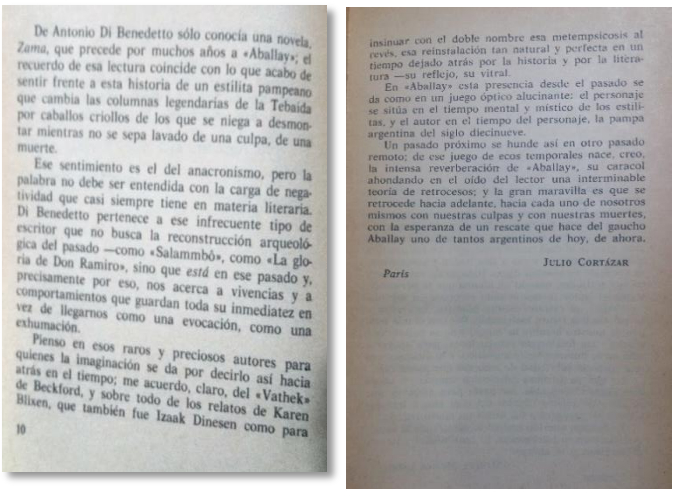
A imagem com a qual damos início a este capítulo reproduz as duas primeiras páginas da "Prancha 1: Literatura" na plataforma do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Essa prancha, de suma importância para o presente trabalho, contém aproximadamente duzentas reproduções de documentos que proporcionam um entendimento maior a respeito da totalidade da obra de Di Benedetto e sobre a recepção da mesma ao longo dos anos. Esse conjunto é composto por resenhas críticas publicadas em jornais, textos acadêmicos, cartas, depoimentos e discursos.

Os arquivos presentes nessa prancha abordam desde o primeiro livro de contos, *Mundo animal,* publicado em Mendoza em 1953 pela editora D'Accurzio, até o romance *Sombras, nada más...* publicado paralelamente em Buenos Aires e Madri pela editora Alianza em 1985. É importante ressaltar que o nome dessa prancha não limita as reflexões literárias somente a esse conjunto. A literatura estará presente, ainda que em outras

medidas e contextos, também nas próximas *pranchas*, por se tratar de um tema que permeou toda a vida do escritor.

Antonio Di Benedetto foi um escritor admirado pelos seus pares na Argentina e na América Latina. Ao longo da vida, sua narrativa foi elogiada por vários dos mais importantes autores da época. Muitos documentos, guardados pelo próprio autor, demonstram como para Di Benedetto essas leituras eram importantes, a tal ponto que, em um de seus últimos livros de contos publicado em Barcelona em 1981, *Caballo en el salitral*, ele inclui nas primeiras páginas as reproduções de três cartas enviadas ao autor por Julio Cortázar, Jorge Luis Borges e Manuel Mujica Lainez. Aponto abaixo um fragmento da carta do autor de *Rayuela* (1963) com elogiosas críticas à literatura de Di Benedetto e, principalmente, ao conto *Aballay*. Esse conto está presente tanto na publicação mencionada como na coletânea de contos anterior, *Absurdos* (1978). No conto, um dos personagens é um gaúcho do pampa do século XVIII que fica sentado sobre seu cavalo como um estilita, cumprindo uma pena a que ele mesmo se condenou por ter cometido um assassinato.

Figura 9 - Carta de Julio Cortázar a Antonio Di Benedetto



De Antonio Di Benedetto sólo conocía una novela, *Zama*, que precede por muchos años a «Aballay»; el recuerdo de esa lectura coincide con lo que acabo de sentir frente a esta historia de un estilita pampeano que cambia las columnas legendarias de la Tebaida por caballos criollos de los que se niega a desmontar mientras no se sepa lavado de una culpa, de una muerte.

Ese sentimiento es el del anacronismo, pero la palabra no debe ser entendida con la carga de negatividad que casi siempre tiene en materia literaria. Di Benedetto pertenece a ese infrecuente tipo de escritor que no busca la reconstrucción arqueológica del pasado —como «Salammbô», como «La gloria de Don Ramiro», sino que *está* en ese pasado y, precisamente por eso, nos acerca a vivencias y a comportamientos que guardan toda su inmediatez en vez de llegarnos como una evocación, como una exhumación.

Pienso en esos raros y preciosos autores para quienes la imaginación se da por decirlo así hacia atrás en el tiempo; me acuerdo, claro, del «Vathek» de Beckford, y sobre todo de los relatos de Karen Blixen, que también fue Izaak Dinesen como para

10

insinuar con el doble nombre esa metempsicosis al revés, esa reinstalación tan natural y perfecta en un tiempo dejado atrás por la historia y por la literatura —su reflejo, su vitral.

En «Aballay» esta presencia desde el pasado se da como en un juego óptico alucinante: el personaje se sitúa en el tiempo mental y místico de los estilitas, y el autor en el tiempo del personaje, la pampa argentina del siglo diecinueve.

Un pasado próximo se hunde así en otro pasado remoto; de ese juego de ecos temporales nace, creo, la intensa reverberación de «Aballay», su caracol abondando en el oído del lector una interminable teoría de retrocesos; y la gran maravilla es que se retrocede hacia adelante, hacia cada uno de nosotros mismos con nuestras culpas y con nuestras muertes, con la esperanza de un rescate que hace del gaucho Aballay uno de tantos argentinos de hoy, de ahora.

JULIO CORTÁZAR

París

Fonte: Carta de Julio Cortázar a Antonio Di Benedetto publicada em *Caballo en el salitral* – 1981[28]

[28] Tradução nossa: De Antonio Di Benedetto conhecia apenas um romance, *Zama*, que precede "Aballay" por muitos anos; a memória dessa leitura coincide com o que acabei de sentir diante dessa história de um estilita dos pampas que muda as lendárias colunas dos cavalos Tebaida para cavalos crioulos que ele se recusa a desmontar enquanto não souberem da sua culpa, uma morte. Esse sentimento é o do anacronismo, mas a palavra não deve ser entendida com o fardo da negatividade que quase sempre tem em questões literárias. Di Benedetto pertence a esse tipo raro de escritor que não busca a reconstrução ideológica do passado, como *Salambó*, como *A glória de Don Ramiro*, mas que está nesse passado e, justamente por isso, nos aproxima de experiências e comportamentos que mantêm todo o seu imediatismo em vez de chegar até nós como uma evocação, como uma exumação. Penso naqueles autores raros e preciosos para os quais a

Como acontece em diversas leituras dos romances e contos de Di Benedetto, a relação com *Zama* (1956) é sempre muito central. *Zama* (1956) é o romance mais importante e comentado do autor. Cortázar inicia com essa relação a sua opinião sobre "*Aballay".* Em suas palavras: "De Antonio Di Benedetto sólo conocía una novela, Zama, que precede por muchos años a "Aballay"; el recuerdo de esa lectura coincide con lo que acabo de sentir frente a esta historia…" (CORTÁZAR, 1981). Após essa afirmação, Cortázar destaca a característica de anacronismo da narrativa dibenedettiana. Esse anacronismo é também o que sentimos lendo esses documentos que são exumados do passado para entender como se foi gestando a crítica dibenedettiana, como o autor foi lido por gerações de pesquisadores anteriores e como os acontecimentos históricos e mesmo as teorias hegemônicas de cada período foram pautando essas leituras.

A importância dada a esse tipo de documentos por parte de Di Benedetto parece fazer-se mais latente principalmente depois do seu encarceramento durante a ditadura militar, que conseguiu durante muitos anos obliterar a importância do autor na Argentina. O esquecimento sofrido por Antonio Di Benedetto durante sua prisão por motivos políticos, seus anos de exílio e o retorno ao seu país em 1984, foi retratado em muitas matérias jornalísticas anteriores e posteriores a sua morte.

Podemos destacar, por exemplo, uma matéria publicada na revista *El Periodista* de 12 de setembro de 1986, ou seja, um mês antes da morte de Di Benedetto. *El Periodista* surge na Argentina no ano seguinte à recuperação da democracia. A revista foi responsável pela publicação de importantes textos políticos de jornalistas de renome, entre os quais se destaca Horacio Verbitsky. A matéria publicada sob o título "Antonio Di Benedetto: batalla contra el olvido", assinada por Alberto González Toro, inicia desta maneira: "Enfermo, solo, casi olvidado por los hacedores de famas y glorias, Antonio Di Benedetto se ha refugiado en sus sueños, que él define como "sombras (y algo más)"

---

imaginação é, por assim dizer, voltar no tempo; Lembro-me, é claro, do *Vathek* de Beckford e, especialmente, das histórias de Karen Blixen, que também era Izaak Dinesen, para insinuar essa metempsicose de cabeça para baixo com o nome duplo, aquela reintegração natural e perfeita em um tempo deixado para trás pela história e pela literatura – seu reflexo, seu vitral. Em "Aballay" essa presença do passado ocorre como em um jogo ótico incrível: o personagem está situado no tempo mental e místico dos estilitas e o autor no tempo do personagem, o pampa argentino do século XIX. Um passado próximo afunda assim em outro passado remoto; desse jogo de ecos temporais, acredito, nasce a intensa reverberação de "Aballay", seu caracol aprofundando no ouvido do leitor uma teoria interminável de contratempos; e a grande maravilha é que ele se move para trás em direção a cada um de nós com nossas falhas e com nossas mortes, com a esperança de um resgate que faça do gaúcho Aballay um dos muitos argentinos de hoje. (CORTÁZAR Apud. BENEDETTO, 1985:11)

(GONZALEZ TORO, 1986). Ao longo da matéria, o autor expõe alguns fragmentos de entrevistas de Di Benedetto realizadas antes do seu encarceramento e realiza um percurso crítico, passando por toda a obra do autor. Esse é, possivelmente, um dos últimos textos publicados sobre Di Benedetto durante a vida do escritor. Uma pequena seção intitulada "Liberal, antiperonista, anticomunista" faz parte da mesma matéria. O autor da matéria menciona uma frase pronunciada por Di Benedetto no momento de sua chegada ao país natal:

> Noto que estoy volviendo a vivir la atmosfera de la cárcel, y que todo lo negativo se me queda prendido justamente por evocarlo con la palabra. Y entonces ya no me queda sosiego. Desde que llegué a la Argentina, no duermo. (DI BENEDETTO, 1984: 29) [29]

Aponto abaixo para a imagem desse documento que vai desencadear relações com outros textos na montagem da "Prancha 1: Literatura":

Figura 10 - Antonio Di Benedetto: batalla contra el olvido

CULTURA

UNO DE LOS GRANDES DE LA LITERATURA ARGENTINA QUE SIEMPRE PERMANECIO AJENO A LAS MODAS Y A LA PROMOCION

ANTONIO DI BENEDETTO: BATALLA CONTRA EL OLVIDO

LIBERAL, ANTIPERONISTA, ANTICOMUNISTA

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/adb-contra-el-olvido/

Esse documento é importante porque também é formado por fragmentos de textos anteriores que estão presentes no nosso Fundo Virtual. No começo da matéria, o autor aponta para um fragmento de uma entrevista realizada pelo jornalista Rodolfo Braceli

[29] Tradução nossa: Percebo que estou revivendo a atmosfera da prisão e que tudo de negativo fica preso em mim justamente por evocá-lo com a palavra. E então eu não tenho paz. Desde que cheguei na Argentina, não durmo. (DI BENEDETTO, 1984: 29)

com Antonio Di Benedetto em 1971, em Mendoza[30]. Essa entrevista é uma das mais impactantes já realizadas com o autor e foi publicada quando Antonio Di Benedetto ainda não tinha sofrido os momentos mais devastadores da sua vida. O trabalho de Rodolfo Braceli, que entrevistamos em Buenos Aires em 2015, é extremamente criativo. Nesse documento percebemos características de uma personalidade simpática, otimista e sonhadora de Antonio Di Benedetto. Comparando essa entrevista com outras realizadas após sua prisão e exílio, percebemos a mudança profunda e a angústia que tomou conta do autor, apagando seu humor sofisticado.

Cabe destacar que a revista *Gente*, onde a entrevista foi publicada, foi fundada em 1956, e seu posicionamento com relação à ditadura militar nunca foi de oposição, e sim, por momentos, até de simpatia. Sobre esse assunto podemos destacar um fragmento de um texto de Juan Pablo Feinmann publicado no jornal argentino *Página/12* em 2003, intitulado *"Gente* es el medio y el mensaje*"*. Nesse texto, Feinmann aponta para a glamourização dos entrevistados pela revista ao longo dos anos e destaca uma matéria que retratava o general Jorge Rafael Videla, responsável pelo golpe de 1976 na Argentina. De acordo com Feinmann:

> En *Gente*, Videla se afloja. Su cara pierde esa rigidez esquelética, huesuda y hasta espectral. Sonríe. Come y hace deportes. Charla livianamente. Festeja la Navidad. También Agosti. También Massera. Mírenlos: son seres humanos, tiernos en la intimidad, duros en la militancia contrainsurgente. (FEINMANN, 2003)[31]

Realizadas as devidas advertências sobre a revista em questão, citamos um fragmento da entrevista de Rodolfo Braceli, realizada anos antes do golpe militar e em um contexto totalmente diferente. Para realizar a entrevista, Braceli publicou as características do entrevistado que haviam sido mencionadas com antecedência pelo próprio. A autoimagem de Antonio Di Benedetto publicada por Braceli é a seguinte:

> Soy argentino, pero no he nacido en Buenos Aires, nací el día de los muertos del año 22, música para mí, la de Bach y la de Beethoven y el cante jondo.

[30] BRACELI, Rodolfo: "Un escritor en serio" em *Gente* Buenos Aires, Dezembro de 1971, p,86.

[31] Matéria disponível em: https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-29841-2003-12-28.html . Acessado em: 20/10/2019.Tradução nossa: Em *Gente*, Videla se solta. Seu rosto perde a rigidez esquelética, óssea e até espectral. Sorri. Come e pratica esportes. Fala levemente. Celebra o Natal. Agosti também. Massera também. Olhe para eles: são seres humanos, carinhosos na intimidade, duros na militância contrainsurgente. (FEINMANN, 2003)

> Bailar no sé, nadar no sé, beber sí sé. Auto no tengo. Prefiero la noche. Prefiero el silencio. (BENEDETTO, 1986: 86)[32]

Esses apontamentos serão os norteadores da entrevista realizada por Braceli. Dessa forma, as seções que dividem esse documento são denominadas da seguinte maneira: "Se me ocurrió contar", "El asunto Buenos Aires", "El oficio, los ruidos", "Beethoven", "Las dos literaturas", "Los suicidas", "La madre", "La confesión" entre outros. Gostaria de destacar alguns desses pontos que são elucidativos a respeito de diferentes nuances na vida e na literatura do autor. Vale desde já salientar que trabalhos como o de Braceli também se aproximam muito da nossa concepção de arquivo como montagem de tempos e imagens. Essa matéria em si é uma montagem de assuntos que colaboram para um conhecimento amplo a respeito do autor.

Vamos apontar, por exemplo, a seção intitulada "El asunto Buenos Aires". Nesse fragmento, o entrevistador faz um questionamento a respeito do posicionamento de Antonio Di Benedetto com relação à cidade de Buenos Aires. Braceli dirá: "¿Como pudo prescindir de esa "desembocadura" casi fatal de los argentinos?" (BRACELI, 1971). Di Benedetto responderá de uma forma muito direta. Dirá, entre outras razões, que Buenos Aires o deixaria distraído. Ele precisava ficar na sua cidade, pois a sua literatura dependia de uma grande concentração, ele afirma: "Los elementos de la realidad que me han incentivado, puedo desarrollarlos, juego de vivir en la calle, en un cuarto cerrado" (BENEDETTO, 1971). Abaixo aponto para a imagem de uma das páginas da entrevista que pode ser também acessada no Fundo Virtual.

Figura 11 - Un escritor en serio

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/un-escritor-en-serio/

[32] Tradução nossa: Sou argentino, mas não nasci em Buenos Aires, nasci no dia dos mortos do ano 22, música para mim, a de Bach, a de Beethoven e o *cante jondo*. Dançar não sei, nadar não sei, beber sim, eu sei. Carro eu não tenho. Prefiro a noite. Prefiro o silêncio. (BENEDETTO & BRACELI, 1986: 86)

Como podemos observar na resposta, Di Benedetto afirma que o quarto, o silêncio e o afastamento foram muito importantes para a sua criação. Estar longe de Buenos Aires também era estar longe dos ruídos e das distrações. A sua obsessão pelo silêncio era tão grande que intitulou um de seus livros *El silenciero* (1964). Sobre esse tema, Rodolfo Braceli também pergunta ao autor :

> – Usted escribió otra novela titulada *El silenciero* ¿A usted los ruidos parecen dañarlo, parecen herirlo, no es cierto?
>
> – Sí, sobre todo en una época, los ruidos me hacían mucho mal. Yo para escribir los corría. Ponía la "Sinfonía coral" de Beethoven. Inundado de esa música escribía. El manto coral de Beethoven me defendía de las punzadas de los ruidos. (BENEDETTO, 1984:86)[33]

No romance, o personagem principal sofre as perturbações causadas pelos ruídos que entram na sua casa, atormentando a sua vida de uma maneira kafkiana. Este e outros relatos de Antonio Di Benedetto falam muito também do próprio autor, assim como vimos na entrevista realizada por Braceli.

3.2 Na fronteira dos gêneros

A escrita de Di Benedetto é caracterizada por frases curtas e densas, com um uso do espanhol minuciosamente trabalhado. Como comenta Liliana Heer em um texto testemunhal de 1996, em que relembra a nomeação do romance de Di Benedetto *Sombras, nada más* (1985) ao prêmio Boris Vian, em Buenos Aires, no ano de 1985, após seu retorno à Argentina:

[33] Tradução nossa: – Você escreveu outro romance intitulado *El silenciero*. Você acha que os barulhos parecem prejudicá-lo, parecem machucá-lo, não é? – Sim, especialmente uma época, os barulhos me faziam muito mal. Eu fugia deles para escrever. Colocava a "Sinfonia coral" de Beethoven. Inundado com a música, eu escrevia. A capa de coral de Beethoven me defendeu das dores do barulho. (DI BENEDETTO, 1984: 86)

Figura 12 - Homenagem de Liliana Heer

Frase construída por desposesión. Partida la esfera de la doxa emerge una criatura: taladro y corteza.
Socavar por negación, hacer existir en su densidad pura la palabra justa, única, la que imprime a la materia no sólo el nombre sino también el tono. Un consejo de Wittgenstein: No busques el significado de una palabra, encuentra más bien el empleo que de ella se hace.

Llovía no agua: negación revertida, libertad en un contexto opresor. Llover no agua, no nieve, es, más acá de la materia, forzamiento de la naturaleza, toma de poder. Ni sumisión ni ofrenda. Venganza. Venganza sin vencedores, confrontación. Igual ocurre con el tratamiento de objetos y seres vivos.

Venganza e ironía:
"¿Por qué me festeja el perro. Por mis perradas?"
La burla parte el topos dramático; no permite héroes, tampoco víctimas. En "Cínico y ceniza", X, después de asistir al velorio del amigo a quien ha traicionado, recorre, precedido por el perro del muerto, el terreno que antes estuviera cubierto por ceniza. Ante el afecto del animal, se pregunta:
"¿Por qué me festeja el perro. Por mis perradas?"
Razonamiento que implica una lógica azarosa. Al depender del azar, el bien y el mal pierden sentido.

Ironía y tragedia:
En la pampa no hay columnas pero Aballay (personaje perteneciente al relato de igual nombre) escuchó el sermón de un fraile sobre los estilitas. Aballay ha dado muerte a un hombre y él también quiere hacer penitencia. Decidió despegarse de la tierra y pasar el resto de sus días montado a un caballo.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/hom-liliana-heer/[34]

Esse tipo de jogo com as palavras e essa formulação de frases curtas e fortes caracteriza toda a obra literária de Di Benedetto. É como um tipo de assinatura que identifica o autor. Essas formas sintáticas não aparecem somente nas suas obras ficcionais, mas também em sua escrita jornalística.

Por outro lado, a narrativa de Di Benedetto sempre foi muito relacionada à estética objetivista do *nouveau roman* francês, cujo representante de maior alcance foi o escritor Alain Robe-Grillet. Entre os críticos e escritores que aproximaram Di Benedetto desse

[34] Transcrição: Tenía inclusive algunas anotaciones sobre el libro *Absurdos*, que compartí con Di Benedetto. Cierto punteo de su dibenedettiano hábito de poner salmuera en la sintaxis: "llovía, no agua; llovía, no nieve: cenizas" (de "Cínico y Ceniza") […] Frase construida por desposesión. Partida la esfera de la *doxa* emerge una criatura: taladro y corteza. Socavar por negación, hacer existir en su densidad pura la palabra justa, única, la que imprime a la materia no sólo el nombre sino también el tono. Un consejo de Wittgenstein: "No busques el significado de una pura palabra, encuentra más bien el empleo que de ella se hace." Llovía no agua: negación revertida, libertad en un contexto opresor. Llover no agua, no nieve, es, más acá de la materia, forzamiento de la naturaleza, toma de poder. Ni sumisión ni ofrenda. Venganza. Venganza sin vencedores, confrontación. Igual ocurre el tratamiento de objetos y seres vivos […] (HEER, 1996:2)

Tradução nossa: Inclusive eu tinha algumas anotações sobre o livro *Absurdos*, que compartilhei com Di Benedetto. Um certo apontamento sobre seu hábito dibenedettiano de colocar salmoura na sintaxe: "chovia, não água; chovia, não neve: cinzas" (de "Cínico y Ceniza") […] Frase construída por desapropriação. Partida a esfera da *doxa*, emerge uma criatura: broca e crosta. Escavar por negação, fazer existir em sua pura densidade a palavra justa, única, a que imprime à matéria não só o nome, mas também o tom. Um conselho de Wittgenstein: "Não procure o significado de uma palavra pura, encontre o uso que dela se faz." Chovia não água: negação revertida, liberdade em um contexto opressor. Chover não água, não neve, é, mais perto da matéria, violação da natureza, tomada de poder. Nem submissão, nem oferta. Vingança. Vingança sem vencedores, confronto. O mesmo acontece com o tratamento de objetos e seres vivos […] (HEER, 1996: 2)

tipo de gênero literário podemos mencionar Federico Peltzer e Abelardo Arias. Um conto em especial, publicado em 1958 com o nome de "El abandono y la pasividad", incluído em *Declinacion y ángel* (1958), é apontado como uma narrativa que antecede o *nouveau roman* por esse tipo de narrativa ter sido cunhado oficialmente somente nos anos 60. O conto não tem personagens humanos e ocorre todo no interior de uma casa onde os objetos, apesar de não criarem vida como nas fábulas, parecem interagir entre si em uma sequência de acontecimentos não intencionais. A seguir apresento um fragmento desse conto em que podemos identificar essas características:

> Una piedra, una piedra vulgar de acequia, sin aviso, ni apoyo de congéneres consigue lo que antes no logró su familia menor, blanca y efímera: la del granizo.
> Rasga la castidad del vidrio de la ventana y trae consigo el aire, que es libertad, pero pierde la suya, cayendo prisionera del cuarto.
> Sin la unidad que contribuía a hacerlo estable, el vidrio se descuelga de prisa y arrastra en su perdición al hermano hecho vaso. Lo abate con su peso muerto y se confunden las trizas entre una expansión desordenada de agua que, tan de improviso sin claustro, no sabe qué hacerse, va a todas partes, ante todos al papel que resultava intocable vecino. (BENEDETTO, 2005:188)[35]

Sobre esse assunto, é interessante mencionar o programa de entrevistas do jornalista espanhol Joaquín Soler Serrano, que teve Di Benedetto como convidado em 1978, e que em outras ocasiões recebeu personalidades importantes da cultura da época, como Jorge Luis Borges, Salvador Dalí, Julio Cortázar, Juan Rulfo e tantos outros. A entrevista foi publicada em uma coletânea organizada pelo próprio Soler Serrano e também se encontra no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto[36].

---

[35] Tradução nossa: Uma pedra, uma pedra vulgar de vala, sem aviso ou apoio de congêneres, alcança o que sua família menor, branca e efêmera, não havia alcançado antes: a do granizo. [...] Rasga a castidade do vidro da janela e traz consigo o ar, que é a liberdade, mas perde a sua, caindo prisioneira da sala. [...] Sem a unidade que ajudou a torná-lo estável, o vidro escapa rapidamente e arrasta, em sua perdição, o irmão feito copo. Abate-o com seu peso morto, e os fragmentos se confundem em uma desordenada expansão da água que, tão inesperadamente sem claustro, não sabe o que fazer, vai a todo lugar, antes de tudo, ao papel que parecia um vizinho intocável. (BENEDETTO, 2005: 188)

[36] O texto também pode ser consultado em *Antonio Di Benedetto: Escritos periodísticos* (2016).

Figura 13 - Entrevista a Joaquín Soler Serrano

Joaquín Soler Serrano
presenta
"MIS PERSONAJES FAVORITOS"
Resumen de las más famosas entrevistas en el programa «A fondo»

77 ANTONIO DI BENEDETTO

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-a-serrano/

O texto também se encontra em *Antonio Di Benedetto: escritos periodísticos* (2016), livro que reúne a obra jornalística do autor publicada na Argentina, organizado por Liliana Reales.

Na entrevista, Di Benedetto menciona um encontro com o próprio Robbe-Grillet em um dos festivais de Berlim durante um coquetel organizado pela embaixada francesa por causa de um filme participante. Ele conta que confrontou de maneira amigável o autor francês, perguntando sobre a suposta polêmica que os envolvia. Di Benedetto perguntou a Robe-Grillet em qual data, exatamente, ele e seu grupo haviam cunhado essa denominação de gênero literário. Durante o coquetel, eles não entraram em mais detalhes, mas combinaram de se encontrar no hotel onde Robe-Grillet estava hospedado, que, por coincidência, era o mesmo de Di Benedetto, para aclarar o assunto. Mas as coincidências não pararam por aí. Di Benedetto estava alojado no quarto ao lado de Robe-Grillet, onde eles se encontraram para debater. Assim, Di Benedetto relembra as palavras do francês na entrevista a Soler Serrano:

> […] ni yo ni usted somos los creadores del objetivismo, piense lo siguiente: usted y yo, hemos escrito por reacción contra algo. Y el mismo efecto lo pueden haber sentido varias personas en el mundo al mismo tiempo, con esta característica o condición determinante: que cuando alguien busca reaccionar contra algo los medios pueden ser los mismos, aquí o en otro lugar. Nuestro rechazo contra un tipo de literatura nos hizo escribir de otra manera. Y para escribir de otra manera usamos, para hacer nuestra propia composición,

> recursos que estaban en todas partes, especialmente a través del cine. (DI BENEDETTO, 2016:527)[37]

Detenho-me nesse assunto para mencionar outro arquivo pertencente a essa prancha. Trata-se de um texto escrito por Juan Jacobo Bajarlía, escritor que teve uma intensa relação de amizade com o autor. Eles se comunicaram por cartas enquanto Antonio Di Benedetto estava preso na Unidade 9 de La Plata, o que será abordado na "Prancha 2: Detenção". Aqui apenas quero destacar um texto de Bajarlía publicado inicialmente em 1966, na revista *Comentario*, e posteriormente no livro *Ficciones argentinas: antologia de lecturas críticas* (2004), presente no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, em que também é realizada uma aproximação da obra de Di Benedetto com o objetivismo, ou *nouveau roman*.

Figura 14 – Fragmento de *Ficciones Argentinas* (2004)

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/objetivismo-bajarlia/

No texto "Antonio Di Benedetto y el objetivismo", Bajarlía desenha uma pequena genealogia dos escritores da cidade natal de Di Benedetto, Mendoza, e cita a visita de Ernesto Sabato ao local, em 1953.

---

[37] Tradução nossa: Nem eu nem você somos os criadores do objetivismo, pense o seguinte: você e eu, escrevemos por reação contra algo. E o mesmo efeito pode ter sido sentido por várias pessoas no mundo ao mesmo tempo, com essa condição característica ou determinante: que quando alguém procura reagir contra algo, os meios podem ser os mesmos, aqui ou em outro lugar. Nossa rejeição a um tipo de literatura nos fez escrever de outra maneira. E, para escrever de outra forma, usamos, para fazer nossa própria composição, recursos que estavam por toda parte, especialmente através do cinema. (DI BENEDETTO, 2016:527)

> Rodeado por esa nueva generación, el escritor porteño aseguró que todo relato sin apoyaturas, sin referencias inmediatas, sin el hombre mismo, se convertiría en una narración deshumanizada, imposible. Antonio Di Benedetto recogió ese desafío. (BAJARLÍA, 2004:246)[38]

São importantes informações como essas que fazem funcionar as engrenagens desse arquivo. Ernesto Sabato será importante para Antonio Di Benedetto, tanto para a obra do escritor mendocino, como afirmado por Bajarlía, quanto para a sua vida pessoal. Cabe mencionar que o autor de *El túnel* (1948), junto com a amiga pessoal de Di Bendetto, a artista plástica Adelma Petroni, o escritor Abelardo Arias, o poeta alemão Henrich Böll e Bajarlía, foram os principais agentes na elaboração de uma estratégia para conseguir a liberação de Di Benedetto do cárcere.

Na entrevista a Soler Serrano, Antonio Di Benedetto especifica contra qual tipo de literatura estava reagindo, a literatura de Balzac. Nas palavras do autor: "[...] yo trataba de hacer cada vez una forma distinta, eso me vino por un gran cansancio, porque alguien, me embarcó en leer Balzac [...] y después de un tiempo me di cuenta que me había empalagado" (BENEDETTO, 2016:527)[39]. Essa oposição ao naturalismo, procurada por Robe-Grillet, foi o que aproximou as formas literárias dos dois autores, mesmo estando um na Argentina e o outro na França.

Suas obras, apesar de terem semelhanças em algumas temáticas e estilo, têm a característica de serem dificilmente posicionadas em uma ou outra corrente literária. Seus livros já foram aproximados ao existencialismo por Juan José Saer na introdução da *Trilogia da Espera*, publicação contendo os romances mais importantes de Di Benedetto, *Zama, El silenciero e Los suicidas*. *S*ua escrita já foi caracterizada como objetivista, como afirmamos anteriormente; seus contos têm características por vezes surrealistas, como defendem artigos como o de Marcos Zangrandi, "Elementos de la vanguardia surrealista en la obra de Antonio Di Benedetto" (2003). A obra mais aclamada de Di Benedetto, *Zama,* desperta até os dias atuais discussões sobre sua inserção ou não no gênero

---

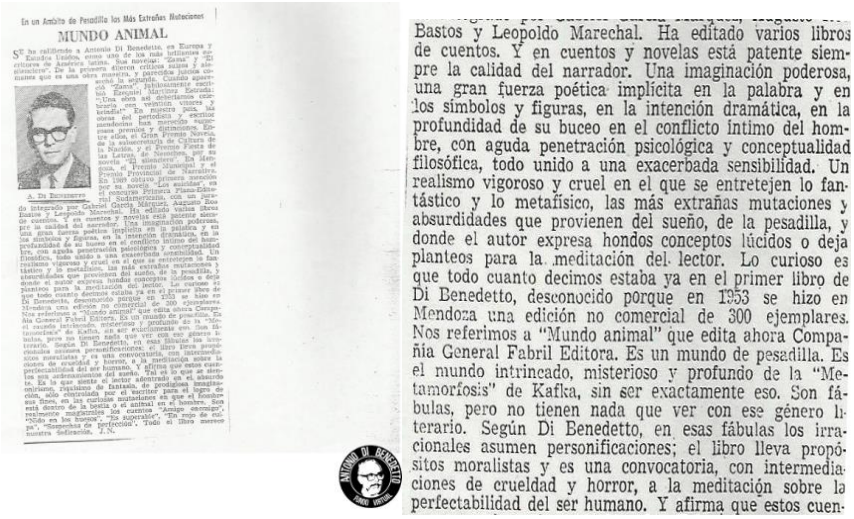
[38] Tradução nossa: Cercado por essa nova geração, o escritor de Buenos Aires garantiu que qualquer história sem apoio, sem referências imediatas, sem o próprio homem, se tornaria uma narrativa desumanizada e impossível. Antonio Di Benedetto aceitou o desafio. (BAJARLÍA, 2004: 246)

[39] DI BENEDETTO, Antonio. *Escritos Periodísticos*. Compilación de Liliana Reales. Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo, 2016. p. 527

histórico. Enfim, sua obra literária tem muitas nuances diferentes, e inúmeras interpretações.

Observemos uma matéria de Joaquín Neyra, publicada no jornal *La Razón* em 1972, a respeito do livro de contos *Mundo animal*. Apesar de a matéria ser de quase 20 anos após a primeira publicação do livro, observamos aqui um texto que coloca a escrita e o papel de escritor de Di Benedetto em um alto escalão. Ao lado de uma foto do escritor jovem, a sua obra literária é mencionada como tendo uma grande força poética implícita, em um profundo mergulho nos conflitos mais íntimos do ser humano.

Figura 15 – Mundo animal – La Razón – 1972



En un Ámbito de Pesadilla los Más Extrañas Mutaciones

MUNDO ANIMAL

Bastos y Leopoldo Marechal. Ha editado varios libros de cuentos. Y en cuentos y novelas está patente siempre la calidad del narrador. Una imaginación poderosa, una gran fuerza poética implícita en la palabra y en los símbolos y figuras, en la intención dramática, en la profundidad de su buceo en el conflicto íntimo del hombre, con aguda penetración psicológica y conceptualidad filosófica, todo unido a una exacerbada sensibilidad. Un realismo vigoroso y cruel en el que se entretejen lo fantástico y lo metafísico, las más extrañas mutaciones y absurdidades que provienen del sueño, de la pesadilla, y donde el autor expresa hondos conceptos lúcidos o deja planteos para la meditación del lector. Lo curioso es que todo cuanto decimos estaba ya en el primer libro de Di Benedetto, desconocido porque en 1953 se hizo en Mendoza una edición no comercial de 300 ejemplares. Nos referimos a "Mundo animal" que edita ahora Compañía General Fabril Editora. Es un mundo de pesadilla. Es el mundo intrincado, misterioso y profundo de la "Metamorfosis" de Kafka, sin ser exactamente eso. Son fábulas, pero no tienen nada que ver con ese género literario. Según Di Benedetto, en esas fábulas los irracionales asumen personificaciones; el libro lleva propósitos moralistas y es una convocatoria, con intermediaciones de crueldad y horror, a la meditación sobre la perfectabilidad del ser humano. Y afirma que estos cuen-

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto – Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/mundoanimal-razon/[40]

Mundo animal (1953) recebeu em 1954 o prêmio *Faja de honor de la SADE* (Sociedade Argentina de Escritores), que teve Jorge Luis Borges como um dos jurados.

[40] Tradução nossa: Editou vários livros de contos. E tanto em seus contos como em seus romances está presente sempre a qualidade do narrador. Uma imaginação poderosa, uma grande força poética implícita nas palavras, nos símbolos e figuras, a intenção dramática na profundidade do seu mergulho no conflito mais íntimo do homem, com uma aguda penetração psicológica e conceitualização filosófica, tudo isso junto a uma exacerbada sensibilidade. Um realismo vigoroso e cruel, no qual se entrecruzam o fantástico e o metafísico, as mais estranhas mutações e absurdidades que provêm do sonho, dos pesadelos, e onde o autor expressa profundos conceitos lúcidos ou deixa propostas para a meditação do leitor. O curioso é que tudo o que falamos estava desde já presente no primeiro livro de Di Benedetto, desconhecido porque, em 1953, foi feita em Mendoza uma edição com somente 300 exemplares. Referimo-nos a "Mundo animal" editado agora pela Companhia General Fabril Editora. É um mundo de pesadelos. É o mundo intrincado, misterioso e profundo de "A metamorfose" de Kafka, sem ser exatamente isso. São fábulas, mas não têm nada a ver com esse gênero literário. Segundo Di Benedetto, nessas fábulas os irracionais assumem personificações; o livro tem propósitos moralistas e é uma convocação, com intermediações de crueldade e horror, à meditação sobre a perfectibilidade do ser humano. (NEYRA, J, 1972: n.p) (tradução nossa)

Di Benedetto receberia esse prêmio novamente em 1976 por seu livro *El juicio de Dios* (1975). No momento da publicação dessa matéria jornalística, Di Benedetto já tinha publicado outros livros importantes, como *Zama* (1956), *El silenciero* (1964) e *Los suicidas* (1969).

Zama (1956) é um livro de diferentes facetas, onde se descrevem com liberdade criativa as andanças de um funcionário público do Vice-Reino do Rio do Prata durante o final do século XVIII. Preso a uma angústia constante, ele aguarda por uma transferência laboral enquanto sua personalidade sofre transformações. Essa obra elevou Di Benedetto ao status de um dos narradores mais importantes do século XX. As interpretações desse livro respondem às mais diversas óticas e emanam de diferentes países e culturas. Em 2017 foi lançada uma leitura cinematográfica de *Zama* da diretora argentina Lucrecia Martel. O filme, intitulado também *Zama*, recebeu vários prêmios internacionais[41] e foi selecionado para representar o país no Oscar de melhor filme estrangeiro de 2018. No mesmo ano, o escritor e Nobel de literatura de 2003, John Maxwell Coetzee, escreveu uma elogiosa resenha de *Zama* intitulada "A great writer we should know", publicada em janeiro de 2017 na revista *The New York Review of Books*[42].

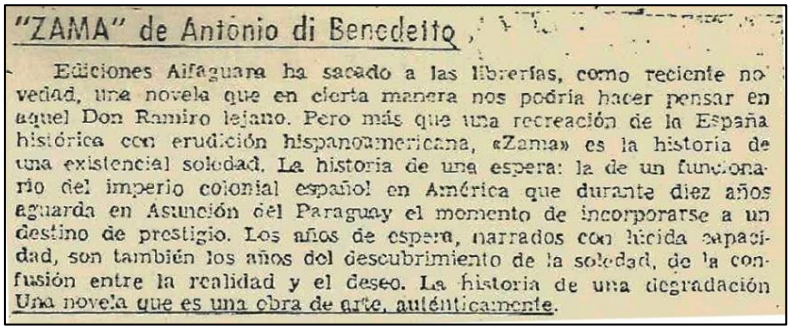
Destaco, a seguir, uma matéria escrita em Madri em 1979 e publicada no jornal *La verdad*, na qual o livro de Di Benedetto é descrito como uma "verdadeira obra de arte", relacionando a obra com outro livro chamado *La gloria de Don Ramiro*. Vale apontar que esse clássico mencionado na matéria, escrito no início do século XX pelo escritor argentino Enrique Larreta, é uma obra chave para a criação de um gênero de romance que tem uma relação livre com a história. O livro de Larreta, assim como o de Di Benedetto, foi traduzido para diversas línguas e se transformou em um ícone do modernismo. Aponto abaixo a matéria mencionada:

---

[41] Podemos destacar, entre tantos outros, o prêmio de Melhor Direção do Festival de Havana em 2017. O Prêmio de Melhor Direção de Arte do Festival, Prêmio Platino de Cinema Ibero-americano, o Prêmio Sur de Melhor Filme, além de uma grande quantidade de indicações para vários outros prêmios, inclusive no Festival de Veneza de 2017.

[42] O artigo de J.M. Coetzee foi publicado pela primeira vez em espanhol em: REALES, Liliana (Editora). *Homenaje a Antonio Di Benedetto*. "Antonio Di Benedetto. *Zama*" Tradução de Byron Oswaldo Vélez Escallón. Mendoza, Edifyl, UNCuyo, 2017.

Figura 16 – “Zama” de Antonio Di Benedetto - La Verdad - 1979



“ZAMA” de Antonio di Benedetto

Ediciones Alfaguara ha sacado a las librerías, como reciente novedad, una novela que en cierta manera nos podría hacer pensar en aquel Don Ramiro lejano. Pero más que una recreación de la España histórica con erudición hispanoamericana, «Zama» es la historia de una existencial soledad. La historia de una espera: la de un funcionario del imperio colonial español en América que durante diez años aguarda en Asunción del Paraguay el momento de incorporarse a un destino de prestigio. Los años de espera, narrados con lúcida capacidad, son también los años del descubrimiento de la soledad, de la confusión entre la realidad y el deseo. La historia de una degradación Una novela que es una obra de arte, auténticamente.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/zama-laverdad-79/[43]

Nessa mesma prancha adicionamos contos publicados em jornais argentinos e espanhóis. Entre esses contos, encontramos alguns que ficaram inéditos até 2009, quando Julio Premat e Jimena Néspolo editaram o conjunto dos contos do autor. É interessante perceber como, por trás de cada conto, existe uma história de leituras e de edições. Refiro-me, por exemplo, a “El llamador de bronce”, publicado em 1984 no jornal *Clarín*. Esse conto é um dos que se mantiveram inéditos até a criação da antologia de 2009. No entanto, devo destacar que Teresita Mauro mencionou-o em sua tese de doutorado, defendida em 1992 na Universidade Complutense de Madri, e enfatizou que ele nunca havia sido incluído em nenhum livro. Destaco as palavras de Teresita Mauro a respeito desse conto, que aparece mencionado com outro título: “Manos en la noche”. A mudança foi realizada pelo autor na segunda publicação do texto, na revista *Construyendo* nº10, de Buenos Aires, em novembro de 1985. Segundo Teresita Mauro, as duas versões se diferenciam pelo tamanho do conto, sendo a primeira versão a mais breve.

> Cuento no recogido en antología ni libro. Este fue uno de los primeros cuentos que Di Benedetto publicó a su regreso al país, después de los altos de exilio. La ambientación del relato, las calles de Mendoza, la soledad del protagonista anónimo acosado por el temor que se cierne sobre las calles vacías y la presencia de soldados armados hacen suponer la reconstrucción del horror

[43] Tradução nossa: “ZAMA” de Antonio Di Benedetto – A editora Alfaguara lançou nas livrarias, como novidade mais recente, um romance que, de certa forma, poderia nos remeter àquele Dom Ramires longínquo. No entanto, mais do que uma recriação da Espanha histórica com erudição hispano-americana, *Zama* é a história de uma solidão existencial. A história de uma espera: a de um funcionário do império colonial espanhol na América que durante dez anos aguarda em Assunção do Paraguai o momento de incorporar-se a um destino prestigiado. Os anos de espera são narrados com uma lúcida capacidade, são anos de descobrimento da solidão, da confusão entre realidade e desejo. A história de uma degradação. Um romance que é autenticamente uma obra de arte. (LA VERDAD, 1979)

> vivido y el reencuentro con su caso. […] Por la noche, el protagonista deambula por las acechantes calles plagadas de miedos secretos. Sólo busca a alguien que le tienda una mano amiga. La única mano que encuentra es la de un antiguo llamador de bronce adosado a una puerta (CASTELLARIN, 1992:709)[44]

Continuo com outro conto que foi publicado inicialmente no jornal *Clarín* em fevereiro de 1975, ou seja, aproximadamente um ano antes do encarceramento de Antonio Di Benedetto, e posteriormente republicado no jornal *Los Andes*, de Mendoza, em 1999. Essa última versão está incluída no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. O conto, intitulado "Tejedor mimbre teje", foi recuperado por Raul Silanes em 1999, e anteriormente também editado completo na tese de doutorado de Teresita Mauro em 1992. Mas esse texto nunca havia sido publicado em nenhuma compilação ou antologia até 2009, quando foi adicionado ao livro organizado por Julio Premat, na seção chamada *Cuentos inéditos*. Esse conto é particularmente interessante, pois o protagonista faz uma associação entre o trabalho de um artesão que tece o vime de palha para fazer uma cadeira e o escritor que tece as palavras e os símbolos para criar a sua narrativa. Misturam-se referências indígenas e literárias associadas ao labirinto, ao infinito e ao tempo, que são as matérias primas do escritor, tão importantes na obra de Di Benedetto e de outros escritores argentinos, como Jorge Luis Borges.

Sobre essa referência ao tempo, vemos uma associação com outro conto de Di Benedetto chamado "Relojismos", um dos que o autor enviou para concursos literários que aconteciam na Europa durante o seu exílio. O concurso era especificamente dedicado a microcontos, que foram publicados ao longo de 1979 na revista *Nueva estafeta*, de Madri, da qual Juan Carlos Onetti integrava o conselho editorial. Cabe destacar que a participação nos mais diversos concursos literários por parte de Di Benedetto foi ficcionalizada por Roberto Bolaño em seu conto "Sensini", publicado em 1997 em *Llamadas telefónicas*. Nesse conto, o personagem Sensini é uma ficcionalização de

[44] Tradução nossa: Conto não editado em antologia ou livro. Esse foi um dos primeiros contos que Di Benedetto publicou em seu retorno ao país, depois dos ótimos do exílio. O cenário da história, as ruas de Mendoza, a solidão do protagonista anônimo assediado pelo medo que paira sobre as ruas vazias e a presença de soldados armados nos fazem supor a reconstrução do horror vivido e o reencontro com sua história. (...) À noite, o protagonista perambula pelas ruas à espreita, atormentadas por medos secretos. Só busca alguém que lhe estenda uma mão amiga. A única mão que encontra é a de uma velha aldrava de bronze presa a uma porta. (CASTELLARÍN, 1992:709)

Antonio Di Benedetto. Bolaño faz também esse jogo de mudança de nomes com o romance *Zama*, que ele vai chamar de *Ugarte*.

> No sé qué fue lo que me impulsó a pedirle al Ayuntamiento de Alcoy la dirección de Sensini. Yo había leído una novela suya y algunos de sus cuentos en revistas latinoamericanas. La novela era de las que hacen lectores. Se llamaba Ugarte y trataba sobre algunos momentos de la vida de Juan de Ugarte, burócrata en el Virreinato del Río de la Plata a finales del siglo XVIII. Algunos críticos, sobre todo españoles, la habían despachado diciendo que se trataba de una especie de Kafka colonial, pero poco a poco la novela fue haciendo sus propios lectores. (BOLAÑO, 1997:14)[45]

Mais adiante aparece a relação de Antonio Di Benedetto com os concursos literários durante o seu exílio na Europa:

> La respuesta de Sensini fue puntual y extensa, al menos en lo tocante a la producción y los concursos. En un folio escrito a un solo espacio y por ambas caras exponía una suerte de estrategia general con respecto a los premios literarios de provincias. Le hablo por experiencia, decía. La carta comenzaba por santificarlos (nunca supe si en serio o en broma), fuente de ingresos que ayudaban al diario sustento. (BOLAÑO, 1997:16) [46]

Essa ficcionalização de Antonio Di Benedetto não era apenas uma criação da mente de Roberto Bolaño. Antonio Di Benedetto participou de concursos literários durante seu exílio como uma maneira de conseguir algum dinheiro extra e prestígio por seu trabalho. Algo que pode parecer bastante decadente para um escritor que havia tido tanto sucesso antes da prisão e que precisou participar de concursos literários para ter uma renda a mais.

Procurei em Madri evidências desses concursos e pude encontrar, na revista *Nueva Estafeta*, em edições de 1979 que estão em cópias de microfilme, as informações sobre o

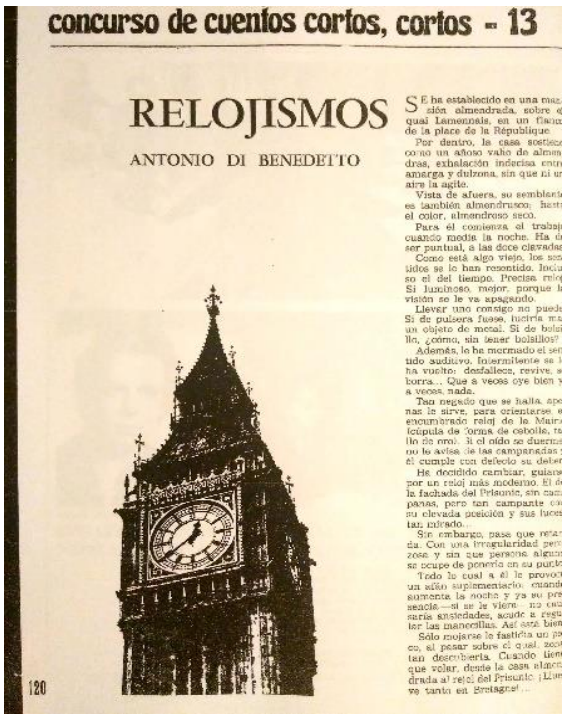
---

[45] Tradução nossa: Não sei o que me levou a perguntar ao Conselho Municipal de Alcoy pelo endereço de Sensini. Eu havia lido um romance dele e algumas de suas histórias em revistas latino-americanas. O romance foi um daqueles que fazem leitores. Chamava-se Ugarte e tratava de alguns momentos da vida de Juan de Ugarte, burocrata do Vice-Reino do Rio da Prata no final do século XVIII. Alguns críticos, especialmente espanhóis, o haviam despachado dizendo que era uma espécie de Kafka colonial, mas pouco a pouco o romance estava fazendo seus próprios leitores. (BOLAÑO, 1997:14)

[46] Tradução nossa: A resposta de Sensini foi pontual e extensa, pelo menos em termos da produção e dos concursos. Em um fólio escrito em espaço simples e de ambos os lados, ele exibia uma espécie de estratégia geral em relação aos prêmios literários das províncias. Eu falo por experiência, dizia. A carta começou por santificá-los (nunca soube se em tom sério ou brincalhão), fonte de renda que ajudava no sustento diário. (BOLAÑO, 1997:16)

Concurso de cuentos cortos, cortos. Como mencionado anteriormente, um dos contos de Di Benedetto enviado para esse concurso foi “Relojismos”. Pude encontrar a página da primeira publicação do conto na revista. A página foi escaneada e também faz parte do Fundo Virtual. O microconto descreve o movimento de um ancião na Bretanha que precisa alterar a hora do relógio Prisunic, que está atrasado. Abaixo apresento a imagem do conto, originalmente publicado em julho de 1979.

Figura 17 – Conto “Relojismos” – Nueva Estafeta - 1979



concurso de cuentos cortos, cortos - 13

RELOJISMOS

ANTONIO DI BENEDETTO

SE ha establecido en una maz
sión almendrada, sobre q
qual Lamennais, en un fiacr
de la place de la République.
Por dentro, la casa sostiene
como un adorno vaho de almen
dras, exhalación indecisa entr
amarga y dulzona, sin que ni ur
aire la agite.
Vista de afuera, su semblante
es también almendruscos; hast
el color, almendroso seco.
Para él comienza el trabaj
cuando media la noche. Ha d
ser puntual, a las doce clavadas
Como está algo viejo, los sen
tidos se le han resentido. Inclu
so el del tiempo. Precisa rev
Si luminoso, mejor, porque l
visión se le va apagando.
Llevar uno consigo no puede
Si de guisera fuese, lucirías ma
un objeto de metal. Si de bolsi
lla, ¿cómo, sin tener bolsillos?
Además, le ha mermado el sen
tido auditivo. Intermitente se l
ha vuelto: desfallece, revive, s
borra... Que a veces oye bien y
a veces, nada.
Tan negado que se halla, ape
nas le sirve, para orientarse, e
encumbrado reloj de la Mairi
(cúpula de forma de cebolla, ta
llo de oro). Si el oído se duerme
no le avisa de las campanadas;
él cumple con defecto su deber
He decidido cambiar, guiarse
por un reloj más moderno. El d
la fachada del Prisunic, sin cam
panas, pero tan campante co
su elevada posición y sus luces
tan iluminado...
Sin embargo, pasa que retra
dia. Con una irregularidad per
zosa y sin que persona alguna
se ocupe de ponerlo en su punto
Todo lo cual a él le provoca
un afán supinencierio, cuando
aumenta la noche y ya su pre
sencia —si se le viera— no cu
saría sinsabores, acude a regu
lar las manecillas. Así está bien
Sólo mojarse le fastidia un po
co, al pasar sobre el qual, acci
tan descubierta. Cuando llue
que volar, desde la casa blanque
drada al reloj del Prisunic. ¡Llue
ve tanto en Bretaña!...

120

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/nueva-estafeta_relojismos-scaled/

O texto lida de forma fantástica com o tempo e remete a uma solidão fantasmal que aparece também em alguns dos relatos incluídos em *Cuentos del exilio* (1983), editado por Bruguera em Buenos Aires, onde esse conto também foi publicado posteriormente.

Antonio Di Benedetto trabalhou de 1978 a 1983, período em que esteve exilado em Madri, na revista *Consulta Semanal*. Ele escrevia principalmente na seção de cultura e entretenimento, chamada *Tiempo libre*, produzindo textos em sua maioria sobre arte. Os textos publicados nessa revista serão mencionados também na descrição da “Prancha 3: Exílio”. No entanto, encontrei no volume 81 dessa revista um texto intitulado “Dolor de muelas y dolores del alma”, publicado em 12 de setembro de 1980 na seção *Tribuna*

abierta. Esse texto contribui para entendermos melhor a junção entre a escrita literária de Di Benedetto e a sua escrita jornalística. É um texto que fala especificamente sobre dor de dentes. No entanto, a criatividade e originalidade do autor nos leva a uma viagem pela história da humanidade, desde a origem do *homo sapiens*, passando pela cultura Maya, o budismo e Napoleão para chegar a uma conclusão bastante extraordinária que se converte em uma defesa do cuidado da saúde psíquica. Ele termina falando sobre a relação entre as dores de molares e as dores da alma.

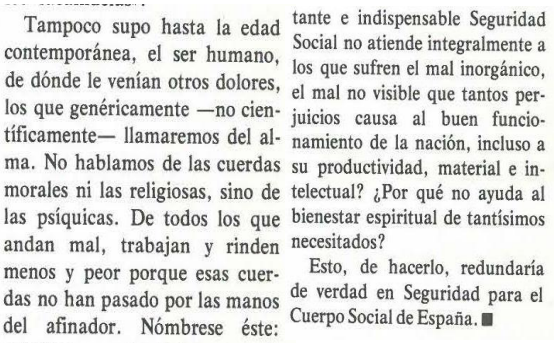
Figura 18 – Dolores de muelas y dolores de alma

TRIBUNA ABIERTA

Dolor de muelas y dolores del alma

Antonio DI BENEDETTO

nombres


Tampoco supo hasta la edad contemporánea, el ser humano, de dónde le venían otros dolores, los que genéricamente —no científicamente— llamaremos del alma. No hablamos de las cuerdas morales ni las religiosas, sino de las psíquicas. De todos los que andan mal, trabajan y rinden menos y peor porque esas cuerdas no han pasado por las manos del afinador. Nómbrese éste: psicólogo, psiquiatra o psicoanalista. ¿Por qué la importante e indispensable Seguridad Social no atiende integralmente a los que sufren el mal inorgánico, el mal no visible que tantos perjuicios causa al buen funcionamiento de la nación, incluso a su productividad, material e intelectual? ¿Por qué no ayuda al bienestar espiritual de tantísimos necesitados?

Esto, de hacerlo, redundaría de verdad en Seguridad para el Cuerpo Social de España. ■

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/**consulta-doloresdemuelas**/[47]

Surge uma certa dificuldade de categorização de textos como esse, que nunca foram publicados e nem mesmo mencionados em trabalhos acadêmicos. Ele tem características de um texto jornalístico, mas também uma divagação criativa que o aproxima do conto. A esse respeito, gostaria de destacar um fragmento do estudo

[47] Tradução nossa: Tampouco soube até a era contemporânea, o ser humano, de onde vinham outras dores, as que genericamente – não cientificamente – chamaremos da alma. Não falamos das cordas morais ou religiosas, mas das psíquicas. De todos os que andam mal, trabalham e rendem menos e pior porque essas cordas não passaram pelas mãos de um afinador. Nomeie-se aqui: psicólogo, psiquiatra ou psicanalista. Por que a importante e indispensável Seguridade Social não atende plenamente àqueles que sofrem do mal inorgânico, o mal invisível que causa tantos danos ao bom funcionamento da nação, inclusive sua produtividade material e intelectual? Por que não ajuda o bem-estar espiritual de tantos necessitados? (...) Esse feito realmente resultaria em Segurança para o Corpo Social da Espanha. (DI BENEDETTO, 1990: 16)

preliminar de Liliana Reales em *Antonio Di Benedetto: escritos periodísticos* (2016). Reales dirá sobre a escrita de Di Benedetto:

> No discute, ingresa su texto innovador en la escritura periodística de su época con un estilo que irá podando y puliendo a lo largo de los años. Lucha contra la escritura retórica, pedagógica o generosa en facilidades. Lucha contra el exceso, lo excedente y los lances de fácil seducción. Su texto se volverá a lo largo de los años más económico, sintético, sobrio y absolutamente singular en el panorama de la escritura periodística argentina. De hecho entre su escritura periodística y la literaria parece que no existiera una frontera entre estilos, aunque cada uno responde a demandas y destinos diferentes. Pero el estilo tan singular y comentado por sus críticos literarios lleva su marca personal también en los textos que escribió para periódicos. (REALES, 2016: 18)[48]

Essa frágil fronteira entre estilos é o que traz uma característica única ao texto de Di Benedetto. Ao lermos uma matéria jornalística de sua autoria podemos perceber a utilização de ferramentas literárias no momento de expor as ideias. E chegamos a um patamar tão extremo com relação a isso que descobrimos uma grande quantidade de textos publicados por Di Benedetto assinados com pseudônimos. Um exaustivo trabalho investigativo me levou a encontrar publicações na mesma revista em que Antonio Di Benedetto trabalhou, na mesma seção e no mesmo período de tempo em que ele estava presente, assinados por nomes como: Ben Simple, Greco, Rigoletto, Isaac Davis, Numa, Porfirio, Diptero, Bem Turpin, Forsi, Jack Garner, Al Hardy, Tono, Ludlow, Ditto Serrao, Oliver, Ditto e Compas.

Um dos textos que mais me chamou a atenção e que foi o estopim para encontrar todos os outros é uma entrevista com Jorge Luis Borges publicada em julho de 1980 na edição número 78 de *Consulta Semanal*. De uma maneira muito borgeana, o autor da entrevista foi encontrado não pelo nome que a assinava (Greco), mas por uma foto de Borges publicada junto com o texto, na qual, ao fundo, podemos ver um espelho. Nesse

[48] Tradução nossa: Não discute, insere seu texto inovador na escrita jornalística de seu tempo com um estilo que será podado e polido ao longo dos anos. Luta contra a escrita retórica, pedagógica ou generosa. Luta contra o excesso, o excedente e a fácil sedução. Ao longo dos anos, seu texto se tornará mais econômico, sintético, sóbrio e absolutamente único no panorama da escrita jornalística argentina. De fato, entre seus escritos jornalísticos e literários, parece que não há fronteiras entre estilos, embora cada um responda a diferentes demandas e destinos. Mas o estilo tão singular e comentado por seus críticos literários leva sua sua marca pessoal também nos textos que escreveu para jornais. (REALES, 2016: 18)

espelho aparece Di Benedetto. A matéria da foto e os detalhes desse texto serão apresentados no capítulo que compõe a “Prancha 3: Exílio”.

As cartas que Di Benedetto recebeu em vida também trazem informações valiosas a respeito da sua criação literária. Penso, por exemplo, na importância da correspondência que Di Benedetto manteve com o crítico alemão Günter Lorenz, que relata da Alemanha sua visão do mundo americano, falando com Di Benedetto sobre o lançamento em Buenos Aires de *Cuentos del exilio* (1983). Nessas cartas podemos observar também a visão que Günter Lorenz tem sobre escritores como Augusto Roa Bastos, que também foi perseguido durante a ditadura do Paraguai. Cabe destacar a importância dessa comunidade de escritores de diferentes países que se admiravam, dialogavam entre si e valorizavam as obras de seus contemporâneos.

3.3 Uma literatura marcada pela ausência

Em 1969 Augusto Roa Bastos escreveu um texto crítico intitulado “Reportaje a la tentación de la muerte” sobre a obra de Di Benedetto, originalmente publicado na revista *Los Libros* nº3. Essa edição se encontra no Arquivo Virtual Histórico de Revistas Argentinas[49] e terá um link em nosso arquivo. Nesse texto, o escritor paraguaio aponta para uma diferenciação da narrativa de Di Benedetto com relação às narrativas mais conhecidas naquele momento, pertencentes ao chamado *boom* latino-americano. Roa Bastos afirma:

> En un período en que las tendencias más notorias de lo que se ha dado en llamar "nueva novela" latinoamericana manifiestan, por diversos motivos y caminos, exasperación de cierto barroquismo verbal, otras en cambio, las menos numerosas, se resuelven en el rigor de un despojamiento externo. Habría que agregar que éstas son casi la excepción. (ROA BASTOS, 1969:3)[50]

[49] Disponível em https://www.ahira.com.ar/ejemplares/3-20/ Acesso em 19 de outubro ode 2019

[50] Tradução nossa: Em um período em que as tendências mais notórias do que foi chamado de "novo romance" na América Latina manifestam, por várias razões e caminhos, a exasperação de um certo barroquismo verbal, outras, É feminino porque se refere a “tendências” ao contrário, as menos numerosas, decidem pelo rigor de um despojamento externo. Deve-se acrescentar que essas são quase a exceção. (ROA BASTOS, 1969:3)

Entre as exceções citadas por Roa Bastos, estaria o romance *Los suicidas* (1969), sobre o qual seu texto crítico se debruça. Para Bastos, naquele momento, a obra de Di Benedetto ocupava um lugar diferente das obras de, por exemplo, García Márquez, Vargas Llosa, Carpentier e Lezama Lima. Di Benedetto estaria, segundo o crítico, mais próximo de um não romance, caracterizado por um despojamento da linguagem. Mais próximo de *Pedro Páramo* (1955), do mexicano Juan Rulfo, obra que Roa Bastos entende como marco culminante da literatura. No entanto, Roa Bastos afirma que as características de *Los suicidas* (1969) já estavam presentes em *El silenciero* (1964):

> A esta actitud de austeridad verbal, de retorno a la aparente pobreza originaria del lenguaje –que no es sino la obliteración de lo literario–, pertenece o ha ido acercándose cada vez más la evolución de la obra narrativa de Antonio Di Benedetto. *El silenciero*, publicado en 1964, mostraba ya esta característica como una de las claves de su estilo, manteniendo sin embargo, en apariencia al menos, una cierta fidelidad a las normas tradicionales de composición. Esta concentración rigurosa del lenguaje era la más adecuada para la "expresión" de un tema que devenía metafísico, casi mítico, desde el momento mismo en que instauraba su apoyo o "doble" material: el ruido. Y esto desde las primeras líneas de la novela: "La cancel da directamente al menguado patio de baldosas. Yo abro la cancel y encuentro el ruido. Lo busco con la mirada, como si fuera posible determinar la forma y el alcance de su vitalidad. Viene de más lejos, de los dormitorios, de un terreno desocupado que yo no he visto nunca, los fondos de una casa espaciosa que emerge en otra calle". La tortura física irá creciendo paralelamente o entrelazándose con el suplicio moral, sin apelación ni atenuación posible para el protagonista segregado pero a la vez atrapado en este medio sin salida donde impera el ruido como una fuerza aciaga, fatal e impersonal, más insidiosa aún bajo la máscara de lo familiar, de lo posible, de lo cotidiano. (ROA BASTOS, 1969:3)[51]

[51] Tradução nossa: A essa atitude de austeridade verbal, de retorno à pobreza aparente originária da linguagem – que não é senão a obliteração do literário – pertence ou tem sido cada vez mais próxima a evolução da obra narrativa de Antonio Di Benedetto. *El silenciero*, publicado em 1964, já mostrava essa característica como uma das chaves de seu estilo, mantendo, no entanto, pelo menos aparentemente, certa fidelidade às normas tradicionais de composição. Essa concentração rigorosa da linguagem era a mais apropriada para a "expressão" de um tópico que se tornava metafísico, quase mítico, desde o momento em que estabelecia seu suporte ou material "duplo": o ruído. E isso desde as primeiras linhas do romance: "La cancel da directamente al menguado patio de baldosas. Yo abro la cancel y encuentro el ruido. Lo busco con la mirada, como si fuera posible determinar la forma y el alcance de su vitalidad. Viene de más lejos, de los dormitorios, de un terreno desocupado que yo no he visto nunca, los fondos de una casa espaciosa que emerge en otra calle.". A tortura física irá crescer em paralelo ou entrelaçando-se com o castigo moral sem recurso ou atenuação possível para o protagonista, segregado, mas também preso nessa forma sem

Augusto Roa Bastos será um dos primeiros críticos a relacionar *El silenciero* (1964) e *Los suicidas* (1969) como uma sequência. Em seu ponto de vista, isso se deve a uma gradual degradação da linguagem ao longo dos dois livros. Bastos relaciona esse tipo de tendência a um *estilo da ausência*, ao que Roland Barthes chamou de *grau zero* da escrita no ensaio de 1953, *Le degré zéro de l'ecriture*. Essa tendência a escrever a partir da ausência aparece já no início do livro, quando o personagem principal afirma haver perdido o pai, que cometeu suicídio numa sexta-feira à tarde. Roa Bastos dirá:

> La seducción o tentación de la muerte que opera sobre la parte sombría de la naturaleza humana – Thanatos contra Eros – es sometida así a un primer proceso de degradación a través de un recurso paródico que no atenúa sino que, por contraste, agrava aún más el sentido trágico de esta desolada experiencia del narrador-protagonista. Y es que si bien los viejos "mitos" de la esencialidad y la profundidad parecen hoy ausentes, en efecto, en la búsqueda novelística, es preciso suponer que sólo han reaparecido bajo otras formas y en otras dimensiones, ya que en última instancia, por cualquier camino que tome el escritor y bajo las más distintas máscaras que asuma, la presión de los grandes problemas del hombre en las circunstancias de la sociedad y de la historia, actuará siempre directa o indirectamente sobre el destino de la novela tiñendo sus avatares formales. (ROA BASTOS, 1969:4)[52]

Esse arquivo se torna muito importante na atualidade para o estudo da obra de Di Benedetto, pois os dois livros mencionados, *El silenciero* (1964) e *Los suicidas* (1969), acrescidos de *Zama* (1956), são considerados uma trilogia, e foram publicados juntos em diversas edições em vários lugares do mundo nas últimas décadas. Podemos destacar, sem ir longe, por exemplo, as trilogias publicadas pela Editora Adriana Hidalgo, em 2016, e pela El Aleph Editores, em 2011. No entanto, Di Benedetto nunca mencionou que esses romances conformassem uma trilogia.

---

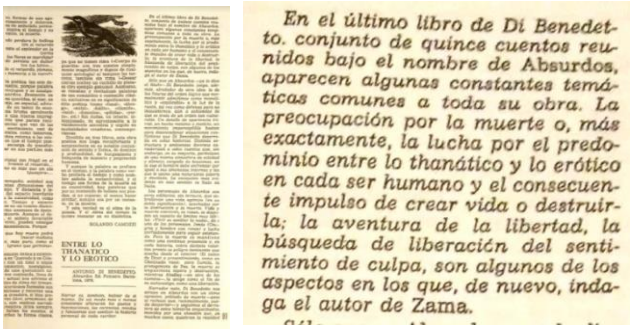
saída em que o ruído prevalece fatídico e mais insidioso ainda, sob a máscara do familiar, do possível, do cotidiano. (ROA BASTOS, 1969:3)

[52] Tradução nossa: A sedução ou tentação da morte que opera no lado sombrio da natureza humana – Tânatos contra Eros – é, assim, submetida a um primeiro processo de degradação através de um recurso paródico que não atenua, mas, ao contrário, agrava ainda mais o sentido trágico dessa experiência desolada do narrador-protagonista. É que, embora os velhos "mitos" da essencialidade e da profundidade pareçam hoje ausentes, na verdade, na busca romanesca, é necessário supor que eles reapareceram, apenas sob outras formas e em outras dimensões, já que em última análise, seja qual for o caminho percorrido pelo escritor e sob as mais diferentes máscaras que ele assuma, a pressão dos grandes problemas do homem nas circunstâncias da sociedade e da história sempre agirá direta ou indiretamente sobre o destino do romance, tingindo seus avatares formais. (ROA BASTOS, 1969:4)

Geralmente, a constituição desse conjunto de livros na forma de uma trilogia é atribuída a Juan José Saer. Mas com a facilidade que o Fundo Virtual Antonio Di Benedetto oferece, é possível, por meio de uma operação simples, contrastar informações e perceber, por exemplo, que o texto de Roa Bastos, já em 1969, havia pensado esse tipo de relação e como ela realmente faz sentido. Cabe mencionar aqui um texto introdutório para uma edição da trilogia publicada em 1999 escrita por Juan José Saer, grande admirador e comentarista da obra de Antonio Di Benedetto, como já mencionamos antes. Nesse texto, Saer une os romances por suas características estilísticas e deixa claro que estes constituem um dos pontos culminantes da narrativa em língua castelhana do século XX. Sobre *El silenciero* (1964), ele dirá algo que se aproxima do que Roa Bastos afirmou em 1969: "*El silenciero* no es más que una variación metonímica, como 'un instrumento de-no-dejar-ser'" (SAER, 1999).

Além disso, seguindo com as características da narrativa de Di Benedetto apontadas por Roa Bastos, vale destacar uma referência que aparece na citação anteriormente exposta, mais especificamente no momento em que Roa Bastos faz uma aproximação à mitologia grega, citando o embate entre Eros e Tânatos, ou, para a psicanálise, a *pulsão de vida* e a *pulsão de morte*. Esses conceitos também aparecem em Jaques Derrida ao explicar o conceito de *mal de arquivo* no livro citado na introdução deste trabalho. Mas aqui vamos nos deter em outro texto presente no arquivo, publicado na revista *Nueva Estafeta*, em fevereiro de 1977, por Flora Guzmán, que foi esposa de Hector Tizón, autor constantemente relacionado a Antonio Di Benedetto pelas semelhanças com relação ao estilo da escrita e à não inserção no ciclo portenho de literatura.

Figura 19 – Entre lo Thanático y lo Erótico


ENTRE LO THANATICO Y LO EROTICO

En el último libro de Di Benedetto, conjunto de quince cuentos reunidos bajo el nombre de Absurdos, aparecen algunas constantes temáticas comunes a toda su obra. La preocupación por la muerte o, más exactamente, la lucha por el predominio entre lo thanático y lo erótico en cada ser humano y el consecuente impulso de crear vida o destruirla; la aventura de la libertad, la búsqueda de liberación del sentimiento de culpa, son algunos de los aspectos en los que, de nuevo, indaga el autor de Zama.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/flora-guzman/[53]

[53] Tradução nossa: No último livro de Di Benedetto, conjunto de quinze contos reunidos sob o nome de *Absurdos*, surgem alguns temas constantes comuns a toda a sua obra. A preocupação com morte, ou, mais

Aqui observamos novamente uma relação com a questão do embate entre Eros e Tânatos, mas, desta vez, referindo-se a *Absurdos* (1978). Em *Entre lo thanático y lo erótico*, de Flora Guzmán, a autora rastreia nos contos do livro de Di Benedetto a pulsão de morte que se torna uma força motora nos relatos. Essa pulsão de destruição, essa tendência ao conflito interno mais profundo entre a vida e a morte, entre a memória e o esquecimento, são questões que se sobressaem nos relatos de Di Benedetto, tanto nos seus contos como nos romances.

Nesse local de consignação que termina também por apagar ou fragmentar o conjunto, reside também a questão que norteia todo este trabalho, o próprio conceito de arquivo. No entanto, assim como a obra de Di Benedetto opera por montagens de tempos e de personagens, pautando principalmente a sua temática sobre o próprio apagamento e fragmentação do sujeito, o arquivo também pode se pautar nesse apagamento, nessa tendência à fragmentação, à releitura e à reorganização, como um dos procedimentos indissociáveis da própria construção de montagem de documentos. Sobre essa questão, Jaques Derrida, em *Mal de arquivo* (2001), dirá:

> Então lembremo-nos também que a própria repetição, a lógica da repetição, e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte. Portanto, da destruição. Consequência: diretamente naquilo que permite e condiciona o arquivamento só encontraremos aquilo que expõe à destruição e, na verdade, ameaça de destruição, introduzindo *a priori* o esquecimento [...] O arquivo trabalha sempre *a priori* contra si mesmo. A pulsão de morte tende assim a destruir o arquivo hipomnésico, quando não a disfarçá-lo, maquiá-lo, pintá-lo, imprimi-lo, representá-lo no ídolo de sua verdade em pintura. Uma outra economia está assim trabalhando: a transação entre esta pulsão de morte e o princípio do prazer, entre Thanatos e Eros; mas também entre a pulsão de morte e esta aparente oposição dual dos princípios, dos *arkhai,* por exemplo, o princípio de realidade e o princípio de prazer. A pulsão de morte não é um princípio. Ela ameaça de fato todo principado, todo primado arcôntico, todo desejo de arquivo. É a isto que mais tarde chamaremos de *mal de arquivo.* (DERRIDA, 2001:23)

---

exatamente, a luta pelo domínio entre o tanático e o erótico em cada ser humano e o consequente impulso de criar vida ou de destruí-la: a aventura da liberdade, a busca pela liberação do sentimento de culpa, são alguns dos aspectos em que, novamente, o autor de *Zama* se debruça. (GUZMAN, 1979:94)

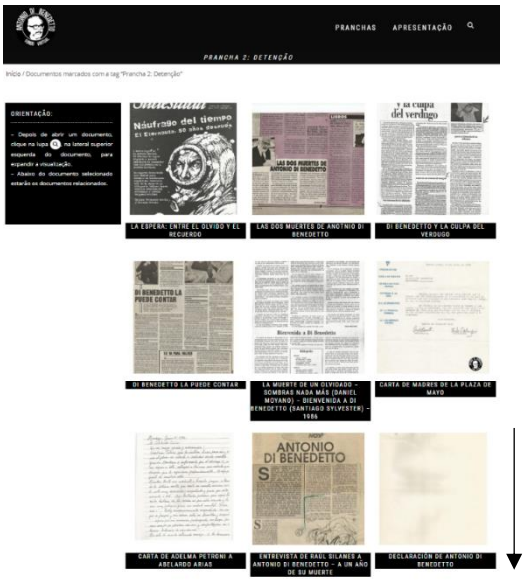
É essa mesma lógica da repetição, como diz Derrida retomando conceitos de Freud, que traz a possibilidade da consignação e de sua indissociável destruição. Traz a possibilidade de criar uma nova ordem desconstruindo o passado. Tanto os personagens das narrativas de Di Benedetto quanto o arquivista tornam-se, nas palavras de Reinaldo Marques, "antilegisladores e subversores da ordem" (MARQUES, 2015:36). Citamos anteriormente uma diversidade de contos e romances do autor que contêm essas características. Para enfatizar ainda mais esses atributos, trago dois de seus últimos contos: "Bueno como el pan" e "Hombre pan-dulce", publicados na sua última antologia de contos: *Cuentos del exilio* (1983).

No primeiro conto, o personagem é um homem que se encontra no exílio e que recebe uma carta de sua filha enviada de seu país de origem. Ao longo do relato, a angústia, a culpa e a distância da família tomam conta do indivíduo, que, em um momento de profunda reflexão, começa a observar como as pombas voam pelo céu. No entanto, o personagem termina por se fragmentar, transformando-se primeiramente em um pão quebradiço e depois em migalhas que são comidas pelas pombas. No segundo conto mencionado, algo parecido acontece com o protagonista, que, ao observar com uma intensidade absurda um presépio e seus animais, se transforma em um panetone e é devorado no Natal.

Observamos neste capítulo diferentes leituras e análises críticas dos livros de Antonio Di Benedetto, além de evidenciar as relações entre seus livros e os documentos disponíveis no Fundo Virtual. Vamos perceber nos próximos capítulos como o autor sofreu as atrocidades causadas pelo regime militar argentino e como a experimentação com a linguagem continuou mesmo nas piores condições de vida.

4. PRANCHA 2: DETENÇÃO

Figura 20 – Primeira página da “Prancha 2: Detenção”



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-2-detencao/

4.1 Privação da liberdade

Di Benedetto permaneceu 528 dias encarcerado, inicialmente no *Liceo General Espejo*, na cidade de Mendoza, e logo após na Unidade Penitenciária Nº 9 da cidade de La Plata. Ele foi preso em 24 de março de 1976 e liberado em 3 de setembro de 1977. Até o final da sua vida, Di Benedetto não soube a causa de sua detenção. A prancha que apresento aqui também está organizada para formar um conjunto de testemunhos documentais que, de certo modo, informam sobre a violência exercida pelo Estado argentino sobre a população depois do golpe militar de 24 de março de 1976 e durante a vigência da ditadura cívico-militar, até 1983.

Mesmo que na prisão o diálogo com os prisioneiros de outras celas fosse algo muito difícil, existem evidências testemunhais de que Di Benedetto conseguia se comunicar com outros presos durante algumas situações. É o caso do jornalista que entrevistamos em Mendoza, Rafael Morán, que também esteve preso no Liceo, junto com outros jornalistas.

No material testemunhal que filmamos na própria casa de Morán[54], incluído no nosso Fundo Virtual, ele descreve como eram realizados os encontros e as reuniões clandestinas na prisão. Morán afirma que Di Benedetto era um dos alvos mais importantes dos militares, que buscaram excluí-lo totalmente da relação com os outros. Ele foi deixado em uma cela individual e o único momento que tinham para se encontrar era durante as missas católicas obrigatórias, quando, segundo nos informou Morán, ele conseguia manter um mínimo diálogo com Di Benedetto. Morán menciona o estado de profunda depressão em que se encontrava o escritor, mas que, ainda assim, naquele momento tão difícil, Di Benedetto tinha esperanças de sair em liberdade.

No entanto, não foi exatamente o que aconteceu. Ao contrário, haveria momentos mais difíceis ainda do que os vividos em Mendoza. Di Benedetto foi trasladado para a Unidade Nº9 do Serviço Penitenciário Bonaerense de La Plata, na província de Buenos Aires. O translado dos presos era realizado nos aviões Hercules C-130 da Força Aérea Argentina. Nessa mesma época, esses aviões realizavam os *voos da morte*, que jogavam os presos vivos no Rio da Prata. Os militares drogavam os prisioneiros e os atiravam ao rio ou, às vezes, ao mar, para que morressem e não ficassem evidências dos corpos.

Figura 21 - Entrevista com Rafael Morán

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/testemunho-rafael-moran/

[54] Rafael Morán concedeu uma entrevista em 2 de julho de 2015 na sua casa de Luján de Cuyo, em Mendoza, a Liliana Reales e a mim, durante a qual também nos cedeu importantes documentos e cartas que integram o Fundo Virtual.

A respeito das possíveis causas de sua prisão, também podemos destacar o artigo de Laura Rodríguez Aguero, “Los Andes, Antonio Di Benedetto y la violencia paraestatal. Mendoza, 1973-1976” (2016). A autora buscou, nas matérias jornalísticas da época, os conteúdos que pudessem ter sido considerados “subversivos” por parte dos aparatos repressivos. Vale destacar que, naquele período, estava em pleno funcionamento o Comando Anticomunista de Mendoza, que, em uma atuação conjunta com a polícia da cidade, buscava reprimir possíveis atividades consideradas subversivas.

Na época em que Antonio Di Benedetto trabalhou como diretor do jornal, foram publicadas diversas matérias que informavam a população sobre os desaparecimentos e as invasões policiais nas casas de supostos suspeitos. Essas matérias foram publicadas com a aprovação de Di Benedetto, pois sabemos pelos depoimentos de seus repórteres (ver “Prancha 5: Testemunhos”) que tudo o que foi publicado sob a sua direção passou por sua prévia aprovação, principalmente as matérias das seções dedicadas a assuntos mais delicados ou arriscados.

Em 1975 um dos jornalistas de *Los Andes*, Jorge Bonnardel, foi sequestrado. Dias antes, alguns militares estiveram no jornal para pedir a não publicação de matérias sobre operações de repressão. Aguero também destaca uma importante matéria publicada em *Los Andes* no dia 22 de novembro de 1975, a respeito do desaparecimento do estudante Ricardo Benítez. Aguero publicou em seu artigo a imagem dessa matéria, que reproduzo abaixo:

Figura 22: Los Andes, Antonio Di Benedetto y la violencia paraestatal.

Aparente secuestro de un estudiante

Se lo llevaron de un local céntrico

Herida de bala en un desorden

Dictan prisión preventiva a un escribano

Fonte: AGUERO, Laura Rodríguez. *Los Andes, Antonio Di Benedetto y la violencia paraestatal. Mendoza, 1973-1976* (2016)

Na mesma página, o jornal divulgou o desaparecimento de um aluno e a prisão de um escrivão. Ainda que não tenha existido uma declaração oficial por parte dos militares a respeito da causa do aprisionamento de Di Benedetto, as matérias jornalísticas que

mencionavam os desaparecimentos e prisões realizadas na época não voltaram a aparecer depois da prisão do autor.

Destaco inicialmente uma entrevista, realizada no retorno de seu exílio, em que Di Benedetto aponta para a total desinformação a respeito do seu encarceramento. Nessa matéria, publicada no jornal *Ahora* no dia 6 de julho de 1984, Di Benedetto faz um relato emocionado, destacando a injustiça sofrida:

Figura 23: Di Benedetto la puede contar

DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

SE VA PARA VOLVER

Nuevamente la emoción forma pareja con este hombre escéptico, que a pesar de ser duro, sigue manteniendo las lágrimas en sus ojos.

—Todavía hoy no sé por qué fui detenido. Mi única actividad era la de periodista en "Los Andes" y como corresponsal de "La Prensa". De joven fui socialista de la línea de Palacios. Del diario me trasladaron al Liceo Militar General Espejo, después a la cárcel de Mendoza y por último a la Unidad Nº 9 de La Plata. ¿Qué recuerdo? Se que fui llevado por gente de uniforme y que calzaban botines militares. No recuerdo caras ni nombres. Muchas veces

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/dibe-la-puede-contar/[55]

A total falta de informação a respeito da sua detenção ainda seguia depois de seu exílio. No relato apresentado, o autor lamenta não lembrar nem das caras nem dos nomes daqueles que o levaram para a prisão.

Em 1987, Daniel Moyano, escritor argentino da província de La Rioja, que foi preso durante a mesma época que Di Benedetto, publicou na revista *Crisis*[56] um

[55]Tradução nossa: Novamente, a emoção está emparelhada a esse homem cético, que, apesar de duro, continua a manter as lágrimas nos olhos. – Ainda hoje não sei por que fui preso. Minha única atividade era a de jornalista em "Los Andes" e como correspondente de "La Prensa". Quando jovem, eu era socialista da linha de Palacios. Do jornal, fui transferido para o Liceu Militar General Espejo, depois para a prisão de Mendoza e, finalmente, para a Unidade Nº 9 de La Plata. O que recordo? Sei que fui levado por pessoas de uniforme e que calçavam botas militares. Não me lembro de rostos ou nomes. [..] (BENEDETTO, 1984:13)

[56] A revista *Crisis*, lançada em 1973, teve como fundador o escritor uruguaio Eduardo Galeano e publicou textos dos escritores latino-americanos mais reconhecidos da época.

testemunho no qual podemos perceber o terror que era exercido sobre os presos políticos. Nesse e em outros relatos de presos que estiveram com Di Benedetto, pode-se perceber que ele constantemente foi um dos alvos mais importantes de seus algozes (o relato de Moyano se encontra no Fundo Virtual).

4.2 Marcas da violência

Di Benedetto foi tratado com alto grau de violência, sofrendo desde a destruição de seus óculos até simulações de fuzilamento. Daniel Moyano conta nesse documento um caso em que os presos foram questionados sobre qual deles tinha algum problema cardíaco. Inocentemente, e pensando que isso o pudesse ajudar de alguma forma, Di Benedetto disse que tinha problemas de coração. Era exatamente o que eles queriam ouvir, pois o fizeram subir e descer as escadas que davam às alcovas até ele não ter mais fôlego. Abaixo apresento a imagem desse testemunho que também foi destacado pela cunhada de Di Benedetto, Cristina Lucero, quando a entrevistamos em sua casa em Buenos Aires. Trata-se apenas de um pequeno fragmento do material testemunhal que pode ser lido em sua totalidade no Fundo Virtual:

Figura 24 - Daniel Moyano, "Di Benedetto y la culpa del verdugo"

di benedetto
y la culpa
del verdugo

como en un cuento de borges

las cuentas de su silencio

para la historia de la infamia

RRISIS 56 DICIEMBRE 1987

En la cárcel de Mendoza, conociendo la amistad entre ambos detenidos, todos los días les obligaban a insultarse y a pegarse brutalmente, mediante la utilización de las técnicas militares adecuadas para esos propósitos. Tras varios meses de interrogatorios y torturas, fueron trasladados a Buenos Aires. Nada más llegar a la nueva prisión, un guardián supuestamente humanitario preguntó si en el grupo que venía de provincias había cardíacos. El que lo fuera, que levantara la mano.

Ninguno de los más de cien presos, conocedores de la psicología del torturador, lo hizo. Salvo Antonio, que ingenua o acaso desesperadamente levanto la mano, con la ilusión de que así recibiría un trato menos duro. No era verdad que padeciese esa afección, pero ya se las arreglaría para disimular su mentira. A último momento dudó, viendo que solamente él la había levantado. Pero ya era tarde para arrepentirse.

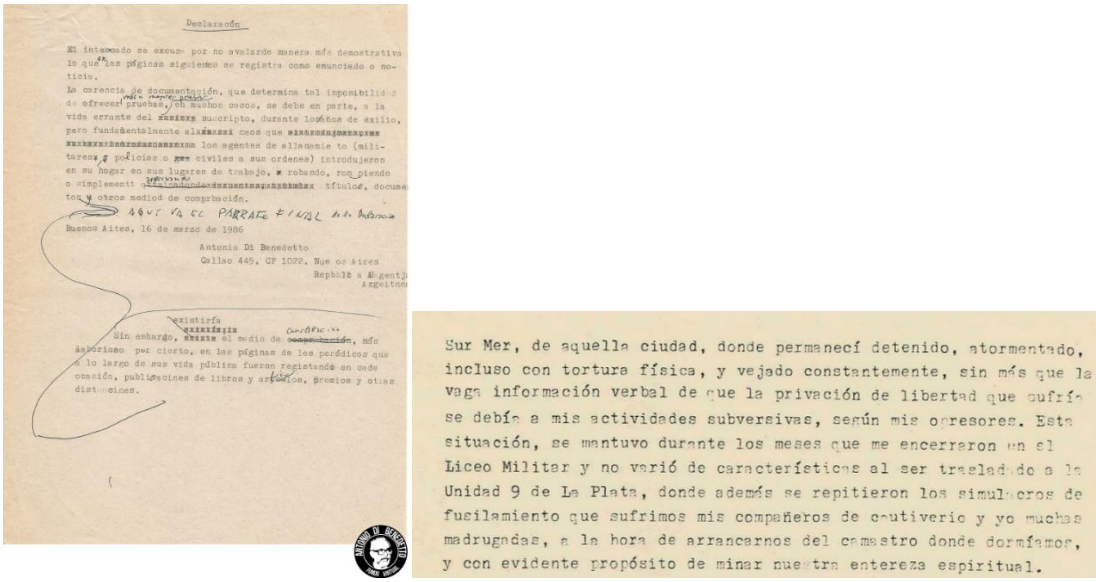
Entonces, señalándole una escalera de caracol que unía cuatro plantas de calabozos en el fondo del patio, le ordenaron que la subiese y la bajase lo más rápido que pudiese. Y así lo hizo, durante varias horas, hasta la noche, hasta caer sin poder más.

Fonte: Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/culpa-del-verdugo/[57]

[57] Transcrição: En la cárcel de Mendoza conociendo la amistad entre ambos detenidos, todos los días les obligaban a insultarse y a pegarse brutalmente, mediante la utilización de las técnicas militares adecuadas para esos propósitos. Tras varios meses de interrogatorios y torturas, fueron trasladados a Buenos Aires. Nada más llegar a la nueva prisión, un guardián supuestamente humanitario preguntó si en el grupo que venía de provincias había cardíacos. El que lo fuera, que levantan la mano. Ninguno de los más de cien presos, conocedores de la psicología del torturador, lo hizo. Salvo Antonio, que ingenua o acaso desesperadamente levanto la mano, con la ilusión de que así recibiría un trato menos duro. No era verdad

A injustiça vivida pelo autor de *Zama* pode ser observada também nas próprias palavras do escritor. Aponto um fragmento de uma declaração feita pelo próprio Antonio Di Benedetto em 1986 e que faz parte de uma série de papéis datilografados que foram usados pelo autor para solicitar uma indenização ao governo em função dos anos de cárcere e exílio:

Figura 25 – Declaración (pedido de indenização)



Declaración

El interesado se excusa por no avalarde manera más demostrativa lo que las páginas siguientes se registra como enunciado o noticia.

La carencia de documentación, que determina tal imposibilidad de ofrecer pruebas, en muchos casos, se debe en parte, a la vida errante del suscripto, durante los años de exilio, pero fundamentalmente a los casos que los agentes de allanamiento (militares, policías o civiles a sus ordenes) introdujeron en su hogar en sus lugares de trabajo, robando, rompiendo o simplemente quemando títulos, documentos y otros medios de comprobación.

Buenos Aires, 16 de marzo de 1986

Antonio Di Benedetto
Callao 445, CP 1022, Buenos Aires
República Argentina

existirfa

Sin embargo, el medio de comprobación, más sabroso por cierto, en las páginas de los periódicos que a lo largo de su vida pública fueron registrando en cada ocasión, publicaciones de libros y artículos, premios y otras distinciones.

Sur Mer, de aquella ciudad, donde permanecí detenido, atormentado, incluso con tortura física, y vejado constantemente, sin más que la vaga información verbal de que la privación de libertad que sufría se debía a mis actividades subversivas, según mis opresores. Esta situación, se mantuvo durante los meses que me encerraron en el Liceo Militar y no varió de características al ser trasladado a la Unidad 9 de La Plata, donde además se repitieron los simulacros de fusilamiento que sufrimos mis compañeros de cautiverio y yo muchas madrugadas, a la hora de arrancarnos del camastro donde dormíamos, y con evidente propósito de minar nuestra entereza espiritual.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/declaracion[58]

---

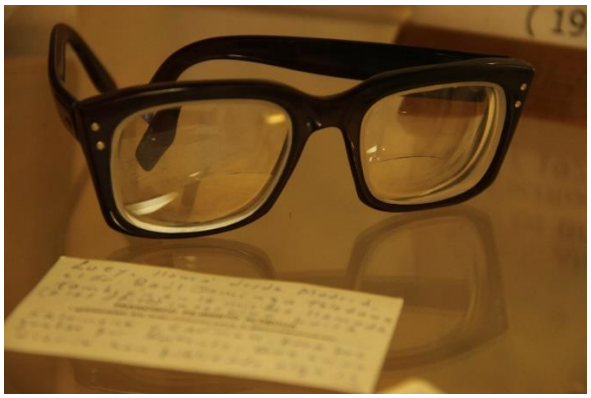
que padeciese esa afección, pero ya se las arreglaría para disimular su mentira. A último momento dudó, viendo que solamente él la había levantado. Pero ya era tarde para arrepentirse. Entonces, señalándole una escalera de caracol que unía cuatro plantas de calabozos en el fondo del patio, le ordenaron que la subiese y la bajase lo más rápido que pudiese. Y así lo hizo, durante varias horas, hasta la noche, hasta caer sin poder más. (DI BENEDETTO, 1987:88)

Tradução nossa: Na prisão de Mendoza, conhecendo a amizade entre os dois detidos, todos os dias eles eram forçados a se insultar e a se espancar brutalmente, usando as técnicas militares apropriadas para esses fins. Após vários meses de interrogatório e tortura, eles foram transferidos para Buenos Aires. Ao chegar à nova prisão, um tutor supostamente humanitário perguntou se havia cardíacos no grupo que vinha das províncias. Quem fosse, que levantasse a mão. Nenhum dos mais de cem prisioneiros, conhecedores da psicologia do torturador, fez isso. Exceto Antonio, que ingênua ou talvez desesperadamente levantou a mão, com a ilusão de que assim receberia um tratamento menos severo. Não era verdade que ele sofresse dessa afecção, mas ele conseguiria esconder sua mentira. No último momento, hesitou, vendo que somente ele a havia levantado. Mas era tarde demais para se arrepender. Então, apontando para uma escada em espiral que ligava quatro andares de calabouços no fundo do pátio, ordenaram-lhe que a subisse e descesse o mais rápido possível. E assim o fez, por várias horas, até a noite, até cair sem poder mais. (DI BENEDETTO, 1987: 88)

[58] Tradução nossa: "Sur Mer, daquela cidade onde estive detido, atormentado, inclusive com tortura física, e maltratado constantemente, tão somente com a vaga informação verbal de que a privação da liberdade que eu sofria se devia às minhas atividades subversivas segundo meus opressores. Essa situação manteve-se durante os meses em que fui encarcerado no *Liceo Militar* e não mudou depois da minha transferência para a *Unidad 9 de La Plata*, onde, além do mais, se repetiram os simulacros de fuzilamento que sofremos

Nesse documento, podemos perceber que aquilo que Di Benedetto aguardava acontecer em Mendoza não ocorreu, ao contrário, a sua situação piorou. Ele mesmo fez afirmações muito fortes em uma entrevista realizada para a televisão argentina na volta do exílio. Alguns trechos podem ser vistos no documentário intitulado *Páginas esenciales* (2012), dirigido pela documentarista Cecilia Aguero, que também contribuiu com documentos para o Fundo Virtual. Nessa declaração em vídeo, ele afirma algo que pode ser comprovado em entrevistas a respeito da atitude brutal dos militares: eles quebraram seus óculos propositalmente, privando-o, assim, não só da liberdade como também da visão. Di Benedetto usava grandes óculos, e sem eles não conseguia enxergar praticamente nada (o seu último par de óculos está à mostra em uma exposição permanente na Biblioteca San Martín de Mendoza).

Figura 26 - Óculos originais de Antonio Di Benedetto



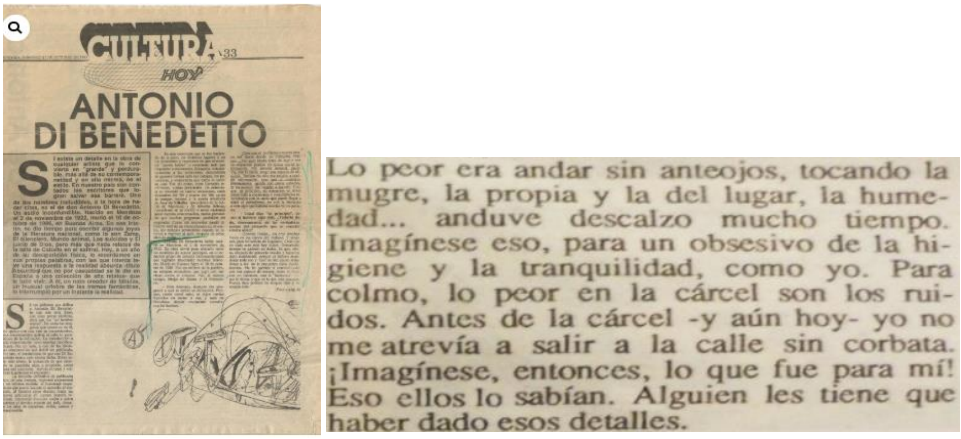
Fonte: Biblioteca Pública General San Martín, Mendoza. Fotografia: Tamires Dutra.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/objetos-de-adb/

Em uma entrevista publicada postumamente no jornal *HOY*, realizada pelo jornalista mendocino Raúl Silanes, que também entrevistamos em Mendoza, Di Benedetto detalha os momentos de sofrimento e angústia que viveu no cárcere. Seus algozes quebraram seus óculos e o deixaram descalço durante muito tempo. A sujeira e a umidade das celas contrastavam com a vida de um homem que sempre tinha sido muito preocupado com a higiene, segundo relatos de muitos que com ele conviveram:

---

eu e meus companheiros de cela muitas madrugadas, quando nos arrancavam das tarimbas onde dormíamos, com o evidente propósito de minar nossa integridade espiritual". (DI BENEDETTO, 1986)

Figura 27 – Entrevista a Raul Silanes (1987)


CULTURA
HOY
ANTONIO DI BENEDETTO

Lo peor era andar sin anteojos, tocando la mugre, la propia y la del lugar, la humedad... anduve descalzo mucho tiempo. Imagínese eso, para un obsesivo de la higiene y la tranquilidad, como yo. Para colmo, lo peor en la cárcel son los ruidos. Antes de la cárcel -y aún hoy- yo no me atrevía a salir a la calle sin corbata. ¡Imagínese, entonces, lo que fue para mí! Eso ellos lo sabían. Alguien les tiene que haber dado esos detalles.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-a-silanes/[59]

Cabe destacar que, anos antes do golpe militar, os comandos da organização paramilitar chamada "Triple A" (Alianza Anticomunista Argentina) já operavam na perseguição de pessoas suspeitas de "subversão", como eram consideradas quaisquer pessoas supostamente relacionadas à esquerda marxista, aos movimentos populistas de esquerda ou simplesmente qualquer pessoa que os paramilitares pudessem avaliar como opostas à ideologia de direita.

O jornalista, historiador e escritor argentino Oswaldo Bayer (1927-2018) foi um dos primeiros escritores a serem perseguidos pela Triple A, anos antes do golpe militar. Já em 1974, seu livro de quatro volumes intitulado *Patagonia rebelde* (1972), sobre as greves de trabalhadores da Patagônia argentina, foi censurado, e o autor foi ameaçado de morte pela organização paramilitar. Seu exílio começou naquele momento, anterior à ditadura de fato. Em 1974 a Triple A já estava atuando estrategicamente e abrindo caminho para o golpe de 1976. Bayer percorreu a Europa durante seu exílio, divulgando a situação de repressão política vivida na Argentina. O escritor também conviveu com Di Benedetto na Europa. Em seu livro *El Terrorismo de Estado en la Argentina* (2011), Bayer aponta para o nível de violência exercido pelos militares naquela época.

[59] Tradução nossa: O pior era andar sem óculos, tocando a podridão, a própria e a do lugar, a umidade... andei descalço durante muito tempo. Imagine isso, para um obsessivo da higiene e da tranquilidade como eu. Além do mais, o pior na prisão são os barulhos. Antes do encarceramento – e ainda hoje – eu não tinha coragem de sair na rua sem gravata. Imaginem, então, o que foi para mim! Eles sabiam disso. Alguém tem que ter contado esses detalhes para eles. (DI BENEDETTO, 1987:1)

> Con la dictadura del autodesignado "Proceso de Reorganización Nacional" la Argentina se hundió en la etapa más terrible de su historia. No hay antecedentes en nuestro pasado, y son poquísimos los existentes en la historia universal, en donde el Terrorismo de Estado se hubiera enseñoreado de tal manera en un país (BAYER, 2011:104)

Esse processo de "reorganização" transformou em potenciais inimigos intelectuais, artistas, jornalistas e pessoas da população civil em geral. Muitos tiveram que fugir, se esconder, abandonar seus lares e trabalhos, e outros foram detidos, torturados assassinados ou passaram a engrossar o número de desaparecidos.

Ao longo dos seis anos da ditadura militar argentina, as organizações de inteligência prepararam "listas negras" de artistas, escritores, jornalistas e todas as pessoas que, por alguma suspeita, pudessem ser consideradas "subversivas". É importante destacar que em 2011 foram publicados pelo governo argentino os papéis encontrados no Edifício Condor, sede da Força Aérea argentina durante a ditadura militar. O ministro da defesa argentina em 2011, Agustín Oscar Rossi, apresenta os documentos encontrados da seguinte maneira:

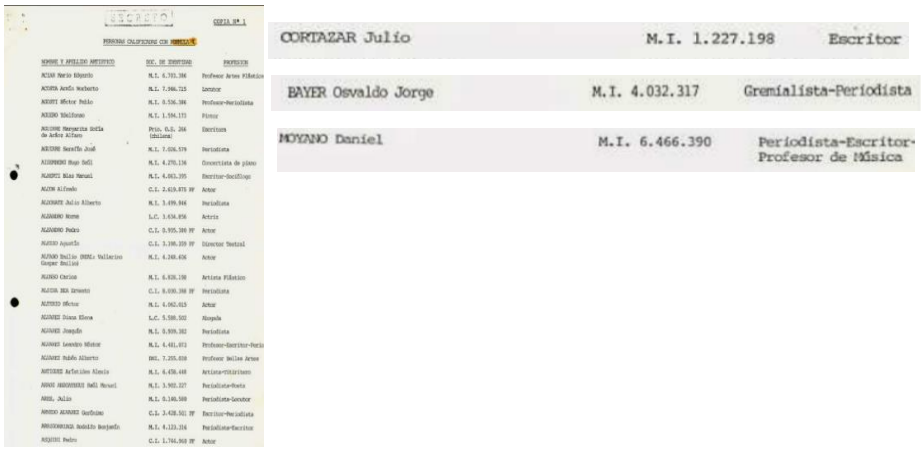
> En este marco, fue hallada una carpeta que analiza exclusivamente las llamadas «listas negras» de intelectuales, músicos, comunicadores y artistas. Si bien su existencia era una especie de secreto a voces, el valor de esa documentación encontrada es poder reconstruir la lógica de la aplicación de la censura a referentes de nuestra cultura, los criterios de calificación que usaban los represores y la metodología sistemática de análisis y actualización de estos listados. Ponemos a consideración de ustedes parte del hallazgo de «listas negras» con la finalidad de que la claridad siga ganando terreno ante tanta oscuridad impuesta a sangre y fuego. (O. ROSSI, 2011:3)[60]

Por ter sido preso no mesmo dia do golpe militar, o nome de Antonio Di Benedetto não consta dessas listas. No entanto, podemos encontrar nelas o nome de Oswaldo Bayer, Julio Cortázar e Daniel Moyano. Este último, cujo testemunho apresentamos no início

[60] Tradução nossa: Nesse contexto, foi encontrada uma pasta que analisa exclusivamente as chamadas "listas negras" de intelectuais, músicos, comunicadores e artistas. Embora sua existência fosse uma espécie de segredo aberto, o valor dessa documentação encontrada é poder reconstruir a lógica da aplicação da censura aos referentes de nossa cultura, os critérios de qualificação utilizados pelos repressores e a metodologia sistemática de análise e atualização dessas listagens. Colocamos à consideração de vocês parte da descoberta de "listas negras", para que a clareza continue ganhando terreno diante de tantas trevas impostas a sangue e fogo. (O. ROSSI, 2011: 3)

desta prancha, foi preso junto com Antonio Di Benedetto. Abaixo, a primeira página das listas negras e os nomes mencionados.

Figura 28: Lista negra



CORTAZAR Julio	M.I. 1.227.198	Escritor
BAYER Osvaldo Jorge	M.I. 4.032.317	Gremialista-Periodista
MOYANO Daniel	M.I. 6.466.390	Periodista-Escritor-Profesor de Música

Fonte: Listas Negras – Gobierno de la Nación Argentina.[61]

Segundo Natalia Gelós, autora do livro *Antonio Di Benedettoperiodista* (2011), estratégias de liberação de Antonio Di Benedetto se deram em conjunto com esforços de pessoas como Adelma Petroni, pintora e muralista amiga do escritor, e o autor anteriormente citado, Osvaldo Bayer, que trabalhava na *Federación para la Defensa Latinoamericana*, sediada na Alemanha. Cito as palavras de Natalia Gelós:

> Petroni había tocado muchas puertas. En paralelo, desde Alemania, tambien habia trabajado la Federación para la Defensa Latinoamericana, de la que Osvaldo Bayer era integrante. Esta Federación había pedido por la libertad de varias figuras de la cultura, entre las que se contaba Haroldo Conti. Di Benedetto fue el primer caso de un escritor liberado. (GELÓS, 2011, 79)[62]

4.3 Esforços externos de liberação

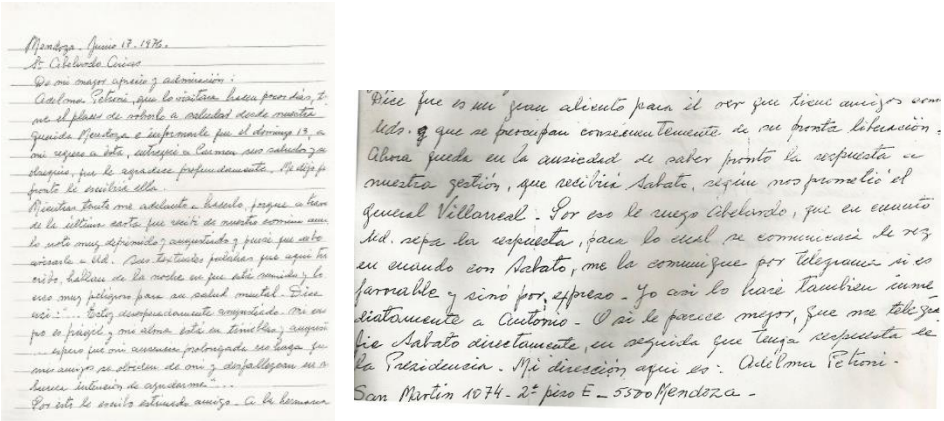
Gostaria neste momento de apresentar algumas das reproduções das cartas de Adelma Petroni que temos no nosso fundo. Petroni entrou em contato com intelectuais e

[61] Disponível em: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/listasnegras.pdf Acessado em: 19 de outubro de 2019

[62] Tradução nossa: Petroni bateu em muitas portas. Paralelamente, da Alemanha, também acionou a Federação para a Defesa da América Latina, da qual Osvaldo Bayer era membro. Essa Federação havia solicitado a liberdade de várias figuras culturais, entre as quais Haroldo Conti. Di Benedetto foi o primeiro caso de um escritor libertado. (GELÓS, 2011, 79)

escritores ativos durante a prisão de Di Benedetto com a intenção de conseguir apoio para a liberação do autor. Em cartas, como as enviadas para Abelardo Arias, escritor e dramaturgo mendocino que teve forte relação de amizade com Antonio Di Benedetto, Adelma Petroni especifica os movimentos que eram realizados por ela e por Ernesto Sabato para libertar Antonio Di Benedetto. Nessa carta confluem informações pessoais do autor com a sua vida profissional e artística. Ernesto Sabato, pertencente a uma geração próxima à de Di Benedetto, aparece também como um protagonista nessas tentativas de retirar o escritor mendocino do cativeiro. Assim escreveu Adelma Petroni para Arias:

Figura 29: Carta de Adelma Petroni para Abelardo Arias (1976)



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/crt-petroni-a-arias[63]

Na carta percebemos a aflição que a amiga de Di Benedetto passava naquele momento por não saber o que poderia acontecer. De todas as maneiras possíveis, ela realizou vários movimentos para tirar Di Benedetto da prisão.

[63] Transcrição do texto original: Dice que es un gran aliento para él saber (?) que tiene amigos como ustedes que se preocupan constantemente de su pronta liberación. Ahora queda en la ansiedad de saber pronto la respuesta de nuestra gestión, que recibirá Sabato según nos prometió el general Villareal. Por eso ruego, Abelardo, que en cuanto usted sepa la respuesta, para lo cual se comunicará de vez en cuando con Sabato, me lo comunique por telegrama si es favorable y sino por expreso – yo así lo haré también inmediatamente a Antonio – o si le parece mejor, que me telegrafíe Sabato directamente, en seguida que tenga respuesta de la presidencia. Mi dirección es: Adelma Petroni – Sant Martín 1074 – 2º piso E – 5500 Mendoza. (ver arquivo completo em ANEXO 5

Tradução nossa: Ele diz que é um grande alento para ele saber (?) que tem amigos como vocês, que se preocupam constantemente com sua imediata libertação. Agora ele está ansioso para saber em breve a resposta de nossa administração, que Sabato receberá segundo nos prometeu o general Villareal. É por isso que rogo, Abelardo, que assim que você souber a resposta, para o que se comunicará de vez em quando com Sabato, informe-me por telegrama se for favorável, senão por expresso – eu assim o farei também imediatamente a Antonio – ou, se lhe parece melhor, que Sabato me telegrafe diretamente, assim que tenha resposta da presidência. Meu endereço é: Adelma Petroni – Sant Martín 1074 – 2º andar E - 5500 Mendoza.

Adelma Petroni entrou em contato com a tradutora alemã dos livros de Di Benedetto e contou o que estava acontecendo com o autor. Essa foi uma razão importante para que o escritor Heinrich Böll ficasse sabendo da situação do autor argentino e enviasse um telegrama ao general Rafael Videla. Após três meses do contato de Böll, Antonio Di Benedetto foi liberado. Além da importante contribuição do Nobel de Literatura de 1972, outros escritores como Günter Grass e Ernesto Sabato, além de jornalistas como Rodolfo Braceli também enviaram pedidos de liberação do escritor.

Continuando com os relatos de Adelma Petroni, precisamos destacar uma entrevista realizada pela jornalista María Ester Vázquez à escultora, publicada em 1991 no jornal *La Nación*. Nesse relato, Petroni aponta novamente as estratégias realizadas para retirar o autor do cárcere:

Figura 30 – Casi memorias de Antonio Di Benedetto – Maria Esther Vásquez

Instantáneas

Casi memorias de Antonio Di Benedetto

Casualmente y en el centro, a la salida de un banco, me cruzo con la muralista y pintora Adelma Petroni; la veo contenta, entusiasmada, con un brillo de risa en los ojos azules. Como es algo un poco insólito encontrar, en este momento, alguien que transite por la felicidad con total entrega, le pregunto por las razones de su alegría. No cuenta que está por aparecer, en Mendoza, *Casi memorias de Antonio Di Benedetto*, libro de Nelly Catteroni Arana. Adelma Petroni no sólo fue amiga de Antonio sino quien logró, con perseverancia y coraje, que el gobierno del proceso, después de haberlo encarcelado, lo dejara en libertad. Le pregunto por qué razones lo llevaron a la cárcel.

–Nunca se supo y tampoco hubiera motivos. Siempre pensé que fue a raíz de una delación de alguien que lo envidiaba, lo quería mal o le codiciaba el puesto de director de Los Andes y de El Andino, los dos de Mendoza.

–En qué año lo detuvieron?

–En el 76, dos horas después de que se hiciera cargo del gobierno el general Videla. Lo sacaron de una reunión de directorio de *Los Andes*.

–¿Le trataron muy mal?

–Moralmente lo destruyeron. Cuatro veces hicieron el simulacro de fusilarlo. Además lo golpearon mucho en la cabeza, tanto es así que el doctor que lo operó ocho años después me dijo que su enfermedad era, indudablemente, consecuencia de los golpes. Y no pudo salvarlo. Primero estuvo detenido unos meses en Mendoza, en el Colegio Militar. No se lo podía ver, pero sí llevarle ropa y alimentos. Cuando lo trasladaron, sorpresivamente a la Unidad 9 de La Plata, no nos dijeron adónde lo habían llevado. Empezamos a buscar con Bernardo Canal Feijóo, y los con cada uno por su lado, logramos saber su destino. Desde ese momento revolvimos cielo y tierra para que nos permitieran verlo y, al fin, me dieron permiso y pude visitarlo una vez por semana. Compartía la celda con el doctor Bustelo.

–¿Cuánto tiempo estuvo preso?

–Un año y siete meses, desde marzo del 76 hasta septiembre del 78. Yo pedí a todo el mundo que hiciese lo posible para lograr su libertad. Finalmente, el Premio Nobel de Literatura Heinrich Böll le envió un telegrama a Videla pidiendo que liberara a Antonio, que era una persona inocente.

–¿Cómo se enteró Böll?

–Por la traductora al alemán de Antonio, una escritora que murió muy joven, muy linda chica. Cuando ella vino a la Argentina, yo le conté lo que pasaba y entre las dos tramamos un plan de acción. Además, como le digo, yo les pedí a todos los escritores nuestros que solicitaran su libertad con cartas, escritos, con lo que pudieran. Tres meses después de recibir el telegrama de Böll, lo soltaron.

–Entonces se fue del país, ¿no?

–No enseguida, tardó unos meses mientras todos los pedimos que se fuera. Un día lo llamaron de Prensidencia y vino a consultarme a mi hermano y a mí acerca de que debía hacer. Nosotros le aconsejamos que inmediatamente y sin recoger su ropa, saliera de la Argentina. Lo pensó bien y no quiso.

–¿Por qué?

–Nos dijo que no tenía nada que ocultar, y si se iba podían creer que sí. Fue. Yo lo acompañé, pasé un miedo espantoso porque a veces los salían, volver a llevar. Decidimos que yo iría a esperar dos horas en un café cercano, si un día tiempo no aparecía, debía dar la alarma a la Embajada de Alemania Federal, que se portó admirablemente, sobre todo el doctor Areux, una belísima persona, no me acuerdo el apellido ahora.

–Gottfried, un hombre muy bueno. Diego Di Benedetto anda de las dos horas?

–No. Espera todavía diez minutos y llamé a Areux, que no pudo atender porque estaba con el embajador; me pidieron que telefoneara en veinte minutos. Y cuando estaba a punto de llamar nuevamente, apareció.

–¿Qué le dijeron y quién lo atendió?

–No quiso dar nombres, pero había gente muy conocida. De la entrevista sacó como conclusión que le ofrecían una especie de disculpa; le advirtieron que había habido una confusión. La mostraron un año enorme de telegramas y cartas que llegaron de todos lados pidiendo su libertad y, después, le dijeron que no sabían que fuera tan conocido en el exterior.

–¿Pudo escribir en la cárcel?

–Al principio no tenía dificultad para hablar, pensar y dormir. Hubo un momento en que me exigió que le llevara cápsulas de vegamona. Yo me asustó mucho, no sabía cómo conformarlo y un día le dije que iba a llevar dos cápsulas una para él y otra para mí y que las iríamos a tomar juntos. Desde ese momento no me las pidió más.

–Te hubieras suicidado con él?

–No sé, cuando uno está muy perturbado puede hacer cualquier cosa. Después empezó a escribir y le robaron todo, entonces encontré un ardid: me mandaba cartas diciéndome: "Anoche tuve un sueño muy lindo; voy a contártelo" y trataba de sacar del cuento con letras microscópicas había que leerlo con lupa. Después eso cuentos se editaron hasta el título de Absurdos. Con el anticipo que le dio el editor viajó a Europa, dio algunas vueltas y se instaló en España, donde tenía un trabajo bien pago, sin embargo, no se sentía cómodo allá. Volvió a Buenos Aires en la época de Alfonsín y fueron muy cariñosos con él, para luego que asumió tres empleos para vivir más o menos.

–¿Cómo está organizado el libro de Nelly Catteroni Arana?

–En tres tomos. El título completo es *Antonio Di Benedetto (Casi memorias. Testimonios de vida. Bibliografías)*. En el primero se habla de los orígenes de Antonio, de su adolescencia. Su viaje al extranjero, su iniciación en el periodismo y en la literatura. Se habla de *Mundo animal* y *Zama*. En el segundo se completa su vida, se rescatan entrevistas, sus obras posteriores, la cárcel y sus últimos años, los premios, traducciones, alcoholismo. En el tercero se abren su correspondencia, cronología, bibliografías y documentación gráfica. Lleva una fotografía de uno de los dos cuadros que yo le hice (no le gustaba posar). Catteroni ya corrigió las pruebas de página del primer tomo y la edita la Subsecretaría de Cultura de la provincia de Mendoza en sus Ediciones Culturales. ¡Pobre Antonio! Se lo merece, era tan decidido.

–Eso pasa con casi todos los mártires. La indiferencia y el olvido son naturales en los hombres. Adelma, para vos, ¿cuál era la mejor cualidad de Antonio?

–Más allá de su don de gran creador, su sensibilidad: atendía cualquier problema ajeno como si fuera propio. Era muy bueno y generoso.

María Esther Vásquez
(c) LA NACION

Adelma Petroni: el secuestro y la cárcel

–¿Cuánto tiempo estuvo preso?

–Un año y siete meses, desde marzo del 76 hasta septiembre del 78. Yo pedí a todo el mundo que hiciese lo posible para lograr su libertad. Finalmente, el Premio Nobel de Literatura Heinrich Böll le envió un telegrama a Videla pidiendo que liberara a Antonio, que era una persona inocente.

–¿Cómo se enteró Böll?

–Por la traductora al alemán de Antonio, una escritora que murió muy joven, muy linda chica. Cuando ella vino a la Argentina, yo le conté lo que pasaba y entre las dos tramamos un plan de acción. Además, como te digo, yo les pedí a todos los escritores nuestros que solicitaran su libertad con cartas, escritos, con lo que pudieran. Tres meses después de recibir el telegrama de Böll, lo soltaron.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/casi-memorias-petroni/[64]

Na segunda reposta do fragmento acima, podemos perceber uma relevante informação a respeito da atividade literária de Antonio Di Benedetto no cárcere. Segundo

[64] Tradução nossa: Quanto tempo esteve preso? [...] – Um ano e sete meses, desde março de 76 até setembro de 78. Eu pedi para todo mundo que fizesse o possível para conseguir liberá-lo. Finalmente, o Prêmio Nobel de Literatura Heinrich Böll enviou um telegrama a Videla pedindo que liberassem Antonio, que era uma pessoa inocente. [...] – Como Heinrich Böll ficou sabendo? [...] – Pela tradutora ao alemão de Antonio, uma escritora que morreu muito jovem, muito bonita a menina. Quando ela veio para a Argentina, eu contei o que acontecia e nós duas tramamos um plano de ação. Além disso, como te falei, eu pedi a todos os escritores que solicitassem sua liberdade por cartas, escritos, com o que conseguissem. Três meses depois de receber o telegrama de Böll, o soltaram. (PETRONI, 1991)

Adelma Petroni, o autor escreveu na prisão alguns contos que viriam a ser editados posteriormente em *Absurdos* (1978). Cabe destacar que alguns desses contos já tinham sido publicados, mas existem relatos do próprio autor corroborando a afirmação de Petroni. Podemos destacar a entrevista com Di Benedetto, também presente no Fundo Virtual, realizada por Celia Zaragoza e publicada em 1984 no jornal La Prensa, em que ele afirma:

Figura 31 – Con Antonio Di Benedetto a punto de partir de España

LA PRENSA

Con Antonio Di Be
punto de partir de

—Se lleva las alforjas llenas desde España: premios, libros, viajes... Esta época fue fecunda para usted como escritor: "Absurdos"...

—"Absurdos" no tiene mucho que ver con el exilio porque lo escribí durante el año y medio que pasé en la cárcel, repartido ese año y medio entre Mendoza y La Plata. Y este libro fue escrito en La Plata, con muchos subterfugios para que me permitieran hacerlo o no me destruyeran lo escrito, por lo menos. Y conseguí sacar el libro y se publicó inmediatamente que salí.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/celia-zaragoza-a-adb/[65]

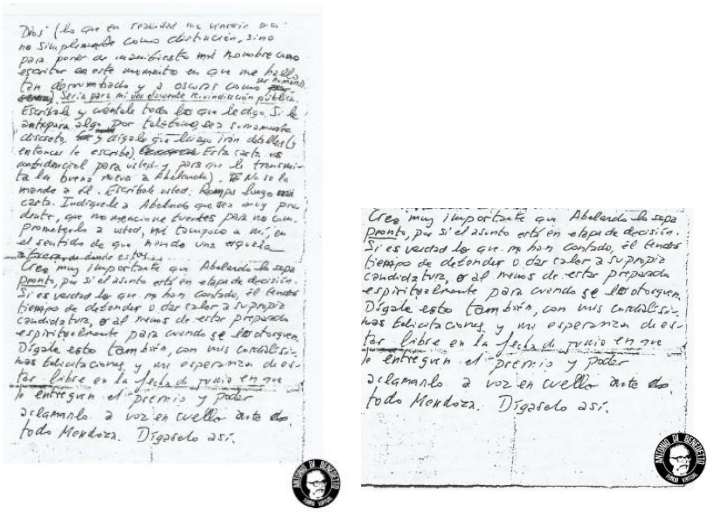
Seguindo no mesmo contexto, e desta vez apresentando os suportes epistolares, destaco uma carta enviada da prisão que acreditamos ter sido também encaminhada para Adelma Petroni em 1976. Nessa carta, Di Benedetto conta que ficou sabendo da possível premiação a ele concedida pela Sociedade Argentina de Escritores, a *Faja de Honor Prêmio SADE de Literatura*. Ele menciona que essa pessoa contou-lhe dos candidatos ao prêmio, que seriam ele e seu amigo Abelardo Arias. No entanto, Di Benedetto acreditava que o prêmio deveria ser dado ao seu amigo. Di Benedetto dirá:

[65] Tradução nossa: – Você leva os alforjes cheios da Espanha: prêmios, livros, viagens... Esta época foi fecunda para você como escritor: *Absurdos*... – *Absurdos* não tem muito a ver com o exílio, porque eu o escrevi durante o ano e meio que passei na prisão, dividido esse ano e meio entre Mendoza e La Plata. Esse livro foi escrito em La Plata, com muito subterfúgios para que me permitissem fazê-lo, ou não me destruíssem o escrito, pelo menos. Eu consegui fazer o livro, e o publiquei imediatamente depois da minha saída. (DI BENEDETTO, 1984:9)

> Y si a mí se me diera la oportunidad, con hondísima sinceridad diría: "No me corresponde a mí, Abelardo sí es merecedor del Gran Premio de Honor". Escríbale y cuéntele todo esto, y dígale que estoy con gran entusiasmo por su candidatura (si lo que me han contado es verdad), y que así puede decirlo en Buenos Aires ante quien sea. (BENEDETTO, 1976)

Nas linhas tortas e nas letras borradas que se intercalam com palavras melancólicas, Di Benedetto ainda decide ceder o prêmio e afirmar que seu amigo Abelardo o merece mais que ele. São documentos como que esses que fazem do Fundo Virtual um local de investigação tanto imagética como histórica.

Figura 32 – Antonio Di Benedetto para Adelma Petroni, escrita na prisión



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-para-petroni-sobre-abelardo/ [66]

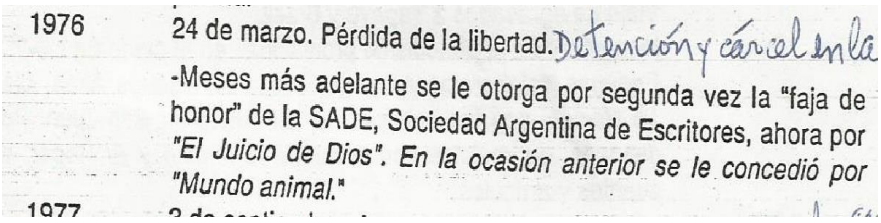
Apesar de a carta não ter data, a informação sobre essa premiação é confirmada na cronologia publicada no último livro no qual Antonio Di Benedetto trabalhou, *Páginas*

[66] Transcrição: Creo muy importante que Abelardo lo sepa pronto, por si el asunto está en etapa de decisión. Se es verdad lo que me han contado, él tendrá tiempo de defender (Na carta está bem clara a letra "d" entre o "n" e o "e", não acha? E em "felicitaciones" podemos verificar que o "f" do escritor se parece mesmo com um"t".) o dar calor a su propia candidatura, o al menos de estar preparado espiritualmente para cuando se lo otorguen. Dígale esto también, con mis cordialísimas felicitaciones y mi esperanza de estar libre en la fecha de junio en que le otorguen el premio y poder aclamarlo a voz en cuello ante todo Mendoza. Dígaselo así (DI BENEDETTO, 1976)

Tradução nossa: Eu acho que é muito importante que Abelardo saiba logo, caso o assunto esteja na fase de decisão. Se é verdade o que me disseram, ele terá tempo para defender ou aquecer sua própria candidatura, ou pelo menos de estar espiritualmente preparado para quando ela for concedida. Diga isso a ele também, com meus cordiais parabéns e minha esperança de estar livre na data de junho, quando ele receber o prêmio, e poder aclamá-lo em voz alta diante de toda Mendoza. Diga-lhe assim. (DI BENEDETTO, 1976)

de Antonio Di Benedetto selecionadas por el autor (1986). A seguir, o trecho onde é mencionado o prêmio *Faja de Honor de la Sade*:

Figura 33 – Fragmento de *Páginas de Antonio Di Benedetto selecionadas por el autor*


1976 24 de marzo. Pérdida de la libertad. Detención y cárcel en la

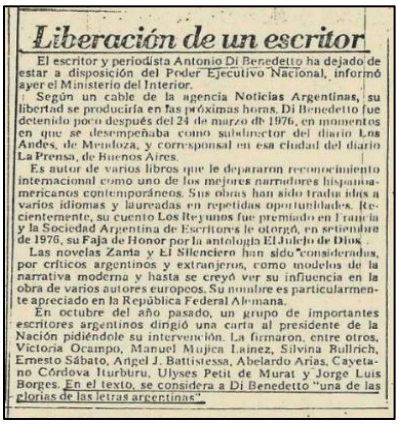
-Meses más adelante se le otorga por segunda vez la "faja de honor" de la SADE, Sociedad Argentina de Escritores, ahora por *"El Juicio de Dios". En la ocasión anterior se le concedió por "Mundo animal."*

1977

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto

O mesmo prêmio também será destacado no momento da libertação do autor em uma matéria do jornal *La Opinión*, publicada em 1977[67]. Ainda que a censura do regime estivesse naquele momento tentando controlar tudo o que era publicado, alguns jornais conseguiam burlar esses entraves ideológicos e falar sobre as conquistas daqueles que eram vistos como inimigos do regime militar. Quando Di Benedetto é liberado da prisão, o jornal *La Opinión* publica:

Figura 34 – Liberación de un escritor – Jornal La Opinión


Liberación de un escritor

El escritor y periodista Antonio Di Benedetto ha dejado de estar a disposición del Poder Ejecutivo Nacional, informó ayer el Ministerio del Interior.

Según un cable de la agencia Noticias Argentinas, su libertad se produciría en las próximas horas. Di Benedetto fue detenido poco después del 24 de marzo de 1976, en momentos en que se desempeñaba como subdirector del diario Los Andes, de Mendoza, y corresponsal en esa ciudad del diario La Prensa, de Buenos Aires.

Es autor de varios libros que le depararon reconocimiento internacional como uno de los mejores narradores hispanoamericanos contemporáneos. Sus obras han sido traducidas a varios idiomas y laureadas en repetidas oportunidades. Recientemente, su cuento Los Reyunos fue premiado en Francia y la Sociedad Argentina de Escritores le otorgó, en setiembre de 1976, su Faja de Honor por la antología El Juicio de Dios.

Las novelas Zama y El Silenciero han sido considerados, por críticos argentinos y extranjeros, como modelos de la narrativa moderna y hasta se creyó ver su influencia en la obra de varios autores europeos. Su nombre es particularmente apreciado en la República Federal Alemana.

En octubre del año pasado, un grupo de importantes escritores argentinos dirigió una carta al presidente de la Nación pidiéndole su intervención. La firmaron, entre otros, Victoria Ocampo, Manuel Mujica Lainez, Silvina Bullrich, Ernesto Sábato, Angel J. Battistessa, Abelardo Arias, Cayetano Córdova Iturburu, Ulyses Petit de Murat y Jorge Luis Borges. En el texto, se considera a Di Benedetto "una de las glorias de las letras argentinas".

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/liberacion-de-un-escritor-la-opinion-1977-09/[68]

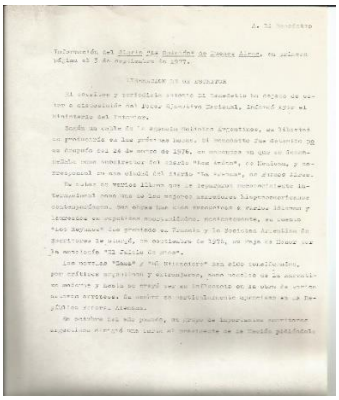
[67] Há de se ter em conta que *La Opinión* foi um jornal fundado por Jacobo Timerman em 1971. Ele também fundou as revistas *Primera Plana*, em 1962, e *Confirmado*, em1965. O mesmo Timermam foi o idealizador jornalístico de *El Diario* de Mendoza, jornal criado em 1969 que tentou competir com *Los Andes* na época em que Di Benedetto foi seu subdiretor. Ver: REALES, Liliana. "Rastros de una escritura", em: DI BENEDETTO, Antonio. *Escritos periodísticos*. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2016, pp. 40 e 41

[68] Tradução nossa: Liberação de um escritor – O escritor e jornalista Antonio Di Benedetto deixou de estar à disposição do Poder Executivo Nacional, informou ontem o Ministério do Interior. (...) Segundo um canal da agência *Noticias Argentinas*, sua liberdade seria realizada nas próximas horas. Di Benedetto foi detido pouco depois de 24 de março de 1976, no momento em que desempenhava o papel de subdiretor do jornal *Los Andes* de Mendoza, e de correspondente nessa cidade do jornal *La Prensa* de Buenos Aires. (...) É autor

Essa imagem não é importante somente pelo seu conteúdo. A forma da matéria demonstra a mínima atenção dada à liberação de um dos maiores escritores da língua espanhola do século XX num momento de grande perseguição aos meios de comunicação, censura e repressão. Esse tipo de arquivo se contrapõe às grandes matérias jornalísticas que foram dedicadas a Di Benedetto antes e depois do regime militar.

É importante destacar que essa mesma matéria aparece em versão datilografada no arquivo do autor e estava inserida junto com a declaración e o pedido de indenização do mesmo. Como já destacamos anteriormente, Di Benedetto mantinha um interesse grande pela preservação das informações publicadas sobre ele em diversos meios de comunicação. Apresento a versão transcrita da matéria feita pelo autor:

Figura 35 – Liberación de um escritor. *La Opinión*. Transcrição do autor



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/transcricao-opinion-1/

Temos também no fundo uma importante carta enviada por Di Benedetto a Abelardo Arias e escrita na prisão. Nessa carta o autor vai resumir dois contos, um sobre um antigo romancista que conta a história de três jovens apaixonados, e o outro sobre um

---

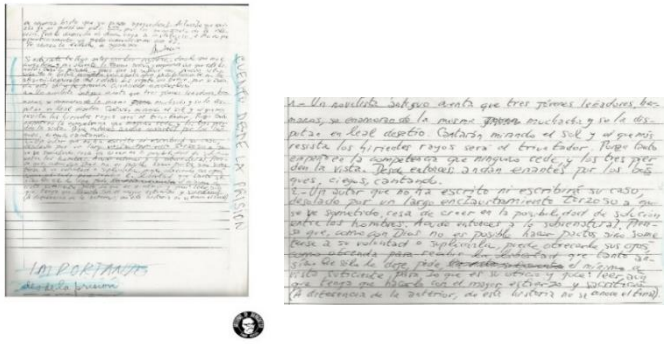
de vários livros que lhe deram reconhecimento internacional como um dos melhores hispano-americanos contemporâneos. Suas obras foram traduzidas para vários idiomas e premiadas em diversas oportunidades. Recentemente, seu conto "Los reyunos" foi premiado na França e a Sociedade Argentina de Escritores concedeu-lhe, em setembro de 1976, sua *Faja de Honor* pela antologia de contos *El juicio de Dios*. (...)Os romances *Zama* e *El silenciero* foram considerados por críticos argentinos e estrangeiros como modelos da narrativa moderna, e até foi mencionada a sua influência sobre autores europeus. Seu nome é particularmente apreciado na República Federal da Alemanha. (...)Em outubro do ano passado, um grupo de importantes escritores argentinos redigiu uma carta ao presidente da Nação solicitando a sua intervenção. Assinaram, entre outros, Victoria Ocampo, Manuel Mujica Lainez, Silvina Bullrich, Ernesto Sabato, Angel J. Battistiessa, Abelardo Arias, Cayetano Córdova Iturburu, Ulyses Petit de Murat y Jorge Luis Borges. No texto Di Benedetto é considerado "uma das glórias das letras argentinas" (LA OPINIÓN, 1977)

autor aprisionado. É interessante perceber como no meio de uma carta em que o autor fala sobre outros assuntos e elogia a publicação e o reconhecimento do livro *Grecia* (1976), de Abelardo Arias, ele consegue incorporar dois resumos de contos de autoria própria. Antes de escrever os dois relatos, Di Benedetto comenta:

> Si esta carta te llega antes que Luz regrese, decile que me enorgullece y me alienta la forma activa y empeñosa con que está haciendo todo lo posible para que se supere mi penosa situación. Yo le había mandado una carta que posiblemente no le alcanzó. Le contaba (¿) dos relatos. Los repito en breve, por si todavía está ahí y le provoca curiosidad conocerlos. (BENEDETTO, 1976)[69]

Podemos perceber a habilidade inventiva do autor estampada nesse documento. Mas, por meio do segundo conto, também podemos entender um pouco da sua própria situação. Ele consegue resumir os dois contos e menciona que no segundo, ao contrário do primeiro, ainda não existe um final. Percebamos qual é o tema do segundo conto, e como ele se relaciona diretamente com o momento que Antonio Di Benedetto estava vivendo. O conto é sobre um homem que não conseguirá escrever seu desalentador caso devido a um grande período de encarceramento. O personagem fala que deixará como sacrifício parte de sua visão, e que pede a Deus que o deixe somente com um mínimo que lhe permita exercer seu ofício, a leitura. Apresento a imagem da carta:

Figura 36 – Carta de Antonio Di Benedetto escrita na prisão



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-para-abelardo-com-contos/[70]

[69] Si esta carta le llega antes de que Luz retroceda, decile que me enorgullece, me enorgullece y me enorgullece el hecho de que estoy haciendo todo lo posible para superar mi dolorosa situación. Le había enviado una carta que no fue posible comunicarse con él. Le contó (?) Los informes. Los repito pronto, pero por sí solo está allí y les provoca curiosidad. (BENEDETTO, 1976)Aqui falta a tradução, e o texto está truncado, diferente da citação correspondente acima.

[70] Transcrição dos dois resumos de contos: 1- Un novelista antiguo cuenta que tres jóvenes leñadores hermanos, se enamoran de la misma muchacha y se la disputan en leal desafío. Cantaran mirando el sol y

São claras as menções a sua própria situação. Naquele momento, Di Benedetto sofria de uma falta de visão aguda por causa da quebra de seus óculos. Ele também menciona que a única saída era o sobrenatural. Em outros casos, já relatados neste trabalho, Di Benedetto fala sobre a capacidade de escapar da realidade utilizando recursos imaginativos e criativos de ordem fantástica e sobrenatural. Vale destacar novamente que alguns contos escritos durante a prisão foram publicados posteriormente sob o título *Absurdos* (1978).

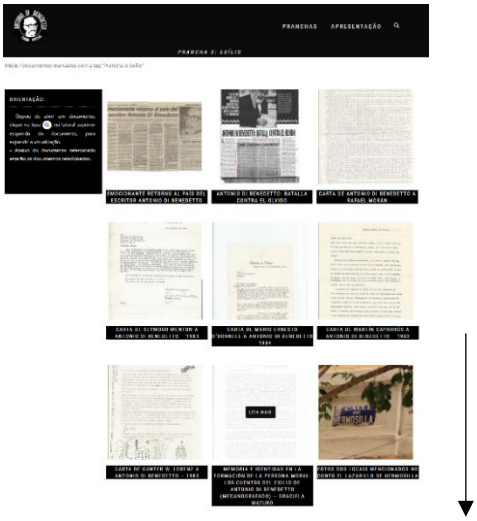
---

el que más resista los hirientes rayos será el triunfado. Ponen tanto empeño en la competencia que ninguno cede, y los tres pierden la vista. Desde entonces, andan errantes por los bosques, ciegos, cantando. [...] 2 – Un autor que no ha escrito ni escribirá su caso, desolado por un largo enclaustramiento forzoso a que se ve sometido, cesa de creer en la posibilidad de solución (¿) entre los hombres. Acude entonces a lo sobrenatural. Piensa que, como con Dios no es posible hacer pactos sino someterse a su voluntad o suplicarla, puede ofrecerle sus ojos, como ofrenda para recibir la libertad que tanto ansía. Que solo le deje, pide, el mínimo de vista suficiente para lo que es su oficio y su goce: leer aunque tenga que hacerlo con el mayor esfuerzo y sacrificio (a diferencia del anterior, de esta historia no se conoce el final. (BENEDETTO, 1976)

Tradução nossa: 1 - Um romancista antigo ressalta que três jovens lenhadores se apaixonam pela mesma garota e se enfrentam em desafio leal. Cantarão embaixo do sol e aquele que resistir ao máximo aos fortes raios, triunfará. Empenham-se tanto que nenhum cede e os três perdem a visão. Desde então, eles vagam pela floresta, cegos, cantando. [...] 2 - Um autor que não escreveu e não escreverá seu caso, devastado por um grande confinamento forçado ao qual esteve submetido, deixa de acreditar na possibilidade de solução (?) entre os homens. Cede então ao sobrenatural. Ele acha que, como com Deus não é possível fazer pactos, e sim submeter-se à sua vontade ou suplicá-la, pode oferecer seus olhos como oferenda para receber a liberdade que tanto busca. Pede que Deus só deixe o mínimo de visão suficiente para que exerça seu oficio e seu prazer: ler ainda que tenha que fazê-lo com o maior esforço e sacrifício (diferentemente do anterior, desta história não se conhece o final. (BENEDETTO, 1976)

5. PRANCHA 3: EXÍLIO

Figura 37 – Primeira página da “Prancha 3: Exílio”



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-3-exilio/

5.1 O isolamento traumatizante

Antes de mais nada, gostaria de comentar o recente trabalho de Liliana Reales no qual ela analisa os textos do exílio de Antonio Di Benedetto. Em sua tese, intitulada *Textos do Exílio* (2019), ela dirá:

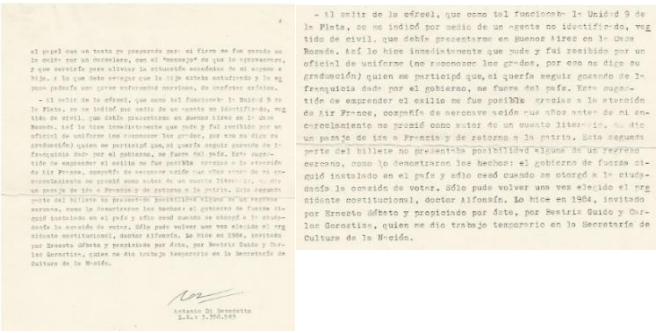
> O exílio político obriga a repensar o conceito de arquivo, desta vez entendendo que os arquivos dos exílios estão já marcados pelo esquivo, pelo silenciado, pelas elipses, pela profunda fragmentação, pelas rasuras, pelo apagamento provocado não somente pelas circunstâncias próprias dos desterros: movimentos, rupturas, viagens, súbitos traslados e abandonos; também, como sabemos, pelo pudor, pela culpa, pelo rebaixamento. O exílio político gera transformações radicais e irreversíveis na biografia de quem o sofre. (REALES, 2019:10)

Se um arquivo se caracteriza, entre outras coisas, por elipses, fragmentação e inevitáveis apagamentos, os arquivos dos exílios políticos são duplamente afetados por esses condicionantes, uma vez que o pudor, certo sentimento de culpa e uma indiscutível marginalização operam silenciamentos na sua constituição. De fato, os anos do exílio do autor são pouco conhecidos, e sobre eles existem versões, mitos ou lendas dos mais variados. São poucos os documentos que atestam muitas das atividades de Di Benedetto

durante os mais de seis anos que passou na Europa. Ele mesmo falou pouco sobre seus anos exilado na Espanha, e muito grande foi a nossa surpresa ao descobrirmos a grande quantidade de textos por ele escritos nesse período para publicação em jornais e revistas[71]. Eles dão conta de uma intensa atividade como jornalista que nunca, antes dos trabalhos que Liliana Reales e eu viemos desenvolvendo, tinha sido resgatada, estudada e valorizada pela crítica.

Na declaração citada no capítulo anterior, Di Benedetto detalha como se deu sua liberação no dia 3 de setembro de 1977. Vemos como a viagem empreendida pelo autor em seu exílio não fora uma escolha pessoal, e que seu retorno não era também uma possibilidade. Forçado a sair de seu país e sem saber quando retornaria, Di Benedetto iniciou um longo processo de desterro. Nesse documento, ele apresenta a imposição do governo militar que o obrigou a sair do seu país e conta que usou uma passagem da Air France que tinha recebido em um prêmio literário antes do seu encarceramento.

Figura 38 – *Declaración* (pedido de indenização)



- Al salir de la cárcel, que como tal funcionaba la Unidad 9 de la Plata, se me indicó por medio de un agente no identificado, vestido de civil, que debía presentarme en Buenos Aires en la Casa Rosada. Así lo hice inmediatamente que pude y fui recibido por un oficial de uniforme (no reconozco los grados, por eso no digo su graduación) quien me participó que, si quería seguir gozando de la franquicia dada por el gobierno, me fuera del país. Esta sugestión de emprender el exilio me fue posible gracias a la atención de Air France, compañía de aeronavegación que años antes de mi encarcelamiento me premió como autor de un cuento literario, y me dio un pasaje de ida a Francia y de retorno a la patria. Esta segunda parte del billete no presentaba posibilidad alguna de regreso cercano, como lo demostraron los hechos: el gobierno de fuerza siguió instalado en el país y sólo cesó cuando se otorgó a la ciudadanía la ocasión de votar. Sólo pude volver una vez elegido el presidente constitucional, doctor Alfonsín. Lo hice en 1984, invitado por Ernesto Sábato y propiciado por éste, por Beatriz Guido y Carlos Goroztiza, quien me dio trabajo temporario en la Secretaría de Cultura de la Nación.

Antonio Di Benedetto
L.E. n° 5.860.545

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/declaracion/[72]

[71] Os textos jornalísticos de Di Benedetto publicados em Madri estão em fase de seleção e edição para serem publicados pela editora Adriana Hidalgo.

[72] Transcrição: Al salir de la cárcel, que como tal funcionaba la Unidad 9 de la Plata, se me indicó por medio de un agente no identificado, vestido de civil, que debía presentarme en Buenos Aires en la Casa Rosada. Así lo hice inmediatamente que pude y fui recibido por un oficial de uniforme (no reconozco los grados, por eso no digo su graduación) quien me participó que, si quería seguir gozando de la franquicia dada por el gobierno, me fuera del país. Esta sugestión de emprender el exilio me fue posible gracias a la atención de Air France, compañía de aeronavegación que años antes de mi encarceramiento me premió como autor de un cuento literario y me dio un pasaje de ida a Francia y de retorno a la patria. Esta segunda parte del billete no presentaba posibilidad alguna de regreso cercano, como lo demostraron los hechos: el gobierno de fuerza siguió instalado en el país y sólo cesó cuando se otorgó a la ciudadanía la ocasión de votar. Sólo pude volver una vez elegido el presidente constitucional doctor Alfonsín. Lo hice en 1984, invitado por Ernesto Sábato y propiciado por este, por Beatriz Guido y Carlos Goroztiza. Quien me dio trabajo temporario en la secretaria de cultura de la nación. (BENEDETTO, 1986)

No dia 24 de dezembro de 1977, Antonio Di Benedetto viaja para um exílio de mais de seis anos[73] que significará uma grande mudança na sua vida pessoal e na sua produção literária e jornalística. Na cronologia de sua vida, publicada postumamente em seu último livro, *Páginas de Antonio Di Benedetto seleccionadas por el autor* (1987), sua viagem é assim descrita:

> 24 de diciembre, partida hacia Europa, con los pasajes del premio del concurso de cuentos de la revista *Siete Días*. Invitado por los respectivos países, recorre, en compañía de su hermana, los principales puntos de Inglaterra, Alemania Occidental, Francia, Italia y España (BENEDETTO, 1987:257)[74]

O próprio autor afirmou em entrevistas que houve um grande incentivo por parte do escritor Ernesto Sabato para que ele voltasse para a Argentina, e será justamente a esse escritor que Di Benedetto dedicará seu último livro de contos. Nas primeiras páginas de *Cuentos del Exilio* (1983), o autor escreveu: "Al Premio Nobel de Literatura Heinrich Böll y al gran escritor argentino Ernesto Sabato, que bregaron por mi libertad en altas instancias" (DI BENEDETTO, 1983). Em uma entrevista, incluída no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto, que foi realizada pelo jornal *Clarín*, no dia 24 de maio de 1984, isto é, depois de seu retorno à Argentina, podemos ler:

Tradução nossa: Ao sair da prisão, que como tal funcionava a Unidade 9 de La Plata, foi-me solicitado por um agente não identificado, vestido como civil, apresentar-me em Buenos Aires na Casa Rosada. Fiz isso imediatamente que pude e fui recebido por um oficial de uniforme (não reconheço os graus, por isso não digo sua graduação) que me informou que, se quisesse continuar desfrutando da liberdade concedida pelo governo, deixasse o país. Essa sugestão de embarcar para o exílio foi possível graças à atenção da Air France, uma empresa de aviação que, anos antes do meu encarceramento, me recompensou como autor de uma história literária e me deu uma passagem de ida para a França e de volta à terra natal. Essa segunda parte do bilhete não apresentava possibilidade de retorno próximo, como evidenciado pelos fatos: o governo da força permaneceu instalado no país e só cessou quando os cidadãos tiveram a chance de votar. Eu só poderia voltar uma vez eleito o presidente constitucional Dr. Alfonsin. Fiz isso em 1984, convidado por Ernesto Sábato e propiciado por este, por Beatriz Guido e Carlos Goroztiza. Que me deu trabalho temporário na secretaria de cultura da nação. (BENEDETTO, 1986)

[73] O seu retorno à Argentina se concretiza somente em 24 de maio de 1984.

[74] Tradução nossa: 24 de dezembro, rumo à Europa, com as passagens do prêmio do concurso de contos da revista *Siete Días*. Convidado pelos respectivos países, percorre, na companhia de sua irmã, os principais pontos da Inglaterra, Alemanha Ocidental, França, Itália e Espanha (BENEDETTO, 1987: 257)

Figura 39 – Entrevista ao *Clarín* (1984)

Emocionante retorno al país del escritor Antonio Di Benedetto

Cálido reencuentro

Preguntado sobre si se radicará definitivamente aquí, dijo "esto es lo que me pidió que hiciera Ernesto Sabato, quien me respaldó y defendió cuando estuve en la cárcel, llegando incluso a hablar con Videla, y me ayudó en el exilio, y el día en que se acabaron las condiciones

para seguir exiliado, me dijo que volviera acá a poner el hombro, y para esto he venido".

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/emocionante-retorno/[75]

Inicialmente, Di Benedetto saiu do país para dar uma série de palestras sobre literatura fantástica nas universidades de Rennes, Tours e Sorbonne. Seu amigo Juan José Saer morava com a esposa em Rennes e dava aulas na mesma universidade. Lá estavam outros escritores e artistas que se relacionaram com o autor durante seu desterro. Di Benedetto encontrou-se também, durante essa época, com o escritor Daniel Moyano, o poeta Hugo Gola, o artista plástico Enrique Sobisch (também de Mendoza), diretores de cinema e fotógrafos como Nicolas Sarquís, Patricio Coll e Raúl Baceyro e jornalistas como Ambrosio Gracía Laos. O escritor chileno Roberto Bolaño conheceu Di Benedetto em Madri e escreveu o conto já mencionado, no qual o personagem ficcional Sensini é uma clara alusão ao escritor argentino.

Antes da partida para a Europa, a viagem de Di Benedetto foi documentada pelos jornais argentinos não como um exílio, mas como uma atividade meramente cultural. Tenhamos em conta que os jornais viviam uma forte censura por parte dos órgãos de fiscalização do governo militar argentino. O jornal *Clarín* informou em dezembro de 1977:

[75] Transcrição: Preguntado sobre si se radicará definitivamente aquí dijo: "esto es lo que me pidió que hiciera Ernesto Sabato, quien me respaldó y defendió cuando estuve en la cárcel, llegando incluso a hablar con Videla, y me ayudó en el exilio y el día que se acabaron las condiciones para seguir exiliado me dijo que volviese acá a poner el hombro, y para esto vine. (CLARÍN,1984:31)

Tradução nossa: Questionado sobre se ele se estabelecerá definitivamente aqui, ele disse: "Foi isso que Ernesto Sabato me pediu para fazer, ele que me apoiou e me defendeu quando eu estava na prisão, conversando até com Videla, e me ajudou no exílio, e no dia em que terminaram as condições que me mantinham exilado, me disse para voltar para cá para contribuir (Em português também diríamos "dar uma mão" ou "dar uma força".), e para isso eu vim. (CLARÍN,1984:31)

Figura 40 – Actividad europea de Antonio Di Benedetto. *Clarín* (1977)

ARCHIVO
CLARIN

Actividad europea de Antonio Di Benedetto

El escritor argentino **Antonio Di Benedetto** —miembro correspondiente de la **Academia Argentina de Letras, y Caballero de la Orden del Mérito de la República Italiana**— partirá próximamente hacia Europa, donde lo aguarda una vasta e intensa actividad cultural. En diversas universidades de Francia —Rennes, Nantes, Nanterre, Tolosa—, el prestigioso narrador dictará varias clases de **Literatura fantástica argentina** y desarrollará un novedoso ciclo titulado **Comunicación entre el escritor argentino viviente y el estudiante de literatura de Francia.** Además, para centros universitarios de Paris y del interior, el escritor mendocino disertará sobre la vida y obra de **Gabriela Mistral.** Por su parte, en **España**, estu-

La obra de nuestro galardonado escritor —11 libros, entre cuentos y novelas— es profusamente conocida y valorada en el exterior, merced a las sucesivas traducciones, que lo situaron entre los más respetados de nuestro país, junto a Borges y Sábato. Por ejemplo su recordada novela **Zama**, que ya posee versiones en alemán, italiano, holandés y francés, mientras aguarda la respectiva versión al inglés y portugués. Y varias editoriales

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/actividad-europea/[76]

Temos no Fundo Virtual uma cópia de uma das programações das palestras realizadas por Di Benedetto em Paris. Abaixo incluímos a programação do *Coloquio sobre el cuento latinoamericano* realizado na *Sorbonne*, em Paris, em 1980, do qual Di Benedetto participou, junto com vários outros escritores latino-americanos, como Augusto Roa Bastos e Juan Carlos Onetti. Esse documento tem um grande valor, não somente pelo momento em que o evento foi realizado, mas também pelo título da palestra de Di Benedetto (*El cuento fantástico*).

Figura 40 – *Coloquio sobre el cuento latinoamericano* (1980)

PRIMERA SESION A
Lugar : SORBONA
AMPHI
LIARD
ENTRADA POR
19, RUE DE LA SORBONNE

9.15 APERTURA. Discurso de bienvenida del Presidente de la Universidad de Paris IV - Sorbona. Profesor Raymond POLIN.
10.00 Presidente : Juan Carlos ONETTI.
Vice-Presidente : Jacques LAFAYE (Paris IV - Sorbona).
Alterno : Alain SICARD (Universidad de Poitiers).
Seymour MENTON (Universidad de California - Irvine, EE. UU.).
«CINCUENTA AÑOS DE REALISMO MAGICO EN EL CUENTO HISPANOAMERICANO».
11.00 Gabriel SAAD (Paris III - Sorbona).
«TÉCNICA DE LA NARRACIÓN EN EL CUENTO URUGUAYO CONTEMPORANEO : ONETTI - F. HERNANDEZ».
12.00 Alfred MAC ADAM (Universidad de Virginia, EE. UU.).
«BORGES, TLÖN, Y LA BUSQUEDA FRACASADA».
13.00 Almuerzo libre.

CUARTA SESION A
Lugar : SORBONA
AMPHI
DESCARTES

15.00 Presidente : Augusto ROA BASTOS.
Vice-Presidente : Emma FERNANDEZ COLMEIRO (Paris IV - Sorbona).
Alterno : Francois DELPRAT (Universidad de Paris X).
Rubén BAREIRO-SAGUIER (Universidad de Paris VIII).
«RUPTURA ENTRE TRADICIÓN POPULAR Y ESCRITURA EN EL CUENTO PARAGUAYO».
15.45 Luis IÑIGO MADRIGAL (Universidad de Odense, DINAMARCA).
«SOBRE EL CUENTO DE LA «GENERACION DEL 50» EN CHILE».
(Pausa café).
16.30 Antonio DI BENEDETTO.
«EL CUENTO FANTASTICO».
17.15 Antonio SKARMETA.
«CUENTO Y DOCUMENTO».
19.00 «LOS ESCRITORES LEEN SUS CUENTOS» y presentacion del libro «LITTERATURE LATINO-AMERICAINE D'AUJOURD'HUI». Actas del Coloquio de Ceresy-La-Salle, por Jacques LEENHARDT. Colección 10/18. Rubén BAREIRO-SAGUIER, Horacio CABRAL MAGNASCO, Marta GAVENSKY, Alfonso LA TORRE, Manuel MEJIA VALLEJO, Augusto MONTERROSO, Daniel MOYANO, Teresa PORZECANSKI, Augusto ROA BASTOS, Federico UNDIANO.

Fonte: Fundo Virtual Antonio di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/coloquio-paris-1980/

[76] Transcrição: El escritor Antonio Di Benedetto – miembro correspondiente de la Academia Argentina de Letras y Caballero del Orden de Mérito de la República Italiana – partirá próximamente hacia Europa donde lo espera una intensa actividad cultural. (CLARÍN, 1977)
Tradução nossa: O escritor Antonio Di Benedetto – membro correspondente da Academia Argentina de Letras e Cavaleiro da Ordem do Mérito da República Italiana – partirá em breve para a Europa, onde uma intensa atividade cultural o espera. (CLARÍN, 1977)

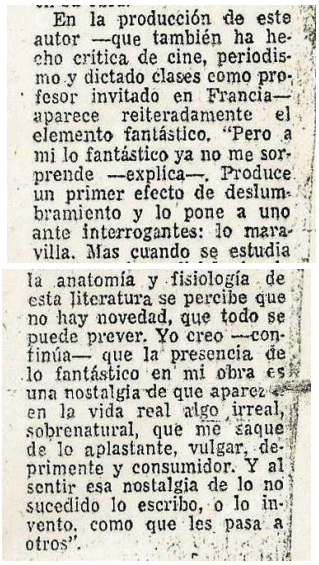
Nos estudos da obra de Di Benedetto, há uma constante referência a outra palestra que ele proferiu na Biblioteca Nacional de Buenos Aires em 1959, convidado por Jorge Luis Borges, e que tinha o mesmo título[77]. Por outro lado, destaco também uma matéria jornalística publicada pelo jornal *La Prensa* em1980. O texto, escrito por Mariano Aguirre, enviado especial a Madri, fala sobre Di Benedetto e transcreve partes de um diálogo que teve com o autor. O tema da matéria é a literatura fantástica, e o texto foi publicado no mesmo ano em que Di Benedetto fez a palestra sobre o mesmo assunto no colóquio em Paris. Nesse texto surge uma formulação importante sobre o fantástico que provavelmente tenha sido, por se tratar do mesmo ano, muito próxima da formulada por Di Benedetto no colóquio de Paris. Para Di Benedetto, o fantástico remetia a algo que pudesse fazê-lo sair da realidade agonizante e vulgar da vida. Ele relaciona essa transformação da realidade a uma nostalgia de algo que ele sentia e não sente mais, diz que esperava que algo da ordem do fantástico ocorresse para tirá-lo da cotidianidade e que soube transpor esse desejo para a sua literatura. Apresento a imagem da entrevista com o fragmento da formulação:

Figura 41 – Lo moral y lo fantástico en la obra de Antonio Di Benedetto en *La Prensa* (1980)

Desde Madrid

Lo moral y lo fantástico en la obra de Antonio di Benedetto

Por Mariano Aguirre



En la producción de este autor —que también ha hecho crítica de cine, periodismo y dictado clases como profesor invitado en Francia— aparece reiteradamente el elemento fantástico. "Pero a mi lo fantástico ya no me sorprende —explica—. Produce un primer efecto de deslumbramiento y lo pone a uno ante interrogantes: lo maravilla. Mas cuando se estudia la anatomía y fisiología de esta literatura se percibe que no hay novedad, que todo se puede prever. Yo creo —confiaba— que la presencia de lo fantástico en mi obra es una nostalgia de que aparezca en la vida real algo irreal, sobrenatural, que me saque de lo aplastante, vulgar, deprimente y consumidor. Y al sentir esa nostalgia de lo no sucedido lo escribo, o lo invento, como que les pasa a otros".

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/lo-moral-y-los-fantastico-en-la-obra-de-adb-la-prensa-1980-05-9-1/[78]

[77] Até o momento não conseguimos recuperar essa conferência, bem como as realizadas por Di Benedetto ao longo do seu exílio ou durante algumas de suas viagens ao exterior antes do seu encarceramento.

[78] Tradução nossa: Na produção desse autor – que também realizou críticas cinematográficas, jornalismo e ministrou aulas na França – aparece constantemente o elemento fantástico. "Mas o fantástico já não me

Até hoje não são muitos os estudos sobre o exílio de Antonio Di Benedetto.[79] No entanto, algumas informações inéditas foram recuperadas para a realização do nosso trabalho. Para além do valor que os escritos do exílio representam para a crítica literária, eles permitem, muitas vezes, reconstruir e observar alguns acontecimentos de ordem política daqueles anos sob outro ângulo. Assim, em documentos, cartas e artigos, descreve-se a gravidade do momento político e seu impacto na cultura e na vida dos intelectuais da época.

5.2 Escrituras do desterro

Coletar e analisar os arquivos que estão na Espanha para incluí-los no Fundo Virtual tornou-se de suma importância, não só para o estudo da biografia de Antonio Di Benedetto, como também para a análise de uma época em que o exílio era a única maneira de sobreviver para escritores, jornalistas e intelectuais perseguidos por governos autoritários. Cabe destacar que durante praticamente todos os seus anos de exílio, Di Benedetto trabalhou como jornalista e membro do conselho de redação de uma revista que, tirando a seção de artes e espetáculos, para a qual ele escrevia, pouco tinha a ver com literatura. A revista *Consulta Semanal* era, primeiramente, um periódico de medicina. Talvez por isso, essa revista e outras que foram encontradas ao longo da pesquisa, nunca tenham sido observadas com maior atenção.

Algumas informações sobre a vida do autor na Europa pareciam um tanto contraditórias, principalmente pelo fato de que nenhum trabalho fizesse referência aos escritos que Di Benedetto havia publicado nos jornais da Espanha durante aquele período. Apenas eram mencionados os principais meios para os quais o autor trabalhou em Madri, os mesmos que ele menciona em suas entrevistas. Além da *Consulta Semanal*, Di Benedetto também publicou nessa época na revista *Arteguia*, especializada em crítica

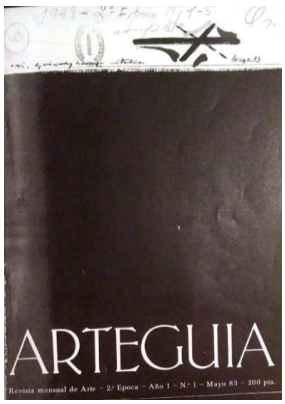
---

surpreende mais – explica. Produz um primeiro efeito de deslumbre e coloca o leitor diante de uma incógnita: o deixa maravilhado. Mas quando se estuda a anatomia e a fisiologia dessa literatura, percebe-se que não existe novidade, que tudo pode ser previsto. Eu acredito – continua – que a presença do fantástico na minha obra é uma nostalgia de que apareça na vida real algo irreal, sobrenatural, que me tire do angustiante, vulgar, deprimente e consumidor. E, ao sentir essa nostalgia do que não aconteceu, eu escrevo, ou eu invento, como se acontecesse com os outros. (LA PRENSA, 1980)

[79] Podemos citar, além do texto de Liliana Reales já mencionado, o de Alice Favaro intitulado "Narrar el trauma: la narrativa 'exiliada' en Antonio Di Benedetto", publicado na revista *Orillas* nº7 em 2018.

artística e na divulgação das exposições que ocorriam no início dos anos 80 na Espanha. Abaixo apresento as duas capas das primeiras edições das revistas para as quais ele trabalhou:

Figura 42 – Capas de *Arteguia* (Nº1) e *Consulta Semanal* (Nº7)



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponíveis em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/arteguia_1/
http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-1/

O afastamento forçado de seu país causou grande angústia ao autor. Di Benedetto expressa esse sentimento em diversas entrevistas, como, por exemplo, na realizada pelo jornal *Vanguardia*, de Barcelona, em 17 de agosto de 1982. Nela o autor confirma a dificuldade criativa que sentiu ao estar tão longe da sua terra natal. A cidade de Mendoza era para Di Benedetto a matéria prima de suas histórias. Essa entrevista é interessante pois ele reafirma algo que já tinha mencionado antes da ditadura militar, na entrevista realizada por Rodolfo Braceli em 1971 para a revista *Gente*, citada anteriormente na "Prancha 1: Literatura". Ele afirma que, desde 1978, não sentia mais as lembranças de sua terra natal e de sua família. Nas suas palavras: "para mi literatura, el exilio ha sido totalmente negativo" (DI BENEDETTO, 1982):

Figura 43 – Antonio Di Benedetto: Una silenciosa maestria. *Vanguardia* (1982)

Antonio Di Benedetto: Una silenciosa maestría

instalarme en ella. Para mi literatura, el exilio ha sido totalmente negativo. Yo trabajaba, creo, que con un par de vertientes: lo que heredé de mis padres y abuelos (su cultura, anécdotas, historias familiares) y mi mirada personal. A su herencia le entronqué mis vivencias, que no eran las de un hombre solitario sino las de un hombre que vivía en sociedad. Experiencia y expresiones que, al desprenderme del lugar, se me han ido borrando. La borratina ha sido inclemente. Ya no encuentro facilidad para imaginar no diré una novela sino ni siquiera un cuento. Esta penuria, está minusvalía se me ha pegado desde el año 78 en adelante hasta casi el más relativo presente.

Fonte: Fundo Virtual Antonio di Benedetto.

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/silenciosa-maestria/[80]

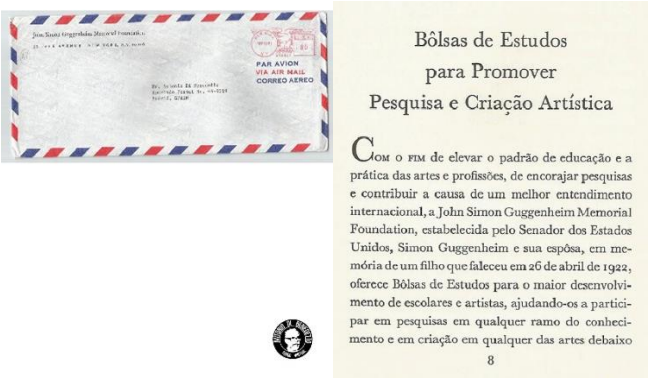
Apesar dessas declarações, durante o exílio, três livros foram publicados e mais um foi escrito e publicado depois de seu retorno à Argentina, este último intitulado *Sombras, nada más...* (1985). O primeiro livro de contos foi *Absurdos*, de 1978, publicado pela editora Pommaire, de Barcelona, contendo uma série de contos que, como mencionado na "Prancha 2: Detenção", em grande parte foram escritos na prisão, segundo afirmações do autor e de sua amiga Adelma Petroni. Mais dois livros de contos foram publicados durante esses anos. O primeiro, uma compilação de contos publicados anteriormente sob o título de *Caballo en el salitral* (1981). O outro livro, intitulado *Cuentos del exilio* (1983), foi publicado pela editora Bruguera simultaneamente na Espanha e na Argentina. Foi a partir de um conto, chamado "Lazarillo de Hermosilla", presente nesse livro, que pude entender uma dimensão nova da vida de Di Benedetto no exílio, como demonstrarei a seguir.

Durante o mesmo período, o autor ganhou uma bolsa da fundação Guggenheim para permanecer durante três meses nos Estados Unidos, criando o que viria a ser o seu

[80] Tradução nossa: Para a minha literatura o exílio foi totalmente negativo. Eu trabalhava, creio, com um par de vertentes. O que herdei dos meus pais e avós (sua cultura, anedotas, histórias familiares) e meu olhar pessoal. À sua herança eu adicionei as minhas experiências, que não eram as de um homem solitário, mas as de um homem que vivia em sociedade. Experiência e expressão que, ao desprender-me do lugar, foram se apagando. O apagamento foi inclemente. Já não encontro facilidade para imaginar não direi um romance, mas nem sequer um conto. Esta penúria, esta desvantagem, me golpeou do ano de 1978 em diante, até quase o presente. (DI BENDETTO, 1982)

último livro publicado em vida, *Sombras, nada más...* (1985). Na carta enviada pela fundação Guggenheim que apresento abaixo, disponível no Fundo Virtual, aparecem, em diferentes línguas, as especificações das bolsas designadas para a estadia em New Hampshire. A carta contém as traduções das especificações da bolsa em diversas línguas. Podemos ler em português as seguintes informações:

Figura 44 – Carta da Fundação Guggenheim (1982)



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-guggenheim-1981_-1/

O livro escrito em New Hampshire (*Sombras, nada más...*, 1985) pode se assemelhar a uma criação autobiográfica. No entanto, essa própria classificação pode ser negada e essa leitura é criticada por parte de estudiosos da obra, como Liliana Reales e Diego Flores Delgadillo.

Para Reales, o personagem narrador onisciente do romance, Emanuel, trabalha com as informações de um modo que é chamado pela autora de *quase* memórias numa cena *quase* psicanalítica. Os fragmentos de memórias apresentadas pelo personagem se intercalam com descrições oníricas em um tom confessional. Apesar do personagem vivenciar momentos que podem se assemelhar aos que viveu Di Benedetto nos Estados Unidos, não podemos enquadrar o escrito em uma autobiografia. Reales dirá:

> Refuto a ideia de que ele seja autobiográfico ou sequer um "ato" ou "cena" autobiográfica, representando esse romance, justamente, a impossibilidade de uma autobiografia. Primeiro, porque penso que Di Benedetto, assim como vários outros autores contemporâneos seus, como Juan Rulfo, Juan Carlos Onetti e Héctor Tizón, para mencionar apenas três, desconfiaram do gênero ao ponto de nunca pensarem na possibilidade de escreverem uma "autobiografia".

> E, em segundo lugar, mas não menos importante, cabe perguntar: seria possível a autobiografia de um sobrevivente? (RELES, 2019: 97)

Por sua vez, em sua dissertação de mestrado intitulada *Sombras, nada más… ou o esgotamento de uma escrita* (2018), Delgadillo também irá negar o caráter autobiográfico do escrito. Dirá:

> [...] confinar o texto como uma autobiografia é subjugá-lo e simplificá-lo, não porque a autobiografia seja um gênero literário menor ou maior (o que já é um tema de debate, é um gênero literário?), senão porque limita as possibilidades de leitura que o livro oferece. (DELGADILLO, 2018:16)

Podemos perceber que, mesmo vivendo um momento de afastamento total da sua vida cotidiana, de seu país e das suas raízes, Di Benedetto continuou produzindo no exílio os textos que viriam a compor as últimas linhas escritas do autor em vida. Di Benedetto soube aproveitar o momento de seu afastamento forçado para continuar escrevendo e investigando.

Um ponto que parece interessante destacar é que Antonio Di Benedetto também fez um trabalho de investigação semelhante ao nosso durante o seu período de exílio na Espanha. Ele buscou as pistas da passagem de Ernst Hemingway pelo País Basco. Esse autor será mencionado em textos jornalísticos da época, como veremos mais adiante. Di Benedetto fala sobre essa busca em uma entrevista para *La Prensa*, de 1984, realizada por Celia Zaragosa. Nela, o escritor também afirma que a Espanha representou para ele um lugar de recondicionamento espiritual e que inclusive o ajudou a voltar a escrever literatura e jornalismo. Apresento abaixo a imagem dessa entrevista.

Figura 45 – Entrevista de Celia Zaragosa (1982)

En España

–En suma...

–...estar en España ha representado para mí un lugar bien asentado donde poner los pies, y ha dado lugar a que me reacondicionara espiritualmente e incluso volviera a trabajar en literatura y a escribir, por lo menos, unos veinte cuentos. Además, he podido ejercer el periodismo.

–¿Recorrió usted varias zonas españolas?

–Bueno, encontré varias sorpresas: que en Madrid no son castellanos puros todos, como imaginamos los latinoamericanos; que los catalanes, en general, no sólo los editores sino el pueblo común, o el vendedor de tal o cual cosa en una tienda, todos ellos parecen fenicios, y están signados por esa marca.

–Para ellos es una virtud...

–...Pero no para mí. Ahí está la diferencia. En el País Vasco viví tres meses como invitado. Encontré múltiples huellas de Ernest Hemingway, a quien había conocido en un viaje anterior. Allí observé lo que Hemingway hacía en favor del torero Paco Camino cuando ordenó al jurado que le dieran las dos orejas porque, tras haber sido herido, volvió con gran coraje al ruedo para enfrentar a un segundo toro. En Soria

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/celia-zaragoza-a-adb/[81]

[81] Transcrição: [...] estar en España a representado para mí un lugar bien asentado donde poner los pies, ha dado lugar a que me reacondicionara espiritualmente e incluso volviera a trabajar en literatura y a escribir,

Assim como muitos outros escritores que tiveram que deixar seus países expulsos ou fugindo de estados totalitários que os perseguiram, Di Benedetto também teve de deixar a sua cidade, a sua família e o seu trabalho. No entanto, alguns mitos que foram relacionados a esse período da vida de Di Benedetto parecem ter sido causados por interpretações errôneas da sua obra e mesmo das suas entrevistas. Sem ir mais longe, acabamos de ver acima duas entrevistas bem contraditórias com relação à escrita literária do autor durante o exílio.

5.3 A descoberta dos pseudônimos

Di Benedetto afirma, no começo de seu livro *Cuentos del exilio* (1985), que os contos ali apresentados nada poderiam nos revelar sobre a sua vida:

> No se crea que, por más que haya sufrido, estas páginas tienen que constituir necesariamente una crónica, ni contener una denuncia, ni presentar rasgos políticos. [...] Acaso lo que dejen transcender algunos cuentos es que fueron escritos por un exiliado. Pero nada más. (DI BENEDETTO, 1985)[82]

No entanto, na leitura dos contos que compõem esse livro, surgiu um questionamento causado pelo fato de alguns deles estarem assinados com os locais onde foram escritos e outros não. Isso teria um motivo? Essa constatação nos levou a investigar os locais que apareciam nos contos, e assim descobrimos algumas informações importantes relacionadas à vida de Di Benedetto em Madri que nunca antes tinham sido mencionadas.

Muitos dos relatos incluídos no livro ilustram o desespero de indivíduos que sofrem uma fragmentação identitária e que sentem uma falta de pertencimento à sociedade e à realidade em que habitam. Em muitos casos, essa estranheza com o mundo

---

por lo menos, unos veinte cuentos. Además, he podido ejercer el periodismo. – ¿Recorrió usted varias zonas españolas? – Bueno, encontré varias sorpresas: que en Madrid no son castellanos puros todos, como imaginamos los latinoamericanos; que los catalanes, en general, no sólo los editores sino el pueblo común o el vendedor de tal o cual cosa en una tienda, todos ellos parecen fenicios, y están signados por esa marca… - Para ellos es una virtud. – Pero no para mí. Ahí está la diferencia. En país vasco viví tres meses como invitado. Encontré múltiples huellas de Ernst Hemingway, a quien había conocido en un viaje anterior. Allí observe lo que Hemingway hacía en favor del torero Paco Camino cuando ordenó al jurado que le dieran las dos orejas porque, tras haber sido herido, volvió con gran coraje el ruedo para enfrentar a un segundo toro. (DI BENEDETTO, 1982:9) Aqui também faltou a tradução.

[82] Tradução nossa: Não se acredite que, por mais que eu tenha sofrido, essas páginas tenham que constituir necessariamente uma crônica, nem conter uma denúncia, nem apresentar rasgos políticos. [...] Talvez o que alguns contos permitam transcender seja o fato de terem sido escritos por um exilado. Mas nada mais. (DI BENEDETTO, 1985)

considerado real se ilustra com acontecimentos da ordem do fantástico e do onírico. Existem elementos claros na narrativa de Di Benedetto que remetem ao exílio, entretanto muitos dos contos contêm personagens que sentem o desarraigamento, mesmo não sendo exilados.

Na maioria dos relatos de *Cuentos del exilio* (1985), as personagens parecem vivenciar a tal ponto um desconforto frente à realidade e à sociedade, que a própria vida se transforma em um mundo fantástico onírico e surreal. Particularmente no conto intitulado "Lazarillo de Hermosilla", vemos uma relação interessante entre a vida do próprio autor e sua obra. Nesse conto, um homem relata a sua vida cotidiana de ida ao trabalho passando por um túnel da rua Goya, em Madri. Ele menciona muitos pontos de referência e fala de um pedinte que se encontrava no túnel abaixo da rua. Com esse mendigo havia um cachorro, com o qual o protagonista do conto cria uma relação de amizade. No final do relato, o próprio personagem passa a se sentar no lugar do mendigo para pedir esmolas com o cachorro, até chegar ao ponto de ele mesmo virar um cachorro. Como nos já mencionados contos do mesmo livro, "Bueno como el pan" e "Hombre pan-dulce", a metamorfose aqui também se faz presente.

Mas o conto "El Lazarillo de Hermosilla" tem algumas informações importantes sobre a vida de Di Benedetto no exílio. Observei que era um dos únicos a estar assinado ao final com o local de escrita. Depois do último parágrafo podemos ler: *Calle Hermosilla, Madrid*. Busquei a rua na cidade e percebi que ela se encontrava perto de todos os pontos mencionados no conto. Ali encontrei uma loja de mel de abelha que ainda continua aberta no meio dos grandes prédios que foram crescendo na grande metrópole madrilenha. O conto inicia da seguinte forma:

> En mi ruta de rutina, de la oficina a mi habitación, de mi habitación a la oficina, paso y repaso el subterráneo peatonal que abre la boca en Goya, se cuela por debajo de la calle Doctor Esquerdo y emerge frente a la tienda de miel de abejas. Por ahí a la vuelta, en esa calle de farolas que antes alumbraban con gas, vivo yo. (DI BENEDETTO, 2009:583)[83]

Podemos observar que a última sentença do fragmento é: "*Por ahí a la vuelta [...] vivo yo*". E se esse local realmente fosse a casa onde morou Antonio Di Benedetto? E se

[83] Tradução nossa: No meu percurso de rotina, do escritório para minha residência, da minha residência para o escritório, passo e repasso a passagem subterrânea para pedestres que abre a boca em Goya, esgueira-se sob a rua Doctor Esquerdo e emerge em frente à loja de mel de abelhas. Nesses arredores, nessa rua de postes de luz que antes iluminavam a gás, eu vivo. (DI BENEDETTO, 2009:583)

o conto “El Lazarillo de Hermosilla” tivesse informações mais importantes que pudessem desencadear outras descobertas? Quais seriam essas informações?

Podemos estabelecer assim um diálogo entre realidade e ficção apresentando os locais que o autor menciona no conto. O túnel subterrâneo que sai na frente de uma loja de mel de abelhas ainda existe, a loja também. Abaixo incluo a foto do comércio que se chama *La Moderna Apicultura* e que, em 2019, completou exatos 100 anos. É importante também dizer que a loja de mel de abelhas é um local tradicional da cidade de Madri e que em sua própria página na internet contém as imagens da rua e da fachada da loja ao longo do último século. Dessa forma, também podemos ter uma noção visual da cidade tal como era na época em que o autor morou nela.

Figura 46 – *La Moderna Apicultura*

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Fotografia: Tamires Dutra.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/lazarillo-de-hermosilla/

Por outro lado, a rua que aparece na assinatura final do conto, a *Calle Hermosilla*, que também dá nome ao conto, está situada exatamente na rua de trás da loja de apicultura. Abaixo apresento a placa da rua:

Figura 47 – Calle de Hermosilla

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Fotografia: Tamires Dutra.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/**lazarillo-de-hermosilla**/

Há outros pontos de referência que aparecem no conto. Na metade do relato, o autor afirma que perdeu o emprego e que passou a conviver com seu amigo cachorro no pequeno parque em frente à Igreja Sagrada Família. Abaixo, as imagens do local:

Figura 48 – Igreja Sagrada Família

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Fotografia: Tamires Dutra.
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/lazarillo-de-hermosilla

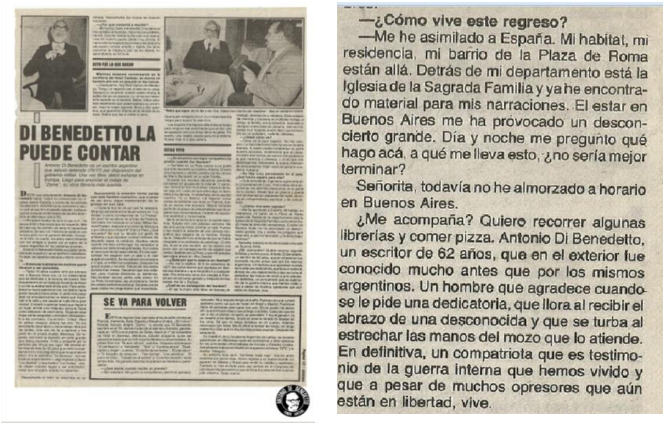
Em uma interessante relação entre a realidade e a ficção encontramos em uma entrevista de Antonio Di Benedetto a afirmação de que esse era o local onde ele morou

durante seu exílio em Madri[84]. Abaixo segue um fragmento da entrevista realizada em 1984 pelo periódico *Ahora*, de Buenos Aires, em que Di Benedetto afirma:

> Me he asimilado a España. Mi habitat, mi residencia, mi barrio de la Plaza de Roma están allá. Detrás de mi departamento está la Iglesia de la Sagrada Familia y he encontrado material para mis narraciones. (DI BENEDETTO, 1984:13) [85]

Abaixo apresento a imagem da entrevista, que também está no Fundo Virtual.

Figura 49 – Di Benedetto la puede contar – *Ahora* (1984)



DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

SE VA PARA VOLVER

—¿Cómo vive este regreso?

—Me he asimilado a España. Mi habitat, mi residencia, mi barrio de la Plaza de Roma están allá. Detrás de mi departamento está la Iglesia de la Sagrada Familia y ya he encontrado material para mis narraciones. El estar en Buenos Aires me ha provocado un desconcierto grande. Día y noche me pregunto qué hago acá, a qué me lleva esto, ¿no sería mejor terminar?

Señorita, todavía no he almorzado a horario en Buenos Aires.

¿Me acompaña? Quiero recorrer algunas librerías y comer pizza. Antonio Di Benedetto, un escritor de 62 años, que en el exterior fue conocido mucho antes que por los mismos argentinos. Un hombre que agradece cuando se le pide una dedicatoria, que llora al recibir el abrazo de una desconocida y que se turba al estrechar las manos del mozo que lo atiende. En definitiva, un compatriota que es testimonio de la guerra interna que hemos vivido y que a pesar de muchos opresores que aún están en libertad, vive.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/dibe-la-puede-contar/

Ainda explorando as possíveis similaridades entre "Lazarillo de Hermosilla" e a vida do autor no exílio, o personagem principal do conto menciona um trabalho rotineiro que só não se repetia aos domingos. Sabíamos que Di Benedetto trabalhava na revista *Consulta Semanal* nessa época e que tinha publicado alguns textos nesse periódico voltado para a área médica, mas também com informações sobre espetáculos, arte, livros e filmes, como já mencionamos. A dúvida era: se Di Benedetto trabalhava todos os dias em algum lugar, onde estariam os textos escritos por ele?

---

[84] É importante dizer que não há menções anteriores aos lugares onde Di Benedetto morou durante os anos de exílio. A cidade de Madri valoriza esse tipo de lembrança em sua urbanização. No conjunto habitacional *Casa de las Flores*, por exemplo, existe uma placa que sinaliza a antiga morada de Pablo Neruda. Ver mais informações em: http://www.worldliteraryatlas.com/es/quote/pablo-neruda-en-la-casa-de-las-flores Acessado em:20 de outubro de 2019

[85] Tradução nossa: Assimilei a Espanha. Meu habitat, minha residência, meu bairro da Plaza de Roma estão lá. Atrás do meu apartamento fica a Igreja da Sagrada Família e encontrei material para minhas histórias. (DI BENEDETTO, 1984:13)

Nessa investigação de campo encontramos o que viria a conformar um conjunto de textos esquecidos por mais de 30 anos, publicados pelo autor nessa revista. A partir de 1978, começa a aparecer o nome de Antonio Di Benedetto nas capas da publicação, onde o autor é referenciado como fazendo parte do conselho editorial. Seu nome vai aparecer até o final do ano 1983. Esse período continha um total de 224 edições, que eram publicadas semanalmente.

Inicialmente optei por buscar o nome de Antonio Di Benedetto nas publicações. Constavam nessa revista muitos textos assinados com seu nome que tratavam dos mais diversos assuntos, entre cinema, arte e literatura, e que somavam um total de 52 textos. Abaixo, na Figura 50, apresento dois exemplos dessa produção. De um lado vemos a já citada matéria sobre dor de dentes, que, como já comentamos, mais parece um conto pela forma como é escrita e pelas imagens construídas pelo autor. Em "*Dolores de muelas, dolores del alma*", publicado em 12 de setembro de 1980, o autor lista as funções que um dente pode ter e apresenta a importância desse órgão para a história da humanidade:

> En la historia y las religiones el diente se erige como símbolo y así es adorado. Un ejemplo: el diente de Buda, que representa la sapiencia excelsa. Otro más importante en su transcendencia – y es uno innominado, genérico –, el que cita la ley de Talión: "Ojo por ojo y diente por diente". Es una medida y una fórmula de la justicia, uno de los primeros preceptos legales que se dio la humanidad para humanizarse: fijar un límite – a través de una tasa – a los desmames del desquite o la venganza. Acogen el equitativo principio del Éxodo, el Levítico, el Deuteronomio, el Talmud, las Doce Tablas, la ley sálica y multitud de sistemas e instituciones orientales. (DI BENEDETTO, 1980:12)[86]

Observamos a engenhosidade do autor que, mesmo com as limitações próprias do local de publicação, soube transformar um informe médico em literatura, jogando com a história e os significados, como se fosse um escrito ficcional. Por tratar-se de uma revista

[86] Tradução nossa: Na história e nas religiões, o dente permanece como um símbolo e assim é adorado. Um exemplo: o dente de Buda, que representa sabedoria excelsa. Outro dente mais importante em sua transcendência – e sem nome, genérico –, é o que cita a lei de Talião: "Olho por olho e dente por dente". É uma medida e uma fórmula da justiça, um dos primeiros preceitos legais que a humanidade se concedeu para se humanizar: fixar um limite – mediante uma taxa – ao desmaio (Ou aos "desmandos"?) da retaliação ou da vingança. Vêm em auxílio o princípio equitativo do Êxodo, oLevítico, o Deuteronômio, oTalmude, as Doze Tábuas, a lei sálica e muitos sistemas e instituições orientais. (DI BENEDETTO, 1980:12)

que permitia misturar informações médicas com narrativas literárias, Di Benedetto pôde continuar com suas experimentações literárias.

Outros textos continham informações totalmente apartadas do mundo da medicina e eram publicados na seção especial da revista onde se divulgavam as novidades sobre arte e literatura. Di Benedetto utilizou esse local como um campo para fazer jornalismo cultural, que era algo de que sempre gostou e que marcou seu início na profissão. Além disso, pôde ganhar a vida com um trabalho estável, que lhe permitiu também viajar, como quando se ausentou, em 1981, para usufruir da bolsa Guggenheim em New Hampshire. Podemos observar, entre as publicações na seção sobre artes da *Consulta Semanal*, outro texto inédito em que o autor escreve sobre a arte impressionista. O texto intitulado "*El arte impresionista – ¿pudo ser generado por un problema de salud visual?*" foi publicado em 19 de novembro de 1982. De forma cômica e, ao mesmo tempo, utilizando uma escrita extremamente elaborada, o autor apresenta a suposição de que os artistas impressionistas poderiam ter sido míopes. Em suas palavras:

> El arte impresionista [...] ¿Pudo ser generado por un problema de salud visual? [...]. Porque lo que se trata de establecer es si Monet para pintar usaba gafas o, careciendo de ellas, debía realizar extraordinarios esfuerzos de aproximación a los objetos a fin de verlos bien. Tal planteamiento en virtud de que la sospecha – o intuición no desarrollada – insiste en que los primeros impresionistas, o alguno de ellos, eran miopes. (DI BENEDETTO, 1982:30)[87]

Abaixo, as imagens dos dois textos mencionados:

[87] A arte impressionista [...] Pode ter sido gerada por um problema de saúde visual? [...] Porque o que se trata de estabelecer é se Monet para pintar usava óculos, ou, na falta deles, devia realizar esforços extraordinários de aproximação aos objetos para vê-los bem. Tal proposta (talvez falte um verbo aqui, como "ocorre" ou "se dá") em virtude de que a suspeita – ou intuição não desenvolvida – insiste em que os primeiros impressionistas, ou alguns deles, eram míopes. (DI BENEDETTO, 1982:30)

Figura 50 –“El arte impresionista” e “Dolor de muelas y dolores del alma”

ARTE

El arte impresionista

¿PUDO SER GENERADO POR UN PROBLEMA DE SALUD VISUAL?

TRIBUNA ABIERTA

Dolor de muelas y dolores del alma

nombres

Proxen

Fonte: Revista Consulta Semanal

No entanto, foi através de uma entrevista incluída em *Consulta Semanal,* que surgiu a evidência de que o autor usou pseudônimos para assinar a maioria de seus textos, e isso nunca antes fora mencionado por seus críticos. Conforme já comentamos anteriormente, trata-se da entrevista com Jorge Luis Borges, publicada no dia 11 de julho de 1980. Nela o entrevistador aparecia com o nome de Greco. A confirmação de que se tratava, na verdade, de Di Benedetto, surgiu com as fotos tiradas de Borges e sua esposa, María Kodama, para a entrevista. Nelas aparece um espelho que reflete os interlocutores da matéria:

Figura 51 – Borges Íntimo – Consulta Semanal

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-semanal-n78-borges/

A pessoa que aparece no espelho ao lado de Borges é Antonio Di Benedetto. Essa evidência da escrita de Di Benedetto assinada por um pseudônimo gerou uma revisão dos textos encontrados. Já era notório que alguns nomes que assinavam os textos da revista soavam um tanto estranhos, não pareciam nomes de autores reais. Dessa maneira, foram recuperados e classificados 343 textos assinados por pseudônimos, além dos assinados com o nome do autor.

Pude corroborar a descoberta observando as datas de publicação dos pseudônimos. A data era importante porque, durante um período relativamente longo de seu exílio, Antonio Di Benedetto foi para New Hampshire, onde escreveu seu último romance, como já mencionamos no início deste capítulo. Se durante aquele período não aparecesse mais nenhuma publicação com um dos nomes que eu suspeitava serem seus pseudônimos, estes deveriam ser, de fato, Antonio Di Benedetto. E assim se deu, o nome de Di Benedetto e seus pseudônimos desaparecem da revista exatamente no período da viagem do escritor para New Hampshire, entre a publicação de 15 de outubro de 1981 e a de 26 de fevereiro de 1982.

Por outro lado, as publicações de outras pessoas da revista me levaram a procurar relatos de jornalistas que trabalharam com Antonio Di Benedetto naquela época. Pude falar com Matilde Duque, que trabalhou durante a maior parte do tempo ao lado de Di Benedetto e o via todos os dias na redação da revista. Ela confirmou que os pseudônimos eram de Antonio Di Benedetto. Abaixo apresento uma imagem de um texto publicado na revista onde aparecem sentados, lado a lado, Matilde e Di Benedetto. Na atualidade, Matilde Duque é assessora de imprensa da Organização Espanhola de Transplantes.

Figura 52 - Matilde Duque e Antonio Di Benedetto – Consulta Semanal

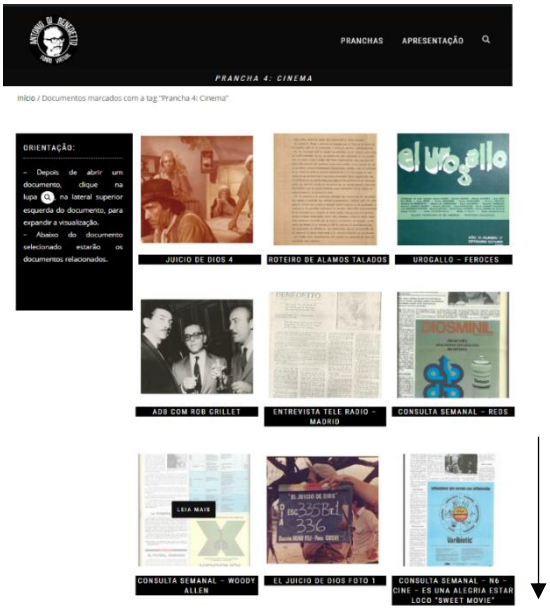
Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-debate-n5/

Cabe ressaltar que neste capítulo optamos por dar protagonismo aos materiais que ficaram esquecidos durante muito tempo e que não foram abordados pela crítica literária até o último ano, quando foram comentados no trabalho de Liliana Reales antes apontado[88]. Apesar disso, são muitas as relações que podem ser realizadas entre os outros documentos que temos em mãos, e por isso o Fundo Virtual pode vir a ajudar novos investigadores interessados em estudar a vida e a obra de Antonio Di Benedetto. No próximo capítulo vamos falar sobre a experimentação do autor na escrita cinematográfica.

[88] Em: REALES, Liliana. *Antonio Di Benedetto. Textos do exílio*. No prelo.

6. PRANCHA 4: CINEMA

Figura 53: Primeira página da “Prancha 4: Cinema”



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-4-cinema/

A vida de Antonio Di Benedetto esteve relacionada ao cinema desde a juventude. Podemos dividir a relação de Antonio Di Benedetto com a sétima arte em três vínculos diferentes. Por um lado, ele desempenhou durante toda a sua vida profissional o papel de crítico de cinema. Por outro, esporadicamente roteirizou alguns filmes. E por último, a relação de Antonio Di Benedetto com o cinema pode ser apresentada mediante as mais diversas adaptações cinematográficas de sua obra por outros roteiristas e diretores. Serão essas as temáticas que irão dividir o presente capítulo da nossa tese e também a prancha do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto.

Para o primeiro vínculo, que nomeia o subcapítulo “Antonio Di Benedetto, crítico de cinema”, apresentamos uma parte do nosso Fundo Virtual que contém textos do autor publicados tanto na Argentina como na Europa. São textos que se destacam por um olhar clínico de análise cinematográfica que se reflete na escrita característica do autor. Di Benedetto analisou filmes dos mais diferentes gêneros e das mais diferentes produções, tanto filmes artisticamente mais elaborados e experimentais, como também os *mainstream* da época.

O segundo vínculo, e talvez o mais importante para este trabalho, está no subcapítulo "Antonio Di Benedetto, roteirista", em que poderemos ler sobre a relação de Antonio Di Benedetto com a própria escrita cinematográfica. Destacam-se tanto os papéis originais de dois roteiros nos quais Antonio Di Benedetto trabalhou, *El juicio de Dios* e *Álamos talados,* quanto a repercussão midiática do seu trabalho cinematográfico.

No terceiro subcapítulo, "Antonio Di Benedetto. Adaptações cinematográficas", dissertamos sobre as adaptações da sua obra realizadas ao longo das últimas décadas. Cabe destacar que uma das produções com a qual Antonio Di Benedetto teve um vínculo mais forte foi a adaptação de *Zama* dirigida por Nicolás Sarquis, que teve de ser interrompida em 1984 por razões que serão explicadas nesse subcapítulo. Tanto o próprio autor como os seus leitores, percebiam o potencial que seu romance de 1956 tinha para uma adaptação cinematográfica. Esta só veio a acontecer em 2017, ano em que a diretora argentina Lucrecia Martel lançou o filme homônimo que foi amplamente premiado e apresentado nas salas mais importantes do mundo. O sucesso foi tamanho que em setembro de 2019 *Zama* foi escolhido como um dos cem filmes mais importantes do século pelo jornal britânico *The Guardian*[89].

6.1 - Antonio Di Benedetto, crítico de cinema

No labor de crítico de cinema, destacam-se algumas importantes coberturas de festivais internacionais realizadas pelo autor. Em 1960, ele assistiu como convidado e representante de imprensa ao Festival Cinematográfico Internacional de Cannes. Em 1963, cobriu os festivais de Berlim, San Sebastián e Santa Margherita Ligure. Nesse mesmo ano, conheceu Robbe-Grillet, encontro que comentamos na "Prancha 1: Literatura". Temos no Fundo Virtual uma foto desse encontro:

[89] A lista completa dos filmes pode ser acessada no site do *The Guardian* no link: https://www.theguardian.com/film/2019/sep/13/100-best-films-movies-of-the-21st-century Acessado em: 19 de outubro de 2019

Figura 54 – Di Benedetto com Robbe Grillet e Frield Zapata

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/adb-com-robbe-grillet/

Em 1965 ele viajou para Hollywood, também como convidado, e assistiu à entrega dos Oscar. Alguns anos antes do golpe militar na Argentina, Di Benedetto assistiu a mais um festival de Berlim, em 1973. Cabe ressaltar que nesse mesmo ano ele foi convidado pelo governo da Alemanha Ocidental e viajou pela Europa apresentando algumas palestras sobre literatura, principalmente na Alemanha e na Espanha.

Em *Escritos Periodísticos*, são apresentados e analisados os textos mais importantes de crítica cinematográfica de Antonio Di Benedetto desde o início da sua carreira. Acho importante apontar para um deles, publicado em 1960 no jornal *Los Andes*, "Cannes concita películas de países cuyo cine es muy poco conocido". Nele Di Benedetto analisa diferentes filmes que não faziam parte do cinema de divulgação massiva como o de Hollywood. Di Benedetto aponta filmes iugoslavos, latino-americanos, noruegueses, chineses e gregos que estavam em evidência no festival de Cannes daquele ano. Festival que anos depois valorizaria muito o cinema de Lucrecia Martel, que teve dois filmes exibidos em Cannes, *La niña santa* (2008) e *La mujer sin cabeça* (2004). *Zama* estreou no Festival de Veneza, mas é interessante pensar que foi filmado 58 anos depois por uma diretora que participou muitas vezes do mesmo festival sobre o qual Antonio Di Benedetto escreveu enfatizando a participação de filmes latino-americanos.

Buscando falar sobre alguns textos que ainda não foram mencionados por trabalhos focados nos escritos do autor, podemos destacar algumas publicações da já

citada revista *Consulta Semanal*, onde os textos de Di Benedetto sobre cinema ultrapassam a centena de publicações. Observemos, por exemplo, um pequeno texto publicado com a assinatura de um de seus pseudônimos, Ben Simple:

Figura 55 –El Woody Allen de Antes

CINE

EL WOODY ALLEN DE ANTES

Las personas que poseen mundo interior y son sensibles a los problemas humanos con fondo social, que atienden lo artístico y reconocen y apoyan el talento, la originalidad y la creación, últimamente están embebidas en las obras de Woody Allen. Sin límite de edad, aunque el campo más extendido es el de los adolescentes, sobre todo el intelectual; pero no resultan distantes los que pasaron los treinta o los treinta y cinco, y más, sobre todo, si funcionan en pareja, ante films tales como «Annie Hall».

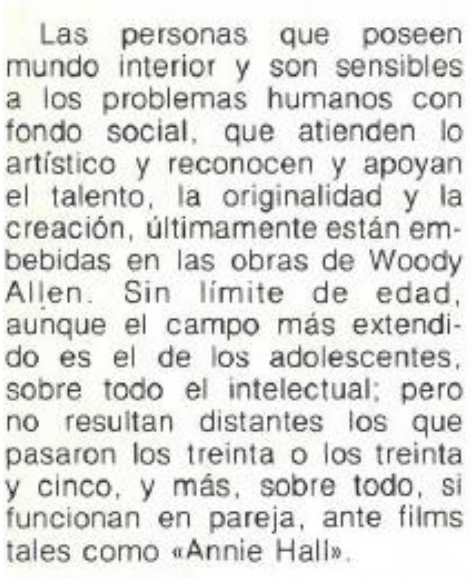
El astro de «Manhattan» y «Toma el dinero y corre»

Por cierto que «Manhattan» es para todos, y en los últimos meses se podría decir, exagerando un poco, que en Madrid nadie quedó sin verlo. Películas, las dos nombradas, que crean avidez de ver algo más, cuanto sea posible, de este Woody de las gafas volantes y el aire perdido (nueva versión, con humor, del «extranjero» en el mundo). Pero a los que tienen dieciocho o veinte años ordinariamente no les resulta alcanzable la filmografía del Woody de sus épocas más tempranas, excepto ante algún paso fugaz por cinemateca.

Por eso resulta destacable, como una oportunidad, la presencia actual en pantalla de «Toma el dinero y corre», con él de actor, autor y director, porque es de 1969. ¿y qué edad tenían entonces los varones y las chicas que en el 80 no pasan de ser veinteañeros?

Ese film tiene mucho de lo que ha producido el legítimo triunfo de «Manhattan», aunque todavía por entonces en Woody Allen se advertía más sumiso el calco de Charles Chaplin.

Es una parodia cómica, con dosis de amor. Su héroe, Virgil, criado en los barrios bajos de New York, es un delincuente precoz y llega a ser, pese a su apariencia de retardado, el «gangster del año». Historia con personaje disparatado y triste; aunque, mejor pensado, triste es el romance que narra.—BEN SIMPLE. □



Las personas que poseen mundo interior y son sensibles a los problemas humanos con fondo social, que atienden lo artístico y reconocen y apoyan el talento, la originalidad y la creación, últimamente están embebidas en las obras de Woody Allen. Sin límite de edad, aunque el campo más extendido es el de los adolescentes, sobre todo el intelectual; pero no resultan distantes los que pasaron los treinta o los treinta y cinco, y más, sobre todo, si funcionan en pareja, ante films tales como «Annie Hall».

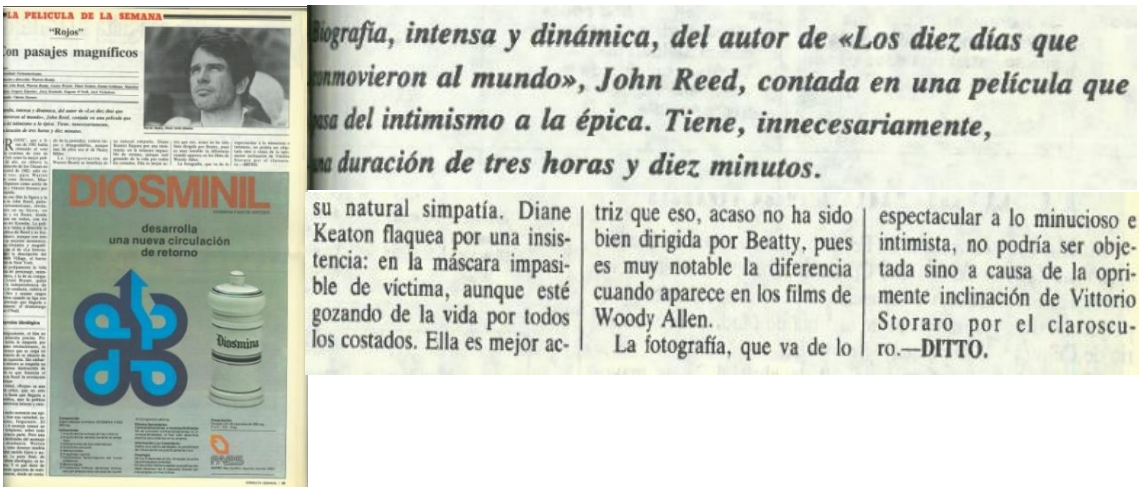
Fonte: *Consulta Semanal*[90]

Vejamos o início do texto: "Las personas que poseen mundo interior y son sensibles a los problemas humanos [...] últimamente están embebidas en las obras de Woody Allen" (DI BENEDETTO, 1980:24). Após este início de impacto, Di Benedetto faz um percurso rápido pela obra de Woody Allen, apresentando as marcas da genialidade do diretor e apontando para o interesse constante do público mais jovem para uma cinematografia aguda e perspicaz que se preocupa com os problemas sociais da humanidade. Di Benedetto vai mencionar nesse texto que, na Madri de 1980, ninguém tinha ficado sem assistir "Manhattan", filme do diretor norte-americano. Percebemos nesse pequeno texto a habilidade de síntese e análise tão característica de um jornalista que conheceu todos os processos de edição jornalística.

[90] Tradução nossa: As pessoas que possuem mundo interior e são sensíveis aos problemas humanos com fundo social, que consideram o artístico e reconhecem ou apoiam o talento, a originalidade e a criação, ultimamente estão extasiadas com as obras de Woody Allen. Sem limite de idade, ainda que o campo mais extenso seja o dos adolescentes, principalmente o intelectual; mas não parecem distantes os que passaram dos trinta ou dos trinta e cinco, principalmente se vão em casal, diante de filmes como "Annie Hall" (BENEDETTO, 1980:24)

Sigamos com outro texto de crítica cinematográfica publicado em 1982. Cabe ressaltar que esse texto é sobre um filme que estreou no final de 1981, período em que Antonio Di Benedetto estava nos Estados Unidos escrevendo *Sombras, nada más...* (1985). O filme, muito conhecido na época e até hoje, se chama *Reds* e é dirigido por Warren Beatty, que interpreta o escritor e jornalista norte americano John Reed, que vivenciou e retratou a revolución russa de 1917.

Figura 56 – Consulta Semanal – "Rojos"


LA PELICULA DE LA SEMANA

"Rojos"

on pasajes magníficos

DIOSMINIL

desarrolla
una nueva circulación
de retorno

Diosmina

Biografía, intensa y dinámica, del autor de «Los diez días que conmovieron al mundo», John Reed, contada en una película que pasa del intimismo a la épica. Tiene, innecesariamente, una duración de tres horas y diez minutos.

su natural simpatía. Diane Keaton flaquea por una insistencia: en la máscara impasible de víctima, aunque esté gozando de la vida por todos los costados. Ella es mejor actriz que eso, acaso no ha sido bien dirigida por Beatty, pues es muy notable la diferencia cuando aparece en los films de Woody Allen.

La fotografía, que va de lo espectacular a lo minucioso e intimista, no podría ser objetada sino a causa de la oprimente inclinación de Vittorio Storaro por el claroscuro.—**DITTO.**

Fonte: *Consulta Semanal*[91]

Nesse texto podemos ver um aspecto diferente do anteriormente citado sobre Woody Allen. Como conhecedor avançado das técnicas cinematográficas, Di Benedetto vai se aventurar em uma análise mais técnica de *Reds*. Apesar de demonstrar certa admiração pelo filme, o autor argentino não deixa de lado as suas críticas negativas à extensão excessiva do filme e à interpretação da atriz, Diane Keaton, que ele afirma ter trabalhado muito melhor nos filmes de Woody Allen. No entanto, podemos perceber uma marca importante que pode estar relacionada ao posicionamento político do autor. Em uma parte do texto podemos ler um subtítulo chamado "*Impresión ideológica*", em que

[91] Biografia, intensa e dinâmica, do autor de *Os dez dias que abalaram o mundo*, John Reed, contada em um filme que passa do intimismo ao épico. Tem, desnecessariamente, três horas e dez minutos de duração. [...] Diane Keaton hesita por uma insistência: na máscara impassível de vítima, ainda que esteja gozando a vida por todos os lados. Ela é melhor atriz do que isso, talvez não tenha sido bem dirigida por Beatty, pois é muito notável a diferença quando ela aparece nos filmes de Woody Allen. A fotografia, que vai do espetacular ao minucioso e intimista, não poderia ser objetada, a não ser pela oprimente inclinação de Vittorio Storaro pelo claustrofóbico. (BENEDETTO, 1982:23)

Di Benedetto diz a seguinte frase: "primeiramente facilita la simpatía por el apuesto revolucionário, lo que favorece que se caiga en la estimación de su ideário de extrema izquierda" (DI BENEDETTO, 1982). O que não significa que Di Benedetto simpatizasse com a extrema esquerda, mas sim que ele percebia uma tendência do filme a levar o espectador a estimar esse ideário.

Como podemos ver, Antonio Di Benedetto era um escritor que experimentava diversos formatos e temáticas. Liliana Reales descreve bem o tipo de escrita jornalística de Antonio Di Benedetto no livro já mencionado *Escritos periodísticos* (2016), em cujo prólogo a autora dirá:

> Di Benedetto fue un cronista versátil, capaz de escribir tanto sobre temas rurales de su provincia que afectaban a pequeños agricultores, como sobre política, cine, memoria o literatura. Algunas veces lo hacía en clave humorística y otras, en tono irónico o entusiasta, sombrío o lacónico. (REALES, 2016:22)[92]

As características apontadas por Reales são vistas em todos os textos de Antonio Di Benedetto, sua escrita sempre teve humor, um tom irônico e ao mesmo tempo um ar sombrio e crítico. A utilização de pseudônimos tão próximos de seu nome, como é o caso de Ben Simple ou Ditto, parecem ser também carregadas de certo humor e de um jogo com as palavras. Como aponta em vários de seus relatos, Di Benedetto se sentia bem escrevendo, assistindo a filmes e ouvido música. No próximo subcapítulo, veremos como a experimentação do autor chegou à criação de roteiros cinematográficos.

6.2 - Antonio Di Benedetto, roteirista

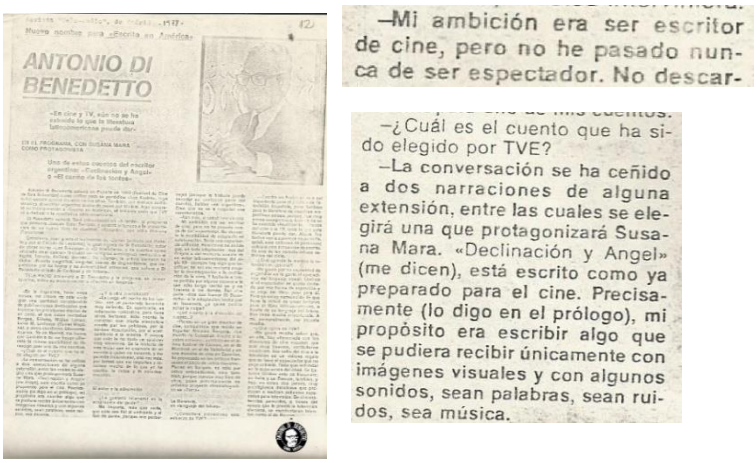
É interessante perceber que Di Benedetto tinha uma relação de admiração com o cinema e, ao mesmo tempo, de frustração por não ter sido o roteirista que sonhou, por um tempo, em se tornar. Em uma entrevista ao jornal *Tele Radio*, de Madri, realizada em 1978, Di Benedetto dirá: "Mi ambición era ser escritor de cine, pero no he pasado nunca de ser espectador.". No momento da entrevista estavam sendo realizadas algumas

[92] Di Benedetto era um cronista versátil, capaz de escrever sobre questões rurais em sua província que afetavam pequenos agricultores, bem como sobre política, cinema, memória ou literatura. Algumas vezes ele fazia isso com humor, e outras em tom irônico ou entusiasta, sombrio ou lacônico. (REALES, 2016:22)

adaptações de contos de escritores latino-americanos que faziam parte do ciclo *Escritos en américa*, da TVE espanhola.

Nessa entrevista, é mencionado o conto longo intitulado "Declinación y Ángel", que foi adaptado para a televisão espanhola. Ao ser perguntado sobre a adaptação, Di Benedetto explica que o conto havia sido escrito especificamente para o cinema. Vejamos o que o autor fala no final desse fragmento: "mi propósito era de escribir algo que se pudiera recibir únicamente con imágenes y con algunos sonidos, sean palabras, sean ruidos, sea música" (DI BENEDETTO, 1978:12). A seguir, a imagem da entrevista mencionada:

Figura 57 – Entrevista *Tele Radio*


ANTONIO DI BENEDETTO

—Mi ambición era ser escritor de cine, pero no he pasado nunca de ser espectador. No descar-

—¿Cuál es el cuento que ha sido elegido por TVE?
—La conversación se ha ceñido a dos narraciones de alguna extensión, entre las cuales se elegirá una que protagonizará Susana Mara. «Declinación y Angel» (me dicen), está escrito como ya preparado para el cine. Precisamente (lo digo en el prólogo), mi propósito era escribir algo que se pudiera recibir únicamente con imágenes visuales y con algunos sonidos, sean palabras, sean ruidos, sea música.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-tele-radio-madrid/[93]

O relato trata de conflitos familiares e dificuldades vividas a partir de problemas cotidianos descritos de uma forma evidentemente cinematográfica. Apresento abaixo um fragmento do começo do conto, que transmite as informações de um modo muito visual,

[93] Transcrição: – Mi ambición era ser escritor de cine, pero no he pasado nunca de ser espectador. [...] – ¿Cuál es el cuento que ha sido elegido por TVE? – La conversación se a ceñido a dos narraciones de alguna extensión, entre las cuales se elegirá una que protagonizará Susana Mara. "Declinación y Angel" (me dicen), está escrito como ya preparado para el cine. Precisamente (lo digo en el prólogo), mi propósito era escribir algo que se pudiera recibir únicamente con imágenes visuales y con algunos sonidos, sean palabras, sean ruidos, sea música. (DI BENEDETTO, 1978:12)

Tradução nossa: – Minha ambição era ser escritor de cinema, mas nunca passei de espectador [...] – Qual é o conto que foi escolhido pela TVE? – A conversa ficou entre duas narrações de alguma extensão, entre as quais se escolherá uma que Susana Mara vai protagonizar. "Declinación y Angel" (dizem), está escrita como já preparada para o cinema. Precisamente (digo no meu prólogo), meu propósito era escrever algo que pudesse ser recebido unicamente com imagens visuais e com alguns sons, fossem palavras, ruídos ou música. (DI BENEDETTO, 1978:12)

parece que estamos diante da descrição do caminho percorrido por uma câmera. Além disso, podemos ver que Di Benedetto detalha a sonorização do relato, o que acontece ao longo de toda essa narrativa.

> Una cabeza de mujer reposa sobre un respaldo de cuero sujeto a leves sacudimientos rítmicos. También en una atmosfera gris azulada que diluye los contornos, se ve un rostro, dormido, el de un adolescente. [...] Nace un sonido que se identifica mientras se pone de manifiesto que los dos, mujer y adolescente están sentados uno frente al otro. (DI BENEDETTO, 2009:190)[94]

Observamos que Di Benedetto, na sua própria criação literária, parecia pensar tanto nas imagens e nos sons como nas palavras. A sua escrita era cinematográfica, a sua composição era visual, era uma escrita de montagem e fragmentada. Essas relações foram traçadas pelos críticos em outros contos seus, como é o caso das leituras do conto "El abandono y la pasividad", relações estas apresentadas no começo deste trabalho na "Prancha 1: Literatura". Esse conto foi publicado no livro que leva o mesmo nome do primeiro conto mencionado, *Declinación y Ángel* (1958).

Di Benedetto trabalhou em alguns roteiros ao longo da vida. Seu primeiro trabalho como roteirista se deu na juventude. Em 1959 ele escreveu uma adaptação de um de seus próprios contos e ganhou o segundo prêmio de roteiros cinematográficos do Instituto Nacional de Cinematografia, com o filme *Los inocentes*, adaptação de "El Juicio de Dios". Temos no Fundo Virtual uma reprodução da matéria que divulgou o vencedor do prêmio no jornal *Los Andes* em 1959:

[94] A cabeça de uma mulher repousa sobre um encosto de couro sujeito a um leve movimento rítmico. Também em uma atmosfera cinza azulada que dilui os contornos, se vê um rosto adormecido, o de um adolescente. [...] Nasce um som que se identifica enquanto fica claro que os dois, mulher e adolescente, estão sentados frente a frente. (DI BENEDETTO, 2009:190)

Figura 58 – Un argumento de cine en Mendoza se ha premiado

LOS ANDES — Jueves 22 de Octubre de 1959

UN ARGUMENTO DE CINE DE MENDOZA SE HA PREMIADO

Otorgó el galardón el Instituto Nacional de Cinematografía

Ya se conoce el resultado del concurso de argumentos cinematográficos realizado en Buenos Aires por el Instituto Nacional de Cinematografía.

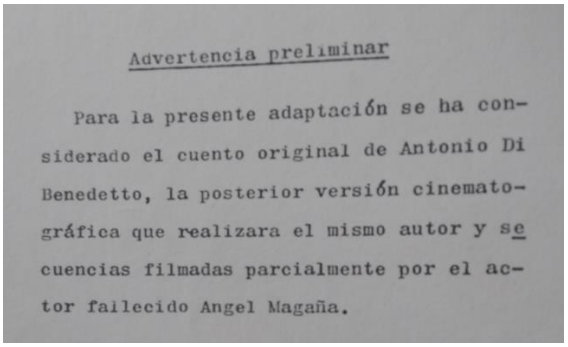
Un jurado compuesto por el escritor Arturo Cerretani; Roberto Roberti, por los productores; Antonio Ber Ciani, por los directores, y Julio Viale

Antonio Di Benedetto

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/**argumento-premiado**/

Mas esse roteiro não foi somente premiado, também passou pela etapa de produção cinematográfica nas mãos do diretor Hugo Fili, que realizou nova adaptação usando como base o script de Di Benedetto de 1959. Apresento uma imagem, presente no arquivo, do roteiro da segunda tentativa de filmagem, escrito por Hugo Fili:

Figura 59 – Advertência Preliminar – Roteiro de *El juicio de Dios*



Advertencia preliminar

Para la presente adaptación se ha considerado el cuento original de Antonio Di Benedetto, la posterior versión cinematográfica que realizara el mismo autor y secuencias filmadas parcialmente por el actor fallecido Angel Magaña.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto[95]

A filmagem de *El Juicio de Dios*, dirigida por Hugo Fili, teve um encerramento trágico com a morte do ator principal, Ángel Magaña. Cabe mencionar que os fragmentos

[95] Advertência preliminar [...] Para a presente adaptação, foi considerado o conto original de Antonio Di Benedetto, a posterior versão cinematográfica que realizou o mesmo autor e as sequências parcialmente filmadas pelo falecido autor Angel Magaña. (FILI, 1979)

desse filme se tornaram um tesouro para colecionadores argentinos. Em 2018, o arquivista Leandro Listorti encontrou os rolos de projeção originais do filme e também os originais da adaptação malograda de *Zama* (1984)[96]. No nosso acervo temos uma grande quantidade de fotos das filmagens desse filme que nunca chegou a ser finalizado.

Figura 60 – Elenco com Ángel Magaña / Claquete de *El Juicio de Dios*

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponíveis em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/el-juicio-de-dios-2/
http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/el-juicio-de-dios-foto-1/

Em 1985 houve uma nova tentativa de retomar o filme inacabado, como mostra a página do roteiro já comentada. Temos no Fundo Virtual um fragmento de uma matéria publicada no jornal *La Razón* que informava a conclusão do filme em 1986. No entanto, essa segunda tentativa também foi em vão.

Figura 61 - Se concluirá un film de 1979

Miércoles 7 de Mayo de 1986 LA RAZON/ARTE Y ESPECTACULO (Edición nacional) página 41

Se concluirá un film de 1979, basado en un cuento de Antonio Di Benedetto

El juicio de Dios, de Hugo Fili

Por falta de dinero, el film argentino El juicio de Dios quedó inconcluso en 1979. La película marcaba el debut de Hugo Fili como director.

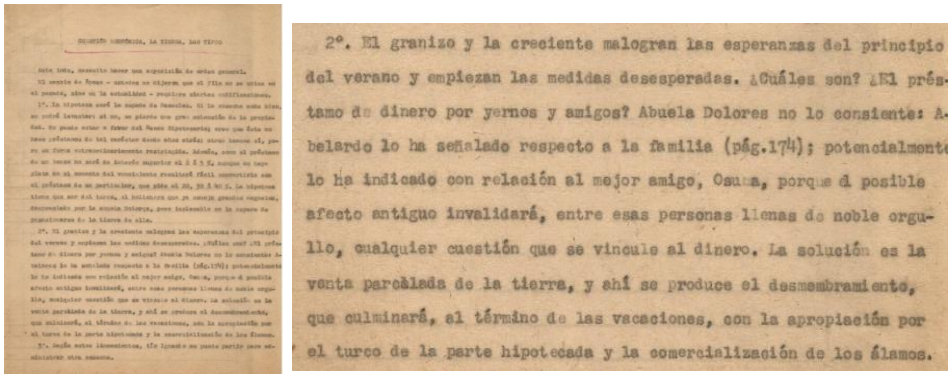
Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/sobre-film-juicio-de-dios/

[96] Ver mais sobre o trabalho de Leandro Listorti em: https://www.pagina12.com.ar/111328-el-que-busca-encuentra. Acessado em 20 de outubro de 2019

O primeiro e premiado roteiro de Antonio Di Benedetto, terminou, portanto, não sendo filmado. Em 1960, Di Benedetto escreveu, em conjunto com Abelardo Arias, *Álamos talados*, roteiro baseado na obra homônima de seu amigo.

O filme foi dirigido por Catrano Catrani e produzido por *Film Andes S.A*.[97] Esse roteiro está presente no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. Os papéis que temos em mãos são de um valor inestimável, pois neles podemos observar a criação do escritor acompanhada de comentários que relacionam o roteiro com o livro de seu amigo Arias. Apresento a seguir uma página do roteiro comentado pelo autor:

Figura 62 – Roteiro de *Álamos Talados*



2º. El granizo y la creciente malogran las esperanzas del principio del verano y empiezan las medidas desesperadas. ¿Cuáles son? ¿El préstamo de dinero por yernos y amigos? Abuela Dolores no lo consiente: Abelardo lo ha señalado respecto a la familia (pág.174); potencialmente lo ha indicado con relación al mejor amigo, Osuca, porque d posible afecto antiguo invalidará, entre esas personas llenas de noble orgullo, cualquier cuestión que se vincule al dinero. La solución es la venta parcelada de la tierra, y ahí se produce el desmembramiento, que culminará, al término de las vacaciones, con la apropiación por el turco de la parte hipotecada y la comercialización de los álamos.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto

Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/roteiro-alamos-talados-1/[98]

[97] A produtora *Film Andes S.A.* finalizou suas atividades em 1960. Sobre o trabalho da produtora e seu triste fim, podemos ler as palavras de Di Bendetto em 1970 publicadas em *Escritos Periodísticos* (2016), no anexo chamado "Nuestra experiencia frente al cine y la literatura". No mesmo texto podemos ler uma declaração de Antonio Di Benedetto sobre o trabalho de roteirista realizado no filme *Álamos talados.*

[98] El granizo y la creciente malogran las esperanzas del principio del verano y empiezan las medidas desesperadas. ¿Cuáles son? ¿El préstamo de dinero por yernos y amigos? Abuela Dolores no lo consiente: Abelardo lo ha señalado respecto a la familia (pág. 174); potencialmente lo ha indicado con relación al mejor amigo, Osuca, porque de posible afecto antiguo invalidará, entre esas personas llenas de noble orgullo, cualquier cuestión que se vincule al dinero. La solución es la venta parcelada de la tierra, y ahí se produce el desmembramiento, que culminará, al término de las vacaciones, con la apropiación por el turco de la parte hipotecada y la comercialización de los álamos. (BENEDETTO:1960: 1)

Tradução nossa: O granizo e a enchente estragam as esperanças do início do verão e iniciam as medidas desesperadas. Quais são? O empréstimo de dinheiro por genros e amigos? A avó Dolores não concorda: Abelardo apontou isso em relação à família (p. 174); potencialmente ele o indicou em relação ao melhor amigo, Osuca, porque por possível velho afeto, ele invalidará, entre aquelas pessoas cheias de nobre orgulho, qualquer assunto que esteja relacionado ao dinheiro. A solução é a venda parcelada do terreno e o desmembramento, que culminará, no final das férias, com a apropriação pelo turco da parte hipotecada e a comercialização dos álamos. (BENEDETTO:1960: 1)

Nesse fragmento podemos ver como Antonio Di Benedetto dialoga com o livro de Arias enquanto escreve o roteiro. Ele adapta uma parte do livro e aponta exatamente as características que já estavam presentes no texto de Abelardo, citando a página do fragmento e mencionando a descrição do autor: "Abelardo lo ha señalado respecto a la familia (pág. 174)" (BENEDETTO, 1960). O livro de Abelardo Arias, escrito em 1942, conta a história, narrada em primeira pessoa, de um adolescente que vai para a casa da avó durante o verão. Com um clima angustiante e reflexivo, a história apresenta um momento de decadência econômica de uma família argentina.

Nos primeiros minutos do filme, podemos ler os nomes de Abelardo Arias, Catrano Catrani e Antonio Di Benedetto como responsáveis pela adaptação cinematográfica do livro:

Figura 63 – Adaptação – Frame de *Álamos Talados*

Fonte: Dailymotion
Disponível em: https://www.dailymotion.com/video/xli1sa Acessado em 20 de outubro de 2019

Esse foi o único filme com a participação de Antonio Di Benedetto que estreou nas salas de projeção dos cinemas argentinos. O filme foi também o primeiro a ser projetado em cores nos cinemas de Mendoza. Fica justificada por mais essa razão a forte relação de amizade que Di Benedetto e Arias tiveram por toda a vida. Di Benedetto, que sempre admirou a escrita cinematográfica, só teve seu roteiro realmente filmado com a ajuda de seu amigo, que mais tarde seria um dos mais próximos nos momentos de dificuldade passados na prisão e no exílio.

Os papéis do roteiro de *Álamos talados* representam um rico objeto de investigação, por se tratarem não somente de um texto cinematográfico como também de um texto em que podemos ler as impressões e análises literárias de Antonio Di Benedetto a respeito da obra do amigo.

6.3 - Adaptações cinematográficas

Até a atualidade, os filmes que adaptaram contos e romances de Di Bendetto ou que tiveram tentativas malogradas de adaptação são: *El juicio de Dios* (1960), com direção de Hugo Fili; *Zama* (1984), com direção de Nicolas Sarquis; *Chiquilines* (1991) de Mario Mittelman; *Los Suicidas* (2006), dirigido por Juan Villegas; *Aballay, el hombre sin miedo* (2010), com direção de Fernando Spiner; e *Zama* (2017), de Lucrecia Martel.

Como citado anteriormente, duas dessas adaptações não foram concluídas: *El juicio de Dios* (1991) e *Zama* (1984). Sobre as causas da finalização das filmagens de *El juicio de Dios* (1991), nós já falamos no subcapítulo anterior. Gostaria de mencionar agora os fatos que levaram à não finalização do filme *Zama* (1984), de Nicolás Sarquis.

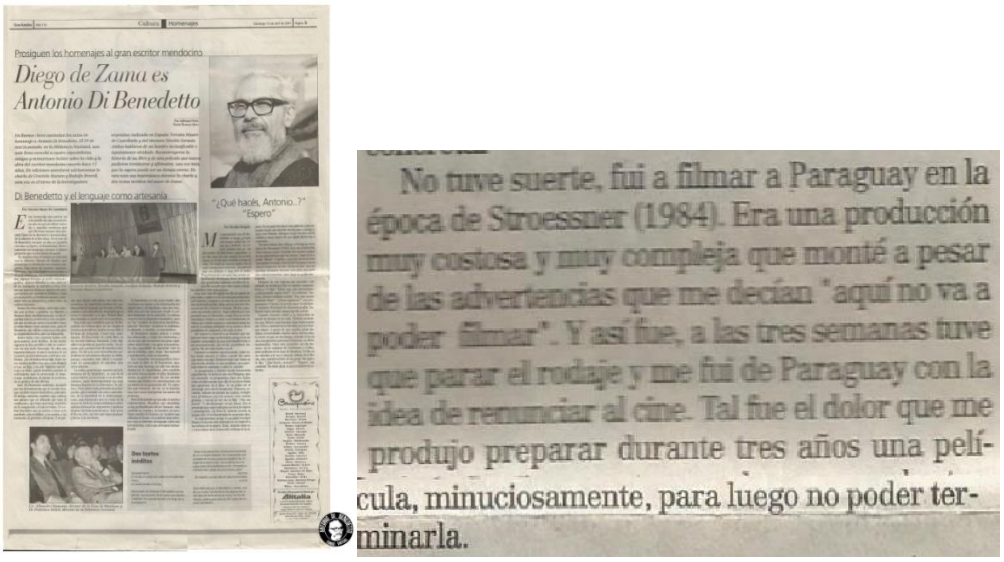
No Fundo Virtual temos a cópia de uma publicação realizada em 2001 no jornal *Los Andes*, de Mendoza, no dia 15 de abril. Na matéria intitulada "Prosiguen los homenajes al gran escritor mendocino: Diego de Zama es Antonio Di Bendetto", podemos ler uma apresentação sobre as homenagens realizadas no dia 29 de março do mesmo ano na Biblioteca Nacional Argentina. Aqui estão publicadas as transcrições das falas de Teresita Mauro de Castellarrín, especialista na obra do autor e já mencionada neste trabalho, e de Nicolás Sarquis, o diretor cinematográfico amigo de Antonio Di Benedetto que, por problemas que aqui serão apresentados, não pôde finalizar a adaptação do romance *Zama*.

As filmagens começaram em 1984 no Paraguai. Cabe relembrar que *Zama* (1956) transcorre no local que seria Assunção do Paraguai durante o Vice-Reinado do Rio da Prata. No ano da filmagem, o Paraguai passava pelo final da ditadura militar mais longa já vivida por um país da América do Sul. Durante 35 anos, no período que foi de 1954 a 1989, o país foi governado pela ditadura de Alfredo Stroessner (1912-2006).

Diante da repressão e da censura promovidas pelo governo militar paraguaio, que erguia suas bases sobre um discurso anticomunista e uma repressão ao pensamento de oposição, o país não representava um bom local para tentar filmar o longa dirigido por Sarquis. No entanto, segundo sua própria declaração, Sarquis não ouviu os conselhos daqueles que tentaram persuadi-lo a não filmar no país governado pela ditadura de Stroessner. E assim, iniciaram-se as filmagens de *Zama* no Paraguai em 1984.

Segundo Sarquis, inicialmente eles receberam uma permissão para realizar as filmagens. No entanto, ao longo da produção, começaram a receber pedidos de que saíssem do país e tiveram que desistir. Apresento abaixo a imagem da matéria:

Figura 64 – Homenagem: Diego de Zama es Antonio Di Benedetto


Prosiguen los homenajes al gran escritor mendocino

Diego de Zama es Antonio Di Benedetto

Di Benedetto y el lenguaje como artesanía

"¿Qué hacés, Antonio..?" "Espero"

No tuve suerte, fui a filmar a Paraguay en la época de Stroessner (1984). Era una producción muy costosa y muy compleja que monté a pesar de las advertencias que me decían "aquí no va a poder filmar". Y así fue, a las tres semanas tuve que parar el rodaje y me fui de Paraguay con la idea de renunciar al cine. Tal fue el dolor que me produjo preparar durante tres años una película, minuciosamente, para luego no poder terminarla.

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/diego-es-adb/[99]

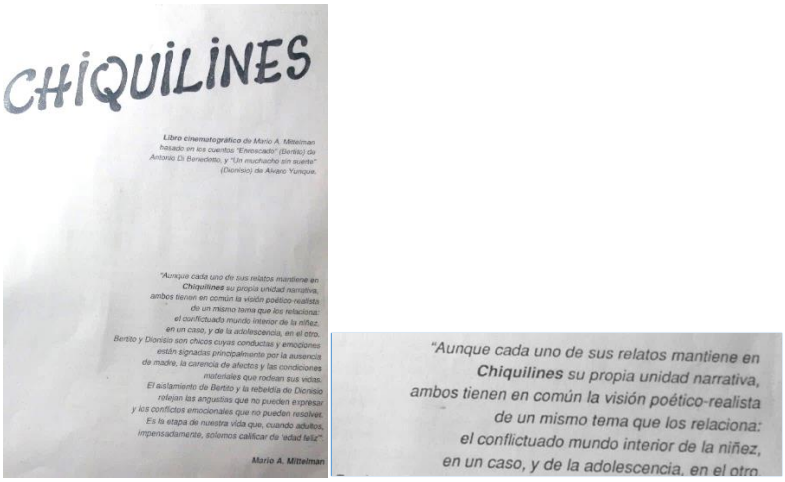
Continuando com outras adaptações dos livros e contos de Antonio Di Benedetto, devemos destacar o filme *Chiquilines*, que estreou em 1991. O filme de Mario A. Mittelman é uma adaptação e uma junção de dois contos de autores diferentes. Um conto é "Enrroscado", de Antonio Di Benedetto, publicado em 1957 no livro *Cuentos claros*; o outro, "Un muchacho de suerte", de Álvaro Yunque. Os dois contos falam de crianças e adolescentes que passam por momentos de complexa transformação, rebeldia e conflitos emocionais e familiares.

No Fundo Virtual temos um fragmento do livro cinematográfico. Nele podemos ler todas as informações técnicas e as apresentações dos autores dos contos. Na primeira

[99] Eu não tive sorte, fui filmar no Paraguai na época de Stroessner (1984). Era uma produção muito cara e complexa, que eu montei apesar das advertências que me diziam "aqui você não vai poder filmar". E foi assim, depois de três semana tive que parar as filmagens e fui embora do Paraguai com a ideia de desistir do cinema, tanta foi a dor que senti depois de preparar durante três anos um filme, minuciosamente, para logo não poder terminá-lo. (SARQUIS, 2001:5)

página do livro cinematográfico podemos ler as palavras de Mario A. Mittelman, que explica como funcionou a adaptação de dois contos ao mesmo tempo.

Figura 65 – *Chiquilines* - Página inicial do livro cinematográfico



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto [100]

No Fundo Virtual podem ser lidas algumas das críticas que apareceram na época a respeito do filme, como a de Beatriz Lacoviello, publicada em 1991 no jornal *Clarín* e intitulada "El drama de los chicos de la calle". Nesse texto, a jornalista enfatiza uma característica do filme que se relaciona a uma negação da palavra no caso das crianças e personagens principais. São momentos de introversão que transmitem uma perda de sentido diante de uma realidade complexa e de um abandono. No entanto, o filme não teve tanta repercussão positiva na época, e nesse mesmo texto a jornalista faz uma crítica interessante comparando o filme ao conto de Di Benedetto:

[100] Tradução nossa: Ainda que cada um de seus relatos mantenha em *Chiquilines* a sua própria unidade narrativa, ambos têm em comum a visão poético-realista de um mesmo tema que os relaciona: o conflitante mundo interior das crianças, em um caso, e da adolescência, no outro. (MITTLEMAN, 1991:1)

Figura 66 – *Chiquilines* - El drama de los chicos de la calle

El drama de los chicos de la calle

Chiquilines está basada en **Enroscados**, de **Antonio Di Benedetto**, y **Un muchacho sin suerte**, de **Alvaro Yunque**. **Mittelman** no tomó literalmente los cuentos, sino que los recreó interpolando personajes que posibilitaron una mayor acción a su narración. Sin embargo al plantear un lenguaje de imágenes y montaje estático, de tipo fotográfico, el ritmo se resintió y el filme perdió agilidad visual, entrando en el campo teatral donde se

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/**sobre-filme-chiquilines**/[101]

Talvez pela razão citada por Lacoviello em sua crítica ao filme, *Chiquilines* não tenha criado uma forte empatia com o público e a crítica da época. O filme funciona a partir de imagens estáticas, o que difere muito do tipo de narrativa de Antonio Di Benedetto. Os contos e romances do autor são caracterizados por frases curtas e de impacto que apresentam diferentes ângulos, diversas sonoridades e uma complexa trama de acontecimentos visualmente interessantes para o cinema. No entanto, a crítica apontou que essa característica não foi aproveitada suficientemente pelo diretor.

Seguindo com outras adaptações mais recentes, devemos destacar inicialmente o filme *Los suicidas*, que estreou em 2006 e é uma adaptação do livro homônimo de Di Benedetto, escrita e dirigida por Juan Villegas, além de *Aballay, el hombre sin miedo*, de 2011, com roteiro de Fernando Spiner, Javier Diment e Santiago Hadida, adaptação do conto "Aballay", de 1978, publicado em *Absurdos*. As duas adaptações tiveram uma boa recepção da crítica e do público argentino nas suas estreias.

[101] Tradução nossa: *Chiquilines* é baseado em "Enroscados", de Antonio Di Benedetto, e em "Un muchacho sin suerte", de Avaro Yunque. Mittelman no tomó literalmente los cuentos, sino que los recreó interpolando personajes que posibilitaron mayor acción a su narración. Sin embargo al plantear un lenguaje de imágenes y montaje estático de tipo fotográfico, el ritmo se resintió y el filme perdió agilidad visual… (LACOVIELLO, 1991) Falta traduzir.

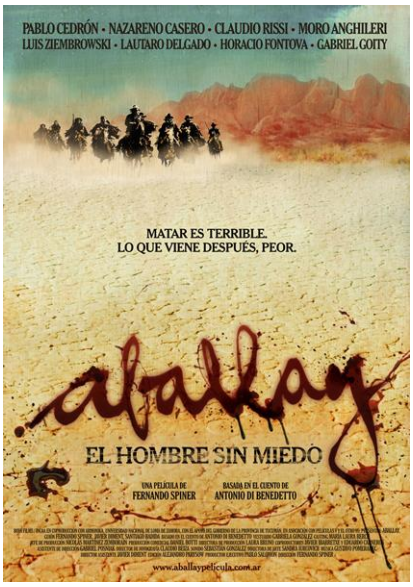
Los suicidas contou com a atuação do ator uruguaio Daniel Hendler e segue com grande fidelidade o romance homônimo do autor. No entanto, algumas partes da trama foram removidas. A investigação policial foi reduzida, e a narrativa fica mais centralizada no personagem principal e na relação com a fotógrafa Marcela. O filme marca uma retomada do interesse pela literatura de Antonio Di Benedetto e por novas adaptações cinematográficas baseadas em seus livros. Abaixo apresento o cartaz do filme:

Figura 67 – Cartaz do filme *Los Suicidas*

Fonte: Disponível em https://www.imdb.com/title/tt0324107/ Acessado em 20 de outubro de 2019

O filme de Fernando Spinner, *Aballay, el hombre sin miedo* (2011), ganhou oito prêmios *Sur* e foi um dos selecionados para concorrer ao Oscar de melhor filme estrangeiro. A adaptação do conto de Antonio Di Benedetto tem um trabalho fotográfico que se destaca nas produções cinematográficas argentinas. Ele foi caracterizado por muitos críticos como um *western gaucho*. No entanto, essa mesma característica também inspirou muitas das críticas negativas, que apontam uma excessiva semelhança com os filmes hollywoodianos. Além dos prêmios mencionados, o filme ganhou três *Cóndor de Plata*, um prêmio na *Muestra de Cine Latinoamericano de Cataluña* e três prêmios no *Festival Internacional de Cine de Mar del Plata*. A direção de arte realizada por Sandra Iurcovich se destaca pela criação de uma cenografia pampiana que desperta a sensação de desertificação. O filme é bastante fiel ao conto de Antonio Di Benedetto, em que o personagem principal é um gaúcho que paga uma autopenitência pelo assassinato de um homem. O filho do homem assassinado observa as características do assassino e retorna para vingar a morte de seu pai. Abaixo apresento o cartaz do filme:

Figura 68 – Cartaz do filme *Aballay, el hombre sin miedo*



Fonte: Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Aballay_(film) Acessado em 20 de outubro de 2019

Podemos perceber que ao longo dos anos as produções baseadas nas narrativas de Antonio Di Benedetto foram se tornando mais elaboradas tecnicamente e mais valorizadas pela crítica especializada. Esse ciclo se completa em 2017, quando a adaptação de *Zama* chega aos cinemas pelas lentes da ovacionada cineasta Lucrecia Martel. São tantos os prêmios que o filme ganhou que não poderíamos listar todos aqui. O filme estreou no Festival de Veneza de 2017, representou a Argentina no Oscar de 2018, ganhou o Prêmio Goya de Melhor Filme Ibero-americano. Podemos destacar outras premiações, como a de Melhor Direção do Festival de Havana em 2017, Melhor Direção de Arte também nesse festival, diversos prêmios Platino, diversos prêmios Sur, entre eles o de Melhor Filme, além de uma grande quantidade de indicações para vários outros prêmios.

O filme de Lucrecia Martel é uma leitura poética do livro de Di Benedetto, na qual a cineasta prioriza a experimentação de um jogo estético, tendo as cores das imagens como protagonistas e explorando os sons da selva paraguaia, produzindo uma sonografia enfaticamente elogiada pela crítica internacional. O filme não é uma mera adaptação do livro de Antonio Di Benedetto nem uma negação total da narrativa original. Os papéis dos personagens são livremente alterados, e algumas palavras que no livro eram do

protagonista são ditas por outros personagens. A ordem de alguns acontecimentos é alterada e alguns pontos de vista narrativos são removidos.

Lembremos agora de um dos filmes aqui apresentados, *Chiquilines* (1991). Como vimos, uma das críticas realizadas ao filme foi que se perderam na adaptação algumas características importantes do estilo narrativo do autor. Estilo esse que, como apresentamos ao longo do trabalho, se relaciona com um uso particular das palavras, das imagens e dos sons. No filme de Lucrecia Martel, o estilo fragmentado, a troca de foco narrativo, o uso excepcional de uma sonoplastia de impacto, transformam o filme em um trabalho que consegue transmitir a sensação de se tratar de uma leitura que dialoga tão profundamente com o romance a ponto de apagar os tradicionais choques ou problemas entre ambas as linguagens. Aquela insistência do autor com respeito às características cinematográficas da sua narrativa, aquele cuidado com as imagens e os sons, parecem ter sido plasmados no filme da diretora argentina. Abaixo apresento o cartaz do filme:

Figura 69 – Cartaz do filme *Zama*

Fonte: Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Zama_(film) Acessado em 20 de outubro de 2019

O longa-metragem transmite a sensação de estranhamento para com o território americano sentido por Diego de Zama. Os sons que ouvimos ao longo do filme nos transportam para a sociedade do Vice-Reino do Rio da Prata, onde reinava um tempo de espera infinita, uma agonia e um estado de eterno devir. Onde a natureza era implacável com os europeus e os nativos tentavam se defender da invasão do homem branco.

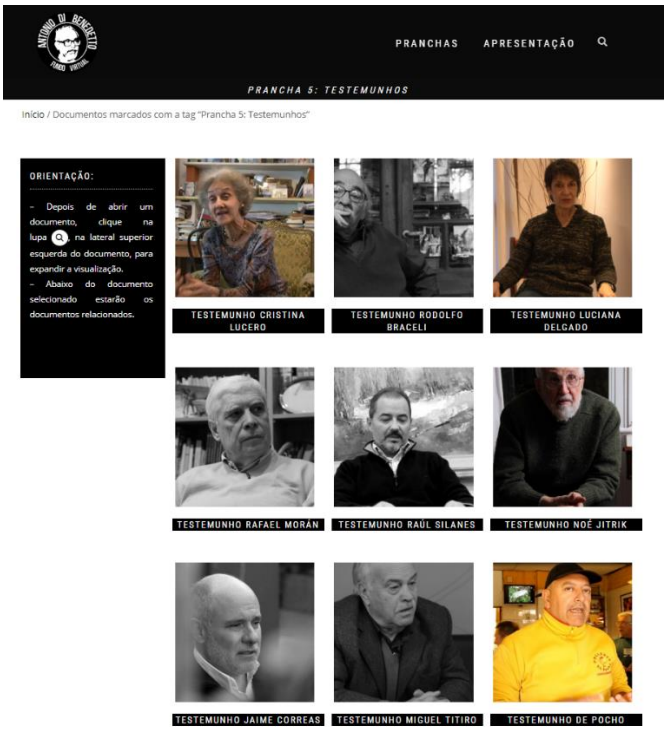
Sentimos, pelas imagens e pelos sons, o clima claustrofóbico, os mosquitos, o calor, e a transformação do protagonista ao longo do relato.

Martel conseguiu dar fim a uma espera de mais de sessenta anos desde a publicação, em 1956, do livro de Antonio Di Benedetto. O filme evidencia a genialidade da diretora e convida mais leitores a conhecer as outras narrativas do autor mendocino.

Vimos ao longo deste capítulo como as relações entre Di Benedetto e o cinema se deram de diferentes formas na sua vida e depois da sua morte. Precisamos destacar que a relação entre a literatura e o cinema parecia ser uma via de mão dupla. Para Di Benedetto, o cinema era uma inspiração na criação de uma forma de escrita. Ao mesmo tempo, os diretores e roteiristas não deixaram de perceber o valor das narrativas do autor para a criação de filmes. Parece que todos os contos e romances de Di Benedetto, podem sempre, de uma forma ou de outra, ser adaptados ou lidos sob a ótica cinematográfica. Essa é uma característica que marca a escrita do autor desde as suas primeiras publicações.

7. PRANCHA 5: TESTEMUNHOS

Figura 70: Primeira página da “Prancha 5: Testemunhos”



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/categoria-arquivo/prancha-5-testemunhos/

7.1 Lembranças de um amigo

O último capítulo desta tese se debruça sobre as filmagens e fotografias que realizamos em 2015 nas cidades de Mendoza e Buenos Aires com pessoas que conheceram pessoalmente Antonio Di Benedetto. Esses relatos testemunhais combinam informações sobre a vida pessoal e profissional do autor e demonstram o quanto ele foi importante para uma parte da população argentina que seguiu guardando as memórias de Di Benedetto, para muitos, um amigo e um companheiro de trabalho.

No total, realizamos onze entrevistas, das quais compartilhamos oito. Elas podem ser vistas no Fundo Virtual Antonio Di Benedetto[102]. O multifacetado conjunto de

[102] As entrevistas seguiram o formato de filmagem de testemunhos dos entrevistados, que deixamos à vontade para declarar, narrar e comentar aquilo que consideraram o mais importante para ser gravado num documento que pretende perdurar no Fundo Virtual dedicado a Antonio Di Benedetto. Antes de cada filmagem, o procedimento foi conversar com os entrevistados para lhes explicar o método que seguiríamos,

entrevistas que compõe essa prancha é um arquivo de interesse tanto para este trabalho como para futuros projetos audiovisuais. Neste capítulo vamos apresentar algumas das entrevistas e veremos que cada uma dessas pessoas tem alguma informação interessante sobre a vida e o trabalho do autor. Cada um deles o conheceu em épocas diferentes e em locais diferentes.

Com relação ao jornalismo, podemos destacar a entrevista com Raúl Silanes, que conheceu Di Benedetto quando ainda era um garoto apaixonado por literatura na cidade de Mendoza. Por outro lado, também vamos falar sobre Rodolfo Braceli, reconhecido escritor e jornalista argentino, o qual mencionamos ao longo do nosso trabalho e com quem tivemos uma longa conversa em Buenos Aires em 2015. Sobre os anos de direção do jornal *Los Andes*, podemos destacar a entrevista realizada com seu companheiro de trabalho, o jornalista Miguel Títiro. Outro jornalista de Mendoza que trabalhou com Di Benedetto e que tivemos a oportunidade de entrevistar foi Rafael Morán, que também conviveu com o autor na prisão e com quem ele manteve uma longa relação epistolar. Vale destacar que em Madri pude conversar com Blas Matamoro, autor argentino que conviveu no exílio com Di Benedetto e com quem fiz uma entrevista em áudio presente no Fundo Virtual. Também entrevistamos Noé Jitrik, que, em seu relato, faz uma análise literária da obra de Di Benedetto e fala um pouco sobre a geração de escritores daquela época.

Devemos destacar ainda as entrevistas com Luciana Delgado e Cristina Lucero, muito importantes para este trabalho, principalmente a última, que zelou por uma grande quantidade de materiais de arquivo doados para o nosso Fundo Virtual. Em relatos como os de Lucero e Delgado, podemos ouvir informações importantes sobre os últimos anos da vida do autor e sobre diferentes aspectos pessoais e laborais da vida de Di Benedetto. Seguindo com uma descrição resumida dos relatos testemunhais, devemos destacar a entrevista com Jaime Correas, jornalista que conheceu Di Benedetto nos últimos anos do escritor e que vem trabalhando, em Mendoza, por um maior reconhecimento de sua obra e vida. Graças aos esforços de Jaime Correas e outras pessoas da cidade, nas escolas da

os objetivos de nosso trabalho, a filiação institucional do mesmo, a não perseguição de lucros e o tratamento acadêmico por se tratar de um material que integraria a minha Tese de Doutorado. Todas as entrevistas foram orientadas e acompanhadas presencialmente por Liliana Reales e contaram com a assistência da fotógrafa Tamires Dutra, que fotografou materiais que me foram cedidos para integrarem o Fundo Virtual.

província de Mendoza, estudantes voltaram a ler o autor e alguns lugares públicos ganharam o nome dele.

As entrevistas compõem um rico conjunto que se insere em um marco de estudos contemporâneos da vida e obra do autor. Algumas informações nelas apresentadas são inéditas. Vamos iniciar esta análise de materiais audiovisuais falando sobre a entrevista realizada com Raul Silanes em Mendoza. No emocionante relato do jornalista, conhecemos um pouco mais das relações interpessoais que foram travadas no início dos anos 1970, quando Silanes tinha catorze anos de idade e foi o vencedor de um concurso literário organizado por Antonio Di Benedetto junto com a Universidade de Cuyo. Pela pouca idade que tinha Silanes na época, a Universidade de Cuyo não lhe entregou o prêmio. Silanes foi então reivindicá-lo a Antonio Di Benedetto no escritório do jornal *Los Andes*, e eles terminaram por virar amigos. Ele conta que Di Benedetto o incentivava muito a escrever e que ele conseguiu resolver a questão da entrega da premiação. Ainda que não fosse a premiação oficial de vencedor, Silanes ganhou o valor do prêmio em cheque.

No mesmo relato, Silanes conta que Di Benedetto o convidou meses mais tarde para ir ao seu escritório e utilizar uma máquina de escrever do jornal *Los Andes*, incentivando-o a escrever e a enviar os seus textos aos concursos que aconteciam na Argentina naquela época. Nesse testemunho, percebemos que Di Bendetto mudou a vida de Raúl Silanes. Incentivou-o de tal forma que o fez seguir o caminho da literatura e do jornalismo.

Para Silanes, o caráter autobiográfico das obras de Di Benedetto é muito importante. Ele entende que Zama é Antonio Di Benedetto e que *El silenciero* (1964) é um livro que apresenta a fobia do autor. Segundo ele, os sons lhe faziam mal. Di Benedetto amava o silêncio e precisava dele. Para Silanes, o jornal *Los Andes* havia sido uma das obras do autor. Ele exigia muito dos jornalistas e, quando ocorriam demasiados erros de redação dos profissionais, estes eram enviados para a seção educacional do jornal.

Com uma voz pausada e com dificuldade de relembrar, Silanes dirá:

> Yo creo que el estaba en todo momento consciente de su grandeza como escritor. Estaba en todo momento consciente de que merecía un destino mejor.

> Él era Zama, era una victima de la espera. Esa dedicatoria él se la dedica a sí mismo, “Las victimas de la espera”. (SILANES, 2015)[103]

Jaime Correas é jornalista e até dezembro de 2019 foi Diretor Geral das Escolas de Mendoza. Seu trabalho de resgate da obra de Di Benedetto vai desde o colecionismo de edições do livro *Zama* até um projeto de edições dos contos de Antonio Di Benedetto para estudantes das escolas públicas de Mendoza.

No relato podemos conhecer a relação com o escritor de um homem que foi estudante universitário durante a ditadura militar e que conheceu Di Benedetto na volta da democracia argentina. Correas conta que, durante a sua educação universitária, nos anos 1980, ele teve a experiência de assistir a uma conferência de Manuel Mujica Lainez na Biblioteca General San Martín de Mendoza. Durante essa conferência, o autor disse que precisava falar de um dos maiores escritores de Mendoza, Antonio Di Benedetto. Correas menciona que o auditório ficou em silêncio. Era uma atitude rebelde falar de um autor que tinha sido perseguido pela ditadura militar argentina, que ainda estava no poder naquele momento.

Seguindo com o seu testemunho, Jaime Correas conta que em 1984 pôde conhecer o autor. Isso se deu em uma entrevista realizada com Di Benedetto junto com Andrés Gabrielli, publicada nesse mesmo ano no jornal *Mendoza*. Jaime Correas afirma que aquela entrevista foi muito difícil, eles encontraram um homem muito fragilizado e melancólico. Essa mesma entrevista foi publicada novamente no jornal UNO em 1986, e incluída no Fundo Virtual. Apresento a imagem da entrevista abaixo:

[103] Eu acho que ele sempre esteve ciente de sua grandeza como escritor. Ele sempre teve consciência de que merecia um destino melhor. Ele era Zama, foi vítima da espera. Ele dedica essa dedicatória a si mesmo, "As vítimas da espera". (SILANES, 2015)

Figura 71: En busca de la memoria perdida

En busca de la memoria perdida

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-a-andres-gabrielli/

No entanto, uma importante informação apresentada nesse relato precisa ser destacada. Correas fala sobre um acontecimento que será corroborado por um segundo entrevistado que apresentaremos a seguir. Trata-se de um fato que ocorreu no momento da prisão do autor. Correas conta que se encontrou com Schiappa, um dos diretores do jornal naquela época, que foi uma das pessoas que acompanhou Di Benedetto até o Liceo Militar General Espejo, onde o escritor seria preso. Segundo Correas, Schiappa lhe disse que:

> Di Benedetto no quería salir, le dio un terrible ataque de pánico. Tenía mucho miedo al escarnio público… Después que hablé este tema con Schiappa hace varios años, me ocurrió otra cosa muy notable que es que me encontré un día con Chango Días, que fue Ministro de Trabajo de la nación, un político justicialista de Mendoza a quien yo conocí, y le cuento esta anécdota de que el doctor Reta, que era un abogado de *Los Andes* y Schiappa lo habían llevado a Di Benedetto y que lo habían acompañado hasta ahí. Y él me contó que los vio por la ventana y siempre pensó que lo venían a tratar de sacar a Di Benedetto y no a llevarlo, y que le resultaba impresionante haber vivido tantos años con esa impresión que había tenido a través de una ventanita de la celda: que quien lo iba a defender lo estaba entregando. (CORREAS, 2019) [104]

[104] Tradução nossa: Di Benedetto não queria sair, deu-lhe um terrível ataque de pânico. Tinha muito medo do escárnio público... Depois que conversei sobre esse assunto com Schiappa há vários anos, aconteceu outra coisa muito marcante: um dia, encontrei-me com Chango Dias, que foi ministro do trabalho da nação, um político justicialista de Mendoza que conheci, e contei a ele essa anedota de que o Dr. Reta, advogado do *Los Andes*, e Schiappa, tinham levado Di Benedetto e o acompanhado até ali. E ele me contou que os viu pela janela e que sempre pensou que eles estavam tentando tirar Di Benedetto, e não levá-lo, e que era

Essa declaração de Correas vai ao encontro de outra menção feita pelo jornalista Miguel Títiro, que entrevistamos em Mendoza. O relato de Títiro é extremamente importante, pois ele estava junto com Di Benedetto na noite anterior e no dia da prisão. Títiro conta que os militares, acompanhados de integrantes da direção do jornal, entraram na sala de Di Benedetto no meio da manhã. Ambos saíram caminhando em uma aparente e falsa situação de tranquilidade.

7.2 Testemunhos de um apagamento

Na noite anterior à detenção, na madrugada de 23 para 24 março de 1976 Miguel Títiro estava com Di Benedetto na redação do jornal *Los Andes*. Títiro conta que todos no jornal já sabiam que o golpe militar aconteceria a qualquer momento. A redação aguardava com nervosismo a notícia. Di Bendetto parecia relativamente tranquilo e estava dentro de seu escritório. Títiro lembra que Di Benedetto pegou o telefone e ligou para Miguel Tato, diretor da agência de notícias que trabalhava em conjunto com *Los Andes*. Nesse diálogo telefônico, Di Benedetto ficou sabendo que o golpe seria naquele momento.

Os jornalistas acompanharam Di Benedetto até a sua casa. Lá eles ficaram conversando durante um tempo. No meio da conversa, receberam a notícia de que um de seus jornalistas, Franciso Dias Teli, estava sendo abordado pelos militares em sua casa. Nesse momento, a equipe de jornalistas foi para a casa de Dias Teli apurar os acontecimentos. No dia seguinte, ao chegarem ao jornal, viram os militares no escritório de Di Benedetto e como o levavam preso.

Aqui o depoimento de Títiro se relaciona com o de Rafael Morán, que na entrevista que nos concedeu, menciona o dia da prisão de Antonio Di Benedetto e lembra dos momentos que viveram juntos no cárcere. Cabe relembrar que parte dessa entrevista já foi mencionada na "Prancha 3: Detenção". No relato de Morán, entendemos um pouco mais o momento da detenção do escritor. Morán assim avalia a causa da prisão: "Nosotros

---

impressionante ter vivido tantos anos com essa impressão que havia tido por uma janelinha da cela: que quem iria defendê-lo estava entregando-o. (CORREAS, 2019)

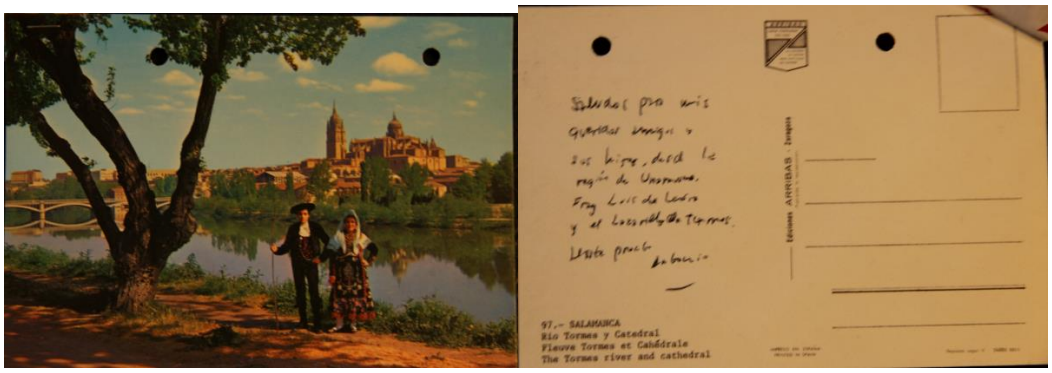
fuimos detenidos porque hacíamos periodismo y publicábamos cosas que no agradaban a los militares.” (MORÁN, 2015)[105].

Como afirmamos na “Prancha 3: Detenção”, Morán menciona que os encontros entre ele e Di Benedetto se davam nas missas obrigatórias. Morán lembra a angústia de Di Benedetto e como ele era maltratado na prisão. Em um dado momento os militares isolaram o escritor em uma solitária e eles não conseguiram mais se comunicar.

Morán lembra que a saída de Antonio Di Benedetto para o exílio, depois da sua liberação, foi relativamente rápida e que eles não conseguiram se falar antes da partida. No entanto, os dois jornalistas continuaram conversando por meio de cartas. No dia da nossa entrevista, Morán nos cedeu as reproduções das cartas que trocou com o escritor.

Em um cartão postal enviado por Di Benedetto de Salamanca podemos ver a continuação dessa relação mesmo em continentes afastados. Di Benedetto faz uma linda relação literária entre os autores e personagens que representam a cidade. No cartão, o autor escreveu: “Saludos para mis queridos amigos y sus hijos, desde la región de Unamuno, Fray Luis de León y el Lazarillo de Tormes. Hasta pronto. Antonio”. (1985)

Figura 72: Carta desde Salamanca



Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/cartao-adb-moran/

Essa é só uma mostra das mais de cem imagens de arquivo que foram doadas ao Fundo Virtual por Rafael Morán, entre cartas, artigos de jornais e fotografias que conformam mais um conjunto de grande valor para este trabalho.

[105] Fomos presos porque estávamos relatando e publicando coisas que não agradavam aos militares. (MORÁN, 2015)

O relato de Morán relembra também o momento do retorno de Di Benedetto ao país. Morán achou importante fazer uma homenagem ao escritor na sua cidade natal. Ele conta que organizou um evento com a presença de personalidades importantes da cidade e que Di Benedetto foi recebido calorosamente por uma multidão de amigos e jornalistas que o aguardavam. Apresento a seguir duas fotos desse encontro, uma durante a chegada do escritor no aeroporto de Mendoza e outra dele sendo entrevistado pelos jornalistas que presenciaram o encontro:

Figura 73: Retorno a Mendoza

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/**fotos-retorno**/

No retorno do autor ao seu país natal, Morán o ajudou a conseguir o que seria o último trabalho de Antonio Di Benedetto, na Casa de Mendoza em Buenos Aires como assessor cultural. Nós conhecemos o local e lá entrevistamos a amiga de Di Benedetto e colega de trabalho, Susana Delgado.

7.3 Guardiãs do passado

Destacamos aqui mais duas entrevistas importantes do Fundo Virtual. Uma delas, com a última cunhada do autor, Cristina Lucero, que já foi amplamente mencionada neste trabalho e que nos cedeu as reproduções de parte dos arquivos guardados por sua irmã, Graciela Lucero. Graciela trabalhou com Di Benedetto na Casa de Mendoza, onde iniciaram uma intensa relação amorosa. A outra entrevista é com Susana Delgado, também antes mencionada. Delgado relembra os últimos anos do autor com grande felicidade e aponta para a relação vivenciada pelo casal Di Benedetto e Lucero. Delgado era uma grande amiga de Lucero e conta como se deu a aproximação entre o autor e sua última companheira.

> Especialmente con Graciela se fue armando una relación. […] Primero fue su secretaria. Ella le ordenaba sus papelitos, porque el escribía con una letra muy chica en libretitas. […] Le ordenaba muchas cosas. […] Y eso fue creando una relación de cariño y de complicidad entre los dos. A tal punto que, a pesar de la diferencia de edad, Graciela fue su última pareja. […] Llegaron convivir juntos. […] Ella le dedicó su vida a él, se dedicó a ayudarlo, a cuidarlo. […] Compartían los hechos literarios y sociales a los cuales di Benedetto era llamado. Llegaron a vivir un periodo de felicidad breve. El entró en la Casa de Mendoza en 1985 y estuvo acá casi un año. (DELGADO, 2015)[106]

Delgado termina o relato contando a agonia do autor, que se deu gradualmente a partir do dia 17 de agosto de 1986, quando ele estava em seu apartamento junto com Graciela e teve um derrame cerebral. Graciela pediu ajuda para aquele que era seu amigo mais íntimo no momento, Nicolás Sarquis, e juntos foram para o Hospital Italiano de Buenos Aires. Di Benedetto ficou no local em coma até falecer, em 10 de outubro de 1986.

Na entrevista que realizamos com Cristina Lucero, a última cunhada do autor, ela fala de diferentes aspectos da vida de Di Benedetto. É um grande relato que apresenta características da literatura e do trabalho do autor, além de revelar detalhes da vida privada de Di Benedetto, principalmente durante seus últimos anos de vida. Cristina conta que no momento da morte de Di Benedetto, sua companheira se deu ao trabalho de organizar todos os papéis que ele tinha guardados em sua casa. De lá saíram muitos dos materiais que compõem o nosso arquivo, inclusive muitas fotos, como a que apresento abaixo, de Di Benedetto com Graciela:

[106] Especialmente com Graciela, um relacionamento foi construído. [...] Primeiro ela foi secretária dele. Ela ordenou os papéis dele, porque ele escrevia com uma letra muito pequena em cadernos. [...] Ajudava-o em muitas coisas. [...] E isso foi criando uma relação de carinho e cumplicidade entre os dois. A tal ponto que, apesar da diferença de idade, Graciela foi sua última parceira. [...] Chegaram a morar juntos. [...] Ela dedicou sua vida a ele, dedicou-se a ajudá-lo, a cuidá-lo. [...] Compartilhavam os eventos literários e sociais aos quais Di Benedetto era chamado. Chegaram a viver um período de felicidade breve. Ele entrou na Casa de Mendoza em 1985 e esteve aqui por quase um ano. (DELGADO, 2015)

Figura 74: Di Benedetto com Graciela Lucero

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/com-graciela/

Cristina conta que após a morte de Di Benedetto, sua filha, Luz Di Benedetto, e Graciela foram ao apartamento do autor e encontraram os papéis guardados. Graciela ficou com alguns documentos até a sua morte, quando sua irmã, Cristina, passou a custodiá-los. Cristina conta que Graciela já havia mencionado que tinha os materiais, mas nunca quis mostrá-los.

Cristina ficou durante muito tempo com os documentos guardados, até o dia em que leu uma notícia no jornal *Clarín*, publicada em 1999, que comentava a reedição dos livros de Di Benedetto pela editora Adriana Hidalgo[107]. Como afirma Cristina na entrevista, nessa matéria aparece um texto de Juan José Saer reivindicando a importância da obra de Di Benedetto:

[107] A publicação integra o Fundo Virtual.

Figura 78: El narrador silenciado

UN TEXTO DEL AUTOR DE "LA OCASION"

El narrador silenciado

JUAN JOSE SAER

Las tres principales novelas de Antonio Di Benedetto, **Zama**, **El silenciero** y **Los suicidas**, en razón de la unidad estilística y temática que las rige, forman una especie de trilogía y, digámoslo desde ya para que quede claro de una vez por todas, constituyen uno de los momentos culminantes de la narrativa en lengua castellana de nuestro siglo. En la literatura argentina, Di Benedetto es uno de los pocos escritores que han sabido elaborar un estilo propio, fundado en la exactitud y en la economía y que, a pesar de su laconismo y de su aparente pobreza, se modula en muchos matices, coloquiales o reflexivos, descriptivos o líricos, y es de una eficacia sorprendente. Su habilidad técnica –a él no le hubiese gustado la palabra y a mí tampoco me convence demasiado–, que un rasgo personal suplementario, bastante escaso en nuestra época por otra parte, la discreción, relega siempre a un segundo plano, es también asombrosa, y si bien es la tensión interna del relato la que organiza los hechos, esa maestría excepcional los destila sabiamente para darles su lugar preciso en el conjunto. De sus construcciones novelísticas, el capricho está desterrado. Su arte sutil va descartando con mano segura las escorias retóricas para concentrarse en lo esencial. De ese arte singular, **El silenciero** es una de las cumbres. Aparecida por primera vez en 1964, esta novela prosigue el soliloquio narrativo iniciado con **Zama** en 1956 y que se prolongará en **Los suicidas**, publicada en 1966, formando un sistema tácito que se propone representar el mundo, del que el ruido, en **El silenciero**, no es más que una variación metonímica, como "un instrumento de-no-dejar-ser". Del abandono cósmico de **Zama** al inventario metódico de las circunstancias y de las razones que pueden legitimar el suicidio, el hombre de Di Benedetto vive acorralado por el ruido destructor del mundo. Y el silenciero –neologismo admirable que ilustra la precisión conceptual de Di Benedetto y su capacidad para aprovechar las delicadas evocaciones del habla–, ese personaje sin nombre encerrado en su universo persecutorio, que sólo logra eternizar la tortura cuando decide neutralizar sus causas, es una figura eminente entre las muchas que se perfilan en el paisaje inconfundible de sus relatos.

Los que hacen derivar la novela de la épica, con buenas razones históricas probablemente, deberían darse por vencidos: en esta trilogía poco común, las chafalonías melodramáticas y morales de la épica ya no tienen cabida. Los personajes de Di Benedetto se debaten, apagadamente podría decirse, clavados a su imposibilidad de vivir, como un insecto todavía vivo en una lámina de naturalista, por la punta hiriente de alguna obsesión, la esperanza irrazonable, el suicidio, los ruidos "que alteran el ser". La ingenuidad épica de la que habla Adorno, la inmersión en lo concreto, el puro actuar a salvo del veneno paralizante de la conciencia reflexiva, sólo existe en los personajes de Di Benedetto como leyenda: el "irse" de Zama o de Besarión, la escritura que otorgará la plenitud y con ella la emancipación de la servidumbre que impone lo exterior para el narrador de **El silencie-** Pasa a pag. 6

Fonte: Fundo Virtual Antonio Di Benedetto
Disponível em: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/saer-clarin-1999/

Cristina conta que, ao perceber o grande interesse que havia em uma retomada dos estudos de Antonio Di Benedetto, resolveu abrir as caixas deixadas por sua irmã. A partir dessa atitude investigativa realizada com a ajuda de Susana Delgado, Cristina pôde organizar um evento em homenagem a Di Benedetto. Também com a ajuda da professora e investigadora Josefina Delgado e em conjunto com a Biblioteca Nacional de Buenos Aires, realizaram um evento que foi um marco na retomada dos estudos de Antonio Di Benedetto. Nesse evento, ocorrido em 24 de março de 2001, compareceram também Nicolás Sarquis, Teresita Mauro Castellarín, Rodolfo Braceli e Graciela Maturo.

Para finalizar o capítulo, gostaria de apresentar o testemunho de Rodolfo Braceli. Seu relato está relacionado aos anos iniciais da produção literária de Antonio Di Benedetto. Braceli conviveu com o autor desde o início da carreira deste. Como apresentamos no começo do trabalho, Braceli foi um dos primeiros escritores e jornalistas a valorizar amplamente o trabalho de Di Benedetto. Vale lembrar da longa matéria publicada na revista *Gente* em 1971, apresentada no capítulo "Prancha1: Literatura".

No relato de Braceli, ele relembra como era trabalhar com o escritor no jornal *Los Andes* de Mendoza. Braceli lembra que eles trabalhavam muito próximos, na seção de Artes e Espetáculos. Di Benedetto era o chefe daquela seção do jornal e chamou Braceli para trabalhar com ele. No entanto, é interessante perceber como Braceli afirma que Di Benedetto foi mais um grande autor de literatura do que um grande jornalista. Ele lembra

que, nas caminhadas de retorno para as suas casas depois do trabalho, Di Benedetto gostava de falar muito sobre o conceito de *tempo*. Assim, afirma Braceli:

> Di Benedetto me decía, "usted como escritor, [debe saber] doblegar el tiempo". Porque el tiempo en materia de periodismo muchas veces nos consume y nos arruina la literatura. Entonces si puede doblegar el tiempo, va a ser escritor. Y si no, un periodista, un buen periodista o lo que sea. Y además me decía: "¡cuídese del periodismo!" El periodismo está muy apegado a la coyuntura y es fácilmente perecedero. (BRACELI, 2015)[108]

Parece-me importante finalizar este trabalho com essa citação do relato de Rodolfo Braceli, pois, para criar uma literatura de qualidade, o tempo deve ser desdobrado e distorcido anacronicamente. Penso que esse também é o entendimento que tentamos criar do Fundo Virtual Antonio Di Benedetto. A literatura de Di Benedetto é assim, não existem pontos de categorização histórica nos seus relatos, seus livros são anacrônicos, seu entendimento da história é flexível e suas narrativas não podem ser inseridas em um tempo histórico específico. O maior exemplo disso é *Zama*, que segue despertando discussões sobre seu caráter de gênero histórico ou de negação desse gênero. Podemos passar isso para o estudo dos arquivos presentes no Fundo Virtual. As relações não precisam ter uma ordem cronológica. Os pontos de interseção entre um e outro documento se tornam mais interessantes exatamente quando essa cronologia é quebrada. Os materiais se relacionam em pontos de cruzamento criados a partir da própria negação temporal.

[108] Di Benedetto me dizia, "você, como escritor, [deve saber] desdobrar o tempo". Porque o tempo, em matéria de jornalismo, muitas vezes consome e arruína a nossa literatura. Então, se você conseguir desdobrar o tempo, será escritor. Caso contrário, será um jornalista, um bom jornalista ou o que seja. Além disso ele falava: "cuide-se do jornalismo!" O jornalismo está muito apegado à conjuntura e é facilmente perecível. (BRACELI, 2015)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do título desta última seção do trabalho, acredito que estas não devam e não precisem ser as reflexões finais da apresentação e análise do *corpus* que compõe esta investigação. O objetivo principal deste trabalho é exatamente o oposto. Este trabalho não busca determinar apenas uma leitura do arquivo que temos em mãos. Pelo contrário, buscamos com ele proporcionar a criação de outros projetos investigativos versados sobre esses documentos.

Trabalhar com os papéis relacionados a Antonio Di Benedetto e com a literatura de um dos mais importantes narradores da língua espanhola do século XX é um desafio de grande proporção. Ao longo dos anos de preparação desta tese doutoral, houve uma mudança muito grande na importância dada ao escritor, tanto na Argentina como internacionalmente. Essa mudança se deu por uma soma de fatos e circunstâncias. No âmbito acadêmico, em 2016 aconteceram as jornadas em homenagem ao autor pelos 50 anos de *Zama* e os 30 anos de sua morte, acontecida no dia 10 de outubro de 1986. As homenagens iniciaram em Buenos Aires, com a organização de Noé Jitrik e Jimena Néspolo e a colaboração de Liliana Reales e do Núcleo Onetti de Estudos Latino-americanos da UFSC. A seguir, houve eventos comemorativos na cidade de Mendoza, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Cuyo, e, no âmbito estadual, com a iniciativa de Jaime Correas, então ministro de educação da província. Finalmente, as homenagens foram concluídas em Florianópolis, com o evento organizado pelo Núcleo Onetti na UFSC. Para as três jornadas foram convidados reconhecidos nomes que estudam a obra do autor na Argentina, na França e no Brasil[109].

Também em 2016, a editora Adriana Hidalgo lançou o livro *Escritos periodísticos*, que reúne uma seleção dos textos do autor publicados na Argentina. O livro, produto da pesquisa de pós-doutorado de Liliana Reales, foi comentado por uma grande quantidade de jornais e revistas da Argentina, da Espanha e, no Brasil, pela Folha de São Paulo. Em 2017 foi publicado o livro *Homenaje a Antonio Di Benedetto,* também organizado por Liliana Reales, que reúne algumas das conferências dos eventos do ano anterior. No mesmo livro, o prêmio Nobel de Literatura, John Coetzee cedeu a Reales o seu célebre texto "Antonio Di Benedetto: *Zama*" para incluí-lo no livro, com tradução

[109] Ver em "Anexos" as programações dos eventos.

para o castelhano de Bairon Vélez Escallón. Também em 2017 foi lançado o premiado e elogiado filme de Lucrecia Martel, *Zama*, com grande impacto na crítica internacional pela qualidade de seu trabalho.

Como falamos no final do último capítulo, o trabalho de desdobramento do *tempo* é um dos processos que era visto por Di Benedetto como dos mais importantes no momento da criação literária. Tentamos apresentar aqui um exemplo de como esse desdobramento pode funcionar na análise arquivística, como uma leitura não meramente cronológica pode desencadear uma série de relações que transformem o conjunto de materiais em um organismo vivo. Podem existir muitas outras relações. São infinitas possibilidades de desdobramentos temporais e de interseções entre as informações dos documentos.

Este trabalho baseou-se em uma compreensão da história apresentada nos primeiros capítulos. A investigação buscou entender as implicações do distanciamento histórico da realidade social na qual Di Benedetto viveu e na qual os textos foram criados. Esse distanciamento histórico, essa busca pelos restos, essa análise dos vestígios, foi o que proporcionou a criação de uma teia de materiais que, esperamos, venham colaborar com futuros estudos.

Encontramos textos, evidências e documentações de um passado esquecido do autor. Trouxemos à luz momentos e escritos da vida do escritor que se mantiveram esquecidos por mais de três décadas. E tudo isso só foi possível pela própria concepção de um arquivo aberto. Um arquivo que pode ser alimentado infinitamente. Que pode ser reestruturado com o passar do tempo e com as diferentes leituras de futuros investigadores.

Trabalhar com um arquivo virtual em um momento de explosão tecnológica, quando a própria realidade social está se tornando cada vez mais ilusória, é ir ao encontro de um local que ainda precisa de muita exploração conceitual e estrutural. Trabalhar com um arquivo não analógico proporcionou a aprendizagem de tecnologias da informação atualizadas. Muitas vezes esse tipo de trabalho técnico é ignorado pelos estudos da crítica literária, apesar de o investigador contemporâneo da área de letras utilizar essas tecnologias como uma das matérias primas de seu trabalho, seja escrevendo ou lendo. Além de uma contribuição para os estudos sobre a vida e a escrita de Antonio Di

Benedetto, este trabalho também teve por objetivo refletir sobre a tecnologia nos estudos arquivísticos e literários. A tecnologia da informação já está inserida em todos os âmbitos da sociedade e, por mais que seja complicada e assustadora, precisamos refletir sobre ela e encontrar as suas vantagens sabendo trabalhar com a mesma.

Em 1968 Antonio Di Benedetto escreveu em sua autobiografia: "He viajado. Preferiría que mis libros viajen más que yo." (BENEDETTO, 1968). Nosso trabalho tem como objetivo principal contribuir para esse desejo do autor. Nossa contribuição, vinda do país natal da mãe do autor, o Brasil, busca proporcionar mais leituras de seus livros, mais análises de seus escritos e mais desdobramentos temporais e históricos sobre um dos principais narradores do século XX.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Qu'est-ce qu'un dispositif?** Paris : Ed. Payot Rivages, 2007

AGÜERO, Laura Rodríguez. ***Los Andes, Antonio Di Benedetto y la violencia paraestatal. Mendoza, 1973-1976* (2016)**. In Revista de Historia nº 17. Comahue. 2016

AQUINO, J. **Imagem onírica e imagem dialética** em Walter Benjamin. Kalagatos, v. 1, n. 2, p. 45-72, 21 dez. 2016.

BAJTER, Ignacio. **Imagen documental de José Enrique Rodó: Un fragmento**. Biblioteca Nacional de Uruguay. 2013

BARTHES, Roland. **Crítica y verdad**. Buenos Aires: Ed. Siglo veintiuno,

BARTHES, Roland. **El grado cero de la escritura**: seguido de nuevos ensayos críticos 1976

BARTHES, Roland. **S/Z** Madrid: Ed. Siglo veinti Bonnardel uno, 1980 Bogotá: Ed. Siglo veintiuno, 1983

BAYER, Osvaldo. ***El Terrorismo de Estado en la Argentina***. Buenos Aires: Instituto para la memoria, 2001

BAYER, Osvaldo. **Patagonia Rebelde**. **Los Bandoleros.** Buenos Aires, Espejo de La Argentina, 1993. (2º ed.).

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOLAÑO, Roberto. **"Sensini"** Ed. Fundación Social y Cultural Kutxa., San Sebastián., 1997

BRACELI, Rodolfo: **Un escritor en serio** em *Gente* Buenos Aires, Dezembro de 1971, p,86

CASANOVA, Eugenio. **Arquivistica** Siena, Italia. Ed.Stab. Arti Grafiche Lazzeri, 1928

CASTELLARÍN, Teresita Mauro. **La narrativa de Antonio Di Benedetto**. 1992 Tese (Faculdad de Filologia) – Universidad Complutense de Madrid

CATTAROSI Arana, Nelly. **Antonio Di Benedetto. "Casi" memorias**. Mendoza, Ediciones Culturales, s/d.

CATTAROSI Arana, Nelly. Literatura de Mendoza. **Historia documentada desde sus orígenes a la actualidad 1820-1980**. Mendoza, Inca, 1982.

COLOMBO, Stella **"Cuentos del exilio, de Antonio Di Benedetto: El silencio como protesta.".** Revista electrónica de teoría de la ficción breve. Buenos Aires. Site: http/cuentoenred.xoc.uam.mx. Asessado em 20 de setembro de 2012

COOK, Terry. **Arquivologia e pós-modernismo: novas reformulações para velhos conceitos. Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 123-148, jul./dez. 2012

COOK, Terry. **O conceito de fundo arquivístico: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2017.

CORTAZAR, Julio. **Carta a Graciela Sola** (1964). Acessado em 15/05/2013.Link:http://www.alphalibros.com.ar/indexphp?IDSector=52&IDTexto_abrir=64

CORTÉS ALCÁNTRA, D. I. e GONZÁLEZ FLORES, E. **Aplicación de la teoria archivistica en los archivos históricos de la administración pública centralizada** (Tesis de Archivonomía) – Escuela Nacional de Biblioteconomía y Archivonomía, p.22 Mexico D.F., Mexico, 2005

DEL VECCHIO, Alejandro **"Dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello": el caso *Zama*, de Antonio Di Benedetto".** *Revista Espéculo de estudios literarios*. Madrid. Site: http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero39/casozama.html Acesso em em: 09/02/2014

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2005

DELEUZE, Gilles. **O atual e o Virtual** in Diálogos Gilles Deleuze e Claíre Parnet Ed Escuta. São Paulo, 1998

DELGADILLO, Diego Florez. **Sombras, nada más… ou o esgotamento de uma escrita**. Orientadora, Liliana Reales, 2018. 116 p. UFSC. Florianópolis, 2018.

DERRIDA, Jaques – "**Ser justo com Freud**" in Roudinesco, E. (org) *Pensar la locura: Ensayos sobre Michel Foucault*. Paris, Ed. Galilée, 1992.

DERRIDA, Jaques. **Gêneses, genealogias, gêneros e o g**ênio. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DERRIDA, Jaques. **Mal de Arquivo.** Rio de Janeiro: Ed. Resumo Dumara, 2001

DI BENEDETTO, Antonio. **"Cuentos Del Exilio(1983)".** Cuentos Completos. Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo, 2007

DI BENEDETTO, Antonio. **"Mundo Animal"(1953).** Cuentos Completos. Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo, 2007

DI BENEDETTO, Antonio. **Aballay** Buenos Aires: Editora Abriana Hidalgo, 2010

DI BENEDETTO, Antonio. **Cuentos Completos**. Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo. 2007

DI BENEDETTO, Antonio. **El pentágono** Buenos Aires: Ed. Adriana Hidalgo. 2005

DI BENEDETTO, Antonio. **Escritos periodísticos**. Compilación y Prólogo de Liliana Reales. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2016.

DI BENEDETTO, Antonio**. Os Suicidas.** São Paulo: Ed.Globo, 2005

DI BENEDETTO, Antonio. **Trilogia de la Espera**. Buenos Aires. El Aleph Editores. 2011

DI BENEDETTO, Antonio. **Zama**. Córdoba: Editora Adriana Hidalgo, 2009

DIDI-HUBERMAN, George. **Atlas ou o gaio saber inquieto – O olho da história, III.** Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2018

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O jogador**. Ed.LPM. Porto Alegre, 2009

DUCHEIN, Michel. **O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos**. Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 1, p. 14-33, abr. 1982/ago. 1986

DUCHI, Celine. **La Presencia Del mal em lós cuentos fantástico de Antonio Di Benedetto.** Ed.Universiteit Ghent (Belgica)- Tesina Master desendida em La Universidad de Gent

FERRO, Roberto. **Da literatura e dos re**stos. Florianópolis, Editora UFSC. 2011

FERRO, Roberto. **De la literatura y los restos**. Buenos Aires, Líber, 2009

FERRO, Roberto. **Derrida, una introducción**. Buenos Aires, Ed. Quadrata, 2009

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Paris: Ed. Gallimard, 1969

FOUCAULT, Michel. **L'herméneutique du sujet**. Paris: Ed.gallimar, 2001

FOUCAULT, Michel. **Microfisica del poder**. Madrid: Ed. De la Piqueta, 1979

FOUCAULT, Michel. **Tecnología del yo y textos afines.** Barcelona: Ed. Paidos, 1990

FOUCAULT, Michel. **Verdade e Saber**. Madrid, Ed. Piqueta, 1976

FOUCAULT, Michel. **Vigilar y castigar.** México D.F: Ed. Siglo XXI, 1984

G. ZANGRANDI, Marcos. Elementos de la vanguardia surrealista en la obra de Antonio Di Benedetto. In Revista Confluencia, año 1, número 3. Mendoza. 2003

GELÓS, Natalia. **Antonio Di Benedetto, periodista: una historia que pone en tela** de **juicio el rol de la profesión**. Buenos Aires, Capital Intelectual, 2011

GEOFFROY SAINT-HILAIRE, Etienne. **Philosophie Anatomique I**. Paris: Bailliere, 1818.

GEOFFROY SAINT-HILAIRE, Etienne. **Principes de Philosophie Zoologique** [1830], le texte complet. In LE GUYADER, Hervé (ed.): Geoffroy Saint-Hilaire, un naturaliste visionaire. Paris: Belin, 1998, pp. 129-237.

GIORDANO, Alberto. **"Las Victimas de la desesperación".** Córdoba: Revista El Banquete Pg. 24-36, 2007

GIORDANO, Alberto. **Una moral de La forma narrativa María Teresa Gramuglio y sus lecturas de la poética de Juan José Saer.** Florianópolis, Revista Landa. 2014 Site: http://www.revistalanda.ufsc.br/Edicoes/v2ed1-2013.html Acessado em 09/02/2014

GOLOBOFF, Gerardo Mario. **Zama de Antonio di Benedetto: el narrador y su sombra (1996).** In: JITRIK, Noé. Atípicos en la literatura latinoamericana. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, pp. 295-300.

GUZMÁN, Flora. **Entre lo Thanático y lo Erótico**. In Nueva Estafeta. Madrid 1977

IBAÑEZ, Roberto. **Teoría y ensayo de la investigación** in Lo que los archivos cuentan número 2, 2013

JENKINSON, Hilary. **A Manual of Archive Administration**. Londres: Percy Lund, Humphries, 1966.

JITRIK, Noé. **Historia e imaginación literaria, las posibilidades de un gênero**. Ed.Bilbos. Buenos Aires, 1995

JITRIK, Noé. **Panorama Histórico de La Literatura Argentina.** Buenos Aires: Editorial Ateneo, 2005

JITRIK, NOÉ. **Verde es toda teoría.** Buenos Aires: Liber Editoriales, 2010

KRISTEVA, Julia. **El texto de la novela**. Barcelona: Ed. Lumen, 1998

L.DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. **Michel Foucault: más Allá Del estructuralismo y la hermenéutica.** México D.F.: Ed. Universidad Nacional Autónoma de México

LEVY, Pierre**. O que é o virtual?** Ed 34. Rio de janeiro 1996

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARQUES, Reinaldo. **O arquivo literário como Figura epistemológica.** in matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.21, jul./dez. 2007 (2007)

MUNDET, Jose Ramon Cruz. **Manual de Archivística.** Madrid: Ed. Fund. German Sanchez Ruiperez, 2001

NALLIM, Carlos Orlando. ***Zama:* Entre texto, estilo e historia** (1972). Anais de Literatura Hispaniamericana - ISSN 0210-4547. **Universidad Complutense de Madrid,**

2014. Acesso em 10/09/2014, Link: http://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/ALHI7272110337A

NÉSPOLO, Jimena. **Ejercicios de pudor: sujeto y escritura em La narrativa da Antonio Di Benedetto.** Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo, 2004

NIEMETZ, Diego. **Kafka en la obra de Antonio di Benedetto.** Madrid: Piedra y canto : cuadernos del Centro de Estudios de Literatura de Mendoza, No. 9-10/ 2003-2004 Site: http://bdigital.uncu.edu.ar/fichas.php?idobjeto=747 Acessado em 09/02/2014

NIETZSCHE, Friedrch .***Fatum* e história** in MELO SOBRINHO, Noéli Correia Escritos sobre História : Friedrich Nietzsche pp.59 – 70

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** São Paulo: Ed. Nova Cultural. 1999

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal – Prelúdio de uma filosofia do porvir.** São Paulo: Ed.Nova Cultural. 1999

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra- Um livro para todos e ninguém**. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 1999

PREMAT, Julio (2011) "**Anexo I. El fondo Saer: preservación, organización, edición. Informe y reflexiones**", In: Cuadernos LIRICO, pp. 185-210, Disponível em: http://lirico.revues.org/230#quotation
Acessado em 10 de outubro de 2019

RULFO, Juan. **Pedro Páramo**. Tradução de Jurema Finamour. São Paulo: Brasiliense, 1969.

REALES, Liliana. **A vigília da escrita. Onetti e a desconstrução**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2009.

REALES, Liliana (org.). **Homenaje a Antonio Di Benedetto**. Mendoza, Facultad de Filosofía y letras, UNCuyo, 2017.

REALES, Liliana. "Rastros de una escritura", In: DI BENEDETTO, Antonio. **Escritos periodísticos**. Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2016.

REALES, Liliana. **Antonio Di Benedetto Textos do Exílio.** 2019 (Relatório expositor de pesquisa inédita para aceder ao cargo de Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina). Programa de Pós-graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SABATO, Ernesto. **El Túnel**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

SAER, Juan José. **El Concepto de Ficción.** Buenos Aires: Editora Arel, 1997

SARTRE, **Jean Paul. Qu'ést-ce que la littérature?** Paris,Gallimard,1985

TODOROV, Tzvedan. **"As categorías da narrativa literaria".** In. Análise Estrutural da narrativa. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009 – Pg.181

TODOROV, Tzvedan. **As estruturas da narrativa.** São Paulo: Ed. Perspectiva,2008

TODOROV, Tzvedan. **Introducción a la Literatura Fantástica.** México D.F: Editorial Coyoacán, 1994 FLATA CITAR ANO

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1998

WARBURG, A. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Impresos Cofás S.A. 2010

WHITE, Hayden. **La ficción de La narrativa: Ensayos sobre historia, literatura y teoría 1957-2007**. Buenos Aires: Ed. Eterna Cadencia. 2011

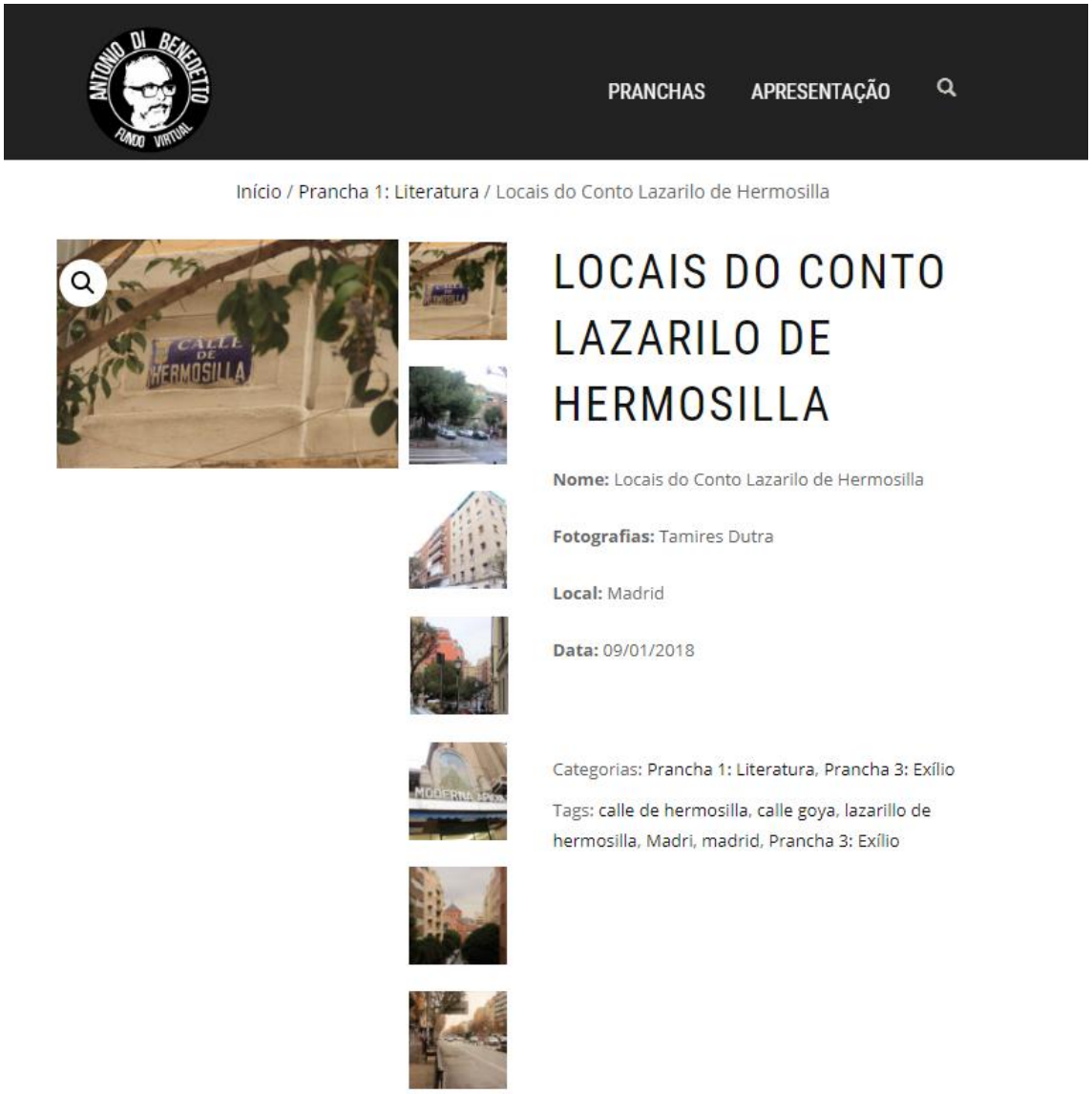
YASBEK, André. **10 lições sobre Foucault.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2012

10. ANEXOS:

ANEXO A – LA TOPOGRAFÍA DEL PASADO.

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/la-topografia-del-pasado-imaginario-y-ficcion-historica-en-zama-de-antonio-di-benedetto-julio-premat/

ANEXO B – LOCAIS DO CONTO “LAZARILLO DE HERMOSILLA”



LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/lazarillo-de-hermosilla/

ANEXO C – ROTEIRO DO FILME ÁLAMOS TALADOS

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/roteiro-alamos-talados-1/

ANEXO E - CARTA DA FUNDAÇÃO GUGGENHEIM 1981

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-guggenheim-1981_-1/

ANEXO F - UN NARRADOR SILENCIADO- JUAN JOSÉ SAER SOBRE ANTONIO DI BENEDETTO

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Un Narrador Silenciado – Juan José Saer sobre Antonio Di Benedetto

El narrador silenciado

UN NARRADOR SILENCIADO – JUAN JOSÉ SAER SOBRE ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: El Narrador Silenciado

Autor: Juan José Saer

Publicado por: Jornal Clarín

Local: Buenos Aires

Data: 1/08/1999

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 5: Testemunhos

Tags: 1999, buenos aires, Diario Clarín, Juan José Saer, Prancha 5: Testemunhos

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/saer-clarin-1999/

ANEXO G - COLÓQUIO "EL CUENTO LATINOAMERICANO ACTUAL' EM PARIS 1980

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/coloquio-paris-1980/

ANEXO H - ANTONIO DI BENEDETTO: UNA SILENCIOSA MAESTRÍA

Início / Prancha 1: Literatura / Antonio Di Benedetto: Una silenciosa Maestría

LA VANGUARDIA - Barcelona - 1982

Antonio Di Benedetto: Una silenciosa maestría

ANTONIO DI BENEDETTO: UNA SILENCIOSA MAESTRÍA

Nome: Antonio Di Benedetto: Una silenciosa Maestría

Publicado por: La Vanguardia

Local: Barcelona

Data: 17/08/1982

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

Tags: 1982, Barcelona, La Vanguardia, Prancha 3: Exílio

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/silenciosa-maestria/

ANEXO I - CRÍTICA DO FILME "CH IQUI LINES"

Início / Prancha 1: Literatura / Crítica do filme "Chiquilines"

El drama de los chicos de la calle

CRÍTICA DO FILME "CHIQUILINES"

Nome: El drama de los chicos de la calle

Autora: Beatriz Lacaviello

Publicado por: Clarín

Local: 1991

Data: 15/03/1991

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 4: Cinema

Tags: 1991, Beatriz Lacaviello, Chiquilines, Diario Clarín, Prancha 1: Literatura, Prancha 4: Cinema

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/sobre-filme-chiquilines/

ANEXO J - "ZAMA" DE ANTONIO DI BENEDETTO

Início / Prancha 1: Literatura / "Zama" de Antonio Di Benedetto

LA VERDAD

MURCIA
Fecha 1 JUL. 1979

"ZAMA" de Antonio di Benedetto

Ediciones Alfaguara ha sacado a las librerías, como reciente novedad, una novela que en cierta manera nos podría hacer pensar en aquel Don Ramiro Iglano. Pero más que una recreación de la España histórica era erudición hispanoamericana, «Zama» es la historia de una existencial soledad. La historia de una espera: la de un funcionario del imperio colonial español en América que durante diez años aguarda en Asunción del Paraguay el momento de incorporarse a un destino de prestigio. Los años de espera, narrados con herida separidad, son también los años del descubrimiento de la soledad, de la confusión entre la realidad y el deseo. La historia de una degradación. Una novela que es una obra de arte, auténticamente.

"ZAMA" DE ANTONIO DI BENEDETTO

Nome:"Zama" de Antonio Di Benedetto

Publicado por: La Verdad

Local: Múrcia – Espanha

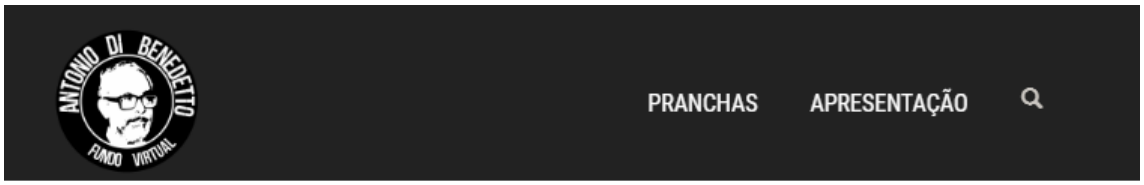
Data: 7 de Julho de 1979

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: 1979, Múrcia, Prancha 1: Literatura, Resenhas

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/zama-laverdad-79/

ANEXO K - MUNDO ANIMAL EN UN AMBITO DE PESADILLA LAS MÁS EXTRA NAS MUTACIONES



Início / Prancha 1: Literatura / Mundo Animal – En un Ambito de Pesadilla las más Extrañas Mutaciones

LA RAZON
6 FEB 1972

MUNDO ANIMAL

MUNDO ANIMAL – EN UN AMBITO DE PESADILLA LAS MÁS EXTRAÑAS MUTACIONES

Nome: Mundo Animal – En un Ambito de Pesadilla las más Extrañas Mutaciones

Autor: Joaquín Neyra

Publicado por: La Razón

Local: Buenos Aires – Argentina

Fecha: 06/02/1972

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: 1972, La Razón, Mundo Animal, Prancha 1: Literatura, Reseñas

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/mundoanimal-razon/

ANEXO L - UN ESCRITOR EM SERIO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/un-escritor-en-serio/

ANEXO M - ADB COM ROB GRI LLET

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/adb-com-rob-grillet/

ANEXO N - LA ESPERA: ENTRE EL OLVIDO Y EL RECUERDO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/la-espera-entre-el-olvido-y-el-recuerdo/

ANEXO O - LAS DOS MUERTES DE ANOTNIO DI BENEDETTO

Início / Prancha 1: Literatura / Las dos muertes de Anotnio Di Benedetto

LAS DOS MUERTES DE ANOTNIO DI BENEDETTO

Nome: Las dos muertes de Antonio Di Benedetto

Publicado por: Revista Acción

Autor: Norberto Soares

Local: Buenos Aires – Argentina

Data: 10/1986

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 2: Detenção

Tags: 1986, buenos aires, Prancha 2: Detenção, revista acción

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/las-dos-muertes-de-anotnio-di-benedetto/

ANEXO P - ANTONIO DI BENEDETTO: BATALLA CONTRA EL OLVIDO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/adb-contra-el-olvido/

ANEXO Q - SE REED ITA ZAMA, DE ANTONIO DI BENEDETTO- JUAN JOSÉ SAER E SERGIO CHEJFEC

SE REEDITA "ZAMA", DE ANTONIO DI BENEDETTO

COMO UN CUADRO DE

VAN GOGH

FUENTES DE UNA GRAN NOVELA

UNA PROPUESTA RADICAL

SE REEDITA ZAMA, DE ANTONIO DI BENEDETTO – JUAN JOSÉ SAER E SERGIO CHEJFEC –

Nome: Se Reedita Zama, de Antonio Di Benedetto

Autores: Juan José Saer e Sergio Chejfec

Publicado por: Diario Página 12

Local: Buenos Aires, Argentina

Data: 12/03/1995

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1995, buenos aires, Diario Página 12, Juan José Saer, Prancha 1: Literatura, Sergio Chejfec, zama

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/se-reedita-zama-de-antonio-di-benedetto-juan-jose-saer-e-sergio-chejfec-2/

ANEXO R - ANTON IO DI BENEDETTO UN NARRADOR FRENTE A LOS LABERINTOS GRAC IELA DE SOLA 1969

CLARIN 27 MAR 1969

ANTONIO DI BENEDETTO:

UN NARRADOR FRENTE A LOS LABERINTOS

Por GRACIELA DE SOLA

ANTONIO DI BENEDETTO UN NARRADOR FRENTE A LOS LABERINTOS – GRACIELA DE SOLA – 1969

Nome: Antonio Di Benedetto Un Narrador Frente a los Laberintos

Autor: Graciela de Sola

Publicado por: Diario Clarín

Local: Buenos Aires, Argentina

Data: 25/03/1969

Categoria: Prancha 1: Literatura

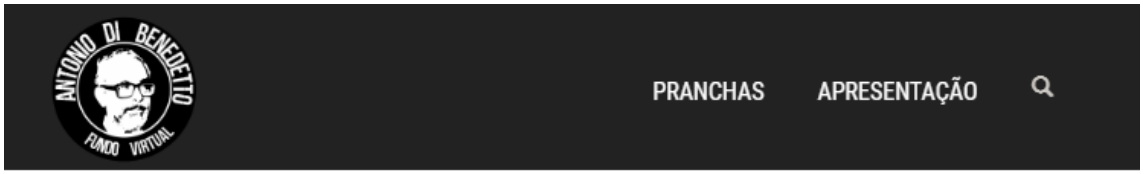
Tags: 1969, buenos aires, Diario Clarín, el silenciero, Graciela de Sola, Mundo Animal, Prancha 1: Literatura, zama

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/antonio-di-benedetto-un-narrador-frente-a-los-laberintos-graciela-de-sola-1969/

ANEXO S - HISTORIA DE LA LITERATURA ARGENTINA N°49 LA LITERATURA DE LAS VANGUARDIAS XI II

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/historia-de-la-literatura-argentina-no49-la-literatura-de-las-vanguardias-xiii/

ANEXO T - ANTONIO DI BENEDETTO, UNA VIDA EN CLAVE DE PERIODISMO Y LITERATURA EDUARDO POGORILES 2001



Início / Prancha 1: Literatura / Antonio Di Benedetto, una vida en clave de periodismo y literatura – Eduardo Pogoriles – 2001

Antonio Di Benedetto, una vida en clave de periodismo y literatura

Rinden homenaje al escritor que fue secuestrado por los militares y luego conoció el dolor del exilio

ANTONIO DI BENEDETTO, UNA VIDA EN CLAVE DE PERIODISMO Y LITERATURA – EDUARDO POGORILES – 2001

Nome: Antonio Di Benedetto, una vida en clave de periodismo y literatura

Autor: Eduardo Pogoriles

Publicado por: Diario Clarín

Local: Buenos Aires, Argentina

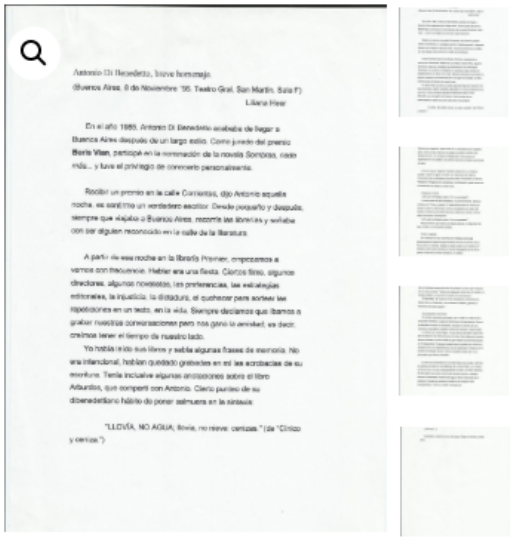
Data: 21/04/2001

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: 2001, Diario Clarín, Eduardo Pogoriles,

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/antonio-di-benedetto-una-vida-en-clave-de-periodismo-y-literatura-eduardo-pogoriles-2001/

ANEXO U - HOMENAJE A A.D.B - LILIANA H EER 1996



Antonio Di Benedetto, breve homenaje.
(Buenos Aires, 8 de Noviembre '96. Teatro Gral. San Martín, Sala F)
Liliana Heer

En el año 1989, Antonio Di Benedetto acababa de llegar a Buenos Aires después de un largo exilio. Como jurado del premio **Boris Vian**, participé en la nominación de la novela Sombras, nada más... y tuve el privilegio de conocerlo personalmente.

Recibir un premio en la calle Corrientes, dijo Antonio aquella noche, es sentirse un verdadero escritor. Desde pequeño y después, siempre que viajaba a Buenos Aires, recorría las librerías y soñaba con ser alguien reconocido en la calle de la literatura.

A partir de esa noche en la librería Premier, empezamos a vernos con frecuencia. Hablar era una fiesta. Ciertos filos, algunos directores, algunas novedades, las preferencias, las estrategias editoriales, la injusticia, la dictadura, el cuchicheo para sortear las repeticiones en un texto, en la vida. Siempre decíamos que íbamos a grabar nuestras conversaciones para no perder la amistad, es decir, creíamos tener el tiempo de nuestro lado.

Yo había leído sus libros y sabía algunas frases de memoria. No era intencional, habían quedado grabadas en mí las acrobacias de su escritura. Tenía inclusive algunas anotaciones sobre el libro Absurdos, que compartí con Antonio. Cierto parecido de su dibenedettiano hábito de poner asimuers en la sintaxis:

"LLOVÍA, NO AGUA; llovía, no nieve; cenizas." (de "Cínico y cenizas")

HOMENAJE A A.D.B – LILIANA HEER – 1996

Nome: Antonio Di Benedetto, Breve Homenaje

Autor: Liliana Heer

Publicado por: Não Publicado

Local: Apresentado no Teatro Gral. San Martín, Buenos Aires

Data: 8/11/1996

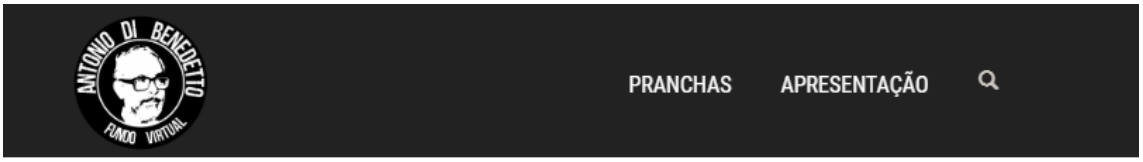
Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 5: Testemunhos

Tags: 1996, Homenagens, Homenajes, Liliana Heer, Prancha 1: Literatura

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/hom-liliana-heer/

ANEXO V - PALAVRAS DE LILIANA HEER NA ENTREGA DO PRÊMIO BORIS VIAN 1985



Início / Prancha 1: Literatura / Palavras de Liliana Heer na entrega do prêmio Boris Vian – 1985

PALAVRAS DE LILIANA HEER NA ENTREGA DO PRÊMIO BORIS VIAN – 1985

Nome: Palavras de Liliana Heer na entrega do prêmio Boris Vian – 1985

Autor: Liliana Heer

Publicado por: Não Publicado

Local: Apresentado no Teatro Gral. San Martín, Buenos Aires

Data: 1985

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 5: Testemunhos

Tags: Homenagens, Homenajes, Prancha 1: Literatura

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/palavras-de-liliana-heer-na-entrega-do-premio-boris-vian-1985/

ANEXO W - LA MUERTE DE UN OLVIDADO SOMBRAS NADA MÁS (DANIEL MOYANO) BIENVENIDA A DI BENEDETTO (SANTIAGO SYLVESTER) 1986

Início / Prancha 1: Literatura / La Muerte de un Olvidado – Sombras Nada Más (Daniel Moyano) – Bienvenida a Di Benedetto (Santiago Sylvester) – 1986

CULTURA

La muerte de un olvidado

Sombras nada más

Bienvenida a Di Benedetto

Bibliografía

LA MUERTE DE UN OLVIDADO – SOMBRAS NADA MÁS (DANIEL MOYANO) – BIENVENIDA A DI BENEDETTO (SANTIAGO SYLVESTER) – 1986

Nome: La Muerte de un Olvidado

Autores: Daniel Moyano (Sombras Nada Más) – Santiago Sylvester (Bienvenida a Di Benedetto)

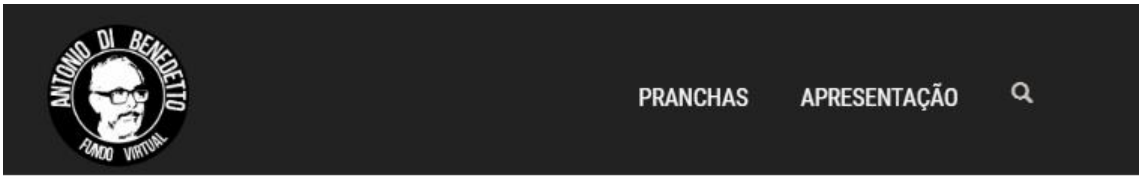
Publicado por: Diario ABC

Local: Madrid, Espanha

Data: 1986

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/la-muerte-de-un-olvidado-sombras-nada-mas-daniel-moyano-bienvenida-a-di-benedetto-santiago-sylvester-1986/

ANEXO X - NO SÓ LO DE SUENOS ... ANA VILLALBA - 1985



Início / Prancha 1: Literatura / No sólo de sueños... – Ana Villalba – 1985

NO SÓLO DE SUEÑOS... – ANA VILLALBA – 1985

Nome: No sólo de sueños...

Autora: Ana Villalba

Publicado por: Diario Mendoza

Local: Mendoza, Argentina

Data: 1985

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: 1985, ana villalba, nada más..., Prancha 1: Literatura, sombras

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/no-solo-de-suenos-ana-villalba-1985/

ANEXO Y - PÁGINAS ESCOGIDAS V CUENTOS MARIA ADELA RENARD - 1987

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Páginas escogidas y cuentos – Maria Adela Renard -1987

Páginas escogidas y cuentos

Páginas de Antonio Di Benedetto

Cuentos desde Amogan

La Prensa 19-07-1987 Bibliografía pág 5.

PÁGINAS ESCOGIDAS Y CUENTOS – MARIA ADELA RENARD -1987

Nome:Páginas escogidas y cuentos

Autora: Maria Adela Renard

Publicado por: Diario La Prensa

Local: Buenos Aires, Argentina

Data: 1987

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: 1987, buenos aires, diario la prensa, Maria Adela Renard, Páginas escogidas, Prancha 1: Literatura

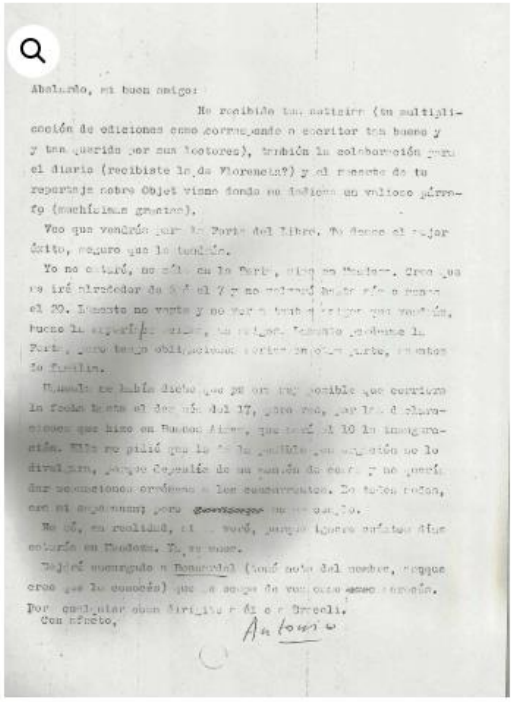
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/paginas-escogidas-y-cuentos-maria-adela-renard-1987/

ANEXO Z - CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO A ABELARDO ARIAS

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Antonio Di Benedetto a Abelardo Arias



Abelardo, mi buen amigo:

Me recibido tu cartaire (tu multiplicación de ediciones como corresponde a escritor tan bueno y y tan querido por sus lectores), también la colaboración para el diario (recibiste la de Florencia?) y el recuerdo de tu reportaje sobre Objet vismo donde me dedicas un valioso párrafo (machículas gracias).

Veo que vendrás por la Feria del Libro. Te deseo el mejor éxito, seguro que lo tendrás.

Yo no estaré, no salí en la Feria, viajo en Octubre. Creo que me iré alrededor de 5 el 7 y no volveré hasta fin o comienzo el 20. Lamento no verte y no poder tratar [illegible] que vendrás, pueda la especialmente [illegible], la relación [illegible] pudiera la Feria, pero tengo obligaciones [illegible] otra parte, [illegible] la familia.

Quizás te había dicho que yo era imposible que corriera la fecha hasta el día del 17, pero sí, por las declaraciones que hizo en Buenos Aires, que será el 10 la inauguración. Ello me pidió que la [illegible] posible [illegible] no lo divulgara, porque depende de su función de [illegible] y no quería dar sensaciones erróneas a los [illegible]. Lo sabes [illegible], es mi amigo [illegible]; pero [illegible] no [illegible].

No sé, en realidad, si [illegible] vuelvo, porque [illegible] Diario colorado en Mendoza. Ya [illegible].

Dejé encargado a Bonavida (creo que te del nombre, aunque creo que la conocés) que [illegible] de vez en cuando como [illegible].

Por cualquier cosa dirigirte a él o a Brocali.

Con afecto,

Antonio

CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO A ABELARDO ARIAS

Nome: Carta de Antonio Di Benedetto a Abelardo Arias

Autor: Antonio Di Benedetto

Publicado por: Não Publicado

Local: Não Informado

Data: Não Informado

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 2: Detenção

Tags: abelardo arias, cartas, Prancha 1: Literatura

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-antonio-di-benedetto-a-abelardo-arias/

ANEXO AA - HOMENAJE A A.D.B. LOS ANDES- DIEGO DE ZAMA ES ANTONIO DI BENEDETTO -VÁRIOS AUTORES

Início / Prancha 1: Literatura / Homenaje a A.D.B. – Los Andes – Diego de Zama es Antonio Di Benedetto – Vários Autores

Cultura | Homenajes

Prosiguen los homenajes al gran escritor mendocino

Diego de Zama es Antonio Di Benedetto

Di Benedetto y el lenguaje como artesanía

"¿Qué hacés, Antonio...?" "Espero"

Dos textos inéditos

HOMENAJE A A.D.B. – LOS ANDES – DIEGO DE ZAMA ES ANTONIO DI BENEDETTO – VÁRIOS AUTORES

Nome: Diego de Zama es Antonio Di Benedetto – Adriana Petra

Autores: Adriana Petra, Teresita Mauro Castellarín, Nicolás Sarquis

Publicado por: Diario Los Andes

Local: Mendoza

Data: 15/04/2001

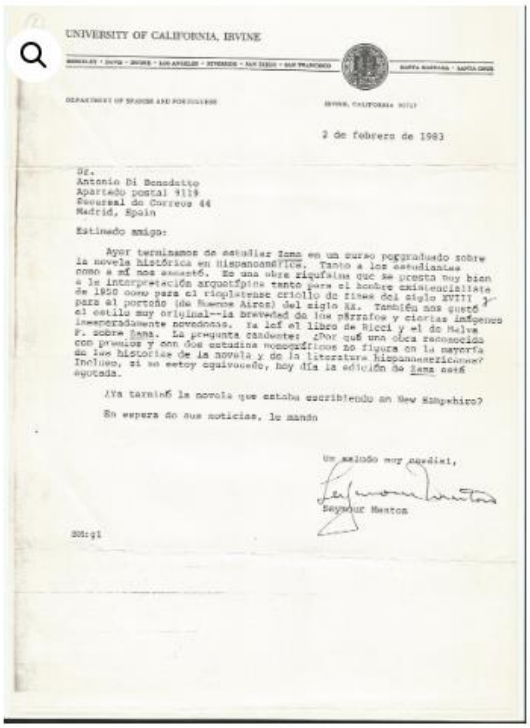
Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 5: Testemunhos

Tags: 2001, Adriana Petra, Diario Los Andes, Homenajes, Matérias Jornalísticas, Nicolás Sarquis, notas periodísticas, Prancha 1: Literatura, Teresita Mauro

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/diego-es-adb/

ANEXO BB - CARTA DE SEYMOUR MENTON A ANTONIO DI BENEDETTO 1983



UNIVERSITY OF CALIFORNIA, IRVINE

2 de febrero de 1983

Sr.
Antonio Di Benedetto
Apartado postal 9119
Recoseal de Correos 44
Madrid, Spain

Estimado amigo:

Ayer terminamos de estudiar Zama en un curso posgraduado sobre la novela histórica en Hispanoamérica. Tanto a los estudiantes como a mí nos encantó. Es una obra riquísima que se presta muy bien a la interpretación arquetípica tanto para el hombre existencialista de 1950 como para el rioplatense criollo de fines del siglo XVIII y para el porteño (de Buenos Aires) del siglo XX. También nos gustó el estilo muy original--la brevedad de los párrafos y ciertas imágenes inesperadamente novedosas. Ya leí el libro de Ricci y el de Melva F. sobre Zama. La pregunta candente: ¿Por qué una obra reconocida con premios y con dos estudios monográficos no figura en la mayoría de las historias de la novela y de la literatura hispanoamericanas? Incluso, si no estoy equivocado, hoy día la edición de Zama está agotada.

¿Ya terminó la novela que estaba escribiendo en New Hampshire?

En espera de sus noticias, le manda

Un saludo muy cordial,

Seymour Menton

SM:gl

CARTA DE SEYMOUR MENTON A ANTONIO DI BENEDETTO – 1983

Nome: Carta de Seymour Menton a Antonio Di Benedetto

Autor: Seymour Menton

Publicado por: Não Publicado

Local: Ervine, California, EUA

Data: 02/02/1983

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1983, cartas, exilio, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio, Seymour Menton, zama

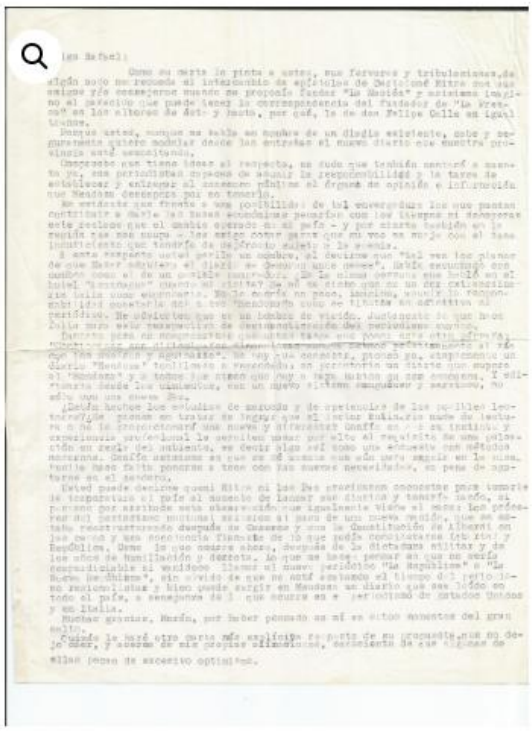
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-seymour-menton-a-antonio-di-benedetto-1983/

ANEXO CC - CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO A RAFAEL MORÁN

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Antonio Di Benedetto a Rafael Morán



CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO A RAFAEL MORÁN

Nome: Carta de Antonio Di Benedetto a Rafael Morán

Autor: Antonio Di Benedetto

Publicado por: Não Publicado

Local: Não Informado

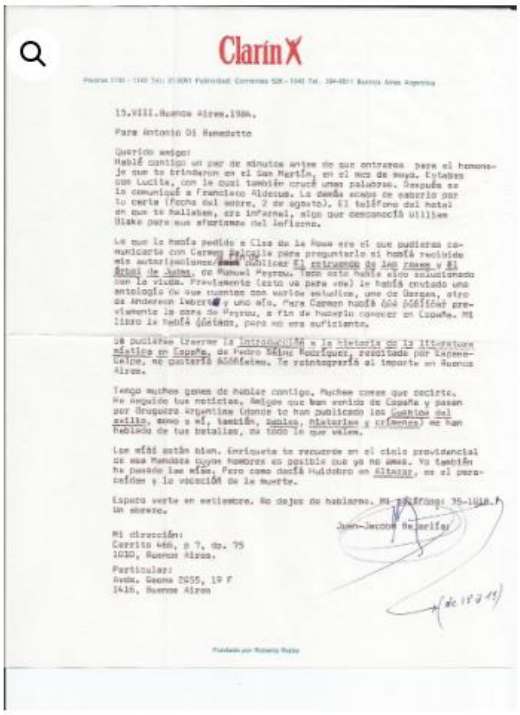
Data: Não Informado

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: cartas, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio, Rafael Morán

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-antonio-di-benedetto-a-rafael-moran/

ANEXO DD - CARTA DE JUAN JACOBO BAJARLÍA A ANTONIO DI BENEDETTO 1984



Clarín

15.VIII.Buenos Aires.1984.

Para Antonio Di Benedetto

Querido amigo:
Hablé contigo un par de minutos antes de que entraras para el homenaje que te brindaron en el San Martín, en el mes de mayo. Estabas con Lucita, con la cual también crucé unas palabras. Después se lo comuniqué a Francisco Aldecoa. La deuda acaba de saldarse por tu carta (fecha del sobre, 2 de agosto). El teléfono del hotel en que te hallaban, era infernal, algo que desconocía William Blake para sus adentros del infierno.

Lo que te había pedido a Clara de la Rosa era el que pudieras comunicarte con Carmen Balcells para preguntarle si había recibido mis autorizaciones para publicar El estuche de las reses y El Mirlo de Judas, de Manuel Peyrou. Esto acto había sido solucionado con la viuda. Previamente (esto va para vos) le había enviado una antología de sus cuentos con varios estudios, uno de Borges, otro de Anderson Imbert y uno mío. Para Carmen había dos posibles previamente la obra de Peyrou, a fin de hacerla conocer en España. Mi libro le había gustado, pero no era suficiente.

Si pudiera traerme la introducción a la historia de la literatura mística en España, de Pedro Sainz Rodríguez, sugerida por Lázaro Carpio, me gustaría fotocopiarla. Te reintegraría el importe en Buenos Aires.

Tengo muchas ganas de hablar contigo. Muchas cosas que decirte. De seguido tus noticias. Amigos que han venido de España y pasan por Uruguay argentina (donde te han publicado los Cuentos del exilio, como a mí, también, Sombras, Historias y crímenes) me han hablado de tus batallas, de todo lo que valen.

Los míos están bien. Enriqueta te recuerda en el cielo providencial de una Mendoza cuyos hombres es posible que ya no amen. Yo también he pasado las mías. Pero como decía Huidobro en Altazor, es el parecidos y la vocación de la muerte.

Espero verte en setiembre. No dejes de hablarme. Mi teléfono: 35-1414. Un abrazo.

Juan-Jacobo Bajarlía

Mi dirección:
Cerrito 440, p 7, dp. 75
1010, Buenos Aires.

Particular:
Avda. Gaona 2055, 19 F
1416, Buenos Aires

CARTA DE JUAN JACOBO BAJARLÍA A ANTONIO DI BENEDETTO – 1984

Nome: Carta de Juan Jacobo Bajarlía a Antonio Di Benedetto – 1984

Autor: Juan Jacobo Bajarlía

Publicado por: Não Publicado

Local: Buenos Aires

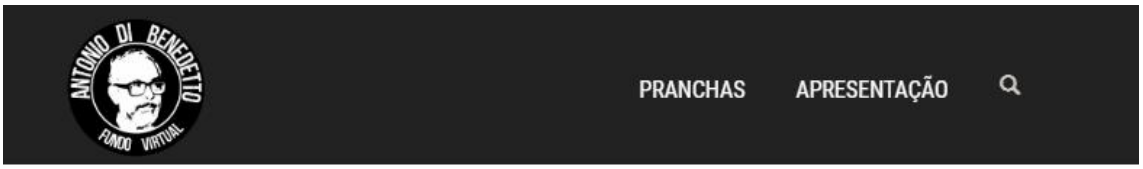
Data: 15/08/1984

Categoria: Prancha 1: Literatura

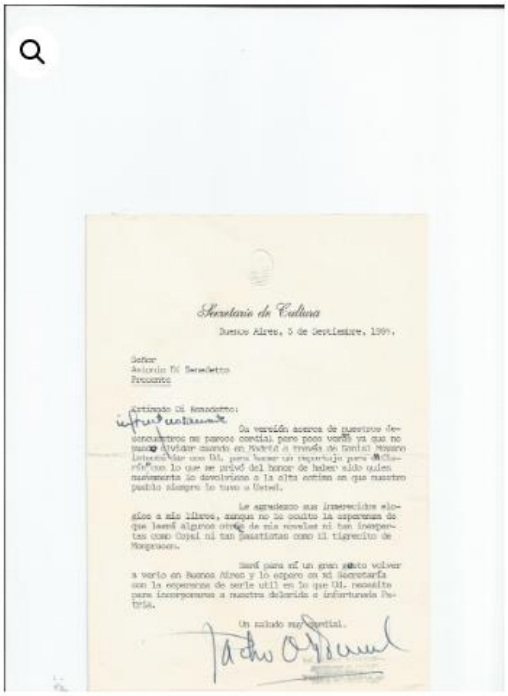
Tags: cartas, juan jacobo bajarlía, Prancha 1: Literatura

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-juan-jacobo-bajarlia-a-antonio-di-benedetto-1984/

ANEXO EE - CARTA DE MARIO ERNESTO O'DONNELL A ANTONIO DI BENEDETTO 1984



Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Mario Ernesto O'Donnell a Antonio Di Benedetto – 1984



Secretaría de Cultura

Buenos Aires, 5 de Septiembre, 1984.

Señor
Antonio Di Benedetto
Presente

Estimado Di Benedetto:

Su novelón acerca de nuestros desaparecidos me parece cordial, pero poco verdadero en aquí no pude ayudar cuando en Madrid a través de Daniel Moyano intercedí con Ud. para hacer un reportaje para Página/12 lo que me privó del honor de haber sido quien nuevamente le devolviera a la alta estima en que nuestro partido siempre le tuvo a Ustedes.

Le agradezco sus inmerecidos elogios a mis libros, aunque no le oculto la esperanza de que haré algunos otros de mis novelas si no tan livianas como Cayol al menos tan pasatistas como el Ejército de Morgenson.

Sería para mí un gran gusto volver a verlo en Buenos Aires y lo espero en mi Secretaría con la esperanza de serle útil en lo que Ud. necesite para incorporarnos a nuestra deliciosa e infortunada Patria.

Un saludo muy cordial.

Jacobo O'Donnell

CARTA DE MARIO ERNESTO O'DONNELL A ANTONIO DI BENEDETTO – 1984

Nome: Carta de Mario Ernesto O'Donnell a Antonio Di Benedetto – 1984

Autor: Mario Ernesto O'Donnell

Publicado por: Não Publicado

Local: Buenos Aires

Data: 05/09/1984

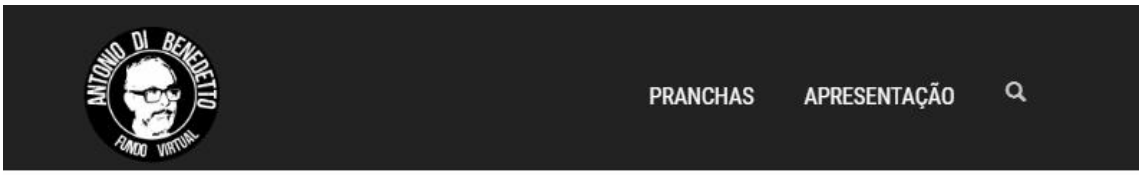
Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1984, cartas, Mario Ernesto O'Donnell, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-mario-ernesto-odonnell-a-antonio-di-benedetto-1984/

ANEXO DD - CARTA DE SEVERO SARDUY A ANNIE MORVAN 1985



Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Severo Sarduy a Annie Morvan – 1985

Editions du Seuil

SS/IW

Paris, le 20 juin 1985

Madame Annie MORVAN-VIDLIETTI
ACTES SUD
Passage du Méjan
43-47, rue du Dr. Fanton
13200 ARLES

Chère Annie,

Je t'écris à toute allure, et je m'excuse de mon retard pour te téléphoner ou t'écrire, tout simplement parce que j'ai été récemment pris par une télévision qui me tournait chez moi, et qui m'a mobilisé un certain temps.

Pour me résumer, la position du Seuil concernant Antonio di Benedetto est la suivante. Après mûre réflexion, et lecture personnelle de Sombras nada más... (j'élimine tous commentaires, car il s'agit d'un des auteurs les plus importants de la langue espagnole), nous avons pensé qu'il ne serait pas souhaitable de commencer la publication de cet auteur par un livre de rêves, car cela donne à la narration un aspect un peu discontinu.

J'espère te voir, dès mon retour de Vienne, pour que nous puissions débattre tranquillement de ça et du reste de la réalité, ce qui, comme tu peux bien le penser, mérite un vrai débat.

Bien à toi.

SEVERO
Severo Sarduy

c.c. envoyée à l'adresse suivante :
3 rue du Général Leclerc, 94200 IVRY

CARTA DE SEVERO SARDUY A ANNIE MORVAN – 1985

Nome: Carta de Severo Sarduy a Annie Morvan

Autor: Severo Sarduy

Publicado por: Não Publicado

Local: Paris

Data: 20/06/1985

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1985, Annie Morvan, cartas, Prancha 1: Literatura, Severo Sarduy

---

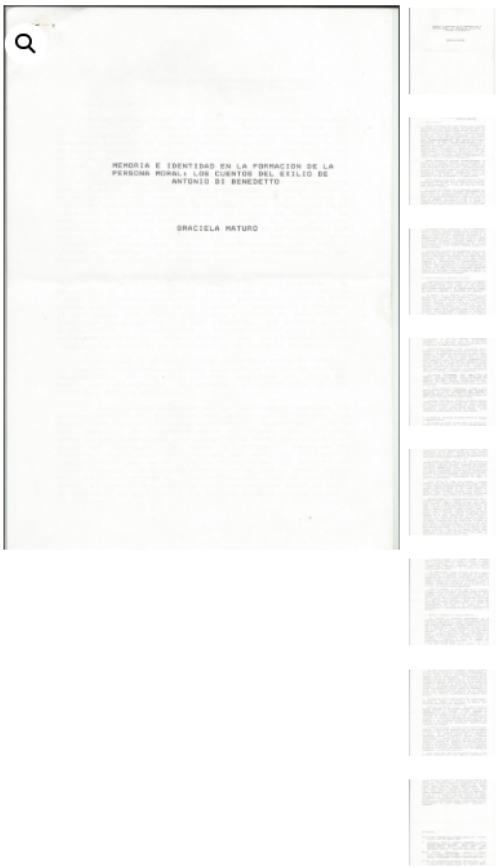
LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-severo-sarduy-a-annie-morvan-1985/

ANEXO EE - LA ESTÉTICA DEL CINE EN UN RELATO DE ANTONIO DI BENEDETTO- TERESITA MAURO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/teresita-mauro/

ANEXO FF - MEMORIA E IDENTIDAD EN LA FORMACIÓN DE LA PERSONA MORAL: LOS CUENTOS DEL EXILIO DE ANTONIO DI BENEDETTO (MECANOGRAFADO) GRACIELA MATURO

Início / Prancha 1: Literatura / Memoria e identidad en la formación de la persona moral: los cuentos del exilio de Antonio Di Benedetto (Mecanografado) – Graciela Maturo


MEMORIA E IDENTIDAD EN LA FORMACION DE LA PERSONA MORAL: LOS CUENTOS DEL EXILIO DE ANTONIO DI BENEDETTO

GRACIELA MATURO

MEMORIA E IDENTIDAD EN LA FORMACIÓN DE LA PERSONA MORAL: LOS CUENTOS DEL EXILIO DE ANTONIO DI BENEDETTO (MECANOGRAFADO) – GRACIELA MATURO

Nome: Memoria e identidad en la formación de la persona moral: los cuentos del exilio de Antonio Di Benedetto (Mecanografado) – **Versão publicada em:** Boletín de la Academia Argentina de Letras N° 69

Autor: Graciela Maturo

Publicado por: Academia Argentina de Letras

Local: Buenos Aires

Data: 2004

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 2004, cuentos del exilio, Graciela Maturo, mecanografia, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/memoria-e-identidad-en-la-formacion-de-la-persona-moral-los-cuentos-del-exilio-de-antonio-di-benedetto-mecanografado-graciela-maturo/

ANEXO GG - INQUIETUD RELIGIOSA Y DISCURSO PARABÓLICO EN MUNDO ANIMAL DE ANTONIO DI BENEDETTO MARTA CASTELLINO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/inquietud-religiosa-y-discurso-parabolico-en-mundo-animal-de-antonio-di-benedetto-marta-castellino/

ANEXO HH - ESTRUCTURA Y SIGNIFICACIÓN DE ANNABELLA DE ANTONIO DI BENEDETTO MALVA E. FILE R

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/estructura-y-significacion-de-annabella-de-antonio-di-benedetto-malva-e-filer/

ANEXO II - FRAGMENTOS DE LOS CIRTCUITOS INTERIORES ZAMA EN LA OBRA DE ANTONIO DI BENEDETTO GRACIELA RICCI

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/fragmentos-de-los-cirtcuitos-interiores-zama-en-la-obra-de-antonio-di-benedetto-graciela-ricci/

ANEXO JJ - CARTA DE GUNTER W. LORENZ A ANTONIO DI BENEDETTO

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Gunter W. Lorenz a Antonio Di Benedetto

Günter W. Lorenz Stuttgart, el 26.11.1981

Querido Antonio:

Ha llegado a nuestras manos tu primera carta estadounidense que nos ha alegrado muchísimo pues en realidad ya estábamos preocupados por haber sido durante tanto tiempo incomunicados contigo. La última noticia, indirecta, que tuvimos fue, en el mes de agosto, la información de Marucha dándonos a saber que tú pienses abandonar a la Madre Patria y dirigirte hacia Estados Unidos, teniendo en manos alguna beca. Eso fue todo y el resto quedó el gran silencio. Ahora bien, gracias a tu carta sabemos que vives en un ambiente que me imagino debe ser es algo semejante a la Selva Negra, teniendo la paz crativa para escribir tu novela y vivir sin preocupaciones y presiones ni económicas, ni políticas etc. pp. Te felicitamos por haber habido esa suerte y esperamos que el resultado de este lugar de silencio (no silenciero) será un nuevo libro. Desde luego no quiero molestar e interrumpir tu paz, y mucho menos si es una paz productiva, pero de todos modos a mí y a nosotros nos interesaría muchísimo recibir de vez en cuando unas líneas tuyas, para saber cómo crecen los frutos del silencio y de la paz, cómo anda la vida en el convento intelectual y que hay bichos (de dos patas, desde luego) que pueden ser capaces a interrumpir tu creatividad.

Ya sé que estuviste en Caracas pues encontré un interesante reportaje tuyo en el suplemento cultural de "Clarín" (hecho que nos hizo pensar por un momento que tal vez te habrías refugiado a las fuentes del petróleo y de los bolívares. Ahora lo sabemos mejor y que de la selva te vas a ir y Nueva York para dictar una conferencia. Si tú me cuentas, en forma de nota, que hasta ahora no te sale una novela sino sólo sueños, no me parece lo peor, pues son los sueños que dan la vida a las letras y desde luego los resultados de los sueños no son la peor literatura. Hágame saber un poco más del contenido de estos sueños literarios.

Marucha y Lucía, como ya he mencionado en mes de agosto nos han visitado en Wagshurst. Para Marucha fue visita de despedida, pues inmediatamente casi de Wagshurst volvió vía Madrid, a Buenos Aires donde ahora hace lo que según la famosa frase de Scalabrini Ortiz hacen todos los argentinos: está sola y espera. La vida allí, como siempre no es nada agradable y para comprarse un par de medias hay que ser doctor de matemáticas, porque siguen movimiento millones, y cada día más.

Aquí todo anda normal. Otra vez está acercándose el invierno, aun sin nieve, está acercándose la Navidad como hace desde dos años - Navidad inolvidable -, y nosotros vivimos ya esperando nuestra próxima temporada turca, pues la Turquía ya ha llegado a formar parte fija de nuestra vida.

Bueno, Antonio, quiero poner punto final para no ser yo el culpable que interrumpr tu paz creativa, pero espero que pronto nos vas dedicar unas líneas para saber cómo andan tus cosas.

-2-

CARTA DE GUNTER W. LORENZ A ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: Carta de Gunter W. Lorenz a Antonio Di Benedetto

Autor: Gunter W. Lorenz

Publicado por: Não Publicado

Local: Stuttgart

Data: 26/11/1981

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

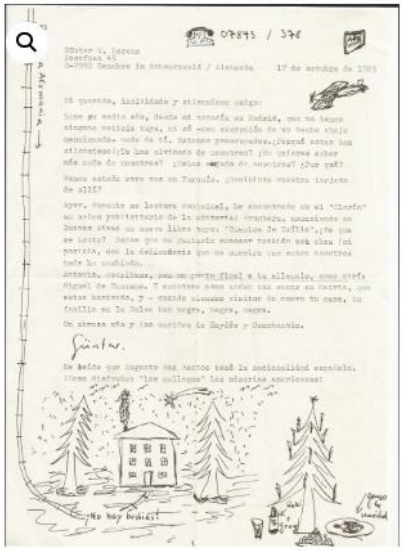
Tags: 1981, cartas, exilio, gunter W. Lorenz, Prancha 1: Literatura

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-gunter-w-lorenz-a-antonio-di-benedetto/

ANEXO KK - CARTA DE GUNTER W. LORENZ A ANTONIO DI BENEDETTO- 1983

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Gunter W. Lorenz a Antonio Di Benedetto – 1983



CARTA DE GUNTER W. LORENZ A ANTONIO DI BENEDETTO – 1983

Nome: Carta de Gunter W. Lorenz a Antonio Di Benedetto

Autor: Gunter W. Lorenz

Publicado por: Não Publicado

Local: Renchen, Alemanha

Data: 17/10/1983

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1983, cartas, exilio, gunter W. Lorenz, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

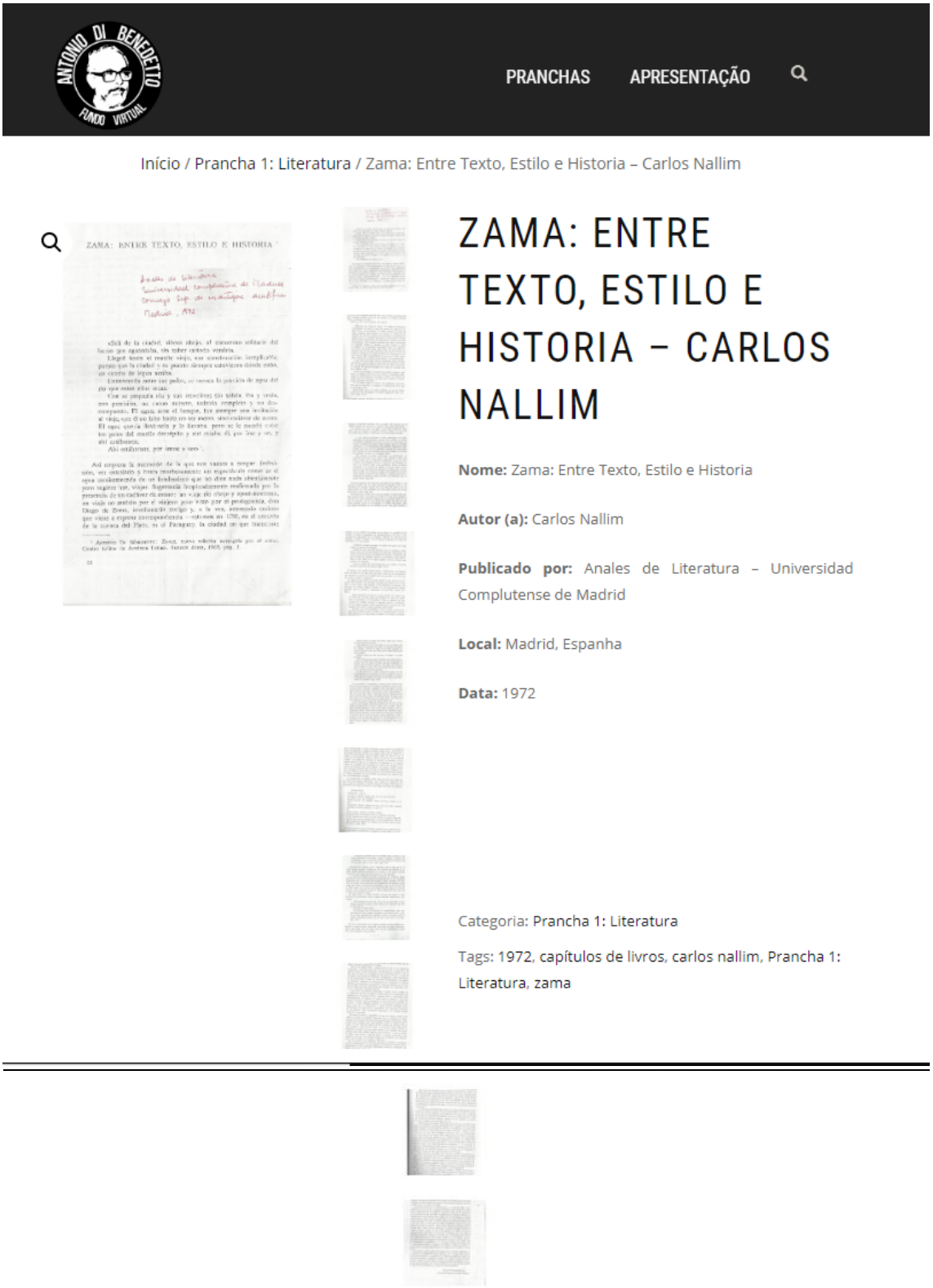
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-gunter-w-lorenz-a-antonio-di-benedetto-1983/

ANEXO LL - CARTA DE MARTÍN CAPARRÓS A ANTON IO DI BENEDETTO- 1983

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-martin-caparros-a-antonio-di-benedetto-1983/

ANEXO MM - ZAMA: ENTRE TEXTO, ESTILO E HISTORIA CARLOS NALLIM



PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Zama: Entre Texto, Estilo e Historia – Carlos Nallim

ZAMA: ENTRE TEXTO, ESTILO E HISTORIA

Nome: Zama: Entre Texto, Estilo e Historia

Autor (a): Carlos Nallim

Publicado por: Anales de Literatura – Universidad Complutense de Madrid

Local: Madrid, Espanha

Data: 1972

Categoria: Prancha 1: Literatura

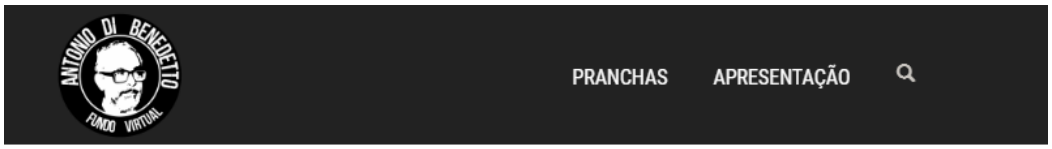
Tags: 1972, capítulos de livros, carlos nallim, Prancha 1: Literatura, zama

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/zama-entre-texto-estilo-e-historia-carlos-nallim/

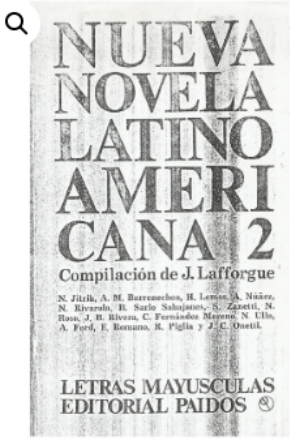
ANEXO NN - MALAGA-PALOMA-Y FELINO DE LAS INDIAS - LA OPINION -1977-12- 28-1

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/malaga-paloma-y-felino-de-indias-la-opinion-1977-12-28-1/

ANEXO MM - "ZAMA" : LA POÉTICA DE LA DESTRUCCIÓN NOEMÍ ULLA



Início / Prancha 1: Literatura / "Zama": La poética de la destrucción – Noemí Ulla



"ZAMA": LA POÉTICA DE LA DESTRUCCIÓN – NOEMÍ ULLA

Nome: "Zama": La poética de la destrucción

Autor: Noemí Ulla

Publicado por: Paidós, Buenos Aires – Compilação Jorge Lafforgue

Local: Buenos Aires

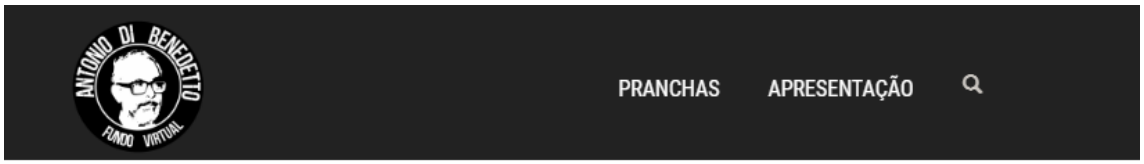
Data: 1972

Categoria: Prancha 1: Literatura

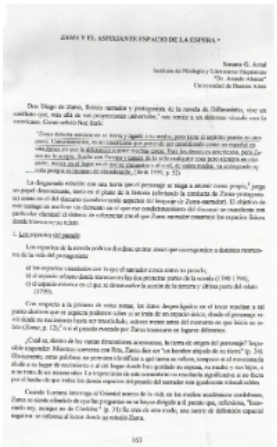
Tags: capítulos de livros, Noemí Ulla, Prancha 1: Literatura, zama

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/zama-la-poetica-de-la-destruccion-noemi-ulla/

ANEXO NN - ZAMA Y EL ASFIXIANTE ESPACIO DE LA ESPERA SUSANA G. ARTAL



Início / Prancha 1: Literatura / Zama y el asfixiante espacio de la espera – Susana G. Artal



ZAMA Y EL ASFIXIANTE ESPACIO DE LA ESPERA – SUSANA G. ARTAL

Nome: Zama y el asfixiante espacio de la espera In II Coloquio Internacional de Literatura Comparada "El Cuento" Homenaje a María Teresa Maiorana

Autor: Susana G. Artal

Publicado por: Universidad Católica Argentina

Local: Buenos Aires

Data: 1995

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: Capitulo de libro, Capitulo de Livro, Prancha 1: Literatura, Susana G. Artal, zama

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/zama-y-el-asfixiante-espacio-de-la-espera-susana-g-artal/

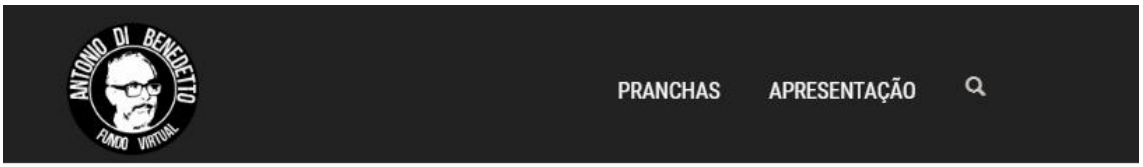
ANEXO OO - ANTONIO DI BENEDETTO Y EL OBJETIVISMO JUAN JACOBO BAJARLÍA

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/objetivismo-bajarlia/

ANEXO PP - REPORTAJE A LA TENTAC IÓN DE MUERTE AUGUSTO ROA BASTOS

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/ficciones-arg-roabastos/

ANEXO QQ - CONSULTA SEMANAL N78 ENTREVISTA BORGES ÍNTIMO



Início / Prancha 1: Literatura / Consulta Semanal – N78 – Entrevista a Jorge Luis Borges – Borges Íntimo

consulta
TIEMPO LIBRE
EXCLUSIVO PARA CONSULTA SEMANAL
Borges íntimo

CONSULTA SEMANAL – N78 – ENTREVISTA A JORGE LUIS BORGES – BORGES ÍNTIMO

Nome: Consulta Semanal – N78 – Entrevista a Jorge Luis Borges – Borges Íntimo

Autor: Greco

Publicado por: Consulta Semanal

Local: Madri – Espanha

Fecha: 11/06/1980

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1980, consulta semanal, Greco, Jorges Luis Borges, Madri, madrid, Prancha 3: Exílio

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-semanal-n78-borges/

ANEXO RR - CONSULTA SEMANAL N81 DOLOR DE MUELAS Y DOLORES DE ALMA

Início / Prancha 1: Literatura / Consulta Semanal – N81 – Dolor de muelas y dolores de alma

TRIBUNA ABIERTA

Dolor de muelas y dolores del alma

nombres

Proxen

Proxen

LUSOFARMACO

CONSULTA SEMANAL – N81 – DOLOR DE MUELAS Y DOLORES DE ALMA

Nome: Consulta Semanal – N81 – Dolor de muelas y dolores de alma

Autor: Antonio Di Benedetto

Publicado por: Consulta Semanal

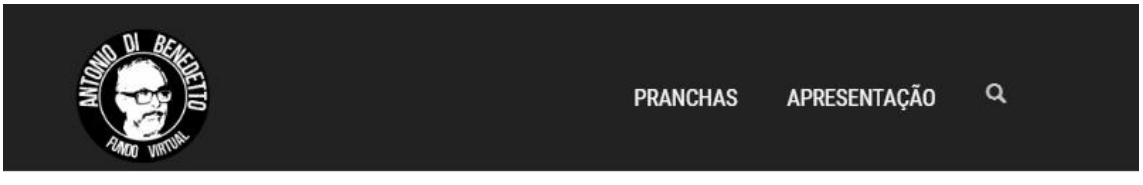
Local: Madri – Espanha

Fecha: 12/09/1980

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-doloresdemuelas/

ANEXO SS - CONSULTA SEMANAL N13 –TEATRO EL PROCESO DE FRANZ KAFKA



Início / Prancha 1: Literatura / Consulta Semanal – N13 – Teatro – El Proceso de Franz Kafka

CONSULTA SEMANAL – N13 – TEATRO – EL PROCESO DE FRANZ KAFKA

Nome: Consulta Semanal – N13 – Teatro – El Proceso de Franz Kafka

Autor: Ben Simple

Publicado por: Consulta Semanal

Local: Madri – Espanha

Fecha: 16/02/1979

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1979, franz kafka, madrid, Prancha 3: Exílio, teatro

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-semanal-n13-teatro-el-proceso-de-franz-kafka/

ANEXO TT – CONSUILTA SEMANAL – N 17 – HEMINGWAY – “MADRID NO ERA UMA FIESTA”

Início / Prancha 1: Literatura / Consulta Semanal – N17 – Hemingway “Madrid no era una fiesta”

CONSULTA SEMANAL – N17 – HEMINGWAY “MADRID NO ERA UNA FIESTA”

Nome: Consulta Semanal – N17 – Hemingway “Madrid no era una fiesta”

Autor: Ben Simple

Publicado por: Consulta Semanal

Local: Madri – Espanha

Fecha: 16/03/1979

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1979, consulta semanal, Ernest Hemingway, madrid, Prancha 3: Exílio

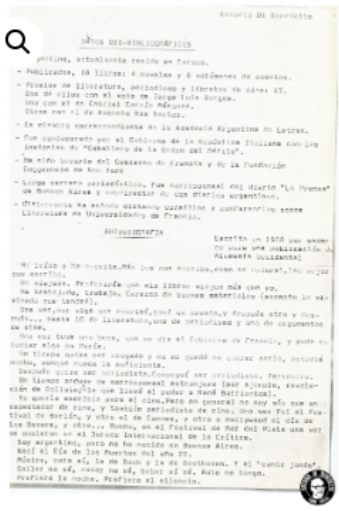
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-semanal-n17-hemingway-madrid-no-era-una-fiesta/

ANEXO UU - DATOS BIO- BIBLIOGRAFICOS ANTONIO DI 8ENEDETTO

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 1: Literatura / Datos Bio-Bibliograficos – Antonio Di Benedetto



DATOS BIO-BIBLIOGRAFICOS – ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: Datos Bio-Bibliograficos – Autobiografia

Publicado por: Dados selecionados para a entrega do título de Doctor Honoris Causa da Universidade de Cuyo

Local: Mendoza-Argentina

Fecha: Escritos até 1983

Categoria: Prancha 1: Literatura

Tags: Autobiografia, bibliografia, biografia, Doctor Honoris Causa, Universidade de Cuyo

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/datos-bio-bibliograficos-antonio-di-benedetto/

ANEXO VV - CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA ABELARDO ARIAS DA PRISÃO

Início / Prancha 2: Detenção / Carta de Antonio Di Benedetto para Abelardo Arias da Prisão

CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA ABELARDO ARIAS DA PRISÃO

Nome: Carta de Antonio Di Benedetto para Abelardo Arias da Prisão

Remetente: Antonio Di Benedetto

Destinatário: Adelma Petroni

Publicado por: Não Publicado

Local: Buenos Aires

Data: 1976

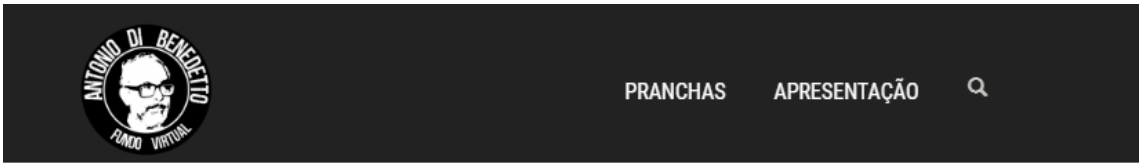
Categoria: Prancha 2: Detenção

Tags: 1976, abelardo arias, adelma petroni, buenos aires, cartas, Prancha 2: Detenção

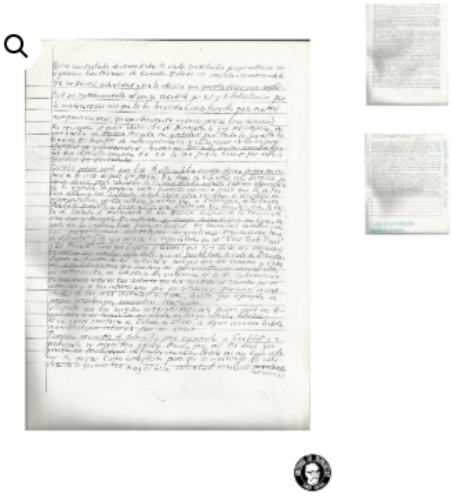
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-para-petroni-sobre-abelardo/

ANEXO WW - CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA ABELARDO ARIAS COM CONTO DE DENTRO DA PRISÃO



Início / Prancha 2: Detenção / Carta de Antonio Di Benedetto para Abelardo Arias com Conto de dentro da prisão



CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA ABELARDO ARIAS COM CONTO DE DENTRO DA PRISÃO

Nome: Carta de Antonio Di Benedetto para Abelardo Arias com Conto de dentro da prisão

Remetente: Antonio Di Benedetto

Destinatário: Abelardo Arias

Publicado por: Não Publicado

Local: La Plata

Data: 1976

Categoria: Prancha 2: Detenção

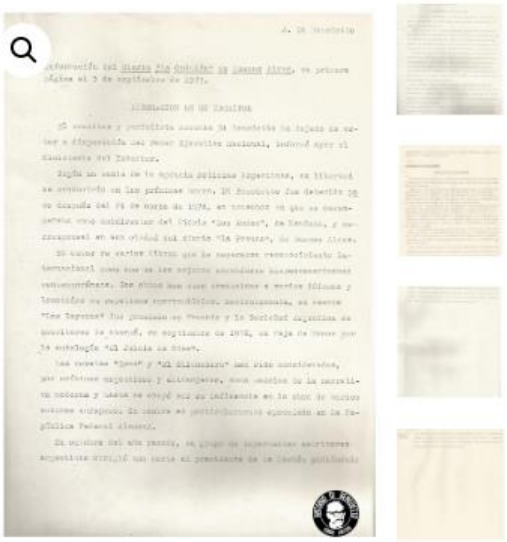
Tags: 1976, abelardo arias, cartas, Prancha 2: Detenção, prisão

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-para-abelardo-com-contos/

ANEXO XX - LIBERACIÓN DE UN ESCRITOR TRANSCRIÇÃO

Início / Prancha 2: Detenção / Liberación de un Escritor – Transcrição



LIBERACIÓN DE UN ESCRITOR – TRANSCRIÇÃO

Nome: Liberación de un Escritor

Transcrição: Antonio Di Benedetto

Publicado por: Versão original Pubicada em Jornal Opinión

Local: Buenos Aires

Data: 03/09/1977

Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

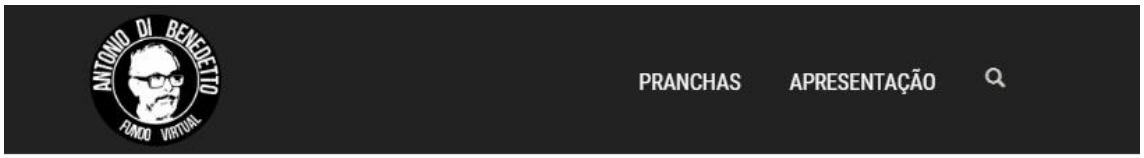
Tags: 1977, Opinión, Prancha 2: Detenção

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/transcricao-opinion-1/

ANEXO YY - OBJETOS DE ANTONIO DI BENEDETTO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/objetos-de-adb/

ANEXO ZZ - ANTONIO DI BENEDETTO: UNA SILENCIOSA MAESTRÍA



Início / Prancha 1: Literatura / Antonio Di Benedetto: Una silenciosa Maestría

LA VANGUARDIA - Barcelona - 1982

Antonio Di Benedetto: Una silenciosa maestría

ANTONIO DI BENEDETTO: UNA SILENCIOSA MAESTRÍA

Nome: Antonio Di Benedetto: Una silenciosa Maestría

Publicado por: La Vanguardia

Local: Barcelona

Data: 17/08/1982

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

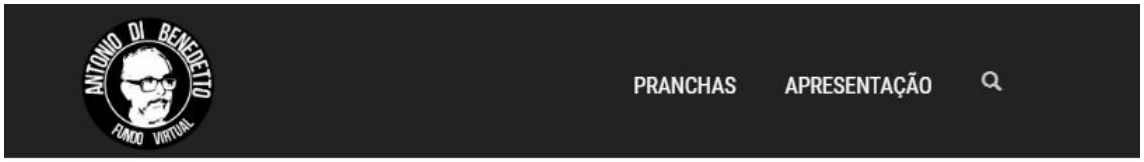
Tags: 1982, Barcelona, La Vanguardia, Prancha 3: Exílio

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/silenciosa-maestria/

ANEXO AAA - ACT IVIDAD EUROPEA 1977

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/actividad-europea-de-adb-clarin-1977-12-4/

ANEXO BBB - CASI MEMORIAS DE ANTONIO DI BENEDETTO



Início / Prancha 2: Detenção / Casi Memorias de Antonio Di Benedetto

Casi memorias de Antonio Di Benedetto

CASI MEMORIAS DE ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: Casi Memorias de Antonio Di Benedetto

Publicado por: La Nación

Local: Buenos Aires

Data: 1999

Proveniência: Arquivo Biblioteca San Martin

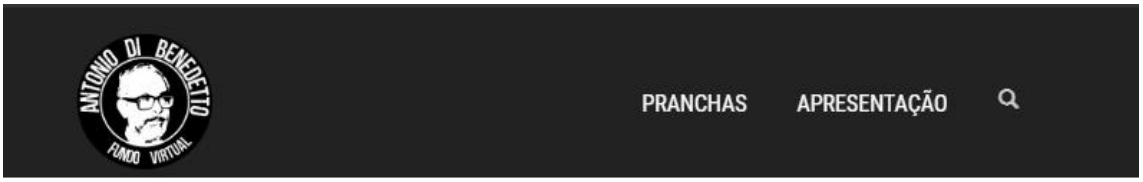
Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio, Prancha 5: Testemunhos

Tags: adelma petroni, buenos aires, Entrevistas, La Nación, María Esther Vázquez, Prancha 2: Detenção

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/casi-memorias-petroni/

ANEXO CCC - LAS DOS MUERTES DE ANOTNIO DI BENEDETTO



Início / Prancha 1: Literatura / Las dos muertes de Anotnio Di Benedetto

LAS DOS MUERTES DE ANOTNIO DI BENEDETTO

Nome: Las dos muertes de Antonio Di Benedetto

Publicado por: Revista Acción

Autor: Norberto Soares

Local: Buenos Aires – Argentina

Data: 10/1986

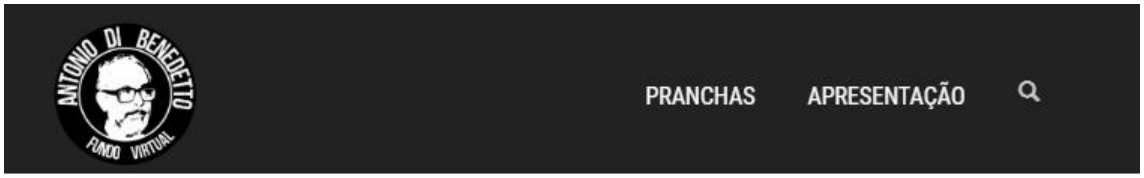
Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 2: Detenção

Tags: 1986, buenos aires, Prancha 2: Detenção, revista acción

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/las-dos-muertes-de-anotnio-di-benedetto/

ANEXO DDD - DI BENEDETTO Y LA CULPA DEL VERDUGO



Início / Prancha 2: Detenção / Di Benedetto y la culpa del verdugo

di benedetto
y la culpa
del verdugo

para la historia de la infamia

como en un cuento de borges

las razones de su silencio

RRISIS 56 DICIEMBRE 1987

DI BENEDETTO Y LA CULPA DEL VERDUGO

Nome: Di Benedetto y la culpa del verdugo

Publicado por: Revista Crisis

Autor: Daniel Moyano

Local: Buenos Aires – Argentina

Data: 12/1987

Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

Tags: 1987, buenos aires, daniel moyano, Prancha 2: Detenção

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/culpa-del-verdugo/

ANEXO EEE - DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/dibe-la-puede-contar/

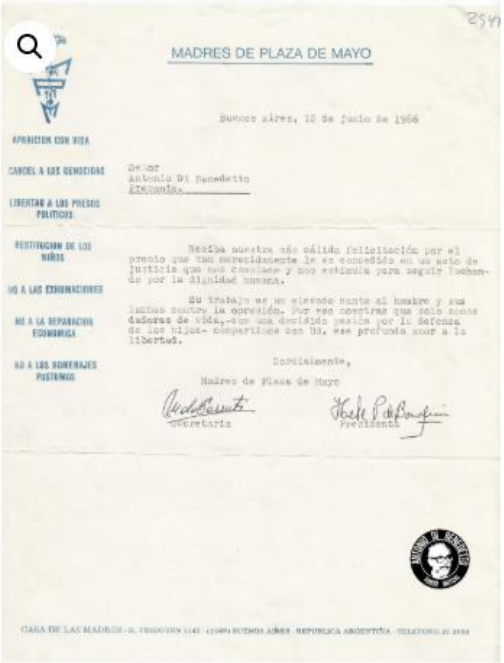
ANEXO FFF - ANTONIO DI BENEDETTO: BATALLA CONTRA EL OLVIDO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/adb-contra-el-olvido/

ANEXO GGG - CARTA DE MADRES DE LA PLAZA DE MAYO

PRANCHAS APRESENTAÇÃO

Início / Prancha 2: Detenção / Carta de Madres de la Plaza de Mayo



MADRES DE PLAZA DE MAYO

Buenos Aires, 12 de Junio de 1986

Señor
Antonio Di Benedetto
Presente.

Reciba nuestra más cálida felicitación por el premio que tan merecidamente le es concedido en un acto de justicia que nos consuela y nos estimula para seguir luchando por la dignidad humana.

Su trabajo es un elevado canto al hombre y sus luchas contra la opresión. Por eso constatamos que sólo somos deudoras de vida,-con una decidida pasión por la defensa de los hijos- compartimos con Ud. ese profundo amor a la libertad.

Cordialmente,

Madres de Plaza de Mayo

Secretaria

Presidenta

APARICION CON VIDA

CARCEL A LOS GENOCIDAS

LIBERTAD A LOS PRESOS POLITICOS

RESTITUCION DE LOS NIÑOS

NO A LAS EXHUMACIONES

NO A LA REPARACION ECONOMICA

NO A LOS HOMENAJES PUSTUMOS

CARTA DE MADRES DE LA PLAZA DE MAYO

Nombre: Carta de las Madres de la Plaza de Mayo

Remetente: Madres de Plaza de Mayo – Hebe de Bonafini, María del Rosario Cerruti

Destinatário: Antonio Di Benedetto

Local: Buenos Aires – Argentina

Fecha: 12/06/1986

Categoria: Prancha 2: Detenção

Tags: 1986, abuelas de plaza de mayo, Hebe de Bonafini, madres de plaza de mayo, María del Rosario Cerruti, Prancha 2: Detenção

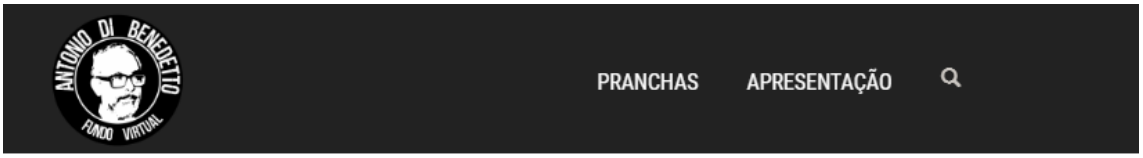
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/carta-de-madres-de-la-plaza-de-mayo/

ANEXO HHH - DECLARACIÓN DE ANTONIO DI BENEDETTO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/declaracion/

ANEXO III - ENTREVISTA DE RAÚL SILANES A ANTONIO DI BENEDETTO- A UN ANO DE SU MUERTE



Início / Prancha 2: Detenção / Entrevista de Raúl Silanes a Antonio Di Benedetto – A un año de su muerte

ENTREVISTA DE RAÚL SILANES A ANTONIO DI BENEDETTO – A UN AÑO DE SU MUERTE

Nombre: Entrevista a Antonio Di Benedetto – A un año de su muerte

Entrevistador: Raúl Silanes

Entrevistado: Antonio Di Benedetto

Publicada por: Diario Hoy, Cultura n°33

Local: La Plata – Argentina

Fecha: 11/1o/1987

Categoria: Prancha 2: Detenção

Tags: Diario Hoy, Entrevistas, Prancha 2: Detenção, Raúl Silanes

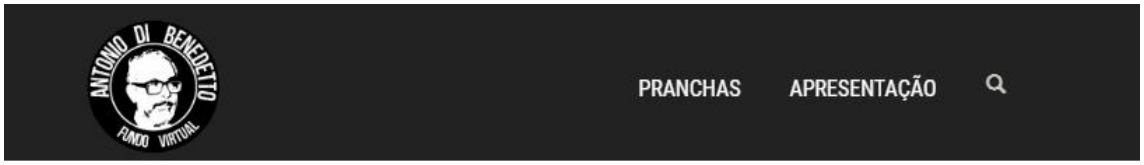
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-a-silanes/

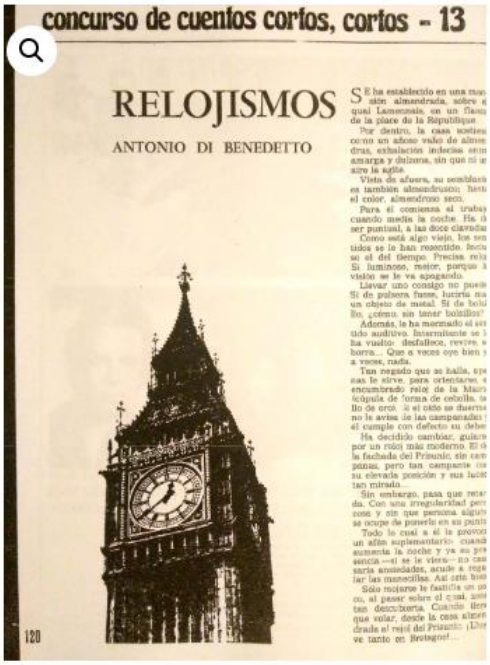
ANEXO JJJ - CARTA DE ADELMA PETRONI A ABELARDO ARIAS

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/crt-petroni-a-arias/

ANEXO KKK – NUEVA ESTAFETA RELOJISMOS



Início / Prancha 3: Exílio / Nueva-Estafeta_Relojismos



concurso de cuentos cortos, cortos - 13

RELOJISMOS

ANTONIO DI BENEDETTO

SE ha establecido en una ma[illegible] alte almendrada, sobre [illegible] qual Lamennais, en un flan[illegible] de la place de la République.

Por dentro, la casa sostie[illegible] como un adorno vaho de alfiler[illegible] dras, exhalación indecisa en[illegible] amarga y dulzona, sin que ni [illegible] aire la agite.

Vista de afuera, su semblan[illegible] es también almendrusco; hast[illegible] el color, almendroso seco.

Para él comienza el traba[illegible] cuando media la noche. Ha d[illegible] ser puntual, a las doce clavadas.

Como está algo viejo, los sen[illegible] tidos se le han resentido. Inclu[illegible] su el del tiempo. Precisa reli[illegible] Si luminoso, mejor, porque l[illegible] visión se le va apagando.

Llevar uno consigo no pued[illegible] Si de pulsera fuese, lucriría na[illegible] un objeto de metal. Si de bolsi[illegible] llo, ¿cómo, sin tener bolsillos?

Además, le ha sucedido el sen[illegible] tido auditivo. Intermitente se l[illegible] ha vuelto: desfallece, revive, s[illegible] borra... Que a veces oye bien y a veces, nada.

Tan regado que se halla, ap[illegible] sas le sirve, para orientarse, [illegible] encumbrado reloj de la Mairi[illegible] (cúpula de forma de cebolla, la[illegible] llo de oro). Si el cielo se nuesra[illegible] no le avisa de las campanadas [illegible] él cumple con defecto su deber.

Ha decidido cambiar, guiará[illegible] por un reloj más moderno. El d[illegible] la fachada del Prisunic, sin cam[illegible] panas, pero tan campante co[illegible] su elevada posición y sus luces [illegible] tan mirado...

Sin embargo, pasa que retar[illegible] da. Con una irregularidad per[illegible] cose y sin que persona algun[illegible] se ocupe de ponerlo en su punto.

Todo lo cual a él le provoc[illegible] un afán suplementario: cuand[illegible] aumenta la noche y ya no ve[illegible] sencia —si se le viera— no cau[illegible] saría ansiedades, acude a regu[illegible] lar las manecillas. Así este hom[illegible]

Sólo rojizos le fastidia un po[illegible] co, al pasar sobre el cual, qui[illegible] tan descubierta. Cuando tiene que volar, desde la casa almen[illegible] drada al rojo del Prisunic ¡Dios ve tanto en Bretagne!...

120

NUEVA-ESTAFETA_RELOJISMOS

Categoria: Prancha 3: Exílio

Tag: Prancha 1: Literatura

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/nueva-estafeta_relojismos-scaled/

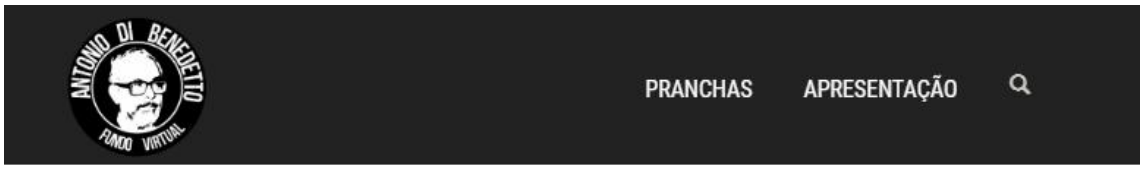
ANEXO LLL - MATILDE DUQUE E ANTONIO DI BENEDETTO CONSULTA SEMANAL

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-debate-n5/

ANEXO MMM – RETORNO DE ANTONIO DI BENEDETTO A MENDOZA

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/fotos-retorno/

ANEXO NNN - CARTÃO POSTAL DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA RAFAEL MORÁN



Início / Prancha 3: Exílio / Cartão postal de Antonio Di Benedetto para Rafael Morán

CARTÃO POSTAL DE ANTONIO DI BENEDETTO PARA RAFAEL MORÁN

Nome: Cartão postal de Antonio Di Benedetto para Rafael Morán

Remetente: Antonio Di Benedetto

Destinatário: Rafael Morán

Publicado por: Não Publicado

Local: Salamanca, Espanha

Data: sem data (provavelmente enviada em 1984)

Proveniência: Reprodução cedida por Rafael Morán

Categorias: Prancha 3: Exílio, Prancha 5: Testemunhos

Tags: cartas, Fray Luis de León, Lazarillo de Tormes, Prancha 5: Testemunhos, Rafael Morán, salamanca, Unamuno

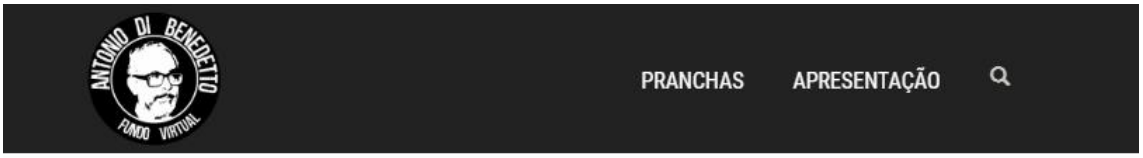
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/cartao-adb-moran/

ANEXO OOO - LIBERACIÓN DE UM ESCRITOR TRANSCRIÇÃO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/transcricao-opinion-1/

ANEXO PPP - ENTREVISTA DE CELIA ZARAGOZA A ANTON IO DI BENEDETTO



Início / Prancha 3: Exílio / Entrevista de Celia Zaragoza a Antonio Di Benedetto

Con Antonio Di Benedetto a punto de partir de España

ENTREVISTA DE CELIA ZARAGOZA A ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: Con Antonio Di Benedetto a punto de partir de España

Entrevistadora: Celia Zaragoza

Publicado por: La Prensa

Local: Madrid

Data:7/10/1984

Categoria: Prancha 3: Exílio

Tags: 1984, Celia Zaragoza, Entrevistas, madrid, Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

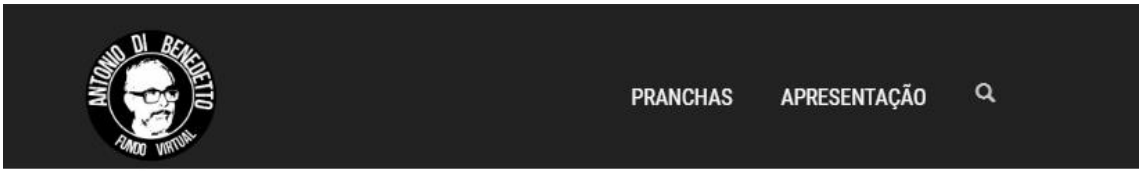
---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/celia-zaragoza-a-adb/

ANEXO QQQ - ARTEGUIA PRIMEIRA EDIÇÃO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/arteguia_1/

ANEXO RRR - ENTREVISTA A JOAQUÍN SOLER SERRANO



Início / Prancha 3: Exílio / Entrevista a Joaquín Soler Serrano

ENTREVISTA A JOAQUÍN SOLER SERRANO

Nome: Entrevista a Joaquín Soler Serrano – "Mis Personajes Favoritos" – Resumen de las más famosas entrevistas en el programa "A fondo"

Publicado por: Tele Radio

Local: Madri – Espanha

Data: 17 de Setembro 1978

Categoria: Prancha 3: Exílio

Tags: 1978, Entrevistas, Joaquín Soler Serrano, Madri, madrid, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/entrevista-a-serrano/

ANEXO SSS - CONSULTA SEMANA REDS

Início / Prancha 3: Exílio / Consulta Semanal – REDS

CONSULTA SEMANA – REDS

Categorias: Prancha 3: Exílio, Prancha 4: Cinema

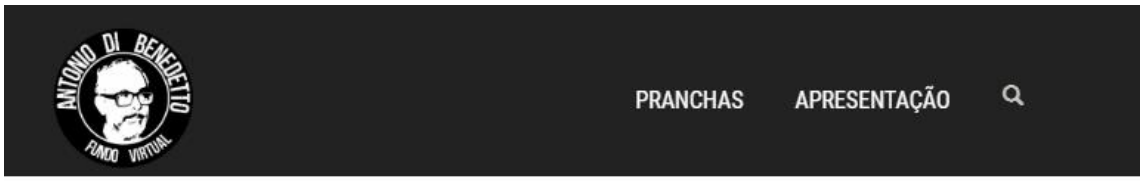
Tag: Prancha 4: Cinema

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/consulta-semanal-reds/

ANEXO TTT - LA ESPERA: ENTRE EL OLVIDO Y EL RECUERDO

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/la-espera-entre-el-olvido-y-el-recuerdo/

ANEXO UUU - DI BENEDETTO Y LA CULPA DEL VERDUGO



Início / Prancha 2: Detenção / Di Benedetto y la culpa del verdugo

DI BENEDETTO Y LA CULPA DEL VERDUGO

Nome: Di Benedetto y la culpa del verdugo

Publicado por: Revista Crisis

Autor: Daniel Moyano

Local: Buenos Aires – Argentina

Data: 12/1987

Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio

Tags: 1987, buenos aires, daniel moyano, Prancha 2: Detenção

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/culpa-del-verdugo/

ANEXO UUU - DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

Início / Prancha 2: Detenção / Di Benedetto la puede contar

DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

SE VA PARA VOLVER

DI BENEDETTO LA PUEDE CONTAR

Nome: Di Benedetto la puede contar

Publicado por: Revista Ahora

Local: Buenos Aires – Argentina

Data: 07/06/1984

Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio, Prancha 5: Testemunhos

Tags: 1984, buenos aires, Entrevistas, Prancha 2: Detenção, Revista Ahora

---

LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/dibe-la-puede-contar/

ANEXO VVV – EMOCIONANTE RETORNO AL PAÍS DEL ESCRITOR ANTONIO DI BENEDETTO

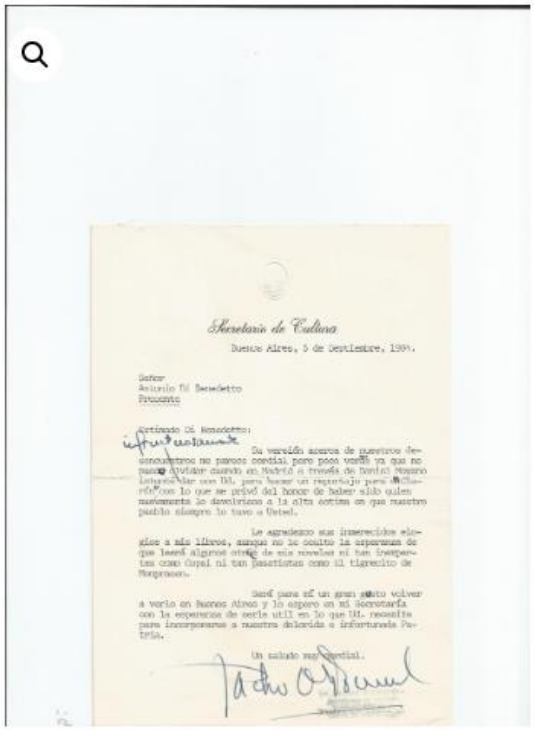
LINK: http://fundoadb.ufsc.br/arquivo/emocionante-retorno/

ANEXO WWW - CARTA DE ANTONIO DI BENEDETTO A RAFAEL MORÁN

LINK:

ANEXO XXX - CARTA DE MARIO ERNESTO O'DONNELL A ANTONIO DI BENEDETTO 1984

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Mario Ernesto O'Donnell a Antonio Di Benedetto – 1984



Secretaría de Cultura

Buenos Aires, 5 de Septiembre, 1984.

Señor
Antonio Di Benedetto
Presente

Estimado Di Benedetto:

Su versión acerca de nuestros desencuentros no parece cordial pero pues vuelve ya que no pudo quedar cuando en Madrid a través de Daniel Moyano intentaríamos con Ud. para hacer un reportaje para Humanoides lo que se privó del honor de haber sido quien nuevamente lo devolviera a la alta estima en que nuestro pueblo siempre lo tuvo a Usted.

Le agradezco sus inmerecidos elogios a mis libros, aunque no le oculto la esperanza de que leerá algunos otros de mis novelas si han transpuesto tan como Cupal ni tan desastrosas como El tigrecito de Morgenson.

Será para mí un gran gusto volver a verlo en Buenos Aires y lo espero en mi Secretaría con la esperanza de serle útil en lo que Ud. necesite para incorporarse a nuestra dolorida e infortunada Patria.

Un saludo muy cordial.

Jacobo O'Donnell

CARTA DE MARIO ERNESTO O'DONNELL A ANTONIO DI BENEDETTO – 1984

Nome: Carta de Mario Ernesto O'Donnell a Antonio Di Benedetto – 1984

Autor: Mario Ernesto O'Donnell

Publicado por: Não Publicado

Local: Buenos Aires

Data: 05/09/1984

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1984, cartas, Mario Ernesto O'Donnell, Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

---

LINK:

ANEXO YYY: CARTA DE SEVERO SARDUY A ANNIE MORVAN 1985

Início / Prancha 1: Literatura / Carta de Severo Sarduy a Annie Morvan – 1985

Editions du Seuil

SS/LW

Paris, le 20 juin 1985

Madame Annie MORVAN-VIGLIETTI
ACTES SUD
Passage du Méjan
43-47, rue du Dr. Fanton
13200 ARLES

Chère Annie,

Je t'écris à toute allure, et je m'excuse de mon retard pour te téléphoner ou t'écrire, tout simplement parce que j'ai été récemment pris par une télévision qui se tournait chez moi, et qui m'a mobilisé un certain temps.

Pour me résumer, la position du Seuil concernant Antonio di Benedetto est la suivante. Après mûre réflexion, et lecture personnelle de Sombras sobre más..., (j'élimine tous commentaires, car il s'agit d'un des auteurs les plus importants de la langue espagnole), nous avons pensé qu'il ne serait pas souhaitable de commencer la publication de cet auteur par un livre de rêves, car cela donne à la narration un aspect un peu discontinu.

J'espère le voir, dès mon retour de Vienne, pour que nous puissions débattre tranquillement de ce et du reste de la réalité, ce qui, comme tu peux bien le penser, mérite un vrai débat.

Bien à toi.

SEVERO
Severo Sarduy

c.c. envoyée à l'adresse suivante :
3 rue du Général Leclerc, 94200 IVRY

CARTA DE SEVERO SARDUY A ANNIE MORVAN – 1985

Nome: Carta de Severo Sarduy a Annie Morvan

Autor: Severo Sarduy

Publicado por: Não Publicado

Local: Paris

Data: 20/06/1985

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

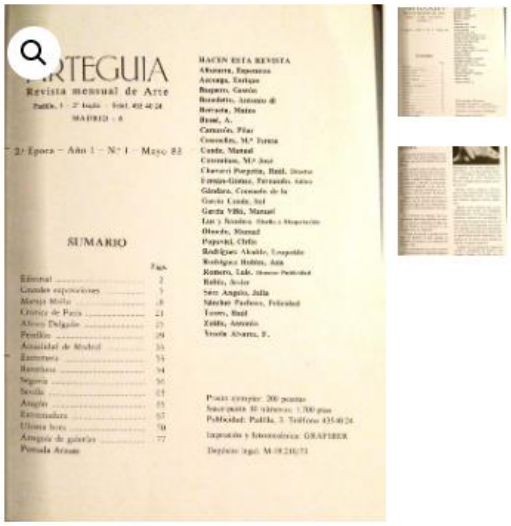
Tags: 1985, Annie Morvan, cartas, Prancha 1: Literatura, Severo Sarduy

---

LINK:

ANEXO ZZZ - REVISTA ARTEGUIA N1 LAS ESCULTURAS DE LA GRIEGA SOPHIA VARI LLEGARON A ESPANA

Início / Prancha 3: Exílio / Revista Arteguia – N1 – Las esculturas de la Griega Sophia Vari Llegaron a España



REVISTA ARTEGUIA – N1 – LAS ESCULTURAS DE LA GRIEGA SOPHIA VARI LLEGARON A ESPAÑA

Nome: Revista Arteguia – N1 – Las esculturas de la Griega Sophia Vari Llegaron a España

Publicado por: Revista Arteguia

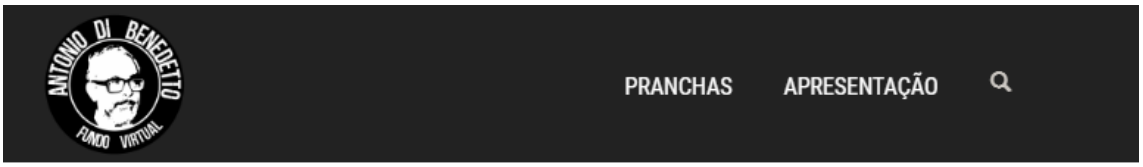
Local: Madri – Espanha

Fecha: 01/04/1983

Categoria: Prancha 3: Exílio

LINK:

ANEXO AAAA - CONSULTA SEMANAL N13 –TEATRO EL PROCESO DE FRANZ KAFKA



Início / Prancha 1: Literatura / Consulta Semanal – N13 – Teatro – El Proceso de Franz Kafka

TEATRO

«El proceso», de Franz Kafka

PREDESTINADO, JOSE K... SIN SUERTE

Anginore

Tratamiento de los procesos infec

CONSULTA SEMANAL – N13 – TEATRO – EL PROCESO DE FRANZ KAFKA

Nome: Consulta Semanal – N13 – Teatro – El Proceso de Franz Kafka

Autor: Ben Simple

Publicado por: Consulta Semanal

Local: Madri – Espanha

Fecha: 16/02/1979

ia

Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 3: Exílio

Tags: 1979, franz kafka, madrid, Prancha 3: Exílio, teatro

LINK:

ANEXO BBBB - CRÍTICA DO FILME "CHIQUILINES"

Início / Prancha 1: Literatura / Crítica do filme "Chiquilines"

El drama de los chicos de la calle

CRÍTICA DO FILME "CHIQUILINES"

Nome: El drama de los chicos de la calle

Autora: Beatriz Lacaviello

Publicado por: Clarín

Local: 1991

Data: 15/03/1991

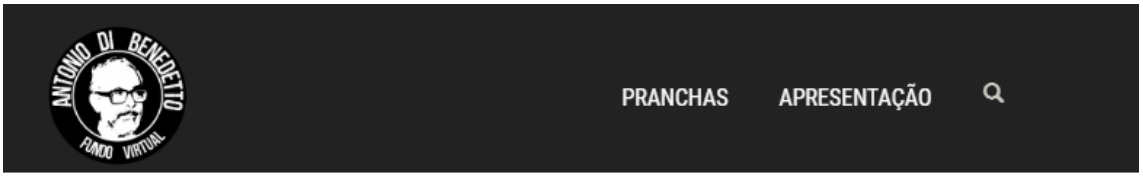
Categorias: Prancha 1: Literatura, Prancha 4: Cinema

Tags: 1991, Beatriz Lacaviello, Chiquilines, Diario Clarín, Prancha 1: Literatura, Prancha 4: Cinema

---

LINK:

ANEXO CCCC - REPERCUSSÃO DO FILME EL JUICIO DE DIOS FRAGMENTOS



Início / Prancha 4: Cinema / Repercussão do Filme El Juicio de Dios – Fragmentos

REPERCUSSÃO DO FILME EL JUICIO DE DIOS – FRAGMENTOS

Nome: Repercussão do Filme El Juicio de Dios – Fragmentos

Publicado por: Fragmento 1: Cronica – Fragmento 2: La Razón – Fragmento 3: Siete Dias

Local: Fragmento 1: Buenos Aires – Fragmento 2:Buenos Aires – Fragmento 3:Buenos Aires

Data: Fragmento 1: 14/12/1979 – Fragmento 2: 07/05/1988 – Fragmento 3: 27/12/1978

Categoria: Prancha 4: Cinema

Tags: 1978, 1988, buenos aires, Cronica, Juicio de Dios, La Razón, Prancha 4: Cinema, Siete Dias

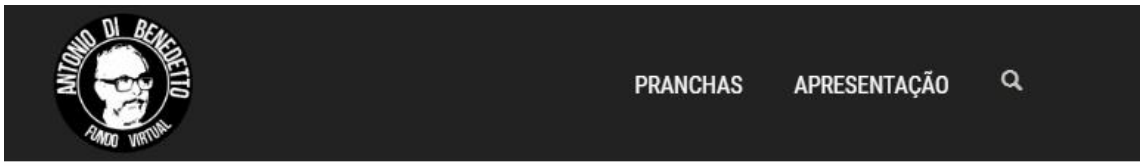
---

LINK:

ANEXO DDDD - ROTEIRO DO FILME ÁLAMOS TALADOS

LINK:

ANEXO EEEE - FOTO COM A ÚLTIMA COMPANHEIRA - GRACIELA LUCERO



Início / Prancha 5: Testemunhos / Foto com a última Companheira – Graciela Lucero

FOTO COM A ÚLTIMA COMPANHEIRA – GRACIELA LUCERO

Nome: Foto com Graciela Lucero

Publicado por: Não Publicada

Local: Buenos Aires

Data: Entre 1985 e 1986

Proveniência: Reprodução cedida por Cristina Lucero

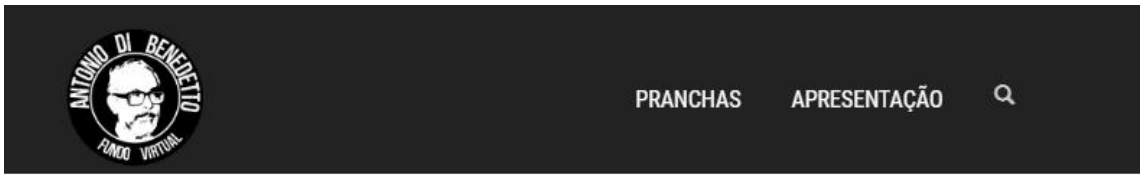
Categoria: Prancha 5: Testemunhos

Tags: Cristina Lucero, fotos, Graciela Lucero, Prancha 5: Testemunhos

---

LINK:

ANEXO FFFF - CASI MEMORIAS DE ANTONIO DI BENEDETTO



Início / Prancha 2: Detenção / Casi Memorias de Antonio Di Benedetto

Casi memorias de Antonio Di Benedetto

CASI MEMORIAS DE ANTONIO DI BENEDETTO

Nome: Casi Memorias de Antonio Di Benedetto

Publicado por: La Nación

Local: Buenos Aires

Data: 1999

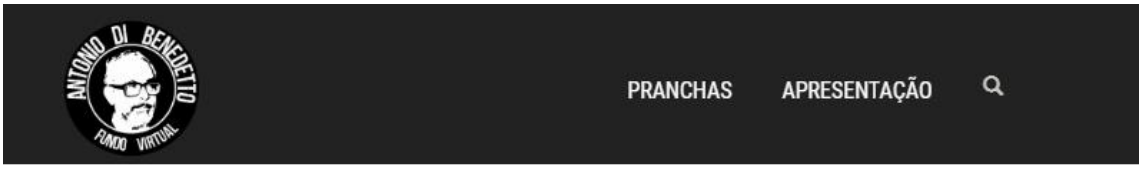
Categorias: Prancha 2: Detenção, Prancha 3: Exílio, Prancha 5: Testemunhos

Tags: adelma petroni, buenos aires, Entrevistas, La Nación, María Esther Vázquez, Prancha 2: Detenção

---

LINK:

ANEXO GGGG – TESTEMUNHO CRISTINA LUCERO



Início / Prancha 5: Testemunhos / Testemunho Cristina Lucero

TESTEMUNHO CRISTINA LUCERO

Nome: Entrevista Com Cristina Lucero

Entrevistadores: Liliana Reales e Mauro Enrico Caponi

Local: Buenos Aires

Filmagens: Mauro Enrico Caponi e Tamires Dutra

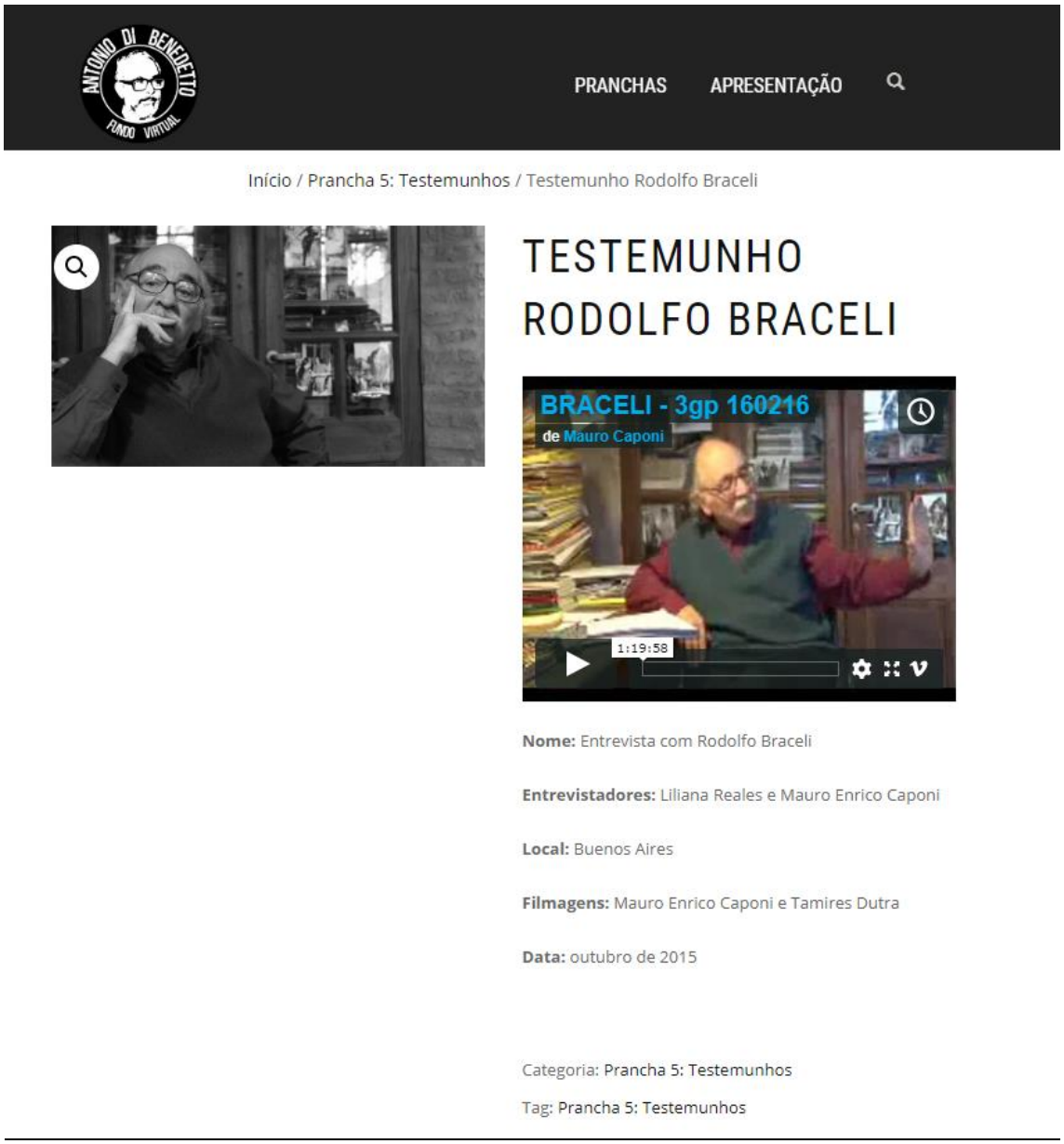
Data: outubro de 2015

Categoria: Prancha 5: Testemunhos

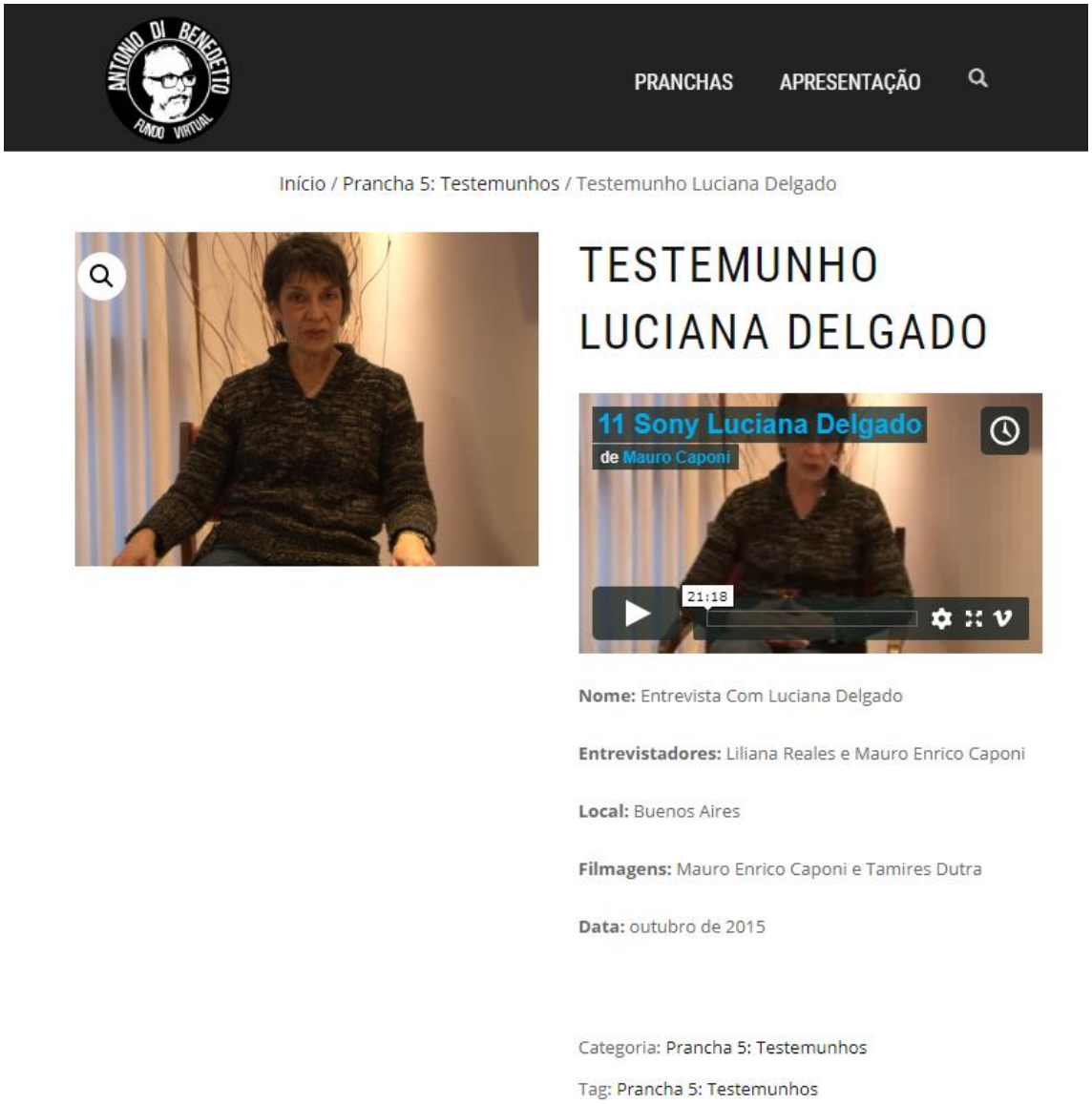
Tag: Prancha 5: Testemunhos

LINK:

ANEXO HHHH – TESTEMUNHO RODOLFO BRACELI

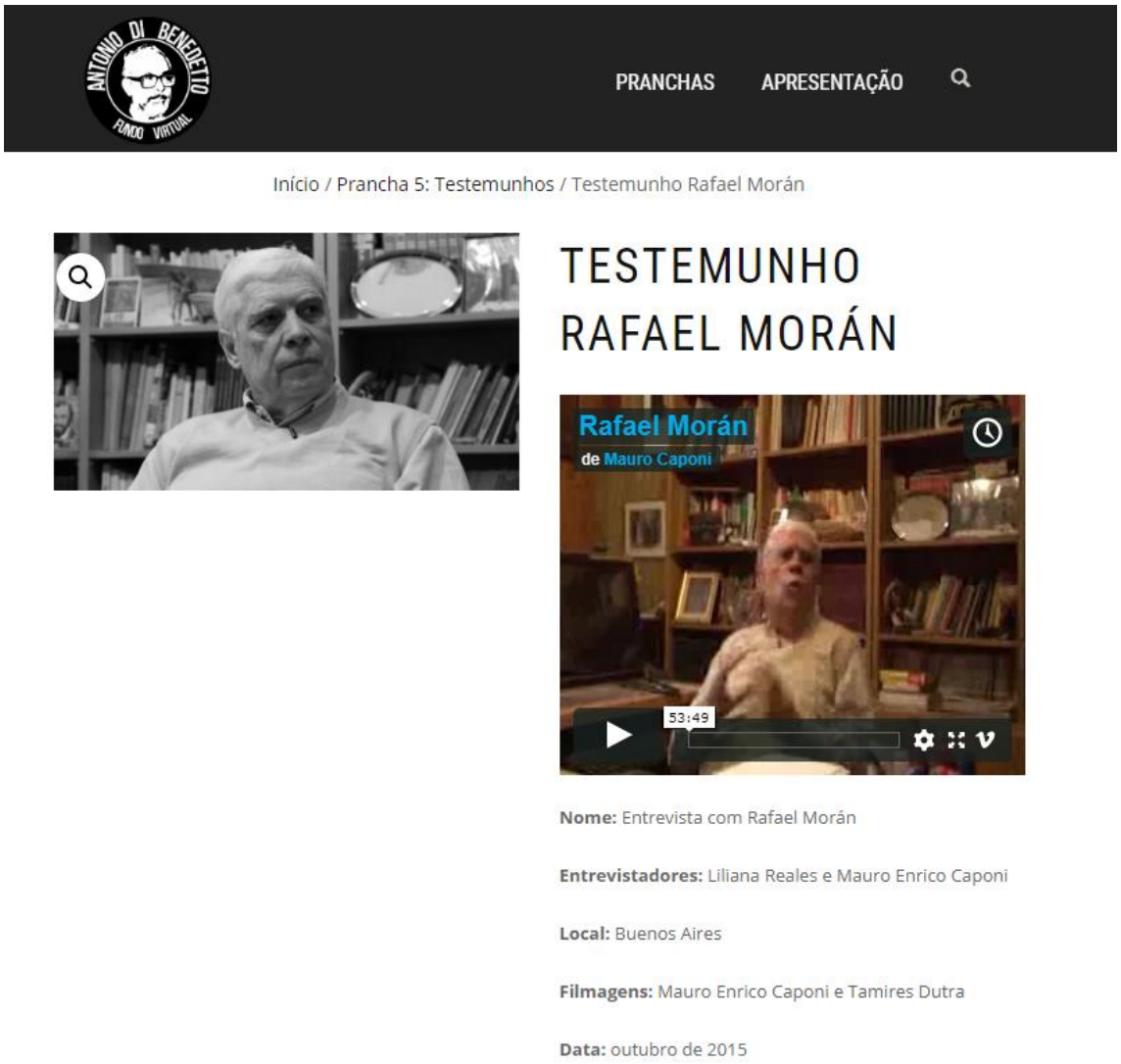


ANEXO IIII – TESTEMUNHO LUCIANA DELGADO



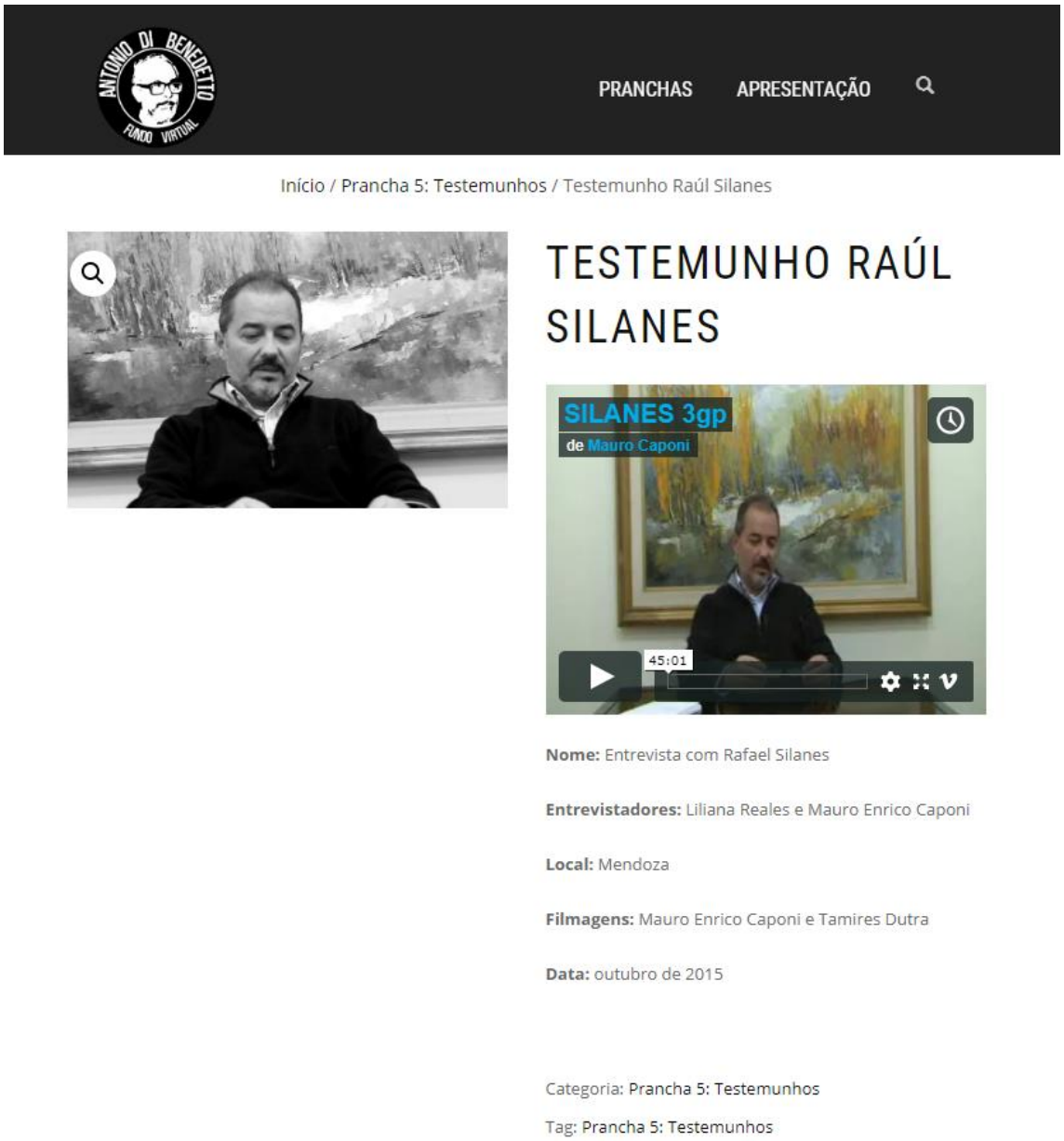
LINK:

ANEXO JJJJ – TESTEMUNHO RAFAEL MORÁN



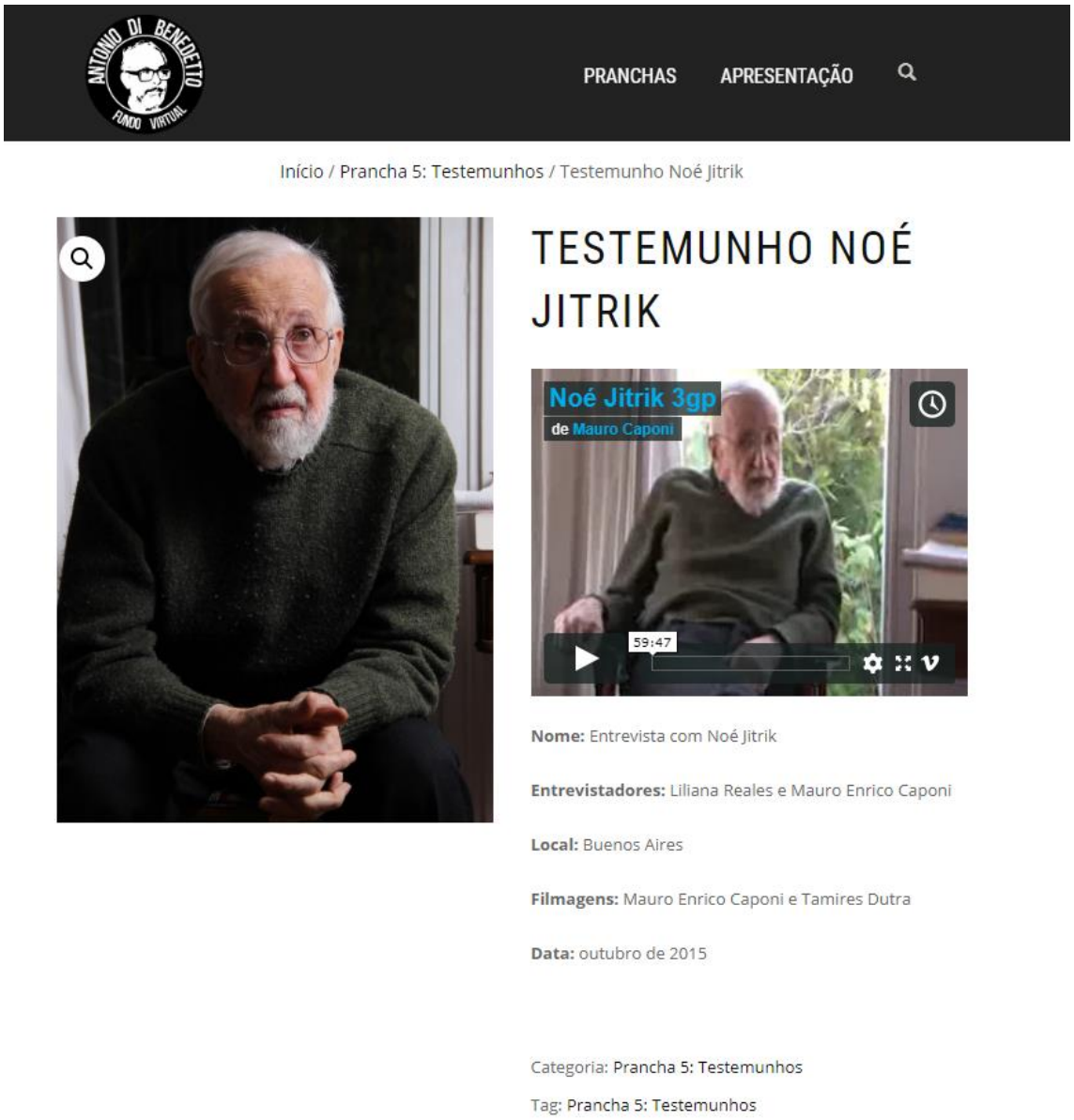
LINK:

ANEXO KKKK – TESTEMUNHO RAÚL SILANES



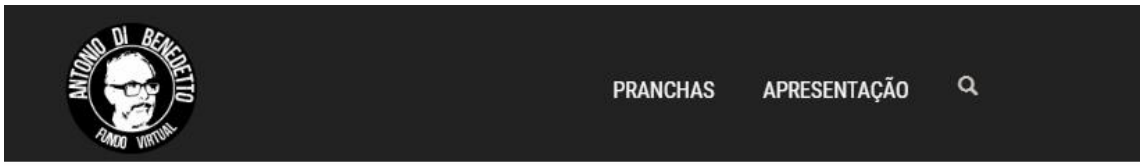
LINK:

ANEXO JJJJ – TESTEMUNHO NOÉ JITRIK



LINK:

ANEXO KKKK – TESTEMUNHO JAIME CORREAS



Início / Prancha 5: Testemunhos / Testemunho Jaime Correas

TESTEMUNHO JAIME CORREAS

Nome: Entrevista com Jaime Correas

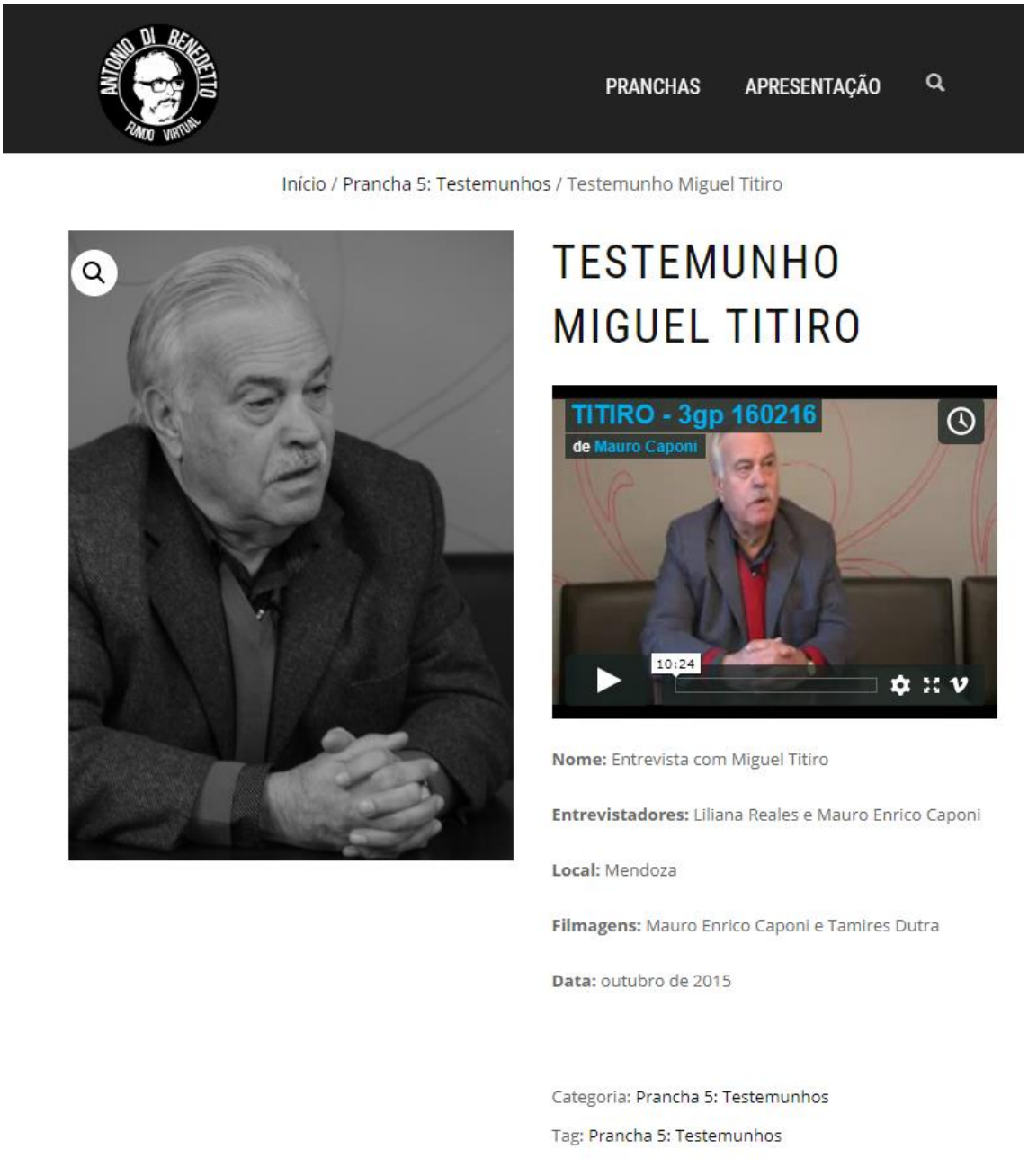
Entrevistadores: Liliana Reales e Mauro Enrico Caponi

Local: Mendoza

Filmagens: Mauro Enrico Caponi e Tamires Dutra

Data: outubro de 2015

Categoria: Prancha 5: Testemunhos

Tag: Prancha 5: Testemunhos

ANEXO LLLL – TESTEMUNHO MIGUEL TITIRO